Diário de Lisboa

ANO 66 N.º 22 029 Segunda-feira, 7 de Abril de 1986 Preço 40$00

Em dia de aniversário nós damos a prenda: hoje 64 páginas de leitura para si

65 anos

O «Diário de Lisboa» completa 65 anos de publicação. É o decano dos vespertinos portugueses. E apesar dos trabalhos dos anos passados, das dificuldades do presente, é para o futuro — e confiadamente — que se dirigem, neste dia do sexagésimo quinto aniversário, os nossos pensamentos. Os nossos pensamentos e os nossos passos. Pensamos no futuro. Caminhamos para o futuro.

Coerente com uma tradição que remonta aos Anos Vinte, o «Diário de Lisboa» é um espaço de liberdade, um jornal aberto, livre e jovem.

Os anos não contam no que respeita à constante afirmação de uma orientação favorável à abertura e promotora do diálogo. Porque jornal independente e nem sequer ideologicamente dependente da empresa que o edita, o «Diário de Lisboa» tem sido, é, e tenciona continuar a ser uma excepção na Imprensa portuguesa.

Estamos conscientes da nossa idade. Somos um jornal que se publica há 65 anos. Um jornal que há 65 anos é, em cada ano da sua publicação, um jornal jovem. Pela mentalidade, claro. Mas, também, pela capacidade de renovação tecnológica. Pioneiros no «off-set». Pioneiros na computarização. À frente na inovação tecnológica. Mas à frente, também, na atitude. Não esperámos a mudança para sermos uma voz diferente. Não esperámos a abolição da mordaça, para falarmos para além da Censura e contra a Censura.

Este jornal não podia ter sido a vanguarda de um Exército em marcha contra a tirania, mas foi uma trincheira. Se algum dia ramificou ao «mito da ordem», não esperou Abril para bradar pela Liberdade e defender a Democracia.

No MUD, nas candidaturas democráticas, o «Diário de Lisboa» tomou o partido que lhe estava adequado: defendeu a Liberdade, traçou a perspectiva da Democracia, empenhou-se na sã crítica. E hoje, seguro de si, consciente da sua influência, permanece na primeira fila dos órgãos de Imprensa progressistas e responsáveis.

A vida de um jornal politicamente independente está nas mãos dos seus leitores. Já o dissemos um dia: é dos leitores e para os leitores que o «Diário de Lisboa» vive. Esta é a palavra que nós queremos dizer no dia do sexagésimo quinto aniversário: o «Diário de Lisboa» é vosso. Está de boa saúde. Está jovem. Recorda o passado para fixar o rumo do futuro. Para o futuro caminhamos. Com os leitores. Para servir e acompanhar os leitores.

DL

Já é mau em dias normais, mas hoje foi um pandemónio

AMEAÇA DE BOMBA AGRAVOU O CAOS NA LINHA DE SINTRA

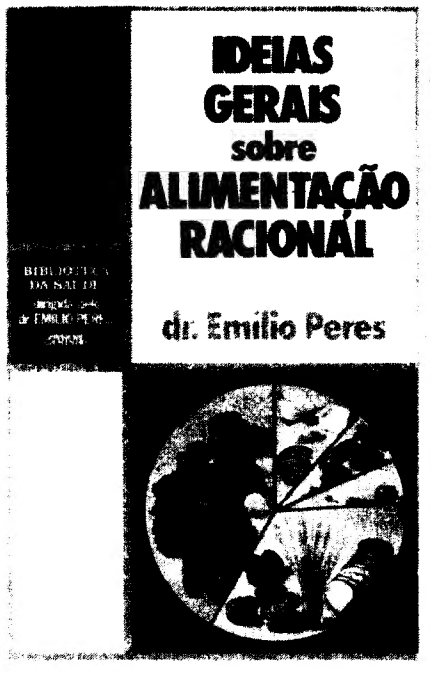
A linha de Sintra é o que é, igual a si própria nos 365 dias do ano. Quem nela viaja por inexistência de alternativas sente quotidianamente os rigores dos comboios cheios, das corridas contra os atrasos, dos pequenos acidentes de percurso como relatamos na nossa edição de hoje pela experiência de Pedro Alvim (pág. 8). Mas quando uma greve surge, então as coisas complicam-se até aos limites do impossível. Hoje, de manhã, foi uma ameaça de bomba — e então foi o «delírio». «É costume nestas alturas haver ameaças de bomba» — disse um porta-voz da CP. Ou seja, de hoje em diante, passageiro prevenido vale por dois. Mais um aperto, pois então. «Dê aí um jeito, vá lá».

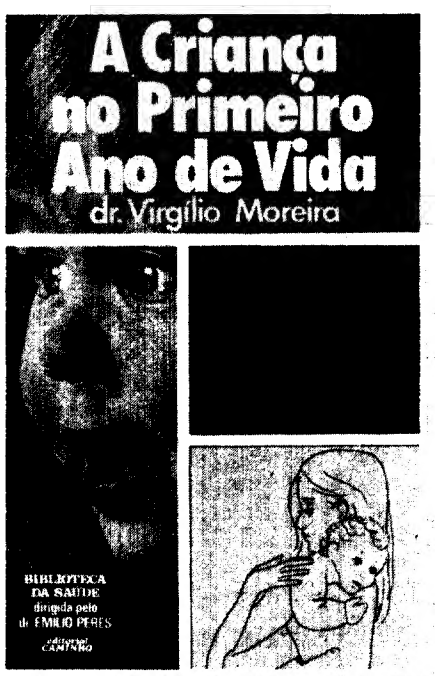
Pág. 64

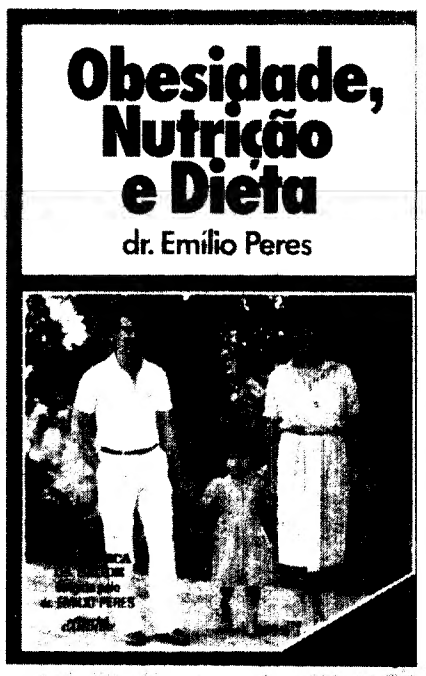
7 de Abril
DIA MUNDIAL DA SAÚDE

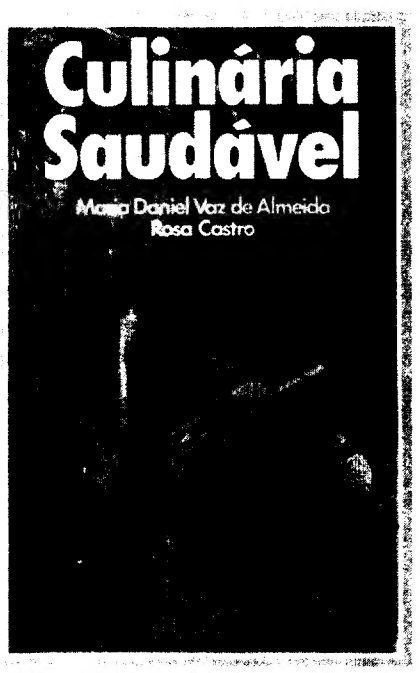
Biblioteca da Saúde dirigida pelo Dr. Emílio Peres

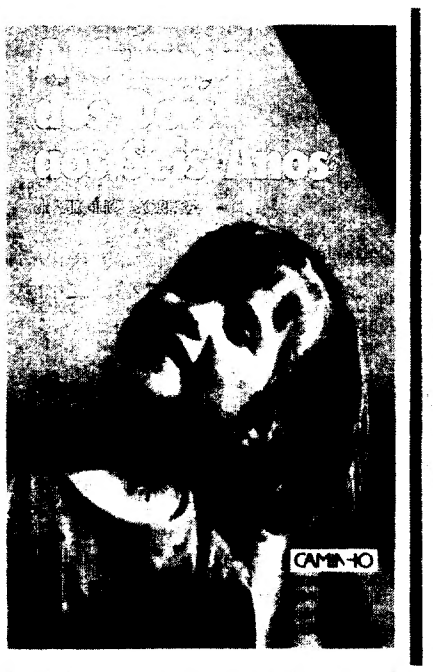
Nós preocupamo-nos com a sua saúde... e você?





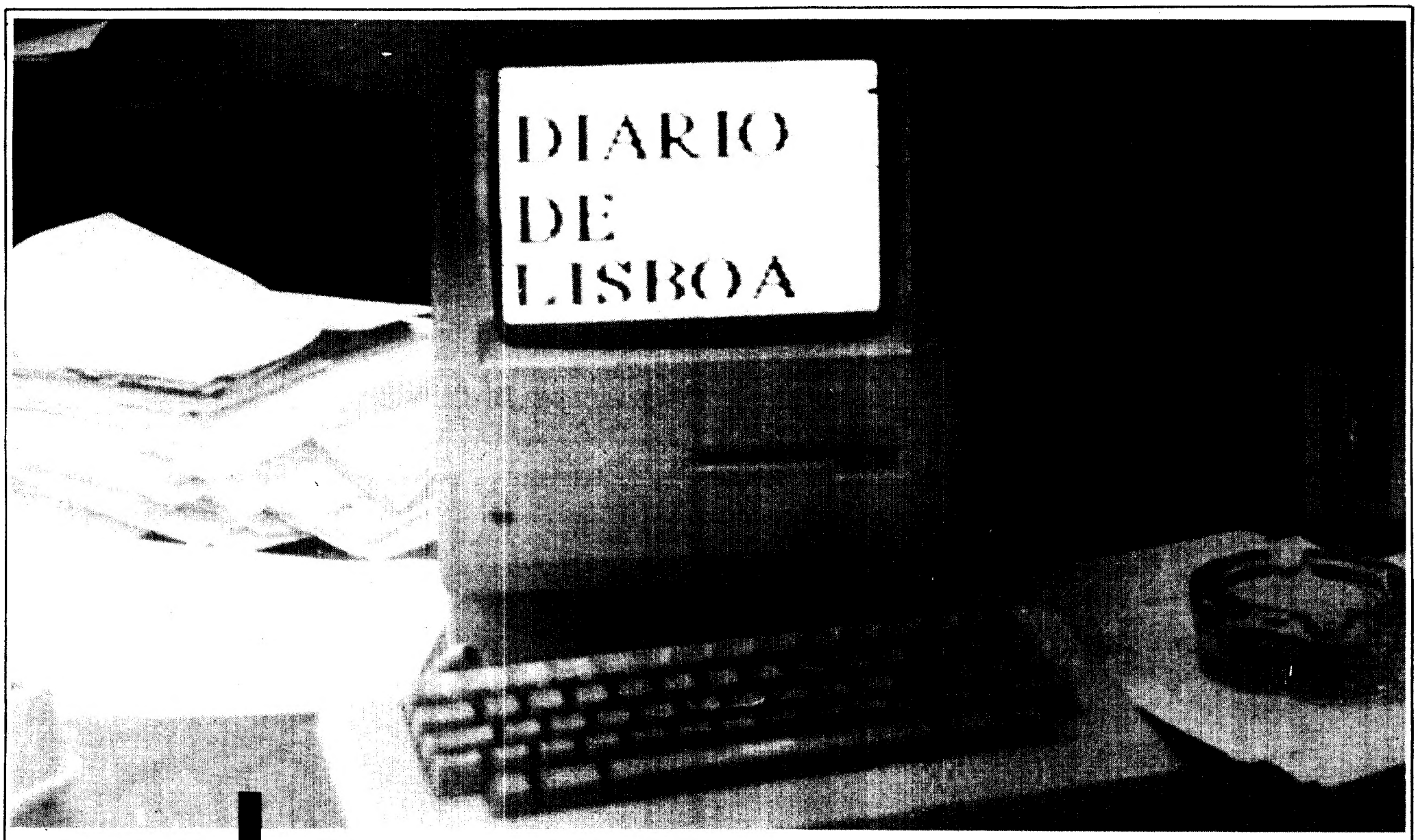






CAMINHO

o prazer de ter bons livros para ler



A Redacção do «DL» informatiza-se. Gradualmente as velhas máquinas de escrever cedem lugar aos terminais de computador. O Jornalista, para além de autor, torna-se compositor, tipógrafo. É a nossa resposta ao grande desafio tecnológico deste final de século. Sessenta e cinco anos depois, o «DL» faz questão em permanecer na vanguarda dos diários portugueses.

Aceitamos o desafio

A Informática invadiu definitivamente os domínios de Gutenberg. O computador misturou-se com a velha rotativa. A nossa «cultura tipográfica» começou a ser abalada nos anos 70 — a «revolução» que veio do outro lado do Atlântico. Agora, nos anos 80, estamos já a fazer o jornal do ano 2000. Os conceitos de edição sofrem uma rápida revisão com a entrada nas Redacções das «máquinas de tratamento de texto». O Jornalista, até há pouco comodamente instalado no papel de observador do «diálogo homem-máquina», torna-se por sua vez sujeito nesta comunicação. A ergonomia violou o sacrossanto reduto do intelecto.

Nos anos 20 foi a Rádio, nos anos 60 a Televisão. Não poucos previram o fim da Imprensa. Mas ela resistiu. Novo abalo nos anos 70. O «universo informático», em expansão, trazia armas temíveis para o campo do audio-visual: o cabo, o video, o teletexto, a telemática... Uma vez mais a Imprensa não se rende. À primeira grande ofensiva, respondera passando do chumbo à fotocomposição. Agora vai mais longe e disputa aos **media** rivais alguns dos novos instrumentos técnicos: o computador, a telecópia, o fac-simile...

Pode parecer acessório saber como o jornal que o leitor compra é fabricado. O que conta, pensa-se, é o produto intelectual, a matéria redactorial que não deve ser modificada pela evolução tecnológica dos suportes da Informação. Errado. O aparecimento dos novos modos de comunicar afecta profundamente o universo cultural e político dos cidadãos, alterando atitudes, maneiras de viver, mentalidades. O Jornal não pode deixar de acompanhar a realidade do mundo moderno. Recusa ficar refém do progresso tecnológico, mas não o ignora, pois nele encontra o instrumento indispensável para a sua adequação à sociedade que desponta.

Na nosa época, o velho «A» já não é o que era: a primeira letra e a primeira vogal dos alfabetos de escrita fonética, o artigo, o pronome, a preposição, o signo com ressonâncias afectivas ao abrir a palavra «Amor» ou ao qual se tirava o chapéu quando o Jornalista de si próprio escrevia «Autor». Hoje, ao surgir num sofisticado **ecran** de cristais ou de plasma, vem despido de qualquer carga emocional, é produto de uma nova «linguagem», a do código binário do universo informático, resultando de uma combinação de quatro «1» e cinco «0», que, na «unidade central» do computador, o transformam na série «110010001».

É de facto de uma revolução que se trata. Daí a inquietude de alguns, daí os reflexos corporativos presentes em todas as épocas de viragem. São equilibrios antigos que se quebram. Mas não há motivo para pânico: a revolução electrónica permitirá obter um jornal mais denso, melhor informado, mais agradável de ler. E o Jornalista continuará a ser o agente principal de uma Informação responsável, independente, eficaz.

Inteligência, flexibilidade, inventiva, são três atributos indispensáveis para garantir a sobrevivência da Imprensa neste final de século. Presente há 65 anos, o «**Diário de Lisboa**» soube sempre responder ao desafio. Não o rejeitará desta vez.

Crónica de um luso-europeu

N. Monteiro Lopes

Eu sou assim dado a sonhos. E um dia destes tive um bem estranho: imaginem que tinha chegado a uma bomba de gasolina para reabastecer o carro e os combustíveis tinham baixado (de preço, já se vê)!!! Tinha saltado do carro e andado aos pulos, dando gritos de satisfação, tal era a alegria que me atingia. E o gasolineiro olhava para mim com um certo ar de quem pensava: este tipo não regula bem!

De manhã, acordei mal disposto, como de costume, porque só consigo fazer as pazes com a Humanidade depois de beber o meu segundo café e ler o primeiro jornal nacionalizado. Mas quando me barbeava, comecei a lembrar-me a pouco e pouco dos detalhes do sonho. E tinha sido tão real que eu estava quase a acreditar... Pus então o rádio com bom volume, para ouvir o noticiário das 8.00 h. E nada! Sobre o preço dos combustíveis, nem uma notícia. E sem querer, começou-me a dar uma tremenda «rigidez mental» (já ouvi isto nalgum lado...) e alguns palavrões à Gil Vicente, na versão corrigida para o Século XX, fluíram-me ao cérebro. E alguns deles eram ruidosos ao chocarem com as paredes do crânio, podem crer!

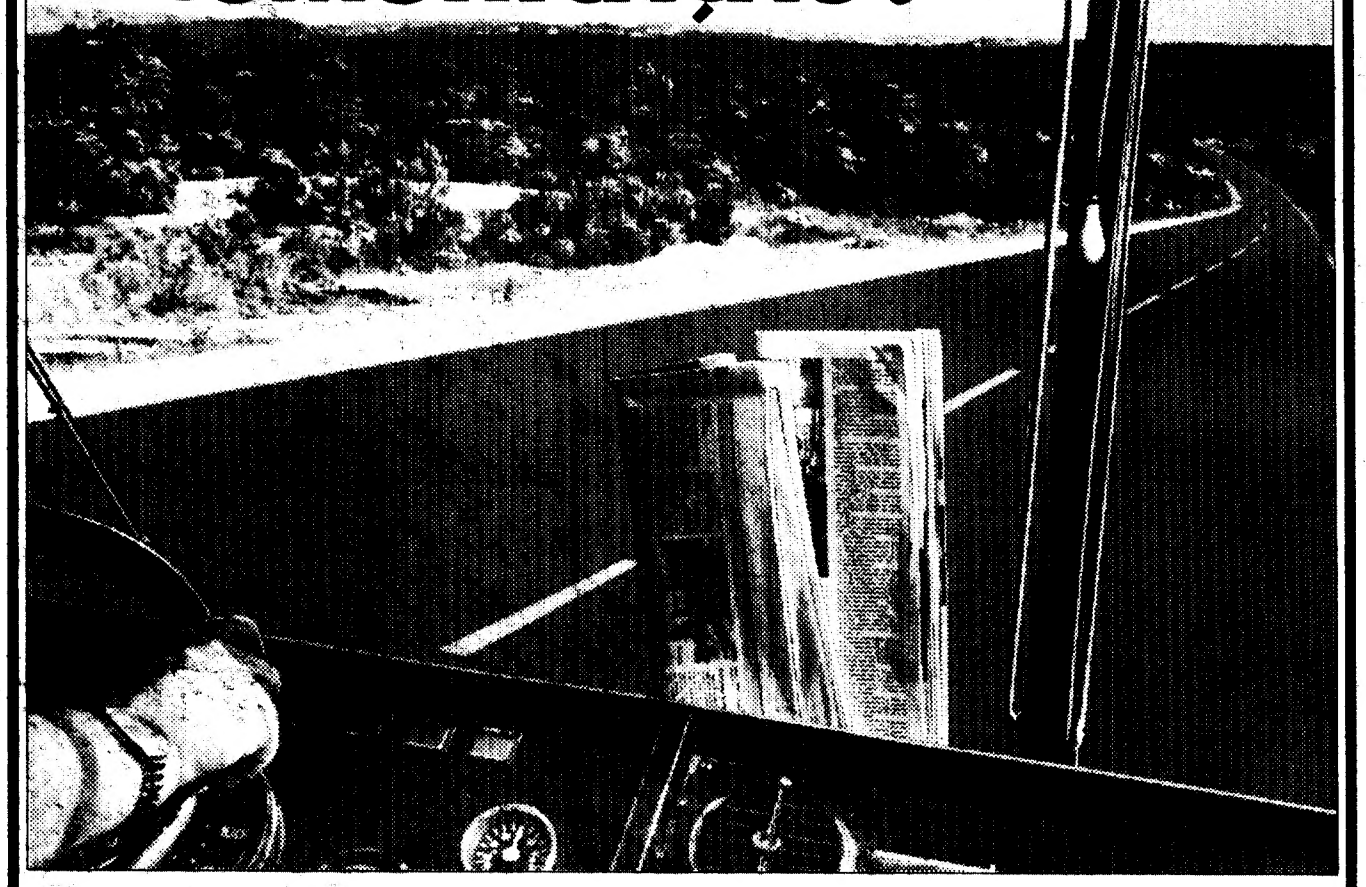
Mas eu sou apenas luso-europeu. E como tal a minha musa das crónicas, tem andado muito por baixo. E isto só me acontece por uma de duas razões: ou porque tudo à minha volta anda muito sério; ou, em alternativa, é tudo para rir. E sucedem-me as duas coisas ao mesmo tempo, pelo que o meu sistema processador cerebral «entope».

Quanto às coisas sérias — mesmo muito sérias — está em primeiro lugar e acima de tudo, a situação aflitiva dos nossos concidadãos com salários em atraso e desempregados, em relação aos quais se elevou a voz autorizada do Senhor Bispo de Setúbal, referindo-se ao que muito tristemente se passa na sua Diocese. E apontou, entre outros factos, que vai promover uma Semana de Solidariedade. Sou e desde já, um entusiástico aderente a esta Semana. E você, leitor amigo, porque não faz o mesmo? Lembremo-nos só que se trata de irmãos nossos, com estômago e tudo, como cada um de nós, que em muitos casos, sofrem na carne e no espírito a falta do essencial, ao ponto de serem vítimas da fome.

E após este caso muito sério, que leva tristeza ao fundo da minha alma, não sou capaz de escrever a rir, seja do que for, embora não faltem assuntos.

Mas não resisto. E é para terminar. Imaginem que tive na noite passada, mais um sonho psicadélico! Era só isto: a nossa medicina, depois da transplantação de coração, tinha iniciado a transplantação de cabeças! E havia uma lista de espera já tremenda, de candidatos a arranjarem uma cabeça de jeito... Estão a ver — agora já acordado — o alcance de um avanço desta natureza! É que a estupidez já podia ser «desnacionalizada»... e seríamos todos muito felizes... De qualquer maneira, aqui fica a ideia e o repto à nossa medicina.

PARABÉNS COLEGA DA COMUNICAÇÃO!



No aniversário, estamos contigo.
Transportas informação, opiniões, caminhos de análise, esforços de compreensão do dia a dia, da vida. Em ti, na escrita e na representação gráfica, o pulsar da nossa comunidade. Nós transportamos as pessoas que te transportam na ânsia de saber o que vai para além delas, porque vai dentro delas também. Por isso te sentimos colega e assim gostamos de te tratar. Dás e fazes o tempo em que vivemos.

Parabéns.

RN RODOVIÁRIA NACIONAL

MKM markimage

FITACOM

MATERIAL PARA MECANOGRAFIA, LDA.

DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO

NASHUA

DISCOS MAGNETICOS E DISKETTES
BANDAS MAGNETICAS
«NOVO» DISKETTES 5'/4 HD
ALTA DENSIDADE

FITAS TINTA P/IMPRESSORAS DE COMPUTADORES E MAQUINAS DE ESCREVER

FITACOM

PASTAS ESPECIAIS P/ARQUIVOS DE FORMULARIOS

ARQUIVOS ESPECIAIS P/DISKETTES BANDAS DISCOS ETC
MONOBLOCOS CONTRA FOGO P/REGISTOS MAGNETICOS
MÓVEIS METÁLICOS P/ARQUIVO DE MATERIAL MECANOGRAFICO
TODO O EQUIPAMENTO P/CENTROS MECANOGRAFICOS
FILTROS PARA VIDEOS TERMINAL DE COMPUTADOR

Lg. Loios, 3A - 1100 LISBOA
Telex 15218 FITAC-P
87 54 50
87 66 53
87 66 40

FITACOM

Em entrevista ao programa "Nem mais nem menos"

Jaime Gama quer um PS "à medida da Europa"

O Partido Socialista deve reformular o seu programa e proceder à sua integração na Europa para voltar a ser de novo o maior partido político português, disse anteontem Jaime Gama. Em entrevista ao programa radiofónico «Nem Mais Nem Menos», este dirigente do PS afirmou concorrer à liderança dos socialistas «com um programa político», com uma biografia política e contando «com os socialistas».

Entretanto, Jorge Campinos, que será o coordenador da campanha de Jaime Gama à liderança do PS, disse à Anop que «esta é a solução mais apropriada para a modernização do PS». Jorge Campinos explicou ter decidido aceitar a responsabilidade de coordenar, a nível nacional, os serviços de apoio à moção «modernizar o PS», apresentada por Gama.

Na sua entrevista, o antigo ministro dos Negócios Estrangeiros do IX Governo Constitucional considerou Vítor Constâncio (o outro concorrente à liderança do PS) um «distinto socialista». Afirmou que é sua preocupação que do debate entre os dois «saia uma grande lição e exemplo de democracia» e que «o PS cresça e alargue o seu espaço de credibilidade».

«Eu e os meus apoiantes — disse Gama — somos a favor de uma profunda revisão, reformulação e actualização do programa do PS, para o compatibilizar com a acção, quer na oposição, quer no Governo, e com as mudanças que se têm registado nos partidos socialistas europeus e na própria Internacional Socialista».

Para Jaime Gama, o Partido Socialista deve ter um diálogo político correcto com todas as forças, sem excepção, mostrando-se contrário a um «diálogo preferencial» com o Partido Comunista: «em Portugal não estão criadas condições, pela própria postura do PCP, para que o diálogo seja levado até à institucionalização e à própria participação num governo», afirmou.

«Sou contrário à realização de políticas de alianças que subalternizem o PS na vida portuguesa», disse, para acrescentar depois que a solução mais adequada ao partido é «estar na oposição ou então ter o primeiro-ministro».

Jaime Gama afirmou ainda não ter a mesma opinião da lista que lhe «é adversa», segundo a qual o Primeiro-Ministro, Cavaco Silva, deva permanecer no cargo até ao fim da legislatura (1989): «isso é puro disparate», concluiu.

Junqueiro aposta em Jaime Gama

O deputado socialista Raul Junqueiro revelou à NP, em Viseu, que vai apoiar Jaime Gama na luta pela liderança do PS. A decisão foi tomada depois de uma série de reuniões que o antigo secretário de Estado das Comunicações promoveu com núcleos socialistas do distrito pelo qual foi eleito deputado em seis de Outubro.

Outro deputado por Viseu, Armando Lopes, anunciou igualmente o apoio a Jaime Gama. Por seu turno, o presidente da Federação Regional, José Junqueiro, irmão de Raul Junqueiro, divulgara já que apoia a candidatura de Vítor Constâncio.

UGT nega apoio a Constâncio

A UGT — União Geral de Trabalhadores — desmentiu anteontem qualquer envolvimento na campanha de Vítor Constâncio à liderança do Partido Socialista. Rui Oliveira e Costa, porta-voz da central sindical desmentiu mesmo as informações publicadas na Imprensa segundo as quais o centro de apoio dessa campanha estaria a funcionar numa sede da UGT, na Avenida Almirante Reis, em Lisboa. «É falso. Não temos nem nunca tivemos quaisquer instalações nessa rua», frisou.

Durante o V Congresso Regional açoriano

Mota Amaral reconduzido na liderança do PSD/Açores

O dirigente açoriano Mota Amaral foi ontem reconduzido no cargo de presidente da comissão regional do PSD/Açores, durante o V Congresso do partido que decorreu durante três dias na cidade de Angra do Heroísmo. A recondução de Mota Amaral à liderança do PSD/Açores era um dado já adquirido mesmo antes do início do congresso regional, em que participaram cerca de 100 militantes das nove ilhas.

A revisão do estatuto autonómico, a proposta de lei de alteração do sistema fiscal, a revisão do sistema educacional, a integração na CEE, a Comunicação Social e o sector agrícola foram áreas que o congresso do PSD concluiu «como tarefas prioritárias a prosseguir a diversos níveis de responsabilidades que o PSD detém na vida política da região». Os congressitas consideraram por outro lado ser «conveniente ponderar a manutenção ou não da figura do ministro da República e, no caso negativo, de redistribuição dos poderes que a actual Constituição lhe atribuiu.

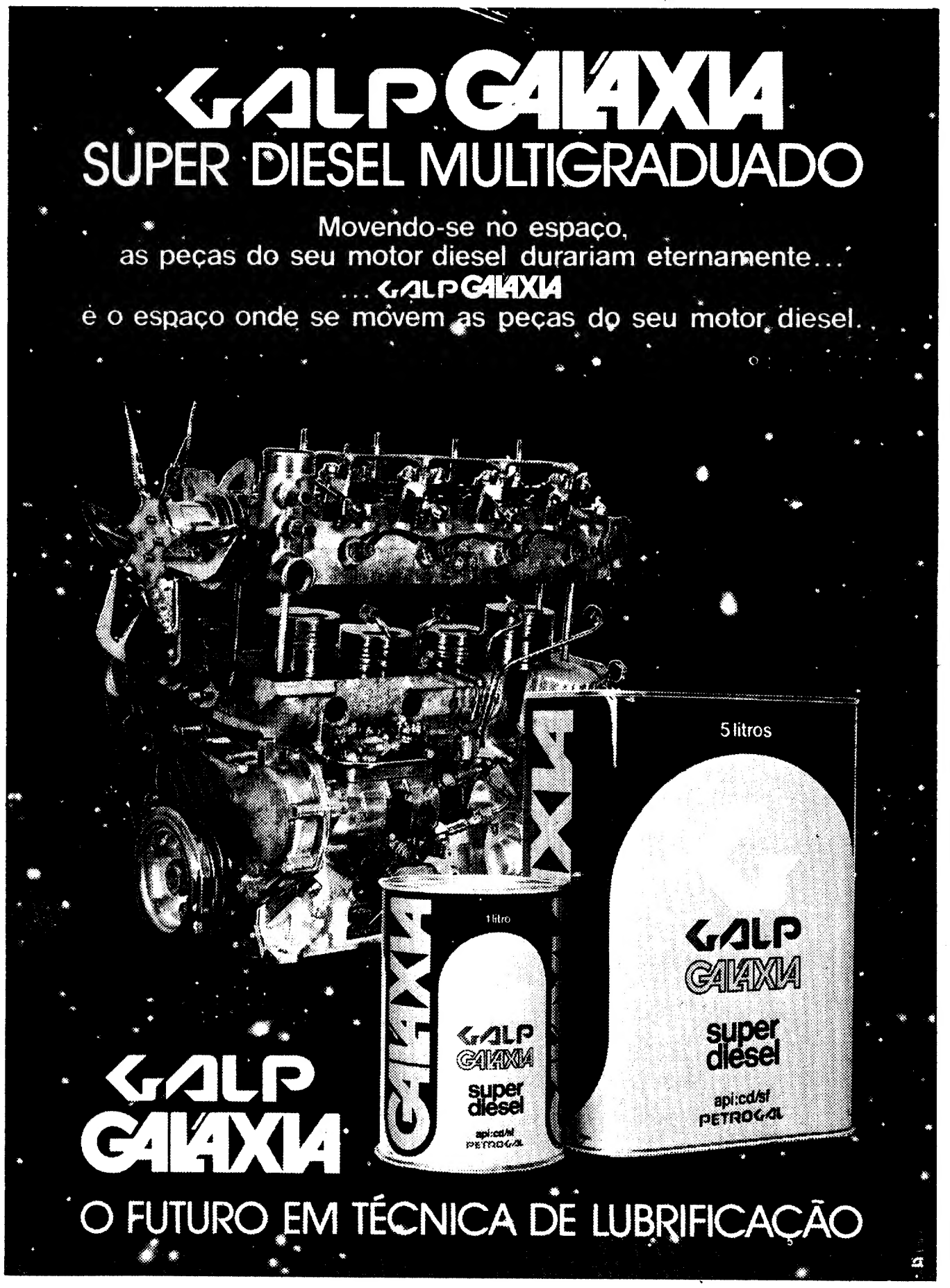
O documento das conclusões reitera a posição anteriormente tomada pela comissão regional do partido de que o ministro da República deve ser cívil e açoriano. A criação de um círculo eleitoral nos Açores ao Parlamento Europeu foi outra questão defendida pelos congressistas sociais-democratas açorianos.

Cavaco Silva

Cavaco Silva afirmou entretanto que o PSD «vai continuar a merecer a confiança dos açorianos porque o seu projecto é o mais adequado à sua maneira de ser».

Falando na sessão de encerramento do congresso, Cavaco Silva mostrou-se favorável «ao aprofundamento das autonomias regionais que constituem parte integrante do projecto defendido pelo PSD».

Segundo Cavaco Silva, a autonomia é a resposta correcta e a garantia da unidade e da solidariedade nacional, acrescentando que «a experiência autonómica dos Açores e da Madeira é uma realidade que orgulha o PSD». Por outro lado, o presidente da comissão política nacional do PSD defendeu a necessidade de existir um maior diálogo entre os governos Regional e Central como forma de ultrapassar os problemas levantados pela insularidade. No seu discurso, Cavaco Silva analisou ainda a situação política nacional, afirmando que «a capacidade e a eficácia do actual Governo t»em perturbado a oposição».



Convenção marcada para Novembro

PRD: homem de Eanes é secretário-geral

As dúvidas que ainda pudessem subsistir quanto à entrada de Eanes para o PRD foram dissipadas na reunião do Conselho Nacional realizado este fim-de-semana em Aveiro. Bernardo Lancastre, homem de confiança do antigo Presidente da República, será o secretário-geral daquele partido. Por outro lado, um certo entendimento que alguns meios políticos viam nas posições do PRD em relação ao Governo, foi também desmentido pela resposta dura que os renovadores deram às críticas que lhes haviam sido feitas pelo PSD.

Este é o balanço prático destes dois dias de reunião do Conselho Nacional do PRD que tinha como objectivo fundamental preparar o processo formal para receber o general Ramalho Eanes como seu presidente.

O Conselho Nacional do PRD decidiu que a Convenção Nacional será efectuada até Novembro. Todavia, a data será definida ainda este mês, em reunião da Comissão Directiva com Ramalho Eanes, com o presidente da mesa da Convenção e com o Conselho Consultivo. Esta era uma das questões mais importantes, uma vez que se prende directamente com a entrada de Ramalho Eanes, ou seja, com o seu futuro político e com o futuro desta nova força partidária.

Antes da Convenção, órgão máximo do partido, efectuar-se-ão eleições para as estruturas distritais e concelhias, processo que deverá estar concluído dentro de três meses e não se prevê, todavia, isento de dificuldades.

Através de Hermínio Martinho, Ramalho Eanes fez chegar ao Conselho Nacional do PRD a sua disponibilidade para «participar em iniciativas que possam tornar pública a sua ligação ao PRD». Isto foi declarado por este dirigente que também comunicou àquele órgão a sua escolha de Bernardo Lancastre para o lugar de secretário-geral. Não será todavia, segundo afirmações de Carlos Lilaia, um secretário-geral como estamos habituados a ver nos restantes partidos pois as suas funções serão predominantemente técnico-administrativas.

Mas, ainda segundo Carlos Lilaia, apesar do carácter administrativo do cargo, deve ser feita uma «leitura política» da escolha de Bernardo Lancastre. «Esta escolha pode ser interpretada como uma das indicações de que Ramalho Eanes começa a estar à frente do PRD».

Bernardo Lancastre, tenente-coronel de Artilharia na reserva desde 1 de Abril último, tem 46 anos e é natural de Aguiar da Beira, tal como Dias Loureiro, secretário-geral do PSD. É licenciado em História, faz actualmente o mestrado em estudos africanos no Instituto de Ciências Sociais e Políticas e tem sido professor do ensino particular. Foi adjunto do Comando da PSP de Lisboa, entre 1975 e 1976 e nesse mesmo ano foi escolhido por Ramalho Eanes para assessor pessoal e conselheiro para o Poder Local. Entre 1977 e 1978 foi director adjunto da Polícia Judiciária.

Um presidente diferente

Só apos a Convenção Nacional Eanes poderá estar oficialmente à frente do PRD. Mas, daqui até lá, Eanes não fica inactivo. Dentro de um mês efectua uma visita às estruturas distritais do PRD, que está a ser preparada pela Comissão Directiva e pelo secretário-geral, Bernardo Lencastre.

Até lá verificar-se-ão também encontros entre Eanes e a Comissão Directiva do PRD. Uma destas reuniões será para marcar a data da Convenção.

A forma como o ex-presidente da República irá exercer as suas funções ainda não está completamente definida. Estatutariamente ninguém pode ser eleito presidente se não tiver sido eleito delegado à convenção. O PRD está a estudar «uma forma de Eanes ser presidente do partido sem o desgaste do dia-a-dia», disse Hermínio Martinho, acrescentando que ele «não será um presidente como eu», pois não deverá, por exemplo, presidir à comissão directiva.

«Graves» as declarações

Hermínio Martinho consideraria entretanto «grave» a acusação do PSD de que os renovadores tiveram um comportamento «irresponsável» durante o debate do Orçamento do Estado.

O caso deu origem a uma declaração saída do Conselho Nacional do PRD, lida pelo porta-voz, Carlos Lilaia, na qual se afirma que «em democracia há sempre alternativas e o actual quadro parlamentar claramente não as exclui».

Isto só pode significar que o PRD lembra ao Governo que pode haver outro Governo sem necessidade de novas eleições, como certos meios políticos têm tentado fazer crer, em nome da «estabilidade política».

Nesta declaração, que é a resposta do PRD às afirmações dos responsáveis governamentais, salienta-se ainda que o próprio Governo «nem sempre tem contribuído para a estabilidade institucional, política e até governativa» e é devolvida a acusação de «irresponsabilidade» ao ser referida a abstenção do PSD na votação das despesas do OE e a conferência de Imprensa em que o grupo parlamentar do PSD afirmou que as propostas do Governo não tinham sido desvirtuadas.

«Cabe aos portugueses avaliar e julgar as diferenças de actuação e a sua responsabilidade ou irresponsabilidade».

Salienta-se todavia no documento que é «fundamental preservar a estabilidade institucional e política, de que a estabilidade governativa é uma das componentes» e que, «de qualquer maneira, o PRD prosseguirá serena e firmemente o seu caminho».

Carlos Lilaia disse também aos jornalistas ter havido «unanimidade» no conselho nacional relativamente à actuação do grupo parlamentar e «repúdio» em relação às acusações do secretário-geral do PSD. Estabeleceu também o contraste entre esta atitude e a «colagem quase abusiva» que o PSD teve antes, relativamente ao PRD.

Fundação Alexandre Herculano

Entretanto, hoje mesmo será registada a fundação que vai surgir na área do PRD e que terá o nome de Alexandre Herculano. O pedido será subscrito por cerca de 70 pessoas.

A esta fundação, cujos estatutos foram elaborados pelo Gabinete de Estudos do PRD, irão pertencer o presidente do partido, Hermínio Martinho, e personalidades de outros esctores da vida política.

Segundo Hermínio Martinho, a Fundação Alexandre Herculano não ficará directamente ligada ao partido.

Projecto político do Governo viola direitos laborais e sociais

— *acusou o MDP/CDE*

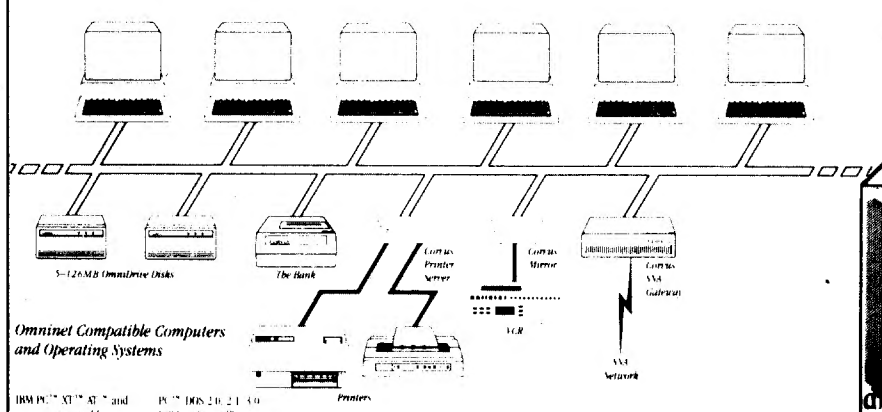
A Comissão Política do MDP/CDE afirma que o projecto político do Governo «não é possível no quadro actual do nosso ordenamento jurídico-constitucional». Esse projecto — acrescenta a Comissão Política do MDP/CDE — só pode ser executado «com violação dos direitos laborais e sociais legalmente consagrados».

O MDP/CDE criticou as propostas de Orçamento do Estado e Grandes Opções do Plano que o Governo apresentou ao Parlamento e que, no entender deste partido, «foram claramente informadas pela linha dominante da sua prática governativa — reconstituição do bloco dos grandes interesses privados, como centro produtor da economia do País».

Em conferência de Imprensa destinada a divulgar as conclusões da Comissão Política do MDP/CDE — reunida sábado e domingo — os dirigentes Mário Casquilho e Gonçalves André criticaram o empenhamento do Governo na «reprivatização de importantes empresas do sector público, como o caso do 'Jornal de Notícias', ao furor persecutório no saneamento de responsáveis não alinhados com os princípios da sua governação».

A Comissão Política do MDP/CDE salientou o papel desempenhado pela Assembleia da República na discussão do Orçamento do Estado, que — afirma— «acabou por assumir um papel decisivo na definição das grandes linhas de orientação da vida política do País».

OMNINET™ LOCAL AREA NETWORK



Omninet Compatible Computers and Operating Systems

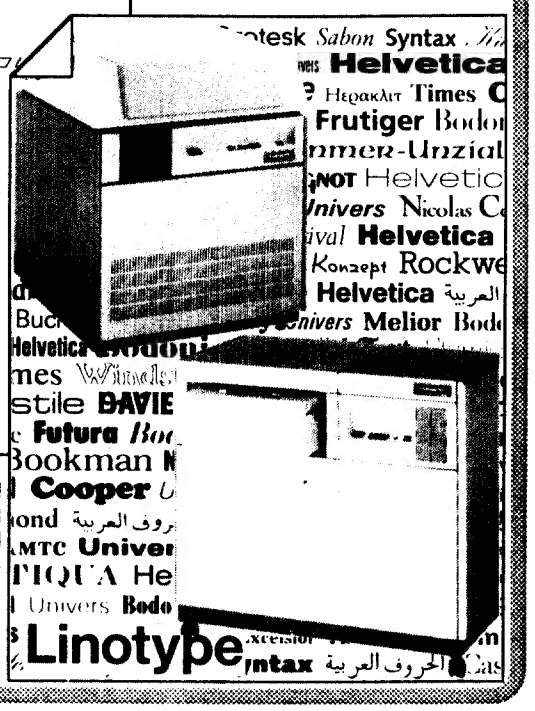
IBM PC™ XT™ AT™ and many compatibles	PC™ DOS 2.0, 2.1, 3.0 / CCSD p System™
IBM PCjr™	PC DOS 2.1, 3.0
Apple® II Plus	DOS 3.3, Pascal 1.1, 1.2
IIe	CP/M® 80, ProDOS™
Apple III	SOS
Corvus Concept™	UCSD, UCSD p System
DEC™ Rainbow™ 100	CP/M 86, MS™ DOS 2.0
TI® Professional	MS DOS 2.11
Zenith® 100, 150	CP/M 80/85, MS DOS 2.0
Corvus Companion	MS DOS 2.11

CORVUS

VISITE-NOS

FILEME 29/1 a 3/2/85

STAND 505



CEEC ESTUDOS GRÁFICOS, LDA

CORVUS SYSTEMS™ É O MAIOR FORNECEDOR MUNDIAL DE REDES!
MAIS DE 150.000 MICROCOMPUTADORES ESTÃO A USAR
A REDE OMNINET™ PARA COMUNICAR ENTRE SI
E PARTILHAR DISCOS E IMPRESSORAS

Av. Fontes Pereira de Melo, 35-4.º H • 1000 Lisboa • ☎ 56 24 59 • Tx. 14 118 • PORTUGAL

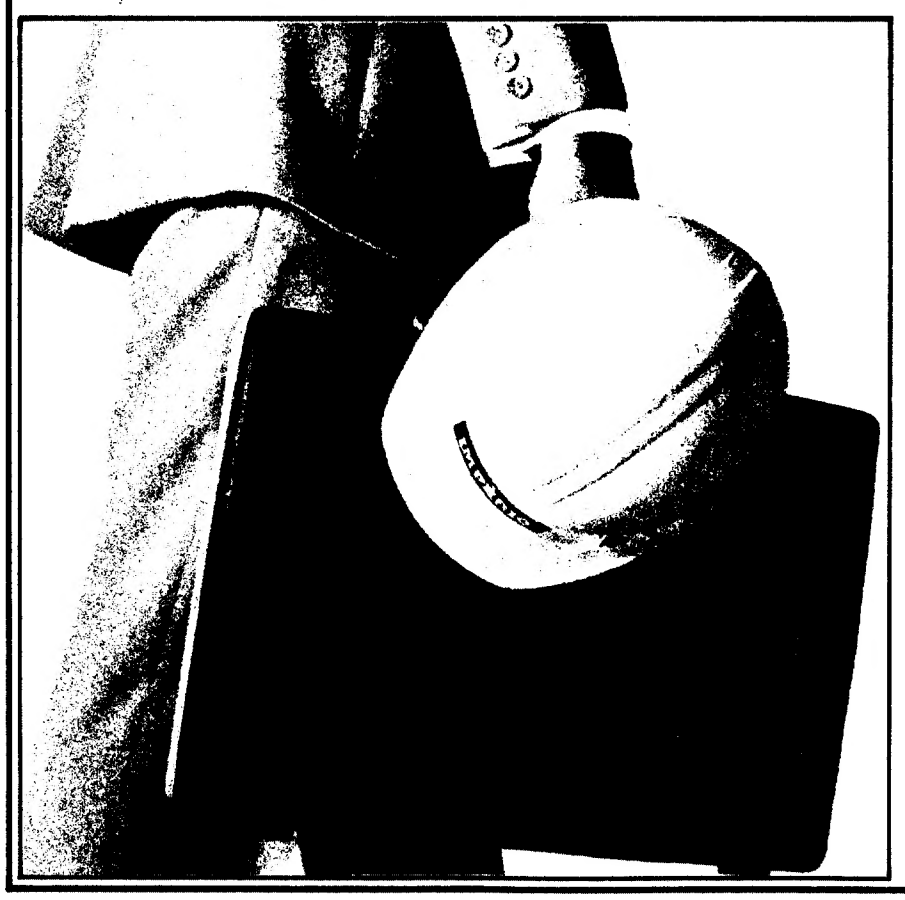
COOPPOVO

COOPERATIVA DE CONSUMO DO POVO DA MARINHA GRANDE CRL

— Somos 4085 membros
— 10 anos a bem servir na defesa do consumidor
— As venda em 1985 atingiram 346 544 contos

COOPPOVO
ABASTECE MAIS
DE 4 MIL FAMÍLIAS

PELA SEGURANÇA FAZER SEGURO



Seja qual for a sua iniciativa ela é, quase sempre, uma fonte de riscos.
Uns ponderados. Outros imprevisíveis, mas a que devemos estar atentos.
A necessidade de garantir estabilidade na execução. A certeza de alcançar o objectivo.
A continuidade do após.
Alguém tem de pensar nisso. Criar segurança.
Segurança para a dinâmica do empreendimento.
Segurança para os que nele trabalham e para os que destes dependem.

AO SEU SERVIÇO

IMPÉRIO

a sua seguradora

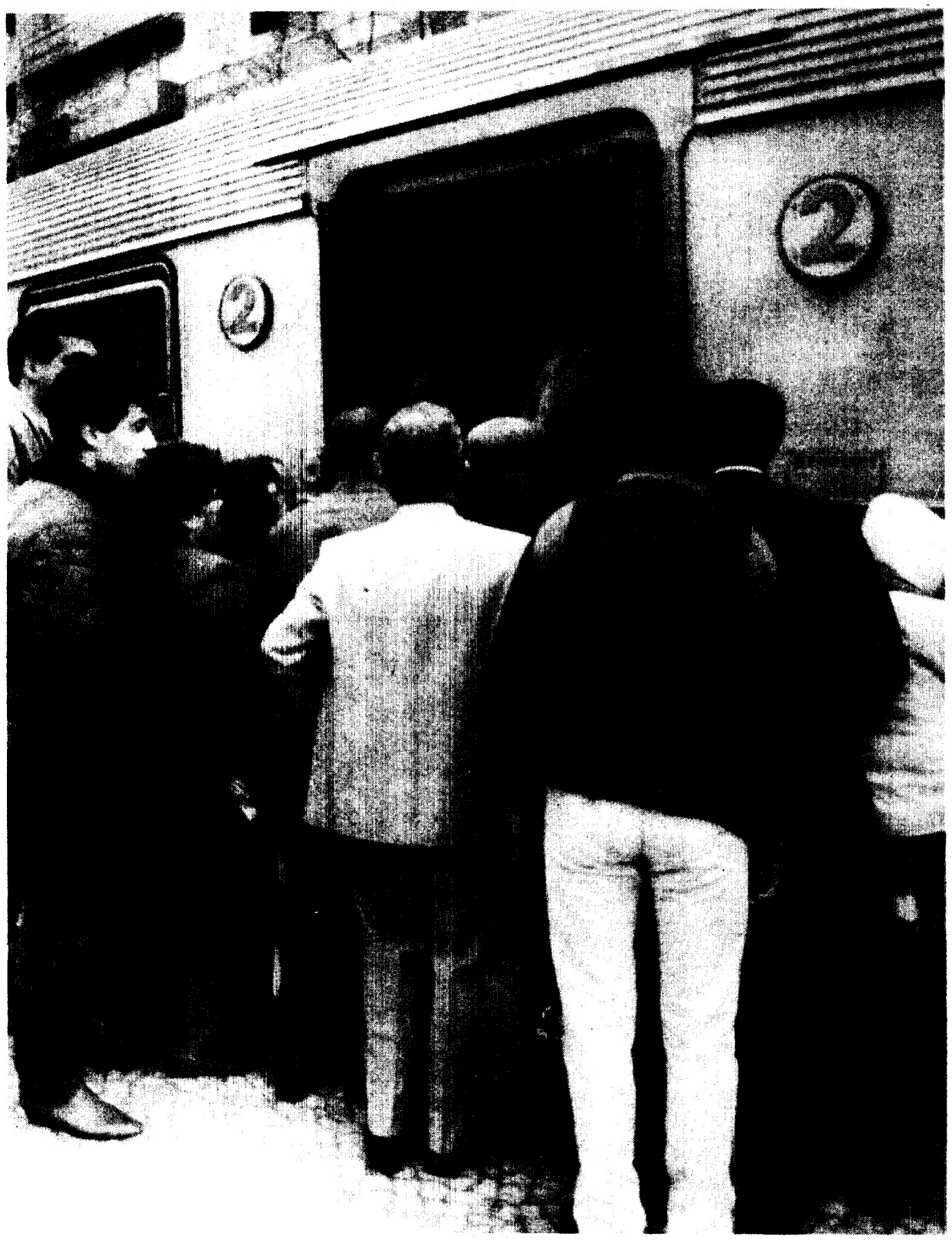
SINTRA:

Um comboio de muitos olhos

TUDO começa por uma vila a que os olhos tiram retrato para sempre: Sintra. Eis a serra, o Castelo dos Mouros, as chaminés cónicas e altas do Palácio, o rendilhado da Câmara Municipal, os parques e jardins sumidos no verde da flora, as heras pelos muros e paredes, a chuva no Inverno, os turistas pelo Verão, os plátanos despidos no Outono, a perfumada explosão da Primavera.

Estações, em certos momentos, todas misturadas numa só, rompendo com a ordem cronológica, assim como uma especie de leque constituído pelas variações do clima, ora se abrindo luminoso, ora se fechando em tom escuro. Quem lá vive, e porque as actividades remuneradas são poucas, tem todos os dias um destino: vir para os empregos localizados em Lisboa. Há comboios que começam a circular às 5 e 15 da manhã em direcção à capital — e o último de regresso dá-se aos carris às 2 e 40 da madrugada. Esse destino circulante determinado pelo trabalho cumpre-se ao longo de toda a linha, de estação em estação, de quilometro em quilómetro — e, contas feitas, redondas e compactas, são cerca de duzentas mil pessoas que diariamente se deslocam entre o ponto da convivência familiar e o ponto de convivência entre colegas do mesmo oficio. Dia a dia, 160 composições (mais uma, menos uma) estabelecem sucessivas ligações entre esses dois pontos. Quarenta e cinco minutos de extremo a extremo quando os atrasos não se intrometem no fluir das pessoas: e no fim da viagem duas coisas acontecem no íntimo de cada um — uma certa euforia de manhã (parte-se sempre à conquista do mundo) e um certo cansaço no termo do dia (quase sempre se regressa com uma frustração no bolso do casaco).

De vez em quando, um homem trucidado, uma mulher trucidada, ora por acidente ora por suicídio. Mas é so um instante de consternação, de lamento, de trocas de palavras amargas — e mais uma vez o comboio se faz para Lisboa, e mais uma vez o comboio regressa a Sintra...



Pedro Alvim

— Ontem vi-te, pá...
— Onde?
— Atrás de um poço a roer um osso!

Estes curtos diálogos, e outros diálogos mais longos, são a diária saudação entre pessoas, de misteres diferentes, e também de localidades diferenciadas, a que uma viagem de comboio dá ensejo. O comboio é sempre um clube, mesmo urbano e curto que seja. As pessoas (tantos são os anos de viagem, de rotina, de tudo já sem novidade) não só se dão ao comboio como também se dão ao convívio. Em determinados instantes cruciais, de crise da colectividade, originando dois ou mais campos adversos estabelece-se ao longo das carruagens uma surda cumplicidade. Já não há violência verbal que se identifique com a que irrompia nos tempos da mudança radical, pelos anos primeiros da década de 70. Não: as pessoas, com as suas opções, seguem silenciosas, direitas, de lábios cerrados — e unicamente por um trocar de olhos, face a uma eventual provocação, é que alguém mais atento se dá conta da cor que circula nos corações.

Mas no normal dos dias (e normais são agora os dias quase todos), entregam-se as pessoas a trabalhos práticos no decurso da viagem: as mulheres ao «tricot», os homens à leitura de jornais desportivos. Elas vestem os filhos quase sempre de malhas coloridas (e são felizes porque nunca pensaram na exigência impossível de uma nova cor) — e eles, adquirindo todo o saber da última jornada de futebol, atiram-se ao trabalho (nos escritórios, nos bancos, nas seguradoras, e também na estiva, na manutenção, nos armazéns) como quem marca golos no decorrer das horas. São vitórias efémeras, são vitórias positivas, são vitórias de faz de conta...

É ouvi-los:

— Raio de clube que apanhou com quatro nas malhas!

— Ora! Um foi de grande penalidade...

— E bem apontada que foi!

— Bem apontada uma gaita...

Serenam-se os ânimos — e aquele que torceu pela penalidade, ainda eufórico da imagem TV, com tal força chega ao local de trabalho que «marca» de maneira a beneficiar a produtividade. Só que a mulher, no fim do mês, lhe quebra as esperanças todas:

— Cada vez o dinheiro chega a menos...

«Bisca» e telenovela

Eis que os homens, então, na superlotação das carruagens, onde quase se não respira, se entregam, quando sentados em grupo, ao manuseio das cartas ensebadas. Quase sempre a «bisca», quase sempre a «sueca». É toda a viagem de jogo, as cartas batidas sobre uma pasta assente nos joelhos.

— O trunfo é ouros — diz um.

O vidro da janela, embaciado pela respiração, pelo hálito, pela fina sujidade dos dias, funciona como uma ardósia translúcida: os dedos traçam cruzes toscas — e, no final de cada partida, um ponto é acrescentado no extremo de cada recta. Uma cruz com quatro pontos, um em cada braço, significa uma partida acabada. Seguem-se a segunda, a terceira, a quarta,a quinta, a décima, a décima quinta, e visésima cruz, todas as cruzes que a viagem permite — e há os que ganharam e há os que perderam. Ganharam o quê? O convívio, a distração, a amizade em grupo. Perderam o quê? Perderam (porque dele se esqueceram) o ritmo monótono do comboio, momentaneamente as preocupações a enfrentar, olvidaram o regresso a casa ao fim da tarde. Não ganharam dinheiro, não perderam dinheiro — mas talvez que um sociólogo, observando aquele jogo de todas as manhãs, viesse a concluir que a batida daqueles cartas ensebadas significa, no fundo, um inconsciente desejo monetário. Um desejo de dinheiro a mais no bolso, pois o custo da vida subiu, os filhos subiram em exigências escolares, as rendas de casa vão também subir...

E as mulheres, que também trabalham a troco de salários que têm de espremer até à última nota de vinte escudos, olham o jogo de esguelha e refugiam-se na ilusão das telenovelas brasileiras. Tudo é passado em desfile: os amores, os desencontros, as malandrices, as casas lindas, as piscinas particulares, as festas, as bebidas, os desastres...

Que apego à irrealidade! Apetece gritar no comboio cada vez mais superlotado, com crianças a dormir no ombro das mães, com passageiros a pedir que se abra «um pouquinho» as janelas; — Ó mulheres do meu País, atentem mas é a vossa vida!

Mas porque não é essa a sua intenção, pois que estão conformadas à rotina, a não fazer ondas, a não protestar («Há tantos desempregados...»), vai-lhes a vida passando assim, como sardinha em canasta, apertada, tocada de suor que dos sovacos lhes desce à semelhança de lágrimas pelo rosto que já outrora tiveram luminoso e confiante...

— Bem, adeusinho e até logo...

— Até logo e adeuzinho...

— Não percas o episódio de hoje!

— Vou lá perder! Olha eu que...

Some-se o diálogo, já tudo a descer do comboio, cada uma para o seu local de trabalho. Como as multidões de um comboio superlotado se desfazem num ai de alívio!

Matéria e forma

Mas dessa **matéria** que assim desembarca dos comboios

Continua na pág. 10

o dinheiro de quem viaja

Travelers Cheques Visa em dólares

O meio de pagamento mais seguro para quem viaja — **— em caso de perda ou roubo é imediatamente reembolsado.** Os Travelers Cheques Visa são aceites em cerca de 5 milhões de estabelecimentos em todo o mundo... **e não perdem validade.**

um serviço
BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

INTRA SI

Continuação da pág. 9

de Sintra, eis que, por vezes, se ergue a beleza, uma **forma** superior de estar no mundo.

Exemplo?...

Esta simples cena, num dia de superlotação, de ombro com ombro, de respiração difícil:

— Oh, não! Os cabelos loiros nunca me subiram à cabeça... Agora os olhos, sim, os olhos azuis sempre me atraíram... Como, em pequena, os desejei ter!

Ia o comboio já para além de Queluz, pessoas sentadas, pessoas de pé, manhã com destino ao Rossio. Por momentos, olhando a paisagem, a mulher ficou-se numa recordação longínqua, as agulhas da malha sem um movimento. Depois...

— Não me digas que suspiraste! — disse, o nariz para a frente, curiosa, a sua companheira de viagem.

— Não! Que ideia...

— Certamente, lá no teu tempo, havia um rapaz de olhos azuis...

— Ora, ora... Assim não acabo o que estava a contar...

— Então continua...

— Bem confesso que mais tarde houve um rapaz de olhos azuis... Mas isso não conta para aqui, 'tá bem...? Quando desejei ter olhos azuis era ainda muito novinha... E com duas trancinhas, sabes...? Inocente, muito inocente... Mas tão grande era a vontade de ter outros olhos, olhos de outra cor, que um dia, vê lá!, andando pinturas lá por casa, levei para o meu quarto uma lata de tinta azul... Verdade, acredita!

Nós sabemos que peso tem o Terceiro Mundo

FABRICAMOS BÁSCULAS E BALANÇAS PARA TODOS OS FINS HÁ MAIS DE 50 ANOS • A QUALIDADE DOS NOSSOS PRODUTOS É RECONHECIDA E PREMIADA INTERNACIONALMENTE • SOMOS OS MAIORES FABRICANTES E EXPORTADORES PORTUGUESES DE BÁSCULAS E BALANÇAS

o peso é a nossa profissão!

International trophy for quality
1979, 1980, 1981, 1982, 1983

CACHAPUZ

International award
to export 1982

JOSÉ DUARTE RODRIGUES, LDA. — APARTADO 12 — TELEX 32125 — ☎ PPCA 73604/73606/73624 — **4700 BRAGA – PORTUGAL**

A outra ria, um tanto desconcertada pela confidência:

— Mas os que tens, castanhos, não te chegam...?

— Chegam, mas...

— Mas o quê...? Conta mais...

— Bem te entendo... Querias! segredos são segredos. Sempre te digo, no entanto, que...

O comboio havia reiniciado a marcha a partir da Amadora. Entrara mais gente, superlotando agora as plataformas. E de repente, do fundo da carruagem, a voz de um passageiro levvantando a cor de todoos os olhos:

— Eh! por favor! Vai aqui uma senhora cega... Alguém lhe dá o lugar...?

E toda aquela **matéria** proporcionou lugar àquela forma de olhos sem cor nenhuma.

... Assim é, pois, o comboio de Sintra — um mundo de muitas coisas de muitas palavras, de muitos olhos de muito transtorno, sempre e sempre de cá para lá. Um comboio multidão, um comboio que é parcela de um país que dia a dia constrói o seu pão, o seu comer, o seu vestir, e que merece por isso mesmo o respeito da pública manutenção de todas as autoridades nacionais. Só isso — e nada mais.

SINTRA

Empresa de Capitais Mistos
Luso-Angolana

Associadas

IMPORTANG U E E
Central Angolana de Importacão

EXPORTANG U E E
Central Angolana de Exportacão

ANGODESPACHOS U E E
Empresa de Despachos Alfandegários de Luanda

COTECO, Sociedade de Cooperação Técnica e Comercial, Limitada

VESPER
Importação e Exportação, Lda.

Av. João Crisóstomo, 16, 3.º – 1000 LISBOA – Tel.: 54 60 00
Telex: 43688 VESPER P e 43446 VESPER P

NÃO PODE HAVER VENCEDOR NUMA TAL GUERRA

NA «Declaração Comum sovieto-americana» que saiu da cimeira com Mikhail Gorbatchev e Ronald Reagan, ficou solenemente reafirmado que «nunca deverá ser desencadeada uma guerra nuclear e que não pode haver vencedor numa tal guerra. Reconheendo que qualquer conflito entre a URSS e os Estados Unidos da América poderia ter consequências catastróficas, insistem, também, na importância que tem evitar entre si uma qualquer guerra nuclear ou convencional.

Novas e recentes posições soviéticas propõem a proibição total das armas nucleares, e o desmantelamento de todas as existentes dentro dum prazo de 15 anos. Entretanto os Estados Unidos reafirmam os «aspectos interessantes» da Guerra das Estrelas, fornecem armamento sofisticado à UNITA para fomentar a guerra civil em Angola, intensificam a guerra não declarada contra a Nicarágua, invadem Granada e, triunfalmente, declaram dar apoio em armas a todas as forças reaccionárias contra os Poderes Democráticos legalmente constituídos. Novecentos milhões de dólares são gastos em armamento, por ano, no Mundo, quantia fabulosa que é produzida pelo trabalho dos homens e das mulheres de todos os países e que, só por si, é o equivalente a todos os créditos consagrados à educação do Planeta, e é uma vez e meia o total das despesas mundiais com a Saúde. Em cada semana, as despesas com o armamento chegavam para dar de comer, escolarizar e vacinar todas as crianças do planeta; suprimir todos os bairros de lata; instalar em todas as povoações de todos os países água potável, reduzindo, de forma difícil de prever, a doença e a morte prematura.

Em contrapartida, bastará uma folha dos equipamentos electrónicos para desencadear a catástrofe planetária.

Neste Ano Internacional da Paz o que vamos todos nós e cada um de nós, fazer contra a violência, contra a guerra, pela Paz e pelo DIREITO À VIDA? Vamos, como nos compete, lutar com as armas que temos na mão, pela PAz e pela continuação do ser humano no planeta terrestre.

CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA
SERVIÇO DE INFORMAÇÃO E RELAÇÕES PÚBLICAS

1986 – ANO INTERNACIONAL DA PAZ

Terrorismo bate à porta da Europa

Turistas americanos fogem de Portugal

«O ritmo de cancelamentos de viagens e reservas em hotéis por turistas americanos está já a tornar-se preocupante também em Portugal» — disse à agência NP uma fonte da Associação Portuguesa de Agentes de Viagens e Turismo.

Cerca de 40 por cento dos grupos americanos que este ano deveriam vir a Portugal foram já cancelados, enquanto se prevê que, depois do rebentamento de uma bomba no avião da TWA na quarta-feira, os cancelamentos venham ainda a aumentar.

A Europa tem vindo a ser cada vez mais afastada dos destinos turísticos dos viajantes norte-americanos devido ao medo de ataques terroristas nos aeroportos ou aviões.

Desde há cerca de três semanas o panorama agravou-se depois da crise surgida com os incidentes entre forças norte-americanas e os líbios.

O próprio presidente Ronald Reagan afirmou já na Televisão dos Estados Unidos que não se responsabiliza pela segurança dos americanos na Europa, pelo que estes devem evitar atravessar o Atlântico para passar as suas férias.

Em Portugal, a quebra do fluxo turístico dos Estados Unidos reflecte-se sobretudo na área de Lisboa e na Madeira, não sendo o Algarve afectado.

Segundo revelou o responsável pela delegação de uma conhecida agência de viagens portuguesa em Faro, embora não tenha existido, de facto, quebra no Algarve, «este ano não se verificou o aumento de turistas norte-americanos na região algarvia, como estava previsto».

Em Lisboa e na Madeira, contudo, a situação é diferente, afectando não só os negócios das agências de viagens que trabalham com o mercado americano, como também os hotéis, principalmente os de luxo.

No entanto, não são apenas estes dois tipos de empresas a sofrer com a quebra do afluxo de turistas dos Estados Unidos. As empresas de transporte, de aluguer de automóveis, os restaurantes e o artesanato são também muito afectados, segundo uma fonte da APAVT.

Por outro lado, os cancelamentos das viagens turísticas dos americanos têm também influência negativa nos circuitos turísticos com origem em Portugal.

É o caso, por exemplo, dos «tours» da Europan de Portugal e Espanha, ou os que incluem estes dois países e Marrocos.

Procurando fugir às ameaças de represálias contra os interesses norte-americanos, feitas recentemente pelo presidente líbio, Khadafi, alguns norte-americanos mais aventureiros preferem viajar através de companhias de aviação europeias ou canadianas, em voos partindo do aeroporto de Toronto.

Outros, pura e simplesmente escolhem destinos diferentes para as suas férias fora da Europa.

A situação tem assumido proporções particularmente graves em Espanha, onde a percentagem de cancelamentos atinge já os 60 por cento, bem como na Itália e sobretudo na Grécia.

Os membros da APAVT, preocupados com a crise no sector turístico que esta vaga de cancelamentos parece indicar, apresentaram recentemente um conjunto de propostas ao Governo português.

Uma campanha de esclarecimento sobre os «brandos costumes» de Portugal junto do público norte-americano, e ainda a promoção da visita de representantes dos principais órgãos de informação dos EUA a Portugal, são algumas das medidas propostas.

No entanto, garantem fontes ligadas ao sector turístico nacional, «nem o Governo nem os organismos estatais de turismo têm capacidade para levar avante uma campanha desta envergadura».

E mesmo se alguma coisa pudesse ser feita, só no próximo ano poderiam ser «colhidos os frutos».

É que os turistas americanos, ao contrário dos portugueses, gostam de planear as suas férias «com segurança e antecedência».

AGROPROMOTORA

Cooperar e desenvolver

ÁREAS DE TRABALHO

AGRICULTURA • PECUÁRIA • INDÚSTRIA ALIMENTAR • PLANOS DIRECTORES DO SECTOR PRIMÁRIO • ANÁLISE DA VIABILIDADE TÉCNICA-ECONÓMICA DOS INVESTIMENTOS • PROJECTA E IMPLEMENTA

ENTIDADES

COOPERATIVAS • AUTARQUIAS
OUTRAS EMPRESAS

PAÍSES AFRICANOS

REPÚBLICA POPULAR DE ANGOLA

REPÚBLICA POPULAR DE MOÇAMBIQUE

REPÚBLICA POPULAR DEMOCRÁTICA DA ARGÉLIA

COOPERATIVA PRODUTORA DE PROJECTOS AGRÍCOLAS CRL

Rua Cardeal Mercier, 29-1.º Lisboa

☎ 73 51 35

SE QUER BEBER, O PROBLEMA É SEU

Se quer parar de beber o problema e nosso.
Venha falar connosco, venha a uma reuniao dos

ALCOÓLICOS ANÓNIMOS

2.ªs 4.ªs 6.ªs as 19 horas
Trav. do Corpo Santo, 32

Morais Leitão quer "virar o CDS para o País"

Morais Leitão defendeu ontem, no programa radiofónico «Cartas na Mesa», que o CDS «não deve pretender acabar com a Reforma Agrária, mas sim apontar para a sua racionalização e correcção dos erros cometidos».

Frisando que o que o separa de Adriano Moreira não é apenas a idade mas a «forma de ver a actuação futura do CDS e a própria estratégia política do partido», Morais Leitão considerou que a sua moção ao Congresso do CDS «é mais pragmática e menos idelológica» que a do seu rival.

Para Morais Leitão, a sua moção pretende virar o CDS para o país e não para o seu próprio umbigo, tornando-o um partido preocupado com os grandes problemas nacionais e dotado de uma direcção escolhida pela sua disponibilidade e responsabilidade, constituida por uma equipa homogénea».

Aliança PSD-CDS

Morais Leitão disse não concordar com a necessidade do CDS se apresentar na assembleia como oposição ao Governo, que «está a governar bem».

«Não podemos correr o risco de eleições legislativas antecipadas imediatas», afirmou, pois a situação económiça internacional é altamente favorável a Portugal, como nunca acontecera desde 1973, e «é necessário aproveitar essa situação, deixando o Governo governar».

O dirigente centrista referiu ser necessário proceder a alterações estruturais na economia portuguesa, aproveitando a actual situação internacional, e não começar desde já a discutir a necessidade da revisão constitucional, que só poderá efectuar-se em 1987, ou concorrer para a queda do Governo impedindo essas modificações.

No entanto, Morais Leitão considerou não ser possível manter-se por muito tempo a situação de Portugal ser governado por um governo minoritário.

«Tem de se avançar para um maioria política e não continuarmos numa situação de estabilidade á vista», disse, defendendo a necessidade de «acordos de projectos legitimados por sufrágio popular».

Sublinhou contudo que, «uma aliança com o PSD, só se houver uma aliança de projectos, e em caso de novas eleições».

Em entrevista ao Clube de Imprensa

Cunhal desconhece documento crítico à direcção do PCP

O secretário-geral do PCP disse ontem que não sabe se há ou não um documento elaborado por militantes comunistas criticando a direcção do partido. Em entrevista ao programa radiofónico Clube de Imprensa, Álvaro Cunhal criticou os órgãos de Informação que têm divulgado o documento e que dizem estar assinado, sem contudo revelarem os nomes dos militantes que dele constam.

Cunhal respondeu, no entanto, às críticas formuladas no documento de que se fala: escasso poder de mobilização do partido, derrotas políticas nos últimos meses, falta de democraticidade interna, etc. Contrariando estas acusações, o líder comunista afirmou que o partido «está muito bem, muito unido, muito forte».

Na sua entrevista, Cunhal considerou a adesão de Portugal à CEE como uma «grande contrariedade» para o País, adiantando que se deve manter a questão da saída do Mercado Comum. Relativamente ao Presidente da República, Álvaro Cunhal recordou que o voto dos comunistas em Mário Soares, na segunda volta das eleições presidenciais, não constituiu o apoio a um candidato, mas «a recusa de um perigo sério para a democracia portuguesa», que seria a eleição de Freitas do Amaral. «Tratou-se de um apoio pouco entusiasta, mas muito responsável», acrescentou.

O dirigente do PCP disse ainda que o seu partido considera o actual governo «muito mau», mas adiantou que os comunistas ainda não lançaram a palavra de ordem «Governo rua», porque essa atitude exige «um projecto de acção política» e uma perspectiva de alternativa democrática.

PCP não tem preferência por Gama ou Constâncio

O entrevistado afirmou que a política governamental tem «uma má orientação» e que o Orçamento «é o espelho da política do Governo», comparando «as ameaças do Primeiro-Ministro aos empresários que ultrapassem o tecto salarial como as que se fizeram no tempo de Salazar». Sobre a disputa da liderança no Partido Socialista, Cunhal acrescentou que o PCP está a seguir os acontecimentos «muito atentamente» e que não tem preferência por Jaime Gama ou Vítor Constâncio, pois «não se trata de pessoas, mas de políticas».

Recusou, por outro lado, que o PCP esteja isolado politicamente, referindo que o ano passado e em 1985 se verificou «uma abertura do diálogo e até, nalguns aspectos, de cooperação, com todos os partidos democráticos». Álvaro Cunhal afirmou também que «não se pode dizer que o PRD está com o Governo» e que «há muitas forças que estão a pedir namoro» a este partido.

VIAGENS DE 25 A 27 ABRIL
PREÇOS ESPECIAIS
PARTIDAS ASSEGURADAS ★ HOTÉIS DE 1ª

SEVILHA 25 A 27 — H. D. PACO — 12 900$	MADRID 25 A 27 — H. MENFIS — 13 300$
SALAMANCA – CÁCERES 25 A 27 — H. REGIO — 16 800$	VIGO – VIANA 25 A 27 — H. VIANA SOL — 12 200$
CÁCERES CANIÇADA 25 A 27 — H. T. BRAGA — 11 500$	SOL DO ALGARVE 25 A 27 — H. ALFA — 7500$
SEVILHA-GIBRALTAR 25 A 27 — H. OCTÁVIO — 17 900$	CEUTA-SEVILHA 25 A 27 — H. NUEVO LAR — 20 500$

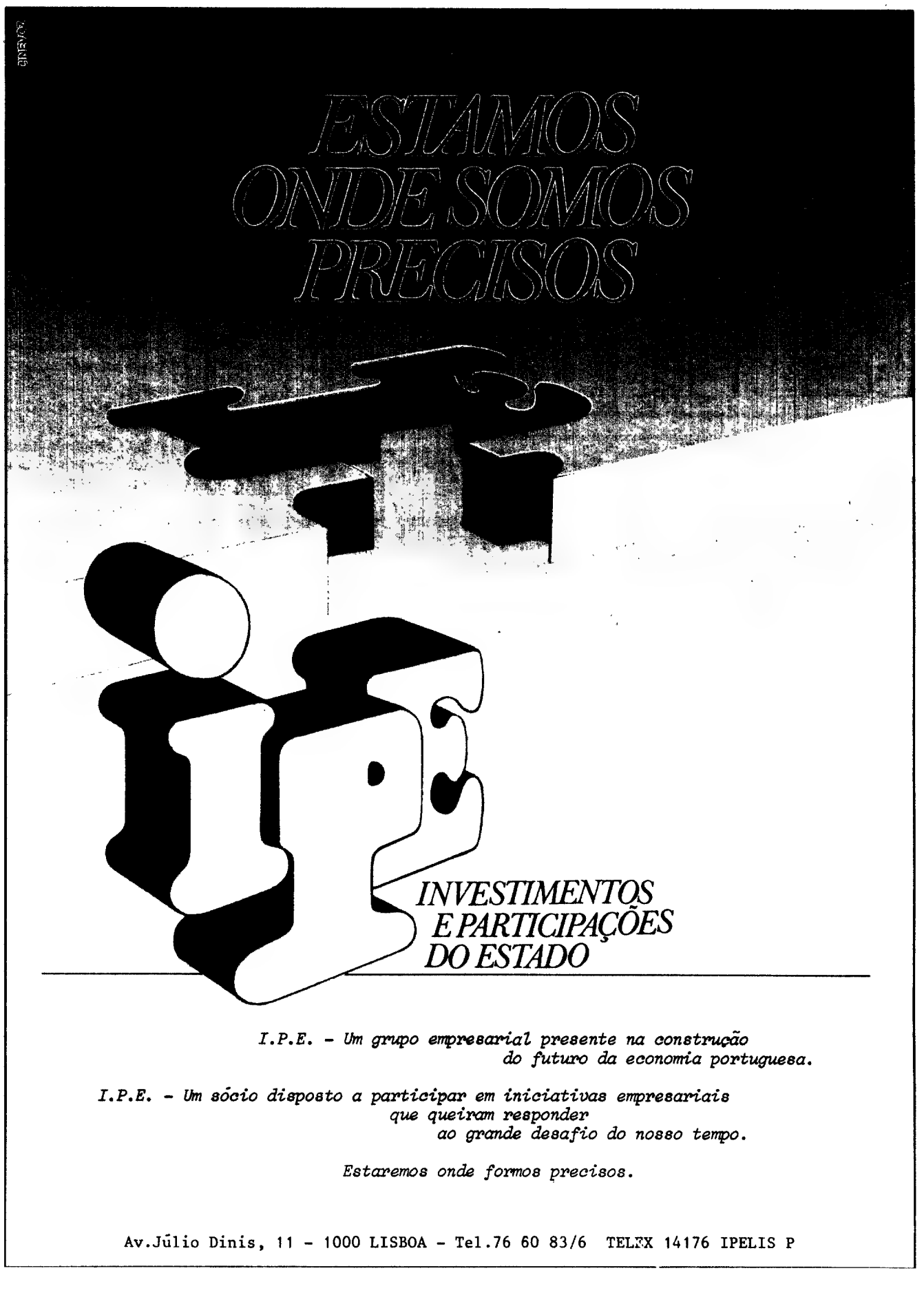
HOLANDA FLORIDA
A FESTA DAS TULIPAS — DE 19 A 25 DE ABRIL — ASSEGURADA
Extraordinária viagem à HOLANDA visitando ESPANHA, FRANÇA, HOLANDA, BÉLGICA, ALEMANHA, LUXEMBURGO E ANDORRA • BONS HOTEIS VISITAS —
124 000$00

OUTRAS VIAGENS DE 1 A 4 DE MAIO

MADRID-ANDORRA	1 A 5 MAIO
TORREMOLINOS-SEVILHA	1 A 4 »
CEUTA E GIBRALTAR	1 A 4 »
TÂNGER E SEVILHA	1 A 4 »
SEVILHA-CORDOBA-GRANADA	1 A 4 »
MADRID-VALE DOS CAÍDOS	1 A 4 »
SEVILHA-BADAJOZ	2 A 5 »
GALIZA E RIAS	1 A 4 »

FEIRA DE SEVILHA
DE 13 A 16 DE ABRIL • 16 A 19 DE ABRIL
19 A 21 DE ABRIL • DESDE 27 100$00
CORRIDAS COM TOUROS DE MORTE • FEIRA, VISITAS, ETC., ETC. — HOTEL D. PACO ★ ★ ★

LUSANOVA TURISMO
AV. JOÃO XXI, 9 A, M. MONIZ, 6 A — TEL. 89 43 11 — 89 44 80



I.P.E. - Um grupo empresarial presente na construção do futuro da economia portuguesa.

I.P.E. - Um sócio disposto a participar em iniciativas empresariais que queiram responder ao grande desafio do nosso tempo.

Estaremos onde formos precisos.

Av. Júlio Dinis, 11 - 1000 LISBOA - Tel. 76 60 83/6 TELEX 14176 IPELIS P

SRL

— Rolamentos de esferas e rolos, chumaceiras e rolamentos autolubrificados — RHP
— Rolamentos de rolos cónicos — TIMKEN
— Rolamentos de agulhas — TORRINGTON
— Rolamentos de alta rotação e precisão — GMN
— Ferramentas manuais — HAZET
— Ferramentas rotativas — PFERD
— Brocas HSS e de Metal Duro — JORAN
— Fresas — KESTAG
— Machos e caçonetas de alto rendimento
— Extractores — KUKKO
— Folhas de serra HSS — METALBOR
— Máquinas e Tornos — EFI
— Discos abrasivos — DURAMETAL
— Eléctrodos — DURAMETAL
— Máquinas eléctricas — BLACK & DECKER

APOIAMO-NOS NA EXPERIÊNCIA DE 50 ANOS AO SERVIÇO DA INDÚSTRIA

SOCIEDADE DE ROLAMENTOS, LDA.

Sede:
Rua de Sarmento de Beires, 98/108 — Porto
Telef. 6 20 48 — 6 20 49 — 6 20 40 — 69 05 80
Telex 22423

Filiais:
LISBOA — Largo do Conde Barão, 19/21
Telf. 66 91 61-62-63-67 08 20/21
Telex 16581
COIMBRA — Rua Mário Pais, 9/11
Telef. 2 90 25-6-2 01 89
Telex 16799

SENSACIONAIS DESCONTOS

Agora também com abastecimento de gás até às 21 h. do próprio dia

- Utilidades Domésticas
- Oficinas de Reparação de material de queima

Assistencia tecnica garantida, em fogões, esquentadores até as 21 horas

Shell butagaz

"CLAVE"

COMBUSTIVEIS E LUBRIFICANTES DE ALHOS VEDROS, LDA.
AGENTES BUTAGAZ • PROPAGAZ • CAMPING GAZ
PRAÇETA DA BELA ROSA, 6
TELEFONE 204 02 22 • 2860 ALHOS VEDROS

CHEGOU A

MOVIGRUPO

CONSÓRCIO

SEM entrada juros
EM 12, 24 OU 36 MESES

Inscreva-se nas lojas dos
MÓVEIS PICA-PAU e
DARTY-MÓVEIS CONFIANÇA

ODIVELAS — R Alfredo Ruas, 50-A – ☎ 9826054/58 Pedernais
LISBOA — Av Almirante Reis, 125 – ☎ 530076
LISBOA — Est Benfica, 174-176 – ☎ 780599
LISBOA — R Luciano Cordeiro, 18-A – ☎ 521384
AMADORA — Av D Nuno Álvares Pereira, 5-B – ☎ 4945691
MEM MARTINS — R Chaby Pinheiro, 8 e 12 – ☎ 9217294
QUELUZ – Av Antonio Enes, 20-B – ☎ 952306
ALMADA — Av 25 de Abril, 45 – ☎ 2769001
COVA DA PIEDADE — R Conceição Sameiro Antunes, 13-B – ☎ 2754952
PAIVAS — Est Nacional 10, Lote 30 – ☎ 2210067
BARREIRO — R Dr Manuel Pacheco, 92-A – ☎ 2077237
ALVERCA — Av Capitão Meleças 34-A – ☎ 2582403
V. F. XIRA — R Alves Redol, 80-B – ☎ 24011
C. BRANCO — Av Nuno Alvares, Bloco B, Letra G – ☎ 24741
PORTO — Av da Boavista, 1092 – ☎ 697447
COIMBRA — Av Fernão de Magalhães, 60 – ☎ 26185
FARO — R Eça de Queirós, 2 – ☎ 27580
LOULÉ — R Ataide de Oliveira, 18

O porto fluvial de Vila Franca de Xira: tão diferente que ele é hoje é!

"Amigos do Tejo" e o regresso às origens

Eles querem avivar que o progresso rou

Júlio Rodrigues

Os «Amigos do Tejo» estão numa onda de tentar devolver o rio, em parte, às suas origens. Por exemplo: de reconstituir o cais de Valada do Ribatejo (onde outrora abundava o sável), revitalizar a vala do Carregado (uma das suas valas adjacentes transporta-nos à vela ou a motor a Salvaterra de Magos e é todos os anos invadida pelos participantes do Cruzeiro do Tejo), animar o velho porto fluvial de Vila Franca de Xira e recordar a importância, noutros tempos, do mais importante curso fluvial português no transporte para Lisboa (e outros pontos do País) da produção industrial dos mais importantes centros ribatejanos.

Com entusiasmo nos falaram, como se o novelo do sonho se transfigure em fácil realidade, dois dos seus principais elementos: Carlos Salgado e António Nabais. Falaram-nos de cais e portos que foram perdendo força e procura à medida que o progresso avançou; e de valas (braços do rio estendendo os seus «tentácuos» ao interior da sua margem) e indústrias que ou desapareceram, ou passaram a enviar a sua produção através da via-férrea e dos transportes rodoviários.

Vala do Carregado: as valas adjacentes do Tejo são ainda vias de comunicação muito utilizadas

As valas eram de primordial importância nas ligações entre as populações que serviam e os centros de escoamento dos seus produtos agro-hortículas e industriais: as de Vila Nova (assim designada e referente a Vila Nova da Rainha, à entrada de Azambuja) e do Carregado ainda hoje figuram na memória pujante das pessoas. António Nabais, que ao Tejo está ligado por vínculos vários e é um dos seus mais enfronhados estudiosos, disse ao «DL», de modo lapidar, isto: «Todos esses canais naturais proporcionaram mais bem-estar às populações e ainda hoje contribuem para a sua riqueza.»

Ainda há imagem viva desses canais que a natureza não alterou. Já o mesmo se não pode dizer, subindo o Tejo, a montante, até Abrantes, dos portos da Póvoa de Santa Iria e Cartaxo (Rio dos Moinhos), por exemplo. O de Sacavém vai sendo, aos poucos, desactivado. O odor pestilento do Trancoso e dispersão das suas águas conjugam-se numa onda que a curto prazo dispensará a Guarda Fiscal que ainda aí presta serviço.

Fornos de cal que havia em Abrantes e Cartaxo...

Até há bem pouco tempo, e durante quatro séculos, barcos carregados d cal desceram o Tejo em direcção a Lisboa e portos e portinhos intermediários. De quadros desse tipo, cujo folclore os «Amigos do Tejo» tentam fazer reviver ao proporem, em parte, a devolução do rio às suas origens, restam ainda os barcos que trazem o melão da lezíria para os cais de Vila Franca e Alhandra.

Tancos: o seu porto há muitos, muitos anos, segundo um desenho de Júlio Guerra datado de 1852

tradições bou ao rio

Carlos Salgado e António Nabais ao «DL»: «Temos de recuperar o Tejo e aproveitar todas as suas potencialidades no sentido da sua valorização turística»

É uma iniciativa ousada, a que os «Amigos do Tejo», uma associação criada em Junho de há três anos por escritura assinada no Dia do Ambiente, propõem à população ribeirinha e aos lisboetas. Revivalismo?

Carlos Salgado hesita dois instantes. Não concorda nem discorda do termo. Frisa: «É preciso animar o Tejo, como há muito tempo vimos a defender, o que em parte passa pela recuperação das suas antigas tarefas e pela reprodução de actividades que o desenvolvimento, injusta e desequilibradamente, lhe retirou. É isso o que pretendemos fazer». António Nabais, um conhecido museólogo dos meios da capital cujo papel em prol das potencialidades do Tejo e das suas tradições tem vindo a ser avivado desde o Seixal ao Cartaxo (Museu do Vinho), completa o raciocínio: «É fundamental atribuir aos pequenos portos e cais do Tejo que ainda hoje são marcos do desenvolvimento nacional, uma nova função. Procedendo assim, estar-se-á indubitavelmente a recuperar essa imagem sadia do rio».

Mas não só, ainda segundo a opinião que nos vincou: «Limpar as suas valas, aproveitar o curso para o transporte mais económico de produtos e mercadorias e regularizar o seu leito, é recolocar o Tejo no plano a que tem direito como fonte geradora de riqueza e elo de ligação de interesses que se ajustam e complementam», disse.

Interesses que não assentam apenas no vinho vindo de Almeirim, Goucha, até de Santarém, Alpiarça e Cartaxo, para Lisboa, por barco e não em camiões-cisternas ou grades de garrafas geometricamente alinhadas, ou no caso do arroz em sacos empilhados. Mas que também nos podem fazer reviver os tempos remotos em que de Abrantes e Rossio ao Sul do Tejo, e também do Cartaxo e de Alhandra (dos telhais de que nos fala Soeiro Pereira Gomes no admirável hossana aos «homens que nunca foram meninos»), cal, telhas e tijolos eram carregados com um destino fixo, enorme para o tempo, determinante para a subsistência humana: Lisboa.

Passeios culturais e indústria naval

Fica assim a pairar, numa descida às origens — através do Tejo —, que a recuperação, mesmo que parcial, da componente histórica do maior rio portugu es tem vastas e singulares implicações.

Os Amigos do Tejo, por exemplo, atentos ao que as suas potencialidades podem gerar, preconizam que o seu levantamento neste aspecto concorrerá para a valorização turística da longa faixa por que se espraia. Deixem no ar esta proposta: e que tal subir (e descer) o rio, entre Lisboa e Azambuja, como acontecia nos finais do século hassado e princípio do actual?

Ora está a ver-se o que aconteceria: a indústria naval cresceria, desenvolver-se-ia. Os

COOPERATIVA DE CONSUMO
«UNIDADE POPULAR», CRL
R. Dr. Carlos Augusto Teixeira • Telef. 4 21 29
GRÂNDOLA VILA MORENA

COLABORA COM A COMISSÃO PARA A CONSTRUÇÃO DA NOVA SEDE, ASSOCIANDO-TE NA COOPERATIVA.

FUTURAS INSTALAÇÕES NO ANTIGO LARGO DA FEIRA

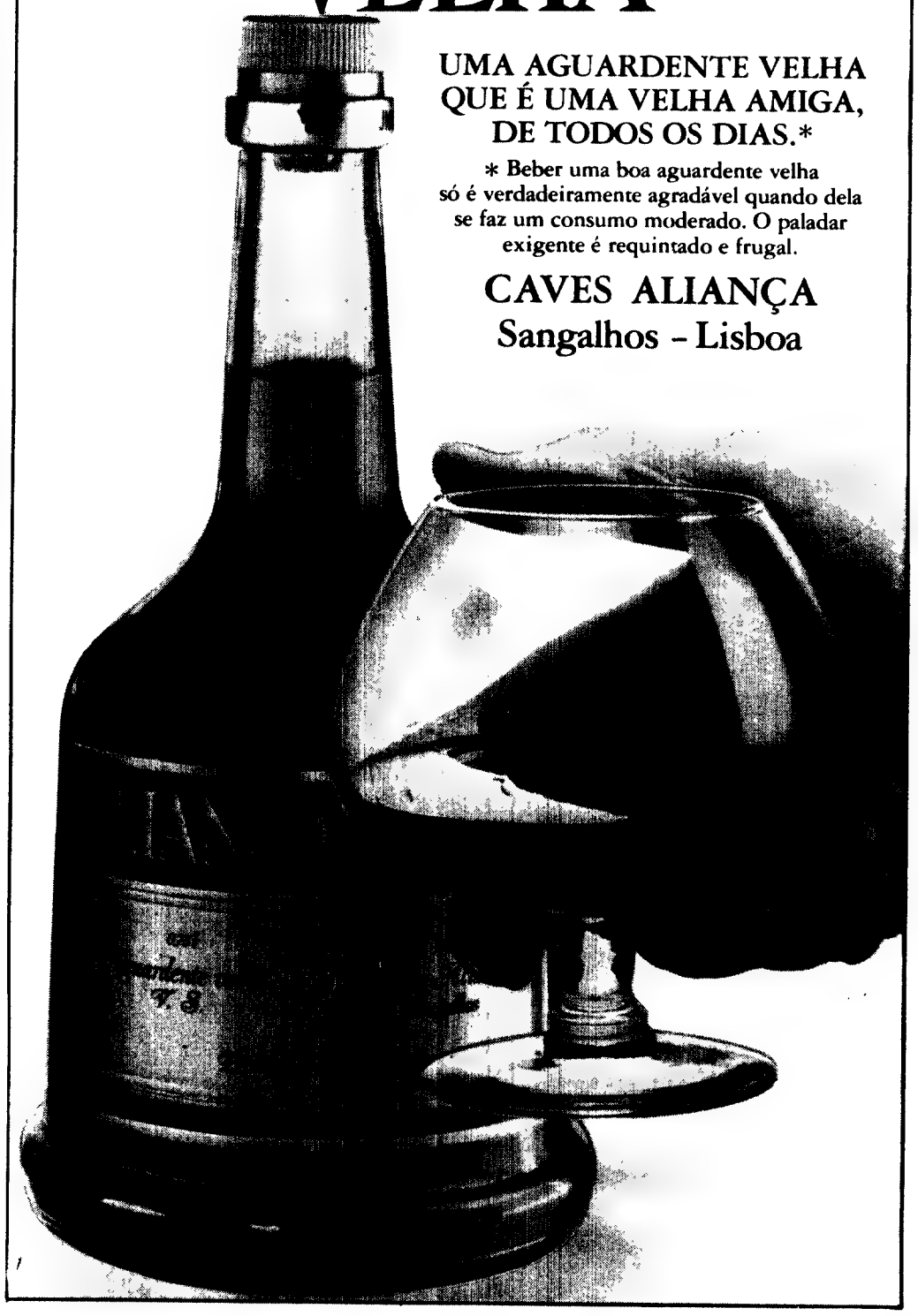
QUANDO TODOS COOPERAMOS TODOS BENEFICIAMOS

ALIANÇA VELHA

UMA AGUARDENTE VELHA QUE É UMA VELHA AMIGA, DE TODOS OS DIAS.*

* Beber uma boa aguardente velha só é verdadeiramente agradável quando dela se faz um consumo moderado. O paladar exigente é requintado e frugal.

CAVES ALIANÇA
Sangalhos - Lisboa



Indo pelo rio arriba, a caminho de Santarém

"Amigos" querem mostrar-nos o Tejo tal como ele era

Amigos do Tejo, desde Carlos Salgado a José Pedro Rocha (especialista em tudo o que diga respeito a barcos), António Nabais e outros no que toca à conservação, à história viva das pessoas e das coisas, sustentam que isso arrastará — porque falam sempre no futuro, com optimismo, com fé — «o desenvolvimento da indústria naval

Salgado vê potencialidades turísticas em todos os esconsos do Tejo, desde o porto de Vila Franca ao cais de Valada, de Rio dos Moinhos ao antigo porto de Tancos. Visionam a criação de mais postos de trabalho — na perspectiva de passeios culturais-turísticos-gastronómicos

pelo Tejo arriba —, do enriquecimento da indústria naval e até falam de comunidades de pescadores. «Porque é que os lisboetas, ou os turistas estrangeiros, por exemplo — questiona Carlos Salgado —, não podem ser confrontados com uma proposta para viverem dois/três ou mais dias numa aldeia de pescadores?».

Carlos Salgado e António Nabais lançam o repto (o director do Museu do Seixal lembra de permeio os tempos em que havia salga de peixe em Cacilhas e quando havia fornos de cerâmica em Alcochete), realçam o acolhimento que nesse sentido o Escaropim (concelho de Salvaterra de Magos) poderia proporcionar e atalham: «E a aldeia mais piscatória, mais tradicional do Tejo e uma das mais ricas deste País.

Fala-se em Tejo e logo ao maior, ao mais volumoso (e incontrolável) fio de água, se associam as cheias. Cheias que Carlos Pimenta, secretário de Estado do Ambiente, opõe tenaz resistência e que o ministro do Plano e Administração do Território coloca reticências, porque o Governo está a investir no seu domínio, na sua contenção. De resto, ao defenderem-se os actuais limites, e sobretudo as laboriosas populações do Tejo, está a preservar-se o património histórico-cultural das gentes ribeirinhas e da região.

«As pessoas, contaminadas pelas dificuldades do dia-a-dia, abstraídas da poluição do rio em alguns dos seus troços, ainda nem se aperceberam que ao longo do Tejo, nas suas margens, há palhotas. E que sugestivas, para não dizer selvagens no que de mais belo tem a natureza, elas são!», abre-se (ao «Diário de Lisboa») Carlos Salgado. Palhotas não faltam, há muitas, episodicamente «habitadas» — quando o rio não transborda: no Cartaxo, em Azambuja, em Valada, nas Caneiras (Santarém). Mas é no Escaropim que elas assumem, como conjunto, numa comunicade de pescadores, uma dimensão telúrica, por vezes assemelhando-se, à noite — com a feericidade da sua iluminação desordenada —, ao anzol das luzes que alinham a aldeia dos pescadores de San Sebastian, por exemplo.

Jornadas do Rio em Maio e Junho

A Associação dos «Amigos do Tejo» tem vindo a sensibilizar as populações ribeirinhas para os problemas do rio e sua resolução. As «Jornadas do Tejo», em Maio e Junho próximos, são iniciativas que visam dar resposta a essas dificuldades.

Decorrerão em duas semanas, entre 31 de Maio e 15 de Junho (fortalecendo o «Dia de Constança», a 10, o «Dia da Barquinha», a 13, e o «Dia da Cidade de Abrantes», a 14), dividindo-se em «Semana do Ambiente», de 31 de Maio a 7 de Junho, e «Semana do Tejo», de 7 a 15 do mesmo mês.

Com a «Semana do Ambiente» pretendem os «Amigos do Tejo» que seja uma grande festa ao ar livre, ao longo do rio, com a participação activa das populações, sobretudo das camadas juvenis locais, em colaboração com as escolas, autarquias e associações de recreio, cultura e desporto; com a «Semana do Tejo» — exemplifica Carlos Salgado —, a associação quer chamar a atenção para uma região localizada no curso médio do Tejo (de Barquinha a Abrantes), preenchendo a «semana» com «manifestações representantivas e revitalistas do tradicional histórico - popular - cultural das populações taganas, numa grande Feira do Tejo».

Durante esse calendário festivo, a montante de Valada e até à fronteira, haverá soltas de pombos, novos melhoramentos (a inaugurar por iniciativa das autarquias solidárias), jogos tradicionais, concursos de pesca, provas de atletismo, corridas e gincanas com barcos típicos, canoagem e natação. O vale do Tejo (as gentes da região preferem, antes, a designação de Ribatejo), como há dias disse o secretário de Estado do Ambiente, Carlos Pimenta, «é uma das zonas mais ricas do País, em que há interesses agrícolas, industriais, energéticos e de consumo e abastecimento das populações». Disse o mesmo governante, muito a propósito: «Para gerir um recurso como a água, no Vale do Tejo, já com algumas intenções de projecto para a gestão e exploração da bacia hidrográfica, obra que envolve um investimento de milhões de contos, é necessário conhecer bem as necessidades e perspectivas de desenvolvimento económico da região».

Pescador do Escaropim mostra ao repórter do «DL» algumas das artes utilizadas para a faina no Tejo e afluentes

As pontes, quatro sobre o Tejo, entre Santarém e Lisboa, vieram etirar ao rio a sua força no transporte de produtos agrícolas e industriais, de mercadorias. Apesar do «modernis--mo», sob a ponte ferroviária de Santarém desponta um costume velho que aviva a sua riqueza histórico-po-pular--cultural

Confecções **J. I. D. S.** *ALFAIATARIA*

PRONTO-A-VESTIR P/HOMEM
CAMISARIA • MALHAS

ARTIGOS DE QUALIDADE, RAPIDEZ DE EXECUÇÃO COM A MÁXIMA PERFEIÇÃO

SEDE:
Rua Capitão Leitão, 32 • ☎ 276 10 10
2800 ALMADA

FÁBRICA:
Rua Fernão Lourenço, 86-A • ☎ 276 47 31
2800 ALMADA

Lotaria Nacional

assim cantam o
Sr. PALPITE e a D. TALUDA

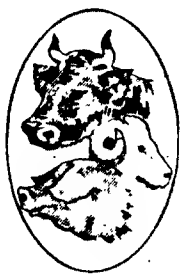
Primavera, tanta flor tanto amor, tanta alegria ... e tanto, tanto valor nos prémios da Lotaria!

Habilite-se todas as semanas aos fabulosos Prémios da LOTARIA NACIONAL

COOPERATIVA DE CONSUMO 3 DE MARÇO UNIÃO PIENSE, C.R.L.

MERCEARIAS, CARNES, FAZENDAS ELECTRODOMÉSTICOS E MOBÍLIAS

Rua da Cooperativa, 4 — Telef. 55170 — 7855 ***PIAS***



UNIDADE COLECTIVA DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA
DAS
«GALERIAS»
C. R. L.
Rua José de Sousa Cabral, 30 • Telef.: 93241 • 7090 VIANA DO ALENTEJO

UNIRIBA
Restaurante
Mariscos
e
Cerveja
Shell-Fish
and
Beer
Crustaces
et
Bière

RIBADOURO

Av. da Liberdade, 155 Tel. 549411 Lisboa

COOPERATIVA AGRÍCOLA DO CONCELHO DA FIGUEIRA DA FOZ

AO SERVIÇO DA LAVOURA DO CONCELHO

- ADUBOS
- PESTICIDAS
- HERBICIDAS
- SEMENTES
- RAÇÕES
- MAQUINARIA AGRÍCOLA

SEDE:
RUA DA REPÚBLICA, 28
TELEFS. 24926 – 22902

3080 FIGUEIRA DA FOZ

"Barreto revoga despachos: reservatários mantêm terra"

"Esclarecimento" do procurador de Maria Holstein Manoel

O Secretariado das UCP's do distrito de Évora promoveu na manhã do passado dia 19 de Março deste ano uma reunião com os representantes da Comunicação Social durante a qual produziu diversas acusações contra o ministro Álvaro Barreto relativamente ao processo de entrega de reservas na Zona de Intervenção da Reforma Agrária. Num documento distribuído no decurso da reunião aquela estrutura da Reforma Agrária detinha-se sobre o «roubo de 671 cabeças de gado ovino e 30 de gado bovino», na Cooperativa de S. Brás do Regedouro, por parte da Direcção Regional da Agricultura.

O «Diário de Lisboa» fez-se eco, nas suas edições de 19 e 20 de Março, do acontecimento, reproduzindo o essencial das afirmações do documento distribuído aos jornalistas. Apresentando-se como procurador de Helena Maria de Sousa Holstein Manoel, citada nas duas notícias, Duarte d'Orey Manoel vem nessa qualidade esclarecer — segundo carta que nos remeteu — o seguinte:

«Relativamente à notícia inserta nesse jornal sob o título «Reforma Agrária processa Barreto» e «Barreto revoga despachos: Reservatários mantêm terra» e em que se foca o caso da entrega do gado na Cooperativa S. Brás do Regedouro, cumpre por elementar respeito à verdade dos factos esclarecem o seguinte:

1. A entrega de gado em questão e a que a reservatária tinha e tem inequívoco direito, foi determinada pelo Ministério da Agricultura, após encabeçamento realizado por técnicos desse Ministério.

A efectivação dessa entrega foi aprazada para 20 de Novembro de 1983.

Nessa mesma data não foi possível consumar-se a entrega em virtude da abusiva intromissão no acto do sr. Fausto da Silva Quadrado, sócio da reservatária e com quem esta se encontrava em litígio.

Do acto da não entrega do gado à sua legítima proprietária foi então lavrada a competente acta, nela se exarando que a Cooperativa de S. Brás de Regadouro continuaria na posse do referido gado, mas na qualidade de sua fiel depositária.

2. Aconteceu, porém, que a dita Cooperativa, apesar de completamente esclarecida da actuação ilícita do sr. Fausto Quadrado e de saber de qualidade em que passava a deter aquele gado, aceitou subscrever um contrato promessa de compra e venda do mencionado gado com o referido Fausto Quadrado a quem terá entregue a preço ou parte do preço que ambos acordaram, o que tudo aconteceu em horas imediatas à entrega frustrada e à total revelia da legítima reservatária.

3 Por isso, o acto da entrega agora realizado nada mais representou do que a reposição da legalidade que havia sido desrespeitada aquando da data da marcação da entrega em 20 de Novembro de 1984.

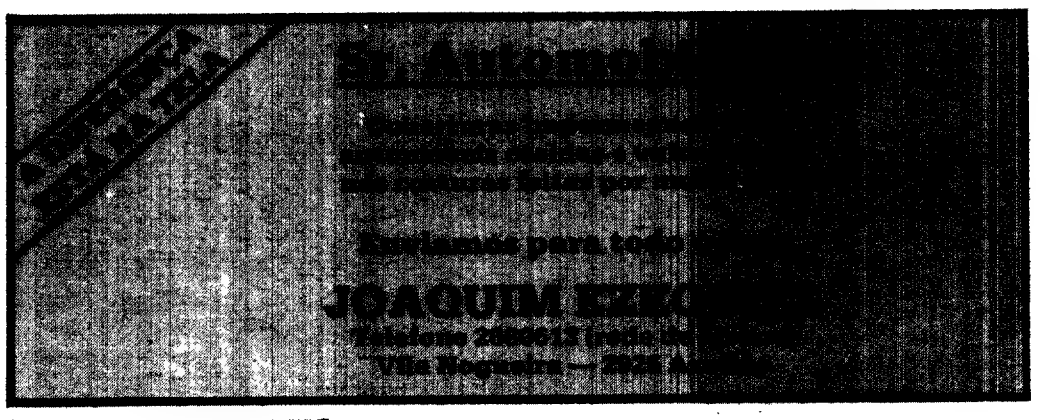
4. A Cooperativa de S. Brás de Regedouro ao actuar como actuou sabia inequivocamente que não estava a negociar com o legítimo dono e proprietário do gado, pois disso fora alertada quer por escrito, quer pessoalmente, no momento próprio e antes de ter «negociado» com o sr. Fausto Quadrado.

5. As questões e pendências existentes entre a reservatária e o sr. Fausto Quadrado terão que ser derimidas em sede própria, a qual, tanto quanto se supõe, continua a ser o foro judicial, uma vez que nos encontramos num Estado de Direito. São portanto, descabidas e completamente irrelevantes, além de não corresponderem à verdade dos factos, as afirmações produzidas pelo Secretariado distrital de Évora das UCP's-/Cooperativas e pelo sr. presidente da Câmara Municipal de Évora, o qual, sob pena de usurpação de poderes, não pode reclamar-se de juiz desta causa, como parece pretender fazer.»

ALPACO

REPRESENTANTES DE FÁBRICAS DE PAPÉIS, CARTÕES E CORDOLORIAS

BOQUEIRÃO DOS FERREIROS, 9 1200 LISBOA TELEF. 677244



EDITAL

RUBEM AMARAL JÚNIOR, Cônsul Geral Adjunto do Brasil em Lisboa, faz saber que a cidadã brasileira ANABELA DOS REIS DOMINGOS, filha de Antonio Firmino Domingos e de Maria Manoela Leal dos Reis, pretende casar Se alguém souber de algum impedimento oponha-o na forma da Lei na Chancelaria do Consulado Geral, do Brasil, em Lisboa, sito à Praça de Luís de Camões, n.º 22-1.º esq.º.

Lisboa, em 1 de Abril de 1986

UNIDADE COLECTIVA DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA
DOS
BAIÕES
CRL
Produção Agro-Pecuária
Rua Teófilo Braga 45
☎ 93190 **7090 VIANA DO ALENTEJO**

Só são válidas razões delituosas ou de segurança

Adesão à CEE salvará muitos portugueses da expulsão sumária de Espanha

Um técnico espanhol do Ministério dos Estrangeiros que não está prevista a expulsão de portugueses disse que não está prevista a expulsão de portugueses em virtude da aplicação neste país da lei dos estrangeiros. Os portugueses residentes em Espanha, inclusive os que vivem ilegalmente, são «cidadãos comunitários e só podem ser expulsos por razões delituosas ou de segurança» — disse Carmen Briones, da secretaria-geral técnica do Ministério do Interior.

O facto de ter terminado o prazo para regularizaçao da situação dos estrangeiros que residem legalmente em Espanha, com a consequente entrada em vigor da «Lei de Direitos e Liberdades dos Estrangeiros», não alterará a situação dos cidadãos portugueses em Espanha «pelo que não tem sentido qualquer temor quanto a expulsões».

Além disso — disse Carmen Briones — «não está previsto que sejam tomadas medidas de expulsão em virtude da aplicação desta lei, a não ser nos casos em que já se vinham fazendo, concretamente em relação aos deliquentes», que foi a coordenadora da comissão que elaborou o projecto de lei.

Os estrangeiros que residem em Espanha ilegalmente terão agora de novo um ano para legalizar a situação pois a intenção do governo espanhol é «dar facilidades a todos, salvo aos deliquentes, para normalizarem a sua situação».

Nos últimos meses, 40.586 estrangeiros que residiam ilegalmente em Espanha e entre eles 3 434 solicitaram a regularização da sua permanência em Espanha.

Privilégio

«Os portugueses são os cidadãos estrangeiros mais privilegiados em Espanha pois estão abrangidos pelas normas comunitárias que entraram em vigor em 1 de Janeiro, e pelos privilégios que a Espanha já concedia aos nacionais de Portugal, Filipinas, Andorra e países latino-americanos», disse Carmen Briones, em declarações exclusivas à Anop.

Com a adesão dos dois países à CEE, apesar da livre circulação de trabalhadores só entrar em vigor depois do período transitório de sete anos os portugueses passaram a ser «cidadãos comunitários», que estão abrangidos por uma série de direitos nos países membros da Comunidade.

Entre estes direitos pode citar-se o livre estabelecimento dos que trabalham por conta própria, e a impossibilidade de expulsão «por razões económicas».

A partir de Janeiro, os portugueses «só podem ser expulsos de Espanha pro razões delituosas ou de segurança». Inclusive nos casos de condenações por delitos comuns estão abrangidos por um regime especial de recurso, em condições muito mais favoráveis do que os cidadãos de outros países não comunitários.

O Ministério do Interior já enviou instruções aos governadores civis em que são recolhidas as normas comunitárias que passarão a lei dentro de poucas semanas.

O recurso à expulsão de estrangeiros é «um instrumento que permite a lei nos casos os abrangem a delinquência em suas diversas formas ou então de segurança, o que, de certa forma, dá um certo campo de acção para os casos demarginalidade ou indesejáveis.

Em virtude da «cidadania comunitaria», os portugueses já não poderão ser expulsos nos casos de simples falta de trabalho ou justificação de meios de sobrevivência.

O problema da mendicidade, que afecta algumas centenas de cidadãos portugueses em Espanha, tem um enquadramento complicado, mas os «exploradores da mendicidade» podem ser abrangidos dentro da actuação delituosa, ou eventualmente, de segurança.

O exercício da prostituição, que não é considerado delito em Espanha, também não pode ser punido com a expulsão, mas os «proxenetas» já são considerados delinquentes.

Os indocumentados têm o recurso a regularizarem a sua situação legal para o que serão dadas facilidades

Expulsos 162 portugueses

Que a expulsão tenha sido utilizada apenas como instrumento para os casos mais extremos, parece demonstrá-lo o facto de que durante o ano de 1985 tenham sido expulsos de Espanha 975 estrangeiros. Entre eles 162 portugueses. As normas previstas pela Lei de Estrangeiros quanto a expulsões já tinham começado a ser aplicadas em Julho passado, tanto assim que só nos dois primeiros meses seguintes, de Madrid foram expulsos 21 portugueses.

As autoridades espanholas consideram que «o controlo mais eficaz sobre os estrangeiros começa a fazer-se na fronteira», afirmou Carmen Briones.

Por esta razão, a Polícia espanhola já começou a ser mais rigorosa e durante o ano passado impediu a entrada de 1481 cidadãos portugueses nas fronteiras com Portugal.

Nas fronteiras com França, foi recusada a entrada de 11 169 estrangeiros.

Entre as Polícias de Espanha e Portugal existe actualmente a «melhor colaboração em todos os domínios», afirmaram à Anop fontes da Direcção-Geral da Polícia espanhola, o que «facilita a perseguição da delinquência em todas as suas áreas».

Os portugueses «não levantam maiores problemas em Espanha, a não ser alguns colectivos de ciganos de origem portuguesa, a mendicidade e a prostituição».

As fontes policiais consultadas pela Anop indicaram que «ha total sintonia entre as duas Polícias para a perseguição recíproca de acções delitivas entre outros muitos motivos, porque isso interessa à imagem de cada um dos países».

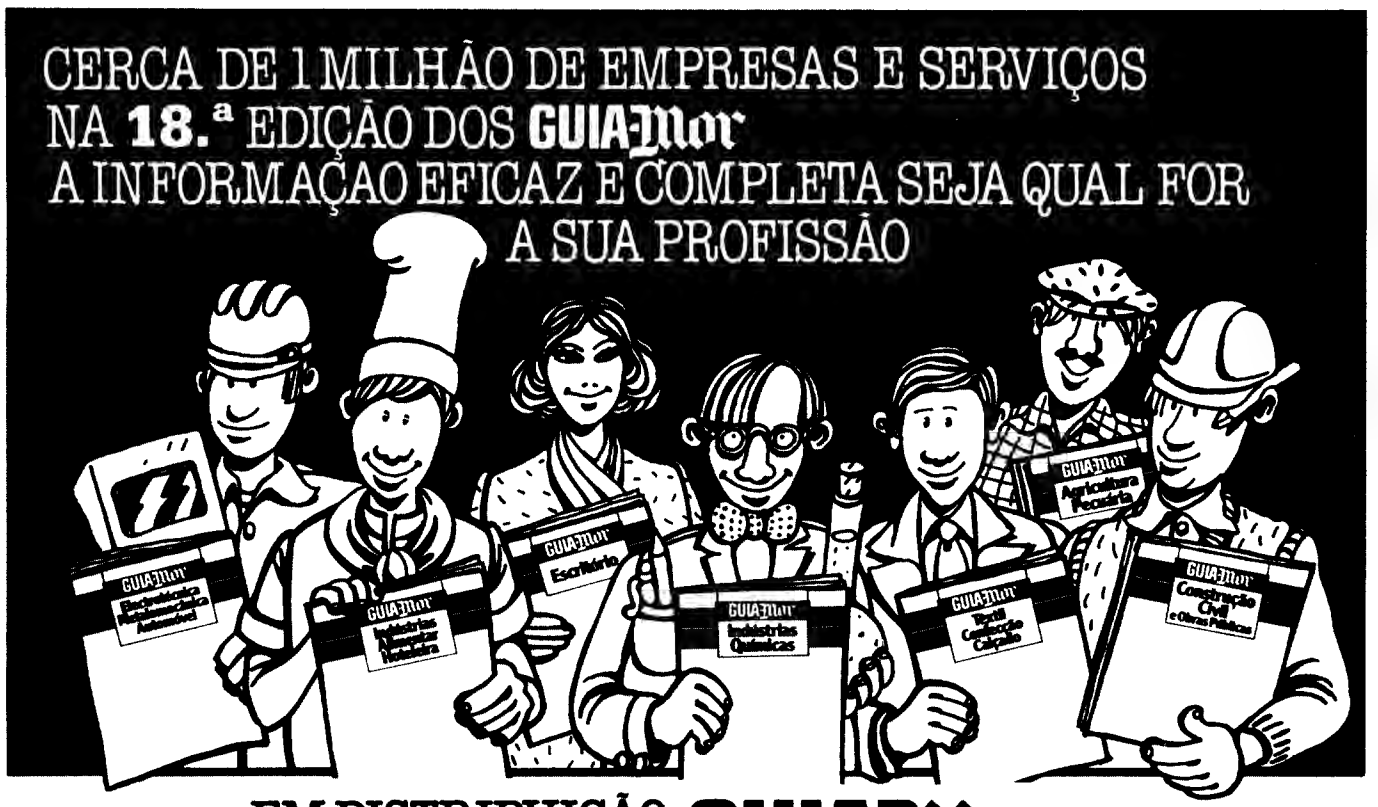
É provável que o director-geral da Polícia espanhola visite Portugal dentro de poucas semanas, segundo as mesmas fontes. Em Espanha residem oficialmente 23.520 portugueses.

Quanto aos que se encontram em condições ilegais, esse número é «incerto e não nos atrevemos a fazer um cálculo», disse Carmen Briones.

Partindo da comparação de fontes oficiais segundo as quais no Ministério do Interior se pensa que o número de ilegais é similar ao dos que residem legalmente, no cômputo geral dos estrangeiros, poderia calcular-se que o número de portugueses se situa entre os 20 000 e os 30 000.

GERAP

uma cidade limpa
é uma cidade viva



EM DISTRIBUIÇÃO GRATUITA **GUIA-Mor**

PARA UMA PRESENÇA SUA NO GUIA-MOR REFERENTE AO SEU SECTOR CONTACTE-NOS EM:

GUIÃO
Rua Joaquim Bonifacio n.º 21 5.º Esq.º
1199 Lisboa Codex Telefone 56 33 31
Apartado n.º 1224 – 1007 Lisboa Codex
Telex n.º 13088 GUIAOL P

DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Campo Alegre n.º 672 2.º Dto.
4100 Porto Telefone 6 49 50 66 63 16
Apartado n.º 1019 - 4101 Porto Codex
Telex n.º 23456 GUIAO P

SUB-DELEGAÇÃO DE BRAGA
Av. João XXI n.º 553 4700 Braga
Telefone 2 71 73/4 Telex n.º 32259 GUIÃO P

DELEGAÇÃO DE COIMBRA
Rua Antonio José de Almeida n.º 214 - 2.º
3000 Coimbra Telefone 2 28 69 / 2 30 02
Apartado n.º 2014 Telex n.º 52200 GUIAO P

DELEGAÇÃO DE TOMAR
Rua Dr. Joaquim Ribeiro n.º 7 - 2.º Esq.º
2300 Tomar Telefone 3 21 84
Apartado n.º 113 - 2302 Tomar Codex
Telex n.º 42318 GUIAOT P

DELEGAÇÃO DE FARO
Largo do Carmo Edificio O Seu Cafe 10.º Letra D
8000 Faro Telefone 2 82 50
Apartado n.º 271 8003 Faro Codex
Telex n.º 56569 GUIAO P

Não há o mínimo de condições de trabalho

Julgamento do caso PRP adiado pelo incêndio em S. João Novo

Os juízes do Tribunal Criminal do Porto decidiram adiar para data posterior a audiência marcada para hoje do processo do «Caso PRP» em que deviam ser ouvidos como réus Isabel do Carmo e Carlos Antunes.

O processo (255/80) encontra-se no Primeiro Juízo Criminal, segunda secção, do Tribunal de S. João Novo, edifício onde se encontra também instalado o Tribunal Correccional do Porto.

A decisão de adiar «sinedie» o julgamento foi tomada pelos juízes na sequência do recente incêndio que ocorreu no edifício do tribunal. O fogo destruiu grande parte das instalações e também os arquivos e outra documentação ali guardada.

O escrivão Pinho Barreiro disse que apesar do «dossier» do processo «caso PRP» se encontrar intacto o Tribunal já decidira atender apenas os casos mais urgentes por considerar «não existir o mínimo de condições de trabalho».

Precisou ainda que os magistrados do Ministério Público junto dos Tribunais Criminal e Correccional entenderam «por conveniente suspender toda a actividade processual, com excepção do urgente relativo aos presos, sem prejuízo das diligências que estão a ser desenvolvidas na inventariação dos danos causados pelo incêndio».

Uma exposição, subscrita por 14 magistrados do Ministério Público que exercem funções naquele tribunal, foi enviada à Procuradoria-Geral da República, através da Procuradoria-Geral Distrital, e ao ministro da Justiça, entre outras entidades.

Impossível fazer julgamentos

No documento, aprovado por unanimidade, os magistrados alertaram o ministro da Justiça para o facto de nas condições actuais, e até ser encontrada uma solução adequada, não ser possível proceder aos julgamentos já designados.

Os juízes daquele Tribunal estão a estudar todos os aspectos relativos à destruição de processos de réus actualmente presos, face ao rigor da lei tocante ao cumprimento dos prazos de prisão preventiva.

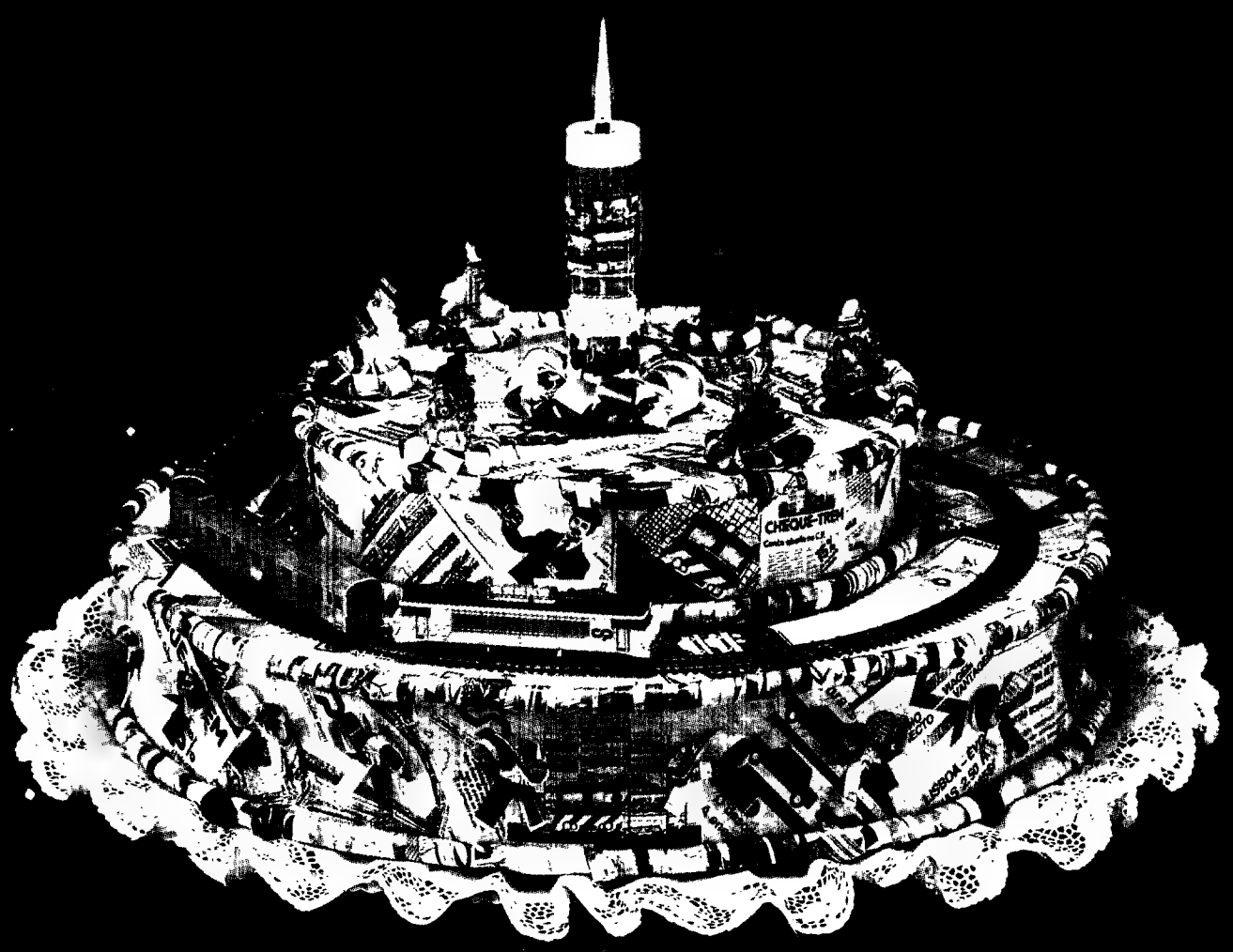
Os magistrados enviaram cópias da exposição ao Conselho Superior de Magistratura e ao Sindicato dos Magistrados Judiciais, enquanto que os escrivões dos Primeiro, Segundo e Terceiros Juízes Correccionais remeteram ao Conselho Superior de Magistratura um abaixo-assinado em que contestam a hipótese aventada pelo presidente do Tribunal da Relação do Porto de fazer distribuir pelos três juízos os processos antes destinados aos Segundo e Quarto Juízes, os mais afectados pelo fogo.

Os escrivões consideram que isso iria causar «perturbações de toda a ordem» e defendem que «toda a distribuição deve ser suspensa, com a exclusão dos processos, providenciando-se a instalação, o mais breve possível, dos juízos, a fim de permitir as obras no edifício e criar condições de trabalho eficazes».

Carlos Antunes e Isabel do Carmo: mais uma demora no julgamento do «caso PRP»

CAMINHOS DE DIÁLOGO SÃO VIAS DE COMUNICAÇÃO.
HOJE, O COMBOIO SAÚDA A PALAVRA.

Fazer anos é uma festa. Festa duplamente merecida por quem optou por uma vida inteira dedicada à causa da aproximação entre os portugueses. Parabéns a Vocês!
É com o máximo orgulho que os Caminhos de Ferro Portugueses transportam diariamente para todo o País largos milhares de exemplares das mais diversas publicações nacionais.
Ajudando desta forma a levar a palavra mais longe, percorrendo caminhos de comunicação, promovendo a via do diálogo.
É, por isso, com todo o prazer que, hoje,
o comboio saúda a palavra.



Caminhos de Ferro Portugueses
Comboio, a opção viva.

MAI promete ajudar os bombeiros

O ministro da Administração Interna, Eurico de Melo, afirmou em Viseu que o actual governo vai implementar várias medidas para apoio à acção dos bombeiros de Portugal, apesar dos recursos financeiros escassos de que dispõe. O apoio previsto passa pelo auxílio financeiro para a construção de novas sedes e quartéis e a dotação de meios institucionais e materiais adequados ao combate dos fogos florestais.

Eurico de Melo falava ontem na sessão solene que assinalava as comemorações oficiais do primeiro centenário dos Bombeiros Voluntários de Viseu, ocorrido em 25 de Março último.

O titular da pasta da Administração Interna presidiu, entretanto, à entrega das insígnias da ordem de benemerência atribuídas àquela instituição humanitária pelo Presidente da República.

A Associação Viseense de Bombeiros Voluntários foi igualmente distinguida com o «crachat» de ouro atribuído à corporação pelo conselho administrativo da Liga dos Bombeiros Portugueses.

O ministro da Administração Interna manifestou um testemunho público de louvor pela prestimosa acção desenvolvida pela corporação durante a sua longa existência «e exemplar espírito de humanitarismo e dedicação demonstrado em todas as suas actividades».

Além de Eurico de Melo, estavam presentes à sessão comemorativa, o general Lopes Cavalheiro, em representação do Presidente da República, o secretário de Estado Adjunto do Ministro de Estado, os presidentes do Serviço Nacional de Bombeiros e Liga dos Bombeiros Portugueses, Inspector Regional de Bombeiros da Zona Centro, Governador Civil e Bispo de Viseu, entre outras entidades civis e militares.

Para assinalar o centenário, a direcção dos bombeiros de Viseu mandou cunhar uma medalha comemorativa, na qual é invocado o fundador da corporação, Casimiro de Almeida, e procedeu ao lançamento de um livro alusivo ao centenário.

Uma missa solene, presidida pelo Bispo de Viseu, um desfile, apeado e motorizado das corporações presentes, um almoço de convívio e a benção de uma nova ambulância e de uma viatura de todo o terreno fizeram igualmente parte das comemorações que se vão estender até ao próximo dia 11 de Abril.

Morreu o escultor Cabral Antunes

O escultor conimbricense Cabral Antunes faleceu ontem numa enfermaria dos Hospitais da Universidade de Coimbra, vítima de prolongada doença.

Cabral Antunes, que contava 70 anos de idade, notabilizou-se em escultura e medalhística e era considerado um dos melhores escultores portugueses.

Em Dezembro do ano transacto a Câmara Municipal de Coimbra atribuiu-lhe a medalha de ouro da cidade e naquele mesmo mês, no dia 13, o ex-Presidente da República, Ramalho Eanes, deslocou-se à sua residência impondo-lhe as insígnias de oficial da ordem Militar de Santiago da Espada.

Cabral Antunes é autor, entre outras obras, das estátuas Heróis do Ultramar e de João Paulo II, ambas em Coimbra.

Depois de ter sido operado à prostata, há cerca de um ano, Cabral Antunes recuperou satisfatoriamente, mas uma recaída brusca há quinze dias culminou com a sua morte às 7h00 na enfermaria de Medicina 1 onde se encontrava internado.

O funeral de Cabral Antunes realiza-se esta tarde da Igreja de Nossa Senhora de Lurdes para o cemitério da Conchada, em Coimbra.

Hoje é o Dia Mundial da Saúde

Só 20 por cento das doenças são tratadas nos hospitais

O Dia Mundial da Saúde que hoje se comemora aviva a atenção dos portugueses para os inúmeros problemas e dificuldades que se lhes deparam neste sector, dos menos «privilegiados» no Orçamento do Estado para este ano. De imediato emergem, a nível hospitalar, entre outros «casos», os do abandono a que está votado o Hospital de Alcochete e provável aproveitamento do antigo Hospital da Misericórdia de Viana do Castelo, onde poderá vir a ser instalada uma estalagem.

O Dia Mundial da Saúde que hoje se comemora aviva a atenção dos portugueses para os inúmeros problemas e dificuldades que se lhes deparam neste sector, dos menos «privilegiados» no Orçamento de Estado para este ano. De imediato emergem, a nível hospitalar, entre outros «casos», os do abandono a que está votado o Hospital de Alcochete e provável aproveitamento do antigo Hospital da Misericórdia de Viana do Castelo, onde poderá vir a ser instalada uma estalagem.

Isto acontece num país que minimamente corresponde ao nível da assistência que se constata nos países da CEE. Diz entretanto a Organização Mundial de Saúde que apenas 15 a 20 por cento das doenças são tratadas nos hospitais, sendo as restantes curadas pelos próprios doentes. Hoje comemora-se o Dia Mundial da Saúde e a OMS propõe como tema «Viver com Saúde: todos ganhamos.» Em Portugal as comemorações estão a cargo das direcções-gerais dos Cuidados de Saúde Primários e dos Desportos e Serviços Locais de Saúde.

O facto da maioria das doenças poder ser tratada pelo próprio, refere a OMS, «não é muito reconhecido, porque na visão generalizada da medicina moderna o tratamento da crise é mais importante que a sua prevenção». Todavia, tanto os indivíduos como as comunidades podem (e devem) tomar medidas positivas para promover a sua própria saúde. «É tempo de tomar decisões acertadas para viver a vida de uma forma saudável», preconiza ainda a OMS a propósito do dia de hoje.

Administrar melhor os meios da saúde

A ministra da Saúde propôs ontem em Faro que os meios de que dispomos para a saúde sejam melhor administrados. Leonor Beleza disse concretamente ser «possível, com os recursos que temos, melhorar a assistência às populações, porque nem sempre o dinheiro é muito bem gasto».

A titular da Saúde sublinhou o subaproveitamento de alguns serviços hospitalares, designadamente os blocos operatórios que, em sua opinião, «funcionam apenas durante uma parte excessivamente pequena do dia em muitos hospitais». No mesmo sentido, Beleza referiu-se à questão das listas de espera para consultas e intervenções cirúrgicas nos hospitais, afirmando que «estão a ser tomadas medidas com vista à resolução do problema».

Beleza disse ainda, a encerrar o seminário «Região Administrativa do Algarve — Repensar a Saúde», que «não é claro para ninguém o que é hoje o Serviço Nacional de Saúde» e citou a própria Constituição, em que os direitos do cidadão sobre a saúde são expressamente acautelados. O pagamento desses cuidados (de saúde) «não está ao alcance dos cidadãos, mesmo de muitos que têm um nível razoável de vida», acrescentou.

Entretanto, sobre o Hospital de Faro, que funciona como central, é subsidiado como distrital e presta também cuidados a nível concelhio, referiu no mesmo seminário o médico Siracusa Leal. O orador realçou algumas das prioridades do HDF (Hospital Distrital de Faro), entre elas dotar o Barlavento com um hospital semelhante ao que existe no Sotavento e dotar todos os centros de saúde com unidades de internamento devidamente apetrechadas e com atendimento permanente.

Por outro lado, nas Jornadas de Actualização Médico-Cirúrgica da Zona Centro, que decorreram em Coimbra entre quinta-feira e domingo, com metabólico e traumático, intoxicações, trombo-embolias, arritmias, depressões, síndroma de enfisema e bronquite, traumatismos toráxicos e abdominais, toxidermias, traumatismos cranianos e cefaleias foram alguns temas tratados. Destinatários: os jovens médicos do internato geral e clínicos gerais.

Para haver saúde é preciso... reduzir a doença ao que é inevitável

Casa da Imprensa em dificuldades financeiras

A Casa da Imprensa decidiu suspender de imediato as inscrições de novos sócios devido às dificuldades financeiras com que se defronta.

Efectivamente, a Casa da Imprensa diz recear que os encargos de saúde orçamentados para sete ano se tornem incomportáveis, uma vez que o défice previsto para este ano é de quatro mil contos.

A Casa da Imprensa considera que a assistência que actualmente presta a cerca de 550 jornalistas e seus familiares «esgota a sua capacidade de resposta em matéria de concessão de benefícios na área da complementaridade das prestações do esquema da acção médico-social».

Para os dirigentes da Casa da Imprensa, um dos principais factores responsáveis pelas actuais dificuldades financeiras é o facto de a Administração Regional de Saúde continuar a reembolsar as consultas médicas pelas tabelas que se mantêm em vigor desde há 15 anos.

FEIRA POPULAR DE LISBOA

Resistir a uma morte anunciada

Nuno Ribeiro

Fotos de Rui Pacheco

Espelho da realidade do País, o único parque de diversões de Lisboa está instalado provisoriamente... há 26 anos, junto a Entrecampos. Mais de duas décadas de existência criaram o hábito, e hoje, quando a sua morte é anunciada, todas as noites se celebra a resistência.

«Senhores Feirantes, faltam cinco minutos para as 19 horas, para a abertura da Feira.» Todos os fins de tarde, a instalação sonora dá o sinal horário próprio, o aviso a que corresponde a azáfama da retirada dos taipais, as afinações de última hora, o aprontar das mesas.

Espaços de convívio diferentes vão sendo preparados numa operação mecânica, com os olhos postos na frequência da rua, nos grupos que cruzam o recinto, na teimosia das crianças em dia reivindicativo. De semana, o movimento não tem a amplitude e o colorido das noites de sexta-feira, do bulício do sábado ou da agitação de domingo. Mas, mesmo assim, de Abril a Outubro, todas as esperanças são legítimas. E, às portas dos restaurantes e tascas, junto às barracas de tiro, nos degraus dos carrocéis, sucedem-se as frases convidativas, os gestos de incitamento, o sorriso anfitrião.

Mais raros são os pregões, que não resistiram à passagem das gerações, à época de consumo vivida há uma década e ao controlo da poluição sonora. Mas, de qualquer sinal de interesse, a mais pequena hesitação do visitante, traduz-se, imediatamente, no reforço do convite, no desafio.

Um mundo diferente em cinco hectares

«Penso que este é o penúltimo ano da Feira Popular.» Quem o afirma é Fernando Garcia que, desde Março de 1984, é director da Feira Popular de Lisboa. A razão desta posição não se prende apenas com os últimos desenvolvimentos verificados com o Luna Park, que pretende explorar em regime de monopólio tal tipo de divertimento em Lisboa, mas com a localização da área. «Perdi a minha guerra», admite, mas não resignado alerta: «Quando se pensa na situação geográfica deste espaço, encontra-se qualquer construtor civil interessado.»

Na hora de um balanço triste, Fernando Garcia refere que «este processo tem estado a ser conduzido de uma forma envie-

Uma visita à selva, no convite de um abraço de um gorila que escorre tinta vermelha de sangue

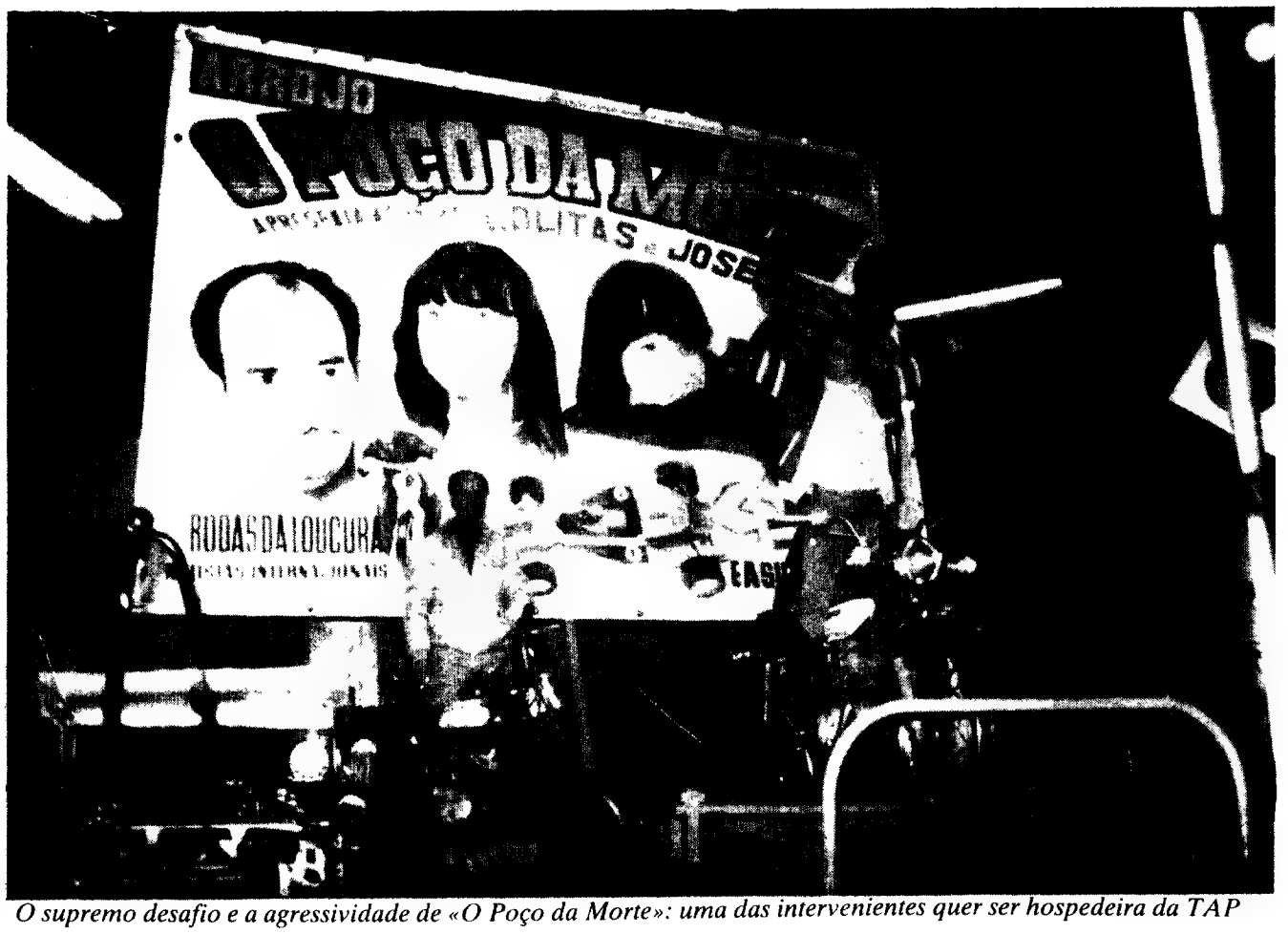
Uma panóplia de luz e movimento: um mundo diferente em cinco hectares

zada». «Em 1980», interroga, «a Assembleia Municipal chamada a pronunciar-se sobre o Luna Park, não deveria ter considerado a hipótese de ser a Câmara Municipal de Lisboa a adquirir a Feira e a Colónia?» A pergunta não fica sem resposta: «Este é um espaço demasiado importante para a população de Lisboa, para que se tome uma decisão sem ouvir os representantes da população.» A mágoa deste homem vem do facto de «não ter sido dada à Feira Popular o direito de opção no lançamento do Luna Park», e de «como director da Feira e de alguma forma ligado ao PS, nunca ter sido ouvido pelos vereadores socialistas».

No primeiro dos casos, Fernando Garcia desenvolve o tema. «Deram o espaço ao Luna Park sem nos darem nada, e agora, voltaram a fazer o mesmo... as autoridades só se lembram de nós quando há uma cheia ou quando é preciso recolher retornados na Colónia Bainear.»

Das indiferenças do passado, segundo o «DL» apurou, consta também uma proposta da Secretaria de Estado da Comunicação Social, órgão da tutela da co-

Sardinhas expostas em cestas sobre uma alcatifa de legumes: o apelo à entrada



O supremo desafio e a agressividade de «O Poço da Morte»: uma das intervenientes quer ser hospedeira da TAP

missão liquidatária de «O Século», que previa a alienação dos bens da Colónia e da Feira Popular no sentido de preservar as duas instituições. Só que, segundo nos adiantaram as mesmas fontes, esta proposta que estava na posse do antigo provedor da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, João Gomes, nunca teve andamento.

Por tudo isto, o actual director da Feira Popular vê o futuro sombrio. «O Luna Park vai para a frente, não com o Jardim Zoológico, mas através de uma concessão a terceiros pela qual irá receber uma receita, pelo menos é o que presumo que irá acontecer.» «Com esta situação», prossegue Fernando Garcia, «fica inviabilizada a feira neste espaço e no concelho de Lisboa». No entanto, poderão existir algumas alternativas: «ou levamos o suficiente para implantar estruturas em territórios limítrofes, Loures ou Amadora, ou assumimos a concessão do Jardim Zoológico, mas tudo está dependente de quem assumir a posse da Feira e da Colónia Balnear.» São estas linhas, ainda muito pouco claras, que irão ditar o futuro de três mil postos de trabalho e de um mundo diferente, implantado em cinco hectares de terreno, 60 por cento do Ministério dos Transportes e o restante da Câmara. As grades de metal que o separam das Avenidas Novas marcam a fronteira entre o quotidiano e o sonho, o conformismo e a imaginação.

Um escape a baixo custo

A dicotomia estabelecida entre Feira Popular e Luna Park não advém, apenas, de ao segundo ter sido atribuída a exclusividade da exploração de um parque de diversões em Lisboa, ou de importar a designação de experiências estrangeiras.

Atento à clientela, o director da Feira Popular sublinha que «é a ex-classe média a grande frequentadora da Feira», e que já vão longe os passeios de domingo exclusivos «das sopeiras e dos magalas».

Um Luna Park faz sentido em camadas com um bom poder de compra; se um dia for reconstituída a classe média neste país, não tenho dúvidas de que a exploração é viável, mas enquanto existir a actual situação, a Feira Popular não é só viável, como imprescindível».

A argumentação, dirige-se para as considerações de ordem económica. «Os divertimentos que aqui temos foram comprados no tempo do dólar baixo, com bilhetes a 60 escudos», refere Fernando Garcia. «Quem os importar agora vai pagar mais de 50 mil contos, com bilhetes muito mais caros, o que inviabiliza toda a frequência popular da Feira.»

Apesar do cutelo pendente, e para demonstrar a validade do projecto, a Feira Popular de Lisboa tem sido sucessivamente melhorada.

O controlo da poluição sonora e dos cheiros, razões de queixa dos vizinhos, foi conseguido há três anos. «Foram impostas medidas e limitado o som próprio dos divertimentos, que apenas subsiste no 'Poço da Morte'. Pelo caminho ficaram os pregões, «o mais uma voltinha, mais uma viagem» estridente que arrebatava as crianças e engrossava as filas de espera.

Os cheiros, e qualquer feira tem uma multiplicidade de odores próprios, foram também combatidos. Os grelhadores colocados à porta que atraíam os clientes, foram escondidos para as cozinhas dotadas, obrigatoriamente, de um exaustor de fumos.

Para animar o recinto, do São Martinho ao dia de Reis, foram investidos, desde há dois anos, cerca de 16 mil contos na Brincolância, uma feira alternativa para crianças até aos 12 anos, cuja frequência corresponde a cinco por cento da feira de Verão. E, se no ano transacto, devido às condições atmosféricas, a Feira Popular teve a mais baixa frequência dos últimos três anos, com um total de três milhões de visitantes, metade dos quais adultos e a pagar, cada início de época renova a esperança. Quarenta divertimentos, 26 restaurantes, 16 tascas de petiscos e duas discotecas, com o comboio à porta, um terminal de metro, uma estação rodoviária, autocarros que cruzam a cidade e um parque de estacionamento constituem a panóplia de ofertas e as estruturas de apoio de um escape a baixo custo.

A «monarquia» serve à mesa

«Sou frequentador habitual da Feira Popular porque é um local onde nos sentimos bem, onde há uma certa alegria correspondente à alegria do povo português». À mesa de um dos restaurantes, seguindo a ementa «típica» da Feira, Carvalho Rodrigues faz um intervalo, deixando arrefecer no prato um pedaço de frango assado.

A Feira é, também, um mundo de comes e bebes, de sardinhas expostas em cestas sobre uma alcatifa verde de legumes, de frangos já barrados com o preparo cor-de-laranja, traduzido na ementa por piripiri, do pão feito à vista do cliente, recheado com fatias de chouriço.

Retirado o antigo modo de propaganda, o braseiro do carvão a torrar as carnes, o cheiro do cozinhado foi substituído pelo arranjo vistoso dos alimentos à porta da entrada, reforçado com cartazes e ardósias que dizem das excelências dos produtos.

A ementa típica, a sardinha e o frango assados, regados nas noites de calor por uma sangria anunciada em letras coloridas no triângulo de uma toalha de mesa de papel, tem sido, com o andar dos tempos, substituída por outros pratos. Mas, para os lisboetas, espécime cada vez mais saudosista das suas tradições, ir comer à Feira Popular significa, ainda, encomendar a dúzia de sardinhas e travar uma luta com as carnes dos frangos de aviário. Passear pelas ruas delimitadas pelos prazeres da mesa é, também, descobrir uma variedade de nomes e designações que, por vezes, desafiam a imaginação.

Que pensa o leitor que pode tragar no restaurante «A Nova Selva», na «Casa dos Bicos», fora do tempo da XVII Exposição, no «Solar Beirão», no «Oh! Martins», no vizinho «Oh! Hipólito», no «Vera Cruz»? Da lista, para além do tristemente trivial, lá estão as sardinhas e o frango, a par com especialidades anunciadas em letras garrafais, como um dos poucos javalis que ainda nos restam.

No entanto, existe a força da magia e, é frequente verem-se homens de negócios celebrarem mais-valias, casais de amores clandestinos trocarem olhares ternurentos, grupos de jovens dividirem as contas de um almoço de «uma para dois», soldados gastarem o escasso pré, bocas engorduradas e copos de alegria, com o corpo na Feira e a saudade na Terra.

Gambrinus e Baco têm aqui os seus devotos, nas mesas de madeira tosca e nos balcões pintados de cores garridas que anunciam as especialidades. Por ali ficam, almas solitárias, «galifões» em busca de sorte, criadas que querem ser servidas, a família operária em dia de folga, a raiva impotente da média burguesia despromovida.

Continua na pág. 24

Colónia de "O Século" interessa a hoteleiros

Indissociavelmente ligado ao futuro da Feira Popular de Lisboa está a Colónia Balnear Infantil de «O Seculo», que recebe do parque de diversões as suas únicas dotações orçamentais para poder continuar a desenvolver a sua obra. E, tal como no caso da Feira, a cuja morte anunciada muitos atribuem interesses imobiliários, os oito hectares de que dispõe a colónia balnear da Parede não terão deixado indiferentes alguns interesses hoteleiros da área.

«A colónia balnear sobrevive apenas de uma única dotação dada pela Feira Popular de Lisboa que, em 1985, foi de 26 mil e 500 contos, uma dotação que é insuficiente para o projecto que já está aprovado pela actual gestão e que tem a ver com o aproveitamento total das potencialidades da instituição», explica ao «DL», Carlos Lérias, director há ano e meio da Colónia.

Se, no ano transacto, a verba carreada para a manutenção da instituição, que já tem 49 anos de vida, é considerada insuficiente, os planos existentes, alguns deles já postos em prática, pretendem assegurar uma diversidade de utilizações. «Na época balnear do ano passado recebemos mil e duzentas crianças de todo o País, com predominância das zonas rurais, e este ano, para além desta actividade, temos a Colónia já a funcionar como Pousada de Juventude, com a passagem de vários jovens estudantes estrangeiros, e com actividades de tempos livres», revela Carlos Lérias.

No entanto, o cutelo que paira sobre o destino do parque de diversões de Entrecampos ameaça tirar significado ao planeamento. «As instalações da colónia balnear deviam servir os interesses que João Pereira da Rosa lhe deu, trata-se de um bem social que não abunda neste País, e seria um crime que fosse destruído».

A opinião do director fundamenta-se, igualmente, em razões de ordem social, comuns às alegadas em defesa da Feira Popular de Lisboa. «Na minha perspectiva não se devia pôr a hipótese do fim da Feira e da Colónia, porque penso que o Luna Park não substitui a Feira por razões de frequência popular, e porque a colónia se devia manter ligada à Feira para ter um suporte financeiro».

Este suporte, como adianta, é de grande importância, pois as instalações da Parede têm servido para albergar desalojados das cheias e retornados o que, como sublinha Carlos Lérias, não deixa de ser uma situação curiosa: «nós prestamos solidariedade social, designadamente aos organismos oficiais, e não recebemos em troca qualquer colaboração».

Mas, a três meses da abertura de mais uma época, com o futuro do seu «cofre» comprometido, e lamentando que a proposta da Secretaria de Estado da Comunicação Social prevendo a alienação dos bens das duas instituições no sentido de as preservar não tivesse tido seguimento junto da Santa Casa da Misericórdia, Carlos Lérias é peremptório. «Há interesses particulares na aquisição da instituição, designadamente de hoteleiros da área, pois estão em jogo, naquela zona, oito hectares de terreno».

Seria uma terrível ironia que a Colónia que mantém na Feira Popular o único divertimento não pago, fosse mercantilizada em nome do turismo...

Há uma "monarquia" em Entrecampos

Continuação da pág. 23

Para atraí-los um vasto número de opções, consoante as posses, os gostos e os desejos. Da ementa típica à especialidade alemã, do bacalhau ao novo conviva que dá pelo nome de «hamburger», do «miau», bifana que se distingue das outras por ser grelhada e ter como identificação mais de 20 anos de bilhete de identidade, à pizza. Sabores tradicionais e recentes, numa mescla que segue as leis da oferta e da procura, a moda e, singularmente, a resistência da tradição.

E, há sempre a hipótese de ter «reis» a servir à mesa, tal a densidade dos cognomes que distinguem muitas das casas. Dos pastéis de nata aos caracóis, dos frangos aos hamburgers, a monarquia, «eleita» por antiguidade, pincel rápido ou imaginação pouco fértil, ali está, sorridente, rápida no serviço, incrédula quando lhe pedem uma factura, habituada que está às somas que dispensam o rigor do papel quadriculado.

Uma girafa com camuflado

Para rebater, lá estão as ginginhas, e o resquício colonial do «Café dos Pretos», espaço entricheirado numa paliçada, com chapéus-de-sol cobertos por folhas secas de palmeiras. Para os gulosos, a sorte pode ditar qual o chocolate que vão comer, e as crianças têm direito ao algodão doce, fabricado à vista por insistentes vendedores, mais atentas à psicologia infantil que muitos doutorados.

«Viemos por causa da miúda», explica ao repórter Rui Malheiros, olhando para a filha, pouco depois da abertura, quando o movimento era ainda escasso. «Quanto penso gastar? Ela não é muito exigente, porque não gosta de coisas arriscadas».

O desafio, a vertigem da velocidade, a surpresa do desconhecido, o risco calculado na dança com a força da gravidade, fazem parte do jogo.

Uma certa agressividade paira no ar quando, na oval de Indianápolis os monolugares de cores variadas, fazem sair do estrado o brilho da electricidade. Cada curva é percorrida com o pé bem assente no único pedal, momento privilegiado de ultrapassagens de um Grande Prémio de poucos minutos, iniciado com os samáforos dos circuitos e interrompido pelo som de uma corneta e... falta de corrente, em vez da bandeira de xadrez. A mesma agressividade vive-se ali ao lado, no soco à bola, por cinco escudos, um método económico de cobrar vinganças clandestinas, na vertigem da velocidade da montanha russa, com as suas subidas de lesma e as descidas em ritmo vivo, na admiração dos efeitos do «Poço da Morte», desafio às leis da gravidade e, como o nome sublinha, perigo iminente para a vida. Aqui as irmãs Lolitas e Joselitas são figuras de proa, em equilíbrios instáveis com o aliciante do roncar dos motores.

A emoção de uma viagem nas saias de uma bailarina: o desafio às leis da física sustentado por um braço metálico

«Não tenho medo», confidencia Lígia, 13 anos, que anda na moto atrás do pai. «O ano passado caí, arranhei-me no joelho, mas gosto de fazer isto porque é a minha profissão e tenho que ajudar o meu pai». A heroína, repetidas vezes anunciada pela instalação sonora, tem desejos comuns: gostava de ser hospedeira da TAP, porque gosto muito de as ver servirem no ar». Até esse dia, a sua vida reparte-se pela escola e pelo trabalho no poço anunciado por um «prezado ouvinte, aí apenas consegue ver cartazes e propaganda». O convite fica feito. Agressividade existe, também, nos tiros a alvos, sejam as fitas que seguram as tampas de caixas que dão direito a prémios, ou a bola de ping-pong que, pelo impulso de um repuxo de água, dança traiçoeira em frente das miras de pressão de ar.

«Estou na Feira desde que ela abriu, em Palhavã», conta uma das feirantes históricas, Beatriz Vaz, da geração dos que nasceram ao som do pregão «oh freguês vai um tirinho» e que teve berço numa feira ocasional, na Parede. «Os tiros começaram a dez tostões», recorda, enquanto recolhe a moeda de 25 escudos que hoje dá direito ao exercício de gatilho e que, caso seja bem sucedido, tem como recompensa uma garrafa de ginja, licor ou aniz de rótulo debotado pelo tempo e a má pontaria.

Mas a Feira é também o grotesco, o incrível. E, para os ávidos do sensacionalismo, letras azuis sobre um cartaz branco anunciam a presença da cadela-macaca, do carneiro-cabra, da vaca de cinco membros, da vitela com duas cabeças e do cão com dois corpos e seis membros.

No presente pode-se saber o futuro e a «sina electrónica» é garante de longevidade, como longo é o percurso do «kitsch» Portugal dos Pequeninos, com «usos e costumes do Minho ao Algarve» mas onde faltam as necessárias adaptações ao tempo presente. Como a animação dos «homens sem rosto», inimigos da gasolina a preços mais baixos.

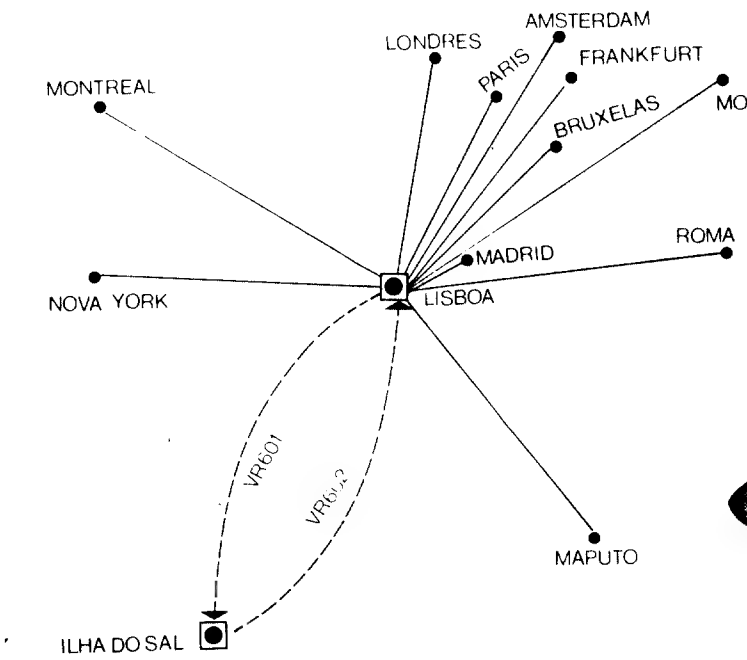
Nos carrosséis cavalos de cores garridas e girafas pintadas com camuflados militares, desfilam lentamente, como lento é o rodar do carro de bombeiros pejado de miúdos.

É assim todas as noites, quando os frequentadores dão corpo à resistência e os feirantes se recusam a admitir, como inevitável, uma morte anunciada.

TACV

TRANSPORTES AÉREOS DE CABO VERDE

1º ANIVERSÁRIO DO LANÇAMENTO DA LINHA



ILHA DO SAL
LISBOA
ILHA DO SAL

5 DE ABRIL DE 1985 • 5 DE ABRIL DE 1986

UTILIZANDO O NOSSO VOO SEMANAL ÀS SEXTAS-FEIRAS, EM DC 10, SERVIDO POR: F-1ª CLASSE, C- EXECUTIVA, Y- ECONÓMICA, VIAJE PARA QUALQUER PONTO DO MUNDO.

AGRADECEMOS A SUA PREFERÊNCIA PELO NOSSO VOO. CONTUDO, LEMBRAMOS QUE ESTE 1º ANIVERSÁRIO, SÓ SE TORNOU POSSÍVEL PELA BOA QUALIDADE DOS NOSSOS SERVIÇOS. AGUARDAMOS O SEU CONTACTO.

R. Joaquim A. Aguiar 69-B 1000 LISBOA Telef. 65 61 18/9 Telex 16713 DETA P.

TRIBUNAL JUDICIAL

DO

SEIXAL

ANÚNCIO

Pelo 1 º Juízo da 1.ª Secção deste Tribunal e na Acção Especial de Despejo n.º 44/85 que o Autor José Joaquim Fernandes de Oliveira, casado, emigrante em França, move aos Réus Abdul Vahide Daud, solteiro, comerciante e que teve a sua última residência conhecida no andar 9.º, Letra A, Bloco C 26 — Rua Bernardo Santareno Miratejo – Corroios, desta comarca e Mohamed Arif Mohamad e Mansur Ali Abib, que tiveram a sua última residência conhecida na Avenida Almirante Reis, n.º 80-2 º e 3.º em Lisboa, são estes por este meio citados, para comparecerem neste Tribunal no dia **21 de Abril às 12 h** a fim de intervirem na tentativa de conciliação a realizar nos autos acima referidos, podendo fazer se representar por mandatário com poderes especiais para transigir e ainda, para no caso da tentativa se frustrar, contestarem, querendo, no prazo de 10 dias, finda que seja a dilação de 30 dias e que começa a contar da data designada para a referida tentativa, sob pena de que a falta de contestação, importa na condenação no pedido formulado pelo autor e que consiste na entrega do 9.º andar, letra A do Bloco C 26 em Miratejo - Corroios, desta comarca, ao Autor

Seixal, 19 de Março de 1986
O Juiz de Direito Auxiliar
(assinatura ilegível)
O Escrivão
(assinatura ilegível)

D.L. 7/4/86 — 1.ª Pub

Na reunião da Câmara de Lisboa

PPM apresenta plano para regular a construção

O PPM apresenta hoje na Câmara Municipal de Lisboa uma proposta que faz depender o volume e tipo de construção autorizada da zona da cidade onde se insere e da dimensão de área pública livre num raio de 300 metros.

A proposta será apresentada pelo arquitecto Ribeiro Teles e defende a divisão de Lisboa em quatro áreas, estabelece para cada uma delas normas de construção diferentes e limita a área de construção possível em novos edifícios em função da área pública livre num raio de 300 metros.

Trata-se da primeira proposta de regulamentação de construção e de recuperação urbanística de Lisboa e, a ser aprovada, constituirá a primeira figura legislativa de ordenamento e planeamento de construção na capital.

Segundo Ribeiro Teles esta proposta visa substituir o Plano Director de Lisboa, aprovado em 1976, e que na sua opinião «se encontra desactualizado e não constitui figura legislativa de ordenamento e planeamento».

De acordo com a proposta a apresentar pelo PPM, e a que a agência NP teve acesso, Lisboa ficaria dividida na zona histórico-monumental, na zona histórico-contemporânea, na zona de extensão urbana e no parque periférico.

As normas mais rígidas, tendo em conta a necessidade «de pôr cobro à forma indiscriminada como se processam a expansão urbana no concelho de Lisboa e as transformações urbanísticas nas áreas históricas da cidade» aplicam-se às duas primeiras zonas.

Para Ribeiro Teles, a zona histórico-monumental abrange toda a zona ribeirinha da cidade, desde Belém até ao Poço do Bispo, incluindo ainda toda a Baixa, Ajuda, Rato, Avenida da Liberdade e Parque, Alfama, Mouraria, Castelo, Bairro Alto e Graça.

A zona histórico-contemporânea abrangeria a zona do Parque de Monsanto, de Campolide e Campo de Ourique, Avenidas Novas e Alvalade.

Na zona histórico-monumental, segundo a proposta do PPM, só seria permitido construir com limitação da profundidade do lote, manutenção de espaços abertos sobre a área pública e com a limitação de que a cada metro quadrado de área pública livre (com exclusão de vias de circulação, placas de estacionamento e jardins públicos) nu raio de 300 metros, correspondam apenas cinco metros quadrados de piso construído.

Nesta zona, os edifícios seriam prioritariamente destinados à utilização habitacional, pequenos escritórios e comércio, oficinas artesanais e indústria não poluente, sedes de sociedades e associações de índole social, recreativa e cultural. O estacionamento seria efectuado através de construção de silos.

Para a zona histórico-contemporânea, destinada à habitação, escritórios e comércio, o limite volumétrico para novas construções seria de quatro metros quadrados de piso construído por metro quadrado de área pública livre num raio de 300 metros.

Para a zona de expansão propõe-se uma densidade geral máxima de 180 habitantes por hectare, um espaço verde integrado de 10 metros quadrados por hectare e um espaço verde complementar de 25 metros quadrados por hectare. Esta zona seria destinada à habitação, escritórios, serviços e indústria.

Quanto ao parque periférico, a proposta contém normas para a urbanização da Quinta da Granja, Paço do Lumiar, Ameixoeira e Charneca. Esta seria uma zona destinada a habitação e lazer.

PSD ganha em Ervedosa do Douro

O social-democrata Joaquim da Costa Santos é o novo presidente da Junta de Freguesia de Ervedosa do Douro, no concelho de São João da Pesqueira, em resultado das eleições ontem realizadas.

Um mês após as eleições autárquicas de 15 de Dezembro, em que o PSD venceu as eleições para a Assembleia de Freguesia de Ervedosa do Douro, que ficou com cinco elementos do PSD e quatro do PS, os socialistas demitiram-se, obrigando à realização de novo acto eleitoral.

O PSD — único partido concorrente — venceu as eleiçãoes de ontem com 352 votos, para as quais estavam inscritos 1243 eleitores e votaram 378, registando-se 14 votos brancos e 12 nulos.

Iluminação preocupa Junta dos Olivais (Coimbra)

A Junta de Freguesia de Santo António dos Olivais, de Coimbra, deliberou alertar a EDP para as vantagens de reposição das muitas portinholas roubadas dos postes de iluminação.

A falta desses elementos protectores constitui um perigo para quem viola ou manipula a instalação pelo que a autarquia recomendou «o estudo de um melhor sistema que evite os constantes e facilitados roubos das portinholas».

A reposição, pelos transportes municipalizados, da carreira número 8, a título experimental a partir de hoje foi saudada pela Junta de Freguesia como manifestação» da eficiência demonstrada pelos SMASC».

Na reunião foi feito o balanço, cosiderado positivo, das recentes tentativas da autarquia junto da Câmara Municipal para solocionar alguns porblemas de higiene de saneamento. A junta deliberou ainda atribuir subsídios ao Olivais Futebol Clube, Casa do Povo de S. Paulo de Frades, Centro de Diá de S. José e Secção de Pesca do Clube Recreativo do Calhabé.

RELAÇÕES PUBLICAS

UMA VELHA ASPIRAÇÃO QUE VAI TORNAR-SE REALIDADE

PASSAGEM DESNIVELADA

A obra da passagem desnivelada da Rua Miguel Bombarda é constituída pela obra de arte, arruamento alternativo, electrificação, drenagem do piso inferior, alterações às canalizações de água e esgotos, descarregador de tempestade e canalizações complementares e emissário pluvial. Para além de outras obras não previstas, mas que em sequência das obras em curso consideram-se fundamentais (ver nota de acções desenvolvidas).

A obra teve o seu início no dia 5 de Março de 1985, prevendo-se que a sua duração seria de 9 meses. No entanto, face a elementos existentes no subsolo e algumas alterações pontuais do projecto, prevê-se uma dilatação do prazo da obra, de 3 meses, estando prevista a sua conclusão em Abril de 1986.

Inicialmente previa-se o custo da obra em 140 mil contos. No entanto as acções já realizadas permitem prever custos suplementares na ordem dos 55 500 contos.

Os trabalhos em curso dão-nos uma certeza, o Barreiro vai ter concretizado um velho sonho da população e eliminar um dos mais cruciais problemas de trânsito no concelho.

Continuaremos a trabalhar para transformar a cidade e construir o futuro.

Departamento de informação e relações públicas.

informação

CÂMARA MUNICIPAL DO BARREIRO

Estamos onde está o sol

Há um quarto de século que recebemos o turismo de todo o mundo e isso tem uma razão.
Somos um grupo de empresas, na rota mais ocidental do sol europeu, na qual fizemos convergir os melhores argumentos turísticos: eficiência empresarial, estratégia de desenvolvimento.

Hotel Guincho ★★★★★ · CASINO ESTORIL · HOTEL ESTORIL-SOL ★★★★★ · TAMARIZ · GOLF ESTORIL-SOL

ESTORIL SOL

Criamos Horizontes, Construímos Futuro

Embaixador de Espanha assistiu à demonstração

Cavalos de Alta Escola de Alter arroubaram veterinários ibéricos

O embaixador de Espanha em Portugal, Gabriel Ferrán Alfaro, assistiu em Queluz à demonstração de cavalos Alter Real em Alta Escola, feita no picadeiro do novo Palácio, para os congressistas da XXIV reunião das Autoridades Veterinárias de Portugal e Espanha.

Em Portugal, ja agora, existem raízes profundas e um saber acumulado em muitos séculos na criação de cavalos e na «ensinança de bem cavalgar», foi referido durante a exibição. Esta dupla experiência apoia-se, hoje, no que se refere ao ensino superior, na Escola Portuguesa de Arte Equestre. No que diz respeito ao cavalo, mantém-se a preferência pelo Lusitano «Alter Real».

Em 1917 surgiu um decreto que estabeleceu, em termos oficiais, a Escola Portuguesa de Arte Equestre, fixando-a ao que é actualmente o serviço nacional coudélico, do Ministério da Agricultura e Pescas.

À Escola Portuguesa de Arte Equestre é definido o objectivo de conservar as características da equitação, tal como era praticada na antiga Academia Real (também conhecida por Picaria Real), extinta pelos invasores franceses, retomá-la em moldes científicos actualizados e divulgar os resultados desse trabalho.

Provisoriamente, a escola está localizada no Campo Grande, em Lisboa, nas instalações da Sociedade Hípica Portuguesa.

«A liberal e nobre arte de cavaleria», no dizer do celebrado tratadista do Século XVIII, Manuel Carlos de Andrade, revive hoje em Portugal.

Após um longo eclipse, resultante da extinção da Picaria Real no século passado, os esforços de alguns denodados amadores permitem reatar uma tradição que apenas pelo toureiro equestre de algum modo se mantinha.

Pode-se, assim, assistir de novo aos belos exercícios, ao manejo exímio da montada pelo seu cavaleiro, ambos confundidos numa forma superior de equilíbrio e de exaltação.

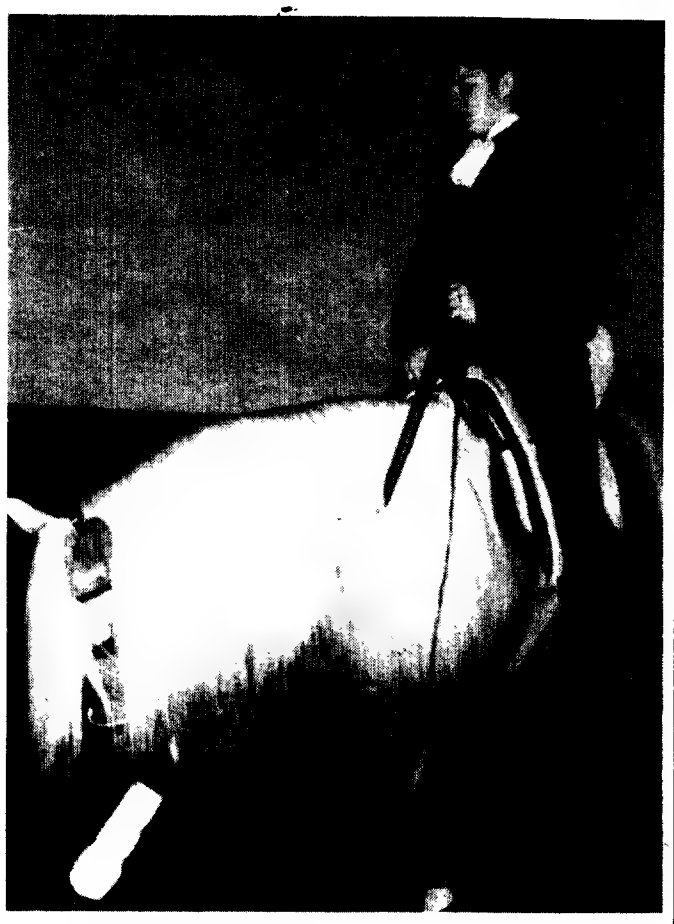
Os cavalos Alter Real em Alta Escola executam o trabalho à vara destinado ao ensino dos ares altos. O exercício preparatório e o **piaffer**, trote no mesmo terreno com elevação e cadência.

O exercício de ares altos consta da cabriola, o cavalo, elevando-se, no ar, distende energicamente os posteriores, planando um momento na atitude do cavalo alado. Na levada, o cavalo, flectindo graciosamente os membros, permanece uns momentos, na altitude que se vê em tantas estátuas equestres.

Estes são alguns dos exercícios que os Alter Real fazem em Alta Escola. São apenas dois deles. A escola, todavia, inclui cerca de duas dezenas.

A Escola Portuguesa de Arte Equestre tem a direcção de Guilherme Borba e é constituída pelos mestres-picadores Guilherme Borba e José de Athayde, e picadores Filipe Figueiredo (Graciosa), Luís Valença e J. Trigueiros de Aragão.

A escola vai exibir-se a Nînes (França) em 14 e 16 de Maio, Canes, 23 a 25, em Londres, em 2 de Junho.



Luísa Valença: bem se pode dizer desta filha de Luís Valença, que filha de artista (a cavalo) sabe montar...

MINISTÉRIO DO TRABALHO E SEGURANÇA SOCIAL

Novas medidas incentivadoras do pagamento das contribuições em atraso à Segurança Social e ao Fundo de Desemprego

DECRETO - LEI n.º 20-D/86 de 13 de Fevereiro

Medidas excepcionais para permitir a regularização das dívidas acumuladas até 31 de Dezembro de 1985

Permitem:

Dispensa de Juros de Mora se pagar a totalidade da dívida até 18 de Maio de 1986

•

Poder fazer um Acordo de Pagamento nas condições seguintes:

Pagamento até 10 anos (120 meses)

•

6 Meses de moratória ou carência

•

Pagamentos em prestações mensais iguais ou progressivas

•

Juros vincendos à taxa de desconto do Banco de Portugal

•

Suspensão das execuções fiscais, após celebração do acordo

Única condição:

Mostrarem-se pagas todas as contribuições para a Segurança Social bem como as quotizações para o Fundo de Desemprego devidas a partir de Janeiro de 1986 (inclusivé) e daí em diante

Quem deve contactar:

Se for contribuinte de apenas 1 Centro Regional de Segurança Social, é aí que deverá dirigir-se

•

Se contribuir para mais de um Centro Regional, deverá contactar o Instituto de Gestão Financeira da Segurança Social em Lisboa.

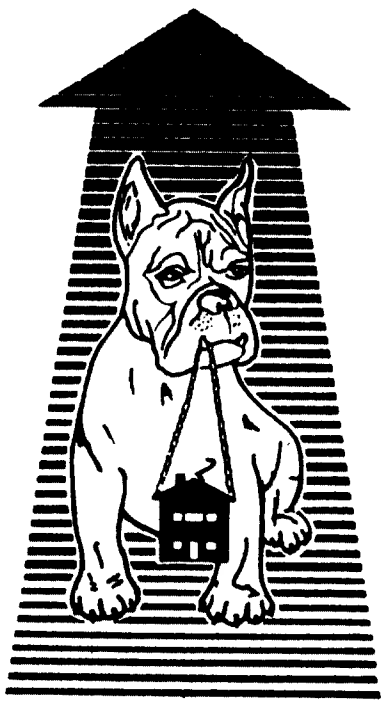
Informe-se sempre no seu Centro Regional de Segurança Social

SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA SOCIAL

DIAFA

SOCIEDADE IMPORTADORA E EXPORTADORA DE MATERIAL ELECTRÓNICO, LDA

ALARMES



UM NOVO ESTILO EM SEGURANÇA ELECTRÓNICA

Rua Capitão Leitão, 47,1º-D-B

ALMADA — ☎ *276 1387

Deputados defenderam "rádios livres" no encontro de Abrantes

O deputado do PS Jorge Lacão afirmou em Abrantes que o poder político não foi capaz de, em tempo próprio, dar uma resposta ao problema da existência das rádios locais. Lacão falava no decorrer do III Encontro de Rádios Livres, que se realizou no sábado naquela cidade, com a participação de 50 representações de estações locais de rádio.

O deputado socialista defendeu a criação de um órgão interlocutor que representa as rádios locais e que dialogue com as instâncias superiores. Lacão defendeu ainda que deve ser o Governo a autorizar as emissões das rádios locais e acrescentou que deveriam ser ouvidos os organismos que superentendem a parte técnica e, com parecer vinculativo, o Conselho de Comunicação Social.

Por seu lado, o deputado do Partido Renovador Democrático, Costa Carvalho, que também participou nos trabalhos, defendeu que «o exercício da liberdade de comunicação não está previsto na Constituição portuguesa». Depois de afirmar que o seu partido defende o direito à liberdade de comunicação», expressou que «a Comunicação Social não deve influenciar os jovens, mas são os jovens que devem influenciar a Comunicação Social».

Por fim o deputado social-democrata Marques Montargil disse que o seu partido «tudo fará para que se realize a legalização das rádios locais». Essa legalização deve ser, segundo disse, «com normas e que responsabilize» os órgãos a legalizar.

Montargil sublinhou que já não há «uma preocupação de repressão das rádios locais, mas sim uma preocupação de legalização das mesmas». Em sua opinião, a resolução do problema da legalização e da existência das referidas estações radiofónicas não se deverá submeter «à política do facto consumado».

No decorrer dos trabalhos interveio também Emídio Rangel, da Cooperativa de Profissionais de rádio TSF, que afirmou não ter havido «vontade política por parte dos partidos políticos com assento na Assembleia da República para resolver o problema da legalização». Sobre a concessão de novas frequências às rádios oficiais, Emídio Rangel disse que dessa forma se avança para «um processo de concentração» que é contrário à lógica dos princípios democráticos». Aquele profissional aludiu à regionalização efectuada no âmbito da Radiodifusão Portugusa (RDP) com a criação de emissores locais em Viseu, Guarda e Santarém. A este propósito, disse que «qualquer estação de rádio que emita na banda dos 100 aos 108 megahertz (MHz) é tão pirata como nós».

No Encontro estiveram ainda presentes os presidentes das Câmaras Municipais de Benavente, Constância e Abrantes.

Farta de esperar por obras de esgotos

Benedita encara hipótese de "cortar" de novo a EN nº 1

A população de Benedita «cortou» ontem à tarde, durante algumas horas, a Estrada Nacional n.º 1 como forma de protesto contra o atraso na cobertura de um esgoto a céu aberto que existe nesta freguesia do concelho de Alcobaça, por onde passa a EN n.º 1. Populares de Benedita — importante centro de fabrico de calçado — juntaram-se, inicialmente, com pás, enxadas e sacas de cimento, apenas para tapar o referido esgoto. No entanto, para dar maior publicidade a uma velha reivindicação, vieram depois a interromper a circulação da mais importante via nacional, nos dois sentidos.

A sua acção veio, de facto, a alcançar dimensão nacional: é que o «corte», previsto para duas horas apenas, prolongou-se até às 22 horas de ontem. A circulação foi restabelecida, finalmente, àquela hora, depois de agentes da autoridade, especialmente de Leiria, conversarem com representantes dos mais de mil beneditenses ali concentrados. Não se registaram — apurou esta manhã o « DL» —, todavia, quaisquer incidentes, apesar dos agentes de segurança ali terem comparecido com cães, bastões e protecção antimotim.

Há cerca de ano e meio que os moradores da Benedita haviam exigido à Junta de Freguesia a cobertura do esgoto a céu aberto que acusam de provocar mal-estar e problemas de saúde à população. Os moradores responsablizam a JF pelo atraso na demora no início das obras e consideram que os casos de hepatite e afecções de vista causados à população, além de estragos em terrenos de cultivo — já que na vala sanitária desaguam esgotos de uma fábrica de curtumes —, são o resultado desse atentado à saúde que constitui o esgoto a céu aberto que ontem mesmo, e por iniciativa própria, começaram a cobrir com cimento. Caso as obras não continuem por iniciativa municipal/autárquica, a população encara a hipótese de voltar a «cortar» a EN.

O referido «corte» ocorreu próximo da Venda das Raparigas, obrigando o tráfego automóvel, nos dois sentidos, a utilizar um desvio por Alcobaça e a gastar apenas cerca de meia hora mais no trajecto. Inicialmente previsto para duas horas, o «corte» veio a prolongar-se por os manifestantes exigirem a presença no local de representantes da Câmara de Alcobaça e da GNR de Leiria.

CONFECÇÕES

Herte

PANTALONS · BLOUSONS · JUPES
TROUSERS · JACKETS · SKIRTS

RUA NOVA DO REGADO, 90-A 4200 PORTO • PHONE: 818614 • TELEG.: HERTE — PORTUGAL

PROFISSÕES QUE HOJE LHE OFERECEM MAIS POSSIBILIDADES DE ÊXITO

Escolha a sua e nós o ajudaremos a progredir

CONTABILIDADE NOVO
Um Curso que lhe permitirá a breve prazo entrar a fundo nos meandros da contabilidade, tornando-o num profissional muito competente.

ENCARREGADO DE CONSTRUÇÃO CIVIL
Um Curso pensado para formar profissionais com recursos técnicos numa das áreas com maior oferta de trabalho.

INGLÊS
Aprender este idioma é a forma de se poder actualizar culturalmente e também uma ajuda para conseguir um melhor emprego.

PUERICULTURA NOVO
Um moderno Curso, ideal para quem deseje especializar-se no cuidado e educação de crianças.

BÁSICO DE PSICOLOGIA
Um Curso actual, que lhe proporciona amplos conhecimentos sobre as leis essenciais do comportamento humano.

DESENHADOR DE CONSTRUÇÃO CIVIL
Um Curso técnico-prático, que lhe dá os conhecimentos necessários para desenvolver uma profissão com importantes perspectivas futuras.

CORTE MODERNO NOVO
O Curso ideal para a mulher moderna e elegante, que gosta de acompanhar a moda sem gastar muito dinheiro.

DECORAÇÃO
Curso organizado de uma forma muito completa, que lhe irá possibilitar em pouco tempo tornar se num profissional desta matéria.

BASIC + Microcomputadores NOVO
Ideal para quem deseje formar-se rápida e eficazmente – PRATICANDO – na linguagem BASIC. Se não possui microcomputador, o CETOP pode fornecer-lhe um com o Curso.

DESENHADOR INDUSTRIAL
Este Curso permite-lhe dominar na totalidade as duas principais especialidades do desenho: Mecânica e Construção Civil.

SECRETARIADO-GERAL
Conheça a fundo todos os serviços que poderá ocupar no escritório de qualquer empresa pública ou privada.

DESENHO ARTÍSTICO
Este Curso abre-lhe a porta para o maravilhoso mundo da arte, ao ensinar-lhe todas as técnicas que farão de si um verdadeiro artista.

MECÂNICO DE AUTOMÓVEIS
Tudo o que necessita saber sobre a mecânica auto, a sua reparação, afinações e testes.

INSTALADOR ELECTRICISTA GERAL NOVO
Aprenda todos os segredos sobre instalações eléctricas de todos os tipos, montagens e reparações de máquinas e aparelhagem eléctrica.

OUTROS CURSOS
- ELECTRICISTA PRINCIPAL
- SOLDADOR
- TÉCNICO MECÂNICO
- LOCALIZAÇÃO DE AVARIAS DO AUTOMÓVEL
- PORTUGUÊS
- SECRETARIADO DE ADMINISTRAÇÃO
- SECRETARIADO GERAL E DE ADMINISTRAÇÃO

CETOP

PEDIDO DE INFORMAÇÕES **GRÁTIS** E SEM COMPROMISSO

Sim, **Desejo receber, com a maior brevidade possível, informações detalhadas sobre o curso ou cursos de:**

_____
_____
_____
_____

Nome: _____ Idade: _____
Morada: _____
Cód. Postal: _____ Localidade: _____
Telefone: _____ Profissão: _____
Empresa onde trabalha: _____
Telefone: _____

REF.ª 03DLA

MECÂNICO MECÂNICO DE MOTOS NOVO
Com este novo Curso será extremamente fácil para si toda a reparação e afinação de qualquer tipo de mota ou motorizada.

INST. ELECT. DE CONSTRUÇÃO CIVIL NOVO
Este Curso dá-lhe conhecimentos sobre todo o tipo de instalações e reparações eléctricas no campo específico da habitação.

MECÂNICO DE DE MOTORES «DIESEL»
Um Curso com extraordinárias perspectivas profissionais face ao crescimento cada vez maior de utilização dos motores «diesel».

INST. ELECT. INDUSTRIAL NOVO
Com este Curso obterá os ensinamentos necessários para trabalhar com todo o tipo de instalações e reparações eléctricas ligadas à indústria

DECIDA-SE JÁ E NÓS O AJUDAREMOS A PROGREDIR
Recorte, preencha e envie HOJE MESMO este cupão
ou 926 32 47
e fale com Luísa Morais

com a GARANTIA CETOP

ELECTRICIDADE DO AUTOMÓVEL
Uma especialização para melhorar ainda mais os conhecimentos que um bom profissional deve possuir.

MESTRE TORNEIRO
Um Curso que lhe dará a preparação necessária para trabalhar sem receio com todo o tipo de tornos bem como com as ferramentas que lhe são indispensáveis

CETOP
CENTRO DE ENSINO TÉCNICO E PROFISSIONAL À DISTÂNCIA
Apartado-7-2726 MEM MARTINS CODEX

Membro da Association of European Correspondence Schools (AECS)

FINISTERRA

Rui Eduardo Paes

Escuridão, finisterra, fim dos tempos, mas ao mesmo tempo algo que nunca irá morrer: a noite. Uma peça cheia de frases curtas, palco de corpos serenados. Um dia, todo o jovem se cansa, e desiste de muito, por vezes de quase tudo. É como um músico de orquestra que tem a ambição das galas e depois, amadurecido, resolve ir trabalhar a terra. Um cansaço que é acompanhado da aguda tomada de consciência de si mesmo, descoberta, reconhecimento, conformação. De noite exulta-se porque se sabe finalmente um pouco mais.

Olhar, falar, beber: de noite não se perguntam as horas, há tempo para o sexo

Sim, não dormi, mas estou mais certo assim, quando nunca dormi nem durmo. Sou eu verdadeiramente nesta eternidade casual e simbólica do estado de meia-alma em que me iludo.

Tenho hoje arrastado pela rua os pés e o grande cansaço. Tenho a alma reduzida a uma meada atada, e o que sou e fui, que sou eu, esqueceu-se de seu nome. Se tenho amanhã, não sei senão que não dormi, e a confusão de vários intervalos põe grandes silêncios na minha fala interna.

— Bernardo Soares, o Livro do Desassossego

A Helena tem 13 anos. Foi pela primeira vez a uma discoteca há umas noites atrás. Na volta, o grande triunfo relatado foi o porteiro tê-la deixado entrar. Calça o número 41, apareceu menstruada já este ano. Um momento de glória: o namoradinho ficou à porta, teve de voltar a casa. Lá dentro conheceu melhor o Miguel, 15 anos, filho dos donos, que falou da sua nova prancha para o surf do próximo Verão. À volta dos dois luzes, música, gente. Deitou-se às três da madrugada, e adormeceu entre estrelinhas.

•

(música de Mozart)

— Há uma grande mistura de prazer e de necessidade, no sentido de a noite poder ser um reduto — vaguear por aquele escuro e atrair-me pelas coisas que me ultrapassam, como a imensidão. Três/quatro da manhã: vou sozinho, preferentemente, pequeno, passeando por aí, pensando muito. A noite fascina-me não como boa conselheira mas como um espaço de total liberdade e ao mesmo tempo de total poder. É talvez o único momento onde eu posso ser verdadeiramente prepotente, onde não tenho cadastro e posso fazer o que quero, ser clamorosamente injusto.

Estando sozinho, eu posso procurar pessoas como até resolver não procurar. Quando era miúdo achava o sono um desperdício. Sempre fui muito sensível às coisas que poderiam acontecer à noite, que eu vivia então como uma aventura de cabeça. Talvez tivesse

Dançar sozinho, na multidão: o tédio, o enclausuramento. Ainda a ambição

— os jovens e a noite

sido isso a permitir-me hoje esta condição de sossego que faz com que tenha os meus desvarios. A noite é um espaço largo de tempo, o que torna proibitivo logo à partida passá-la com amigos. Depois de duas horas eles acabam por me enfadar. Prefiro estar primeiro como um «voyeur», e depois finalmente entrar: olho para as pessoas, depois falo com elas, bebo com elas.

Escolho sempre as partes velhas da cidade: Alfama, Cais do Sodré, o Bairro Alto já menos. Interessa-me muito mais a gente destes sítios, em que não existe nenhum compromisso mas tem-se grande lealdade. Há qualquer coisa na noite que inspira à lealdade: não sei se será por causa do seu tão falado mistério, mas a verdade é que nesta altura somos mais intimistas, mais introspectivos. A mim a introspecção dá-me para olhar para as pessoas, não com calculismo, para ver o que tenham de grotesco, e sim com a finalidade de participar. A ideia de ir passar uma noite a um lugar cheio de gente que nada me diz não me motiva — sinto-me enclausurado no **Frágil**, por exemplo. O que realmente me fascina é eu poder ter controlo sobre mim, perceber até onde vou.

Putas, chulos, pescadores, bêbados, todos têm histórias, que são completamente banais, sim, mas que me dizem muito: histórias de amores perdidos, de grandes infelicidades. Os que conheci assim, cumprimento-os na rua, quando passo, e fico a saber o que ganhei.

Geralmente começo a noite com uma refeição, num tasco. Os frequentadores do **Frágil** chamariam àqueles que por aí comem, com as suas rugas e a sua incapacidade de lamentação filosófica, «os miseráveis», «o povinho». Pior: «os exóticos». Sou capaz de andar meia hora de um lado para o outro à procura do lugar ideal para comer. Escolhido, eu apanho o sentido de fim da noite, imutável, irreversível, e que é precisamente o lado que eu gosto. E depois vou seguindo: gostaria que fosse sempre noite, não tenho uma relação boa com o Sol. A noite tem um peso irrevogável, já não pode voltar atrás, mesmo que eu saiba que nada de novo vai acontecer. A noite não tem cometas.

É por isso que é à noite que se encontram as pessoas que não querem ser grandes, que não têm ambições, que estão cansadas — a sua noção de divertimento é estarem juntas. É este o ambiente que eu habito: nada a ver, portanto, com o **Loucuras**, com o **Longas**. **Noites** São poucos os meus companheiros da noite que tenham vinte e tal anos como eu. Mas são os que têm a minha idade e que perceberam o que a noite tem de condenação aqueles com quem me dou melhor. Há qualquer coisa que nos agarra àquela cadeira, àquela cerveja e a não querermos pedir já a conta. Somos de certo modo desistentes, mas na medida em que a desistência é um problema resolvido, em que a não-realização pessoal é já um fim em si mesmo, uma conformidade. E na cervejaria falamos daquilo que nunca iremos fazer, somos artificiosos, delirantes. Exultamos, no entanto há uma melancolia, há um amaldiçoamento nisso.

●

(canções de Shakespeare)

.— O Cais do Sodré é fascinante para os olhos, em termos de cor, de néons. É um psicadelismo que bastante me agrada e que acho sempre renovado porque está cheio de alusões : os nomes dos bares são os de cidades portuárias. As luzes batem nas pessoas que passam pelas ruas. Sinto aqui qualquer coisa de diferente: os néons apelam, ao contrário do que sucede nas discotecas, que têm luzes perfeitamente mortas, por mais extraordinárias que sejam. Apontam sempre para o anonimato, nunca elegem alguém, mas as luzes do Cais do Sodré já colhem e escolhem, acendendo e apagando: **Scandinavia Bar**. Podem-se fazer relacionações entre quem passa e o nome da boîte, a cara do porteiro: é um mundo de contenção, familiar. É violento se se puser na cabeça que é violento, porque não traz isso em si. É um pátio de Alfama mais o psicadelismo — as pessoas todas se conhecem.

Mas assusta-me a ideia de descer escadas, de descer a caves. Eu quero saber onde está a porta, o que se passa na rua. Prefiro ficar à entrada de uma dessas boîtes, conversando, ou ir a um «snack» ver as pessoas a entrar e a sair, a sair e a entrar. É uma necessidade quase física: saber para onde posso levar os passos, circular facilmente.

Podemos entrar e sair da marginalidade. A marginalidade é um museu, tem as suas obras-primas e a sua arte naîve. Não se trata de uma atracção venal. Um marginal seduz-me, mesmo quando esconde, porque está marcado, porque é marcante. São pessoas muito mais interessantes que as outras, os criminosos, as putas. Se existe um culto da marginalidade não me diz nada: acontece é que este espaço extravasa um grande poder, uma grande ousadia. É gente que espera que a noite venha.

Estou cansado de discutir ideias fixadas, como um livro, um filme, uma peça dão azo a que se faça. Ora, neste mundo não há ideias fixadas, as referências são outras. O encadeamento de temas das pessoas que vêm dos mesmos sítios e da mesma camada social e têm os mesmos oráculos entendia-me. Movo-me mais à vontade num lugar onde eu seja mais estranho.

Não venho para aqui na esperança de que aconteçam coisas insólitas, não procuro a vertigem. Bebo sim, fumo o meu hax e aspiro as minhas filinhas de coca, mas as consequências nunca são inesperadas: é que eu não consigo nunca ficar inebriado, o álcool e a droga não meu causam grandes efeitos.

Tenho pois com as drogas um envolvimento de confraternização.

Nunca bebo nem tomo nada durante o dia: é um ritual que eu inevitavelmente confundo com a parte da noite. Aparece como mais uma cerveja, mais um café, nada significa para além disso. A droga apenas junta as pessoas, torna-as cúmplices, jogadoras da lealdade. É um instrumento de participação.

A noite fica para mim, com estas condições, bem especial. É claro que é algo de primário e muito elementar. De dia as pessoas estão à mercê — a luz do Sol impossibilita o véu que nos torna ímpares. À noite ficamos mais seguros, talvez por nos sabermos camuflados, enquanto que no dia encontramo-nos só em trânsito, entre tarefas todas elas chatas. Não é por acaso que se trabalha de dia. O dia é terrivelmente incómodo. A noite é o tempo da libertação, em que deixamos de ser somente mais um e o mundo é subitamente nosso.

Em Lisboa nunca ando de transportes públicos mas sempre a caminhar, pelas ruas estreitas, secundárias. Sou muito móvel, no entanto não gosto de dançar, ou melhor: não gosto de dançar sozinho ou a dois, e sim em grupo, danças de roda por exemplo. É por isso que não vou a discotecas. Caminhar pelo meio e dançar no meio, em cumplicidade, motiva-me mesmo muito. O «beat» não chega, falta a sinceridade. Sou completamente insensível ao rock, não preciso dele para percorrer a noite.

Mas preciso que me seduzam, e isso acontece, é fácil. Os corpos estão muito mais disponíveis à noite, porque não há um destino, porque não se sabe verdadeiramente quando é que a noite acaba. Não se vive sofregamente, nunca se perguntam as horas. As situações esbarram comigo, inevitavelmente, mesmo que eu lhes esteja alheio. E há uma coisa muito bonita na noite — cabe-lhe bem que uma pessoa leve outra para a toca. De noite temos tempo para o sexo, e ninguém está a reparar.

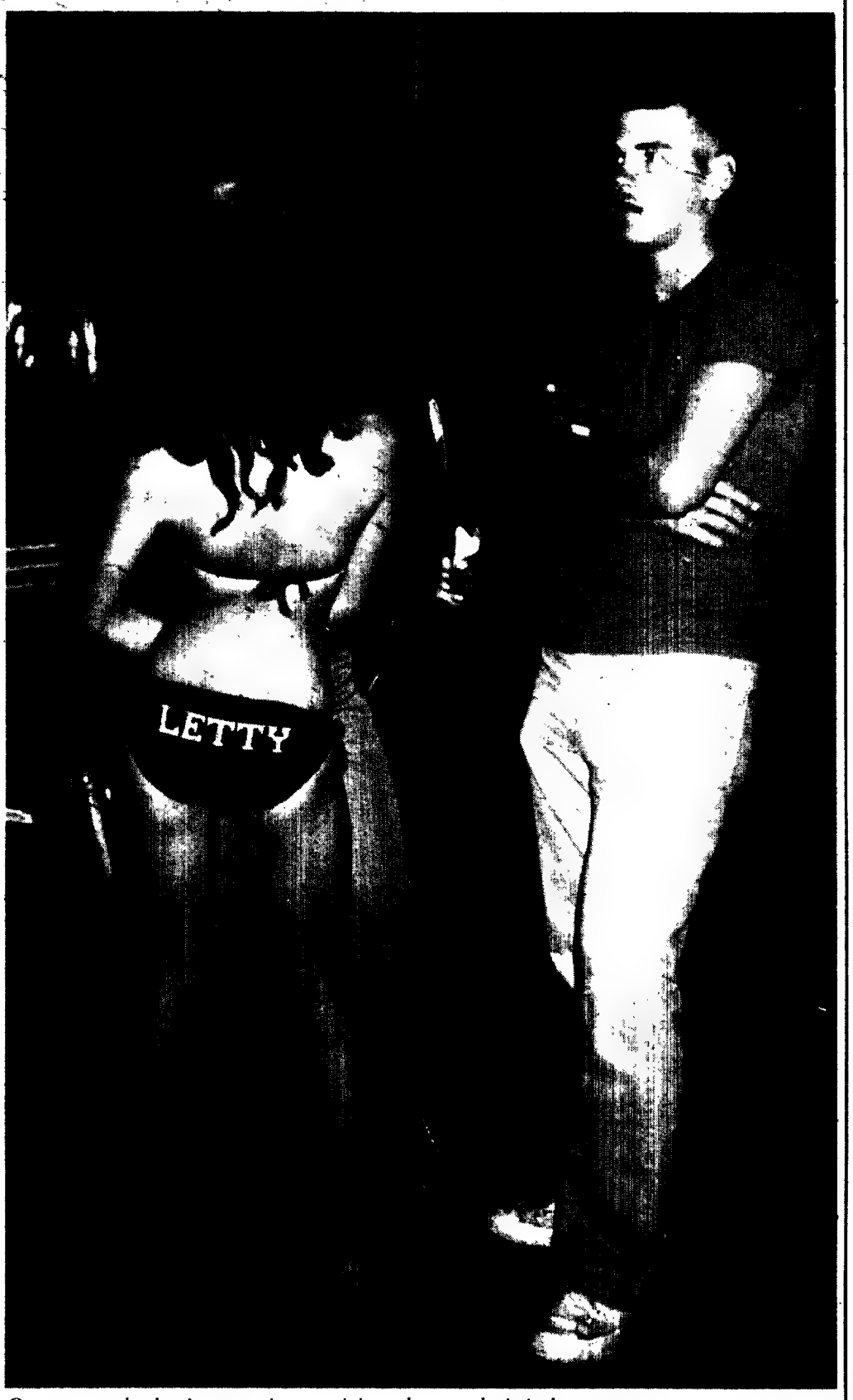
●

A Teresa vai pintando cada vez menos e cada vez pior. Não encontrou o que procurava e agora diz já nada querer procurar. Se fala em arranjar um «atelier» é para se iludir ainda um pouco. Quis ser pintora, mas na verdade tudo nela mostrava que não o seria nunca. Tem 24 anos. Passa as tardes quentes na praia, indiferente aos mirones que lhe fixam os seios nus. No Inverno fica no café, lendo Proust, fumando cigarros. À noite, invariavelmente, os amigos encontram-na nos bares, palavrosa e tonta. Não que esteja em decadência, mas porque se fartou e está melhor assim. Fez dois abortos o ano passado, e resolveu dizer não: agora tem uma namorada, e irrita-a seduzindo todos na boite de ocasião.

Uma tristeza de crespúculo, feita de cansaços e de renúncias falsas, um tédio de sentir qualquer coisa, uma dor como de um soluço parado ou de uma verdade obtida. Desenrola-se-me na alma desatenta esta paisagem de abdicações — áleas de gestos abandonados, canteiros altos de sonhos nem sequer bem sonhados, inconsequências, como muros de buxo dividindo caminhos vazios, suposições, como velhos tanques sem repuxo vivo, tudo se emaranha e se visualiza pobre no desalinho triste das minhas sensações confusas.

— Bernardo Soares, o Livro do Desassossego

O Afonso não gostava de estudar. Arranjou um emprego, mas faltava constantemente e o patrão despediu-o. Os pais puseram-no como voluntário na Marinha. Reprovou sempre aos testes e acabaram por pô-lo fora. Tem 17 anos o Afonso, filho-problema. Há uns meses para cá descobriu as discotecas, foi para lá perder as noites, segundo os pais, mas para ele para as ganhar, dançando. Quando regressava a casa, bem de madrugada, era a mesma cena de sempre: gritos e pancada. Até que começou a passar por lá os discos, primeiro por piada e depois já como ordenado, e os pais acalmaram. Disc-jockey, hem? Durante o dia, dorme. Comprou uma mota, mas continua silencioso, insatisfeito.



O outro modo de viver a noite, participando mas desistindo

Colombiano e nigeriano com droga nos instestinos

Um colombiano de 36 anos, de apelido Santos, e um nigeriano de 30, referenciado pelo nome próprio de Félix, foram detidos no aeroporto da Portela, acusados de transportarem nos intestinos respectivamente 500 gramas de cocaína, no valor de 10 mil contos, e 360 gramas de heroína, avaliadas em 6480 contos. Os dois traficantes tiveram de ser conduzidos ao Hospital de S. José, onde a droga lhes foi extraída.

Licenciados em História querem alternativas ao desemprego

As comissões de Coimbra e Porto de licenciados em História defenderam a necessidade de criar uma alternativa à via de ensino para os recém-formados neste curso.

Em comunicado, as comissões — que afirmam representar quatro mil licenciados em História no desemprego — garantem que «a luta prosseguirá até verem minorada a gravidade da situação».

Graça Pombo, da comissão de Coimbra, disse que os recém-licenciados defendem «a abertura do leque de saídas profissionais como forma de desagravar a acumulação no ensino» e referiu que «sendo Portugal um País com um património tão rico, podiam ser criados mais postos de trabalho para licenciados em História».

As reivindicações dos cerca de quatro mil licenciados em História no desemprego derivam também «da desigualdade estabelecida entre as pessoas que se formam nas Faculdades Clássicas e nas Universidades Novas», afirmou Graça Pombo.

Os protestos dos recém-licenciados em História envolvem também a colocação de professores sem habilitação própria, a acumulação de horários e o exercício conjunto da actividade docente nos ensinos particular e oficial.

As comissões de Coimbra e Porto serão recebidas amanhã pelo secretário de Estado do Ensino Superior e contactaram já com o grupo parlamentar do PRD e com a presidente da Comissão Parlamentar de Educação, a quem entregaram um abaixo-assinado.

Alegando que foi morta pelo marido

Populares impediram enterramento de jovem

Populares impediram que o cadáver de uma jovem de 24 anos fosse sepultado no cemitério de Sobrado, Valongo, alegando que a morte ocorrera devido a maus tratos do marido praticados na vítima, Maria Manuela Ferreira Pinto, de 24 anos. Segundo afirmaram, Maria Manuela fora autopsiada e os peritos do Instituto de Medicina Legal, embora atribuíssem a morte à ingestão de veneno de escaravelho, registaram a existência de equimoses no corpo, nomeadamente ao nível da cabeça.

Somos a vantagem de comunicar em português

Lideramos um projecto dinâmico que alia Qualidade e Tecnologia.

Constituímos uma organização multifacetada e em expansão, de empresas industriais e de serviços.

Inovamos e desenvolvemos projectos próprios, nos campos das Telecomunicações, Rádio, Transmissão, Ferramentas e Aparelhos de Precisão, Informática, Serviços de Instalação e Manutenção, Electrónica Industrial e Energia.

Nós CENTREL somos o maior grupo português no sector das Telecomunicações e Electrónica, com uma posição consolidada nos mercados interno e externo.

CENTREL

CENTREL Electrónica Geral, Gestão e Participações, S.A.R.L.

Av Infante D Henrique, 333 — 1800 LISBOA
Telef: 31 31 71, 33 10 51 (9 linhas) Telex: 12190 CAEPCR P

CARRIS

COMPANHIA CARRIS DE FERRO DE LISBOA

ELEVADOR DE ST.ª JUSTA

Por motivo de reparação periódica, este elevador cessará a sua actividade a 7 de Abril, devendo retomá-la no dia 19 de Abril.

VILA DO SEIXAL

CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DO SEIXAL

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA O FORNECIMENTO DE 50 CONTENTORES PARA RESÍDUOS SÓLIDOS, COM A CAPACIDADE UNITÁRIA DE 800 LITROS

Caução provisória — 50 000$00 (cinquenta mil escudos)
Local, dia e hora limite para entrega das propostas:
Local: Paços do Concelho do Seixal, serviço de secretaria.
Último dia e hora: Até às 16 horas do 15.º dia após publicação no Diário da República.
O local do acto público do concurso terá lugar nos Paços do Concelho do Seixal, pelas 15 horas do dia da 1.ª sessão camarária após o termo do prazo de apresentação de propostas.
O processo deste fornecimento pode ser examinado durante as horas de expediente dos serviços públicos, no Departamento de Saneamento Básico da Câmara Municipal do Seixal, durante as horas de expediente.
Seixal, 31 de Março de 1986

O Presidente da Câmara
Eufrázio Filipe Garcês José

Câmara Municipal do Seixal

Como era o "DL" há 65 anos

O "Diário de Lisboa" veio preencher um lugar vago na Imprensa portuguesa. Naquele ano perturbado de 1921, era uma voz republicana fora do tumulto do tempo que se exprimia com independência e qualidade. Constituiu um corpo redactorial competente e no qual brilhavam valores do jornalismo e da vida literária. Recordamo-lo a 65 anos de distância do dia inaugural: 7 de Abril de 1921. E aos nossos leitores oferecemos páginas de qualidade jornalística e literária das edições de 7 de Abril de 1922 e de 7 de Abril de 1923.

Do "DL" de 7 de Abril de 1922: de Norberto de Araújo, uma página de L. Consiglieri Sá Pereira, "O Parlamento visto por um Repórter» e de Aquilino Ribeiro, do seu "Diário da Guerra".

Do "DL" de 7 de Abril 1923: de Artur Portela, "As últimas vinte e quatro horas de um criminoso", e a entrevista feita ao historiador das religiões Solomon Reinach pelo director do "Diário de Lisboa", dr. Joaquim Manso.

São peças de qualidade e de boa leitura. Assim, o "DL" ganhou público e prestígio. A independência e a qualidade constituem preocupações nesta fase da nossa vida. Porque, com os leitores que são a nossa razão de ser, o "Diário de Lisboa" continua e os anos não lhe pesam para se actualizar, renovar, rejuvenescer.

Um historiador das religiões

Salomon Reinach

A sua personalidade e a sua obra

Joaquim Manso

- O autor de *Apolo*, de *Orphée*, de *Minerve* e de *Eulalie* conseguiu tornar amavel, enternecedora, familiar mesmo, a sciencia, podendo fazer-se ouvir e ler pelas mulheres que adoram o seu espirito claro, metodico, e a maneira engenhosa como ele resume em paginas belas, lições e conferencias admiraveis, o que outros armazenam em grossos volumes inabordaveis.

Salomon Reinsch é sábio e artista: estuda e profunda as questões e sabe expô-las em sinteses perfeitas que são verdadeiras maravilhas.

Era natural que, sendo ele um dos mais apreciados historiadores das religiões, nós o visitassemos para conhecermos o seu pensamento directamente, com o fulgor e a sinceridade da sua palavra, tanto mais que sabiamos que ele publicara ha pouco um livro em inglês — *A Short History of Christianity* que encerrava conclusões que contradiziam ideias nossas e ideias de muitíssima gente. José de Figueiredo, director ilustre do nosso Museu de Arte Antiga, conhecidissimo em Paris como crítico de arte e *expert* cuja opinião resolve duvidas e problemas intrincados, em materia de identificação e autenticação de quadros, estatuas e ceramicas, levou-nos até à presença acolhedora de Salomon Reinach, seu antigo mestre e amigo, que vive nas proximidades do Bois, em casa propria — uma formosa vila, em recinto ajardinado e gradeado, aonde não chegam os rumores da turba.

É um homem de estatura mediana, com o aspecto sereno de quem conhece a vida nas suas raizes profundas — scientificas e filosoficas — falando uma linguagem limpida, singela e lucida que revela uma inteligencia que repousa sómente na verdade.

Levemente grisalho, semiticamente moreno, na fronte as rugas do estudo e da meditação, a boca pouco talhada para o riso e para ironia, o olhar vivo e penetrante, como se buscasse novos caminhos, para além dos caminhos já conhecidos.

Recebeu-nos no seu gabinete de trabalho — forrado de livros de alto a baixo, um rico lustre pendente do tecto, uma escada portatil para chegar a qualquer altura das estantes, estatuetas e bustos gregos em cima dos moveis, cadeiras e *fauteuils* para os cavacos intimos, janelas abertas para o jardim...

Fomos apresentado a Mme Berteaux, alta e simpatica, tocada na severidade do seu vestuario pela magua nunca extincta de ter perdido o seu marido, o grande critico e historiador de arte, gloria da França contemporanea.

Mme Reinach, vestida de veludo preto, tem no seu rosto branco, de feições tão suaves, uma expressão de graça e de bondade que revela bem a mulher que diariamente se consagra a cuidar dos pequeninos que recolheu, num carinhoso internato, sobre que ela vela com nobre afeição de mãe.

A mocidade da familia explende, esculptural e radiosa, numa sobrinha de Mme Reinach, vinda da Russia tempestuosa para o lar sossegado e espiritual de seus tios que ela realça com a sua linda cabeça, em que os olhos são poemas romanticos, o penteado uma sombra alta, harmoniosa, digna dos trovadores meridionais.

— Como me preocupa o problema religioso, que reputo um dos que mais inquietam a consciencia moderna, desejava ouvir a sua autorisada opinião sobre o assunto...

— Entendo que não ha um problema nem uma crise religiosa, actualmente, pois as sociedades não mostram cuidar doutra coisa senão da sua reconstituição economica e social.

— No entanto, em França e noutros paises, nota-se um interesse apaixonado por tudo o que se liga com o sobrenatural — interveio Mlle Reinach.

— São meras praticas de espiritismo que, depois da guerra, encontraram fervorosos adeptos, sobretudo naqueles que não se resignam a ignorar o paradeiro dos seus mortos queridos.

— Mas o povo, que não é espirita, corre aos templos com um fervor jamais visto. Que significa este fenomeno? — inquirimos nós.

— O povo ignora a religião dogmatica, telica, organisada em sistema. Vive mergulhado em superstições — crenças que de longe vem e que ele aceita, por falta de cultura. Ainda ha pouco apareceu um livro da princesa Bibesco que encerra informações preciosas acêrca dos camponeses da Romania. Um autor português, Leite de Vasconcelos, nas *Religiões da Lusitania*, merece ser lido, e com proveito.

— Não conheço o que se passa na Romania, mas em Portugal, pelo menos, a religião catolica, talqualmente a ensina o catecismo, não admite elementos impuros...

— Será um caso a destacar. Talvez isso se explique pelo facto de o clero do seu país ter um contacto mais directo e constante com as camadas populares, arrancando-lhe cautelosamente todas as sobrevivências pagãs animistas.

— O catolicismo, em toda a parte, procede da mesma maneira não descansando os seus missionarios, emquanto ele não vive nas almas, mas na sua puresa evangelica.

— Não penso assim, porque vejo que a religião catolica se converte, como todas as outras, numa formula do nacionalismo. Cada povo a aproveita para se defender, na tremenda luta a que estamos assistindo. Os seus interesses e os seus odios podem mais que a palavra dos sacerdotes que não ousam impedir a guerra, apesar dos beligerantes adorarem o mesmo Deus e se inspirarem do mesmo Livro.

Até os proprios judeus, com o sionismo, obedecem á mesma febre. A luta pela vida domina o Idealismo religioso.

— Embora eu reconheça que povos da mesma crença se guerreiam com ferocidade, exterminando-se nas suas gerações mais jovens e anmimosas, entendo que a religião representa uma educação continua do genero humano que, á medida que alarga a sua acção, irá diminuindo os motivos de conflitos, irmanando os homens...

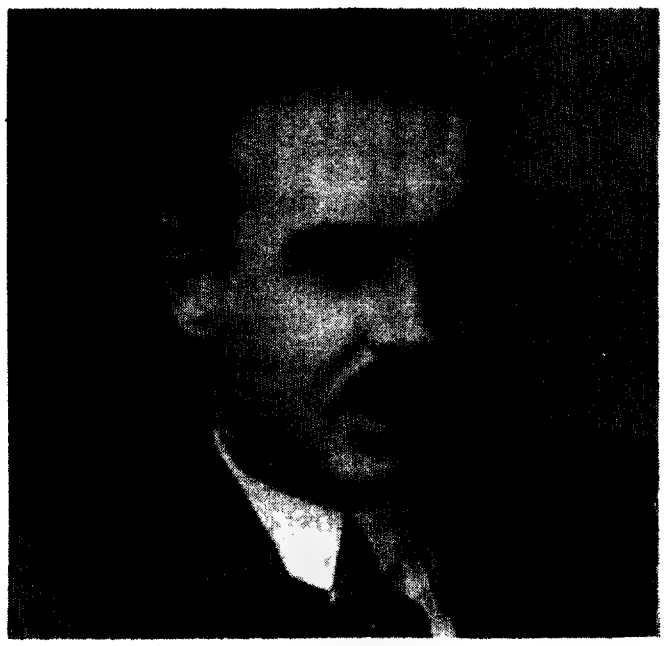
— Bom seria que assim fosse, mas a religião tem estado tanta vez ao serviço das paixões que, podendo muitas vezes domina-las, as tem favorecido e irritado. Bem sei que o cristianismo aconselha o amor e a paz, mas se os cristãos esquecem tão frequentemente os seus ensinamentos parece-me que é necessario dar-lhes uma disciplina ao mesmo tempo mais livre e forte.

— Há uma grande tendencia para esquecer que a civilisação moderna, principalmente na sua parte moral, é obra do catolicismo...

— A civilisação é resultado de tantos factores que nem é facil enumera-los. Que diriamos da sciencia, da filosofia e da arte que nascem de nós proprios e para goso e formação do nosso espirito?»

Por um natural dever de lealdade, a nossa modestia obrigou-nos a dizer ao sabio ilustre que, embora muito presassemos a sua opinião, não a seguiamos.

Acreditamos que a crise europeia tem um fermento de caracter religioso e achamos que a religião corresponde a um instinto rasgadamente humano, pois só ela pode responder ás interrogações que propõe o drama do nosso destino.



A reunião do Hotel Saint-Sulpice

Uma página do diário da guerra de Aquilino Ribeiro

Como queriam partir para o "front" os portugueses residentes em Paris

Aquilino Ribeiro

PARIS, 21 de Agosto de 1914. — Dia cheio de patetico, magoado como quinta-feira de endoenças: morreu o Papa; morreu o Geral dos jesuitas; de milhões de homens na fronteira não se ouve um bafo, não vem um rumor, e nossa alma, sempre voltada a éste, parece estar diante de negras, espessas cortinas, vedando um drama do outro-mundo. Por toda a longa tarde, sombras, sombras extensas, que vão e se renovam como se as regulasse um ritmo original, derramam sobre a cidade um pezadume absurdo, amortalhando quarteirão a quarteirão.

Foi hoje o velar de armas dos voluntarios. Dos bairros, onde o formigueiro humano é basto como as areias no mar, levantaram os nihilistas russos, os artifices polacos, italianos «lazzaroni» ou lavrantes de pedra e belfurinheiros, os espanhois dansarinos e artistas, os sul-americanos dados á moina e á aventura, a formar nos Invalidos em volta das auriflamas de França. As gazetas chamam «o mundo civilizado» contra os «barbaros» e a legião estrangeira vai-se ordenando.

No intuito de formar em suas falanges, os portugueses reuniram no «Hotel Saint-Sulpice», rua Casimiro Delavigne. Sala ao cabo de estreito e bafiento corredor; ao fundo, bambinelas incardidas deixando ver, num palcosinho de «marionettes», cadeiras encavaladas; a bandeira de Portugal e do Brasil pregadas na parede a percevejo.

Na presidencia um sr. Valença, do Porto, secretariado pelo infalivel português entre portugueses, o raro homem dotado de ubiquidade, o Xavier de Carvalho; em face, um rôr de moços descobertos e instalados como á passagem duma fita. Num canto esconso, o jornalista Eduardo Coelho, pequenino e sorumbatico.

Como chegássemos, L *** e eu, a hora já adiantada da reunião, 9 1/4, Xavier, aquele nosso homem apoucado de corpo, dentro sempre dum sobretudo velho com gola de seda, o bigode grisalho roido sobre o labio, luneta, seco de rosto, mexido de gestos, na sua voz aspera, guinchada, claudicante como perna de pau, atenciosamente contou ao que ali se estava. «De todos os povos se tinha alistado gente para se ir bater ao lado dos franceses. Portugal, terra de herois, não podia ficar atrás. Em Paris vivia uma forte e numerosa mocidade portuguesa, toca, pois, de constituir um batalhão que no dia seguinte rompesse pelas ruas fóra, a passo de parada, a inscrever-se no *Bureau* dos Invalidos».

— O senhor sabe o que é um batalhão? — levantou-se L *** a preguntar naquele seu tom desenganado.

— Um batalhão... um batalhão... — gaguejou Xavier.

— De quantos homens se pode compôr?... duzentos... trezentos?

— Sim, talvez.

— Bem; onde estão os portugueses para formar o batalhão? Aqui vejo vinte a trinta, se tanto. E vão todos?

Como ninguem respondesse, tornou:

— Os senhores estão a brincar á guerra. Não há o direito de meia duzia de sujeitos, por muito bem intencionados que sejam, se arvorarem, em grupo ou não, representantes dum país. Pelo infimo, seria desprestigioso, seria uma vergonha. Não, que cada um que queira alistar-se o faça individualmente.

Valença, o moço da presidencia, ergueu a voz a dar as suas razões:

— Os portugueses devem ir inscrever-se em grupo. Assim nos esperam nos Invalidos, assim têm feito os voluntarios das outras nações. Prometi ao senhor ministro da Guerra (?) um batalhão de portugueses; vão os que se puderem arranjar. Agora é em grupo, é em grupo que devemos ir.

L ***, na sua voz sacudida, ripostou:

— Quantos ha aqui que se ofereçam como voluntários?

Responderam três á chamada, afóra Valença.

— Vêem, não póde ser! O numero não merece as honras de embandeirar com o titulo de grupo português... quanto mais batalhão! Era prestar-se ás vaias das gazetas... era ridiculo!

Após protestos e apoíados varios, um dos voluntarios declarou que a fórmula pouco importava, a questão toda era de portugueses, de homens que quizessem ir bater-se pela civilisação.

— Qual civilização? — exclamou L *** — Eu vou bater-me pela França, como o faria por uma mulher bonita.

O outro argumentou com o chá fervido dos jornais, civilisação, direito, liberdade, ao que L *** por sua vez, redarguiu:

— O quê? Ao lado dos russos e dos servios?

A ideia do batalhão ia-se desvanecendo como, ao lar livre, bebedeira de vinho palhete medrado nas escarpas leves de Portugal. O grande Xavier, no entanto, teimou em ler uma lista de nomes, quinze, que se ofereceram para verter o sangue generoso pela França — concluiu enfaticamente com dizer.

— É uma maneira estupida de lhe manifestar a nossa simpatia — proferiu L ***. — Como não ha outra, seja! Mas fazendo-o, não é legitimo comprometer o bom nome de Portugal.

Valença, com este ar enfadado de quem perdeu — as dragonas de cabo, pelo menos — tornou ainda, já os assistentes se mexiam, para largar:

— Ámanhã, a partir das 9 horas todos na Esplanada dos Invalidos!

— Vá o senhor! — jogou-lhe L ***. — Eu cá vou, eu cá vou, mas sósinho.

Um francês, destes franceses em que só tarde se repara, tipo de Courteline, bigode louro pendente e cabeça de piton, içou-se então sobre uma cadeira, para pronunciar:

— *Messieurs, vous êtes tous décidés à donner votre sang pour le salut la France. Je vois que vous ne tenez pas à être versés dans la Légion Étrangère... Eh bien, exprimez un désir, le gouvernement aura à coeur de vous le satisfaire.*

— *Pardon, pardon, ce n'est rien de ça...*

— *Messieurs, vous vous devouez comme moi, qui partirai demain rejoindre mon corps, à la cause souveraine de la liberté. Vous êtes portugais d'origine mais français de coeur. Quand la grande, la douce France lutte pour le bien des peuples contre les ennemis du genre humain, vous voilá debout. C'est joli! Vous savez qu'en vous enrolant sous le drapeau tricolore, vous defendez vos interêts. Eh bien, mes amis, exprimez un désir, le gouvernement...*

Não terminou o eloquente patriota. Vozes cruzaram-se; a sala, habituada aos gaudios das «concierges», dos *rapins* do Boul 'Mich' e hospedes do hotel, readquiria a sua algazarra rara de entre-acto.

Um senhor, em português da Barbaria, ofereceu o hotel para os feridos do batalhão, no barulho já da largada.

Objectaram-lhe:

— Em Paris, só se hospitalizam os oficiais.

— O meu hotel está ás ordens dos amigos — insistiu — nasci em Portugal, mas aqui assentei vida... aqui lançou meu coração raizes.

Pressurosamente, a assembleia dissolveu-se; igual á nuvem de gafanhotos, sobre que dispara um canhão com polvora seca, dissolveu-se, também, o batalhão português. Na rua, digo a L ***:

— Homem, você para que esteve a trabalhar para o Rei da Prussia!

— Ir sob as ordens dum barbeiro de Portugal, lá porque tomou a iniciativa do batalhão, tó ruça. Prefiro ser comando por um *marlou* francês.

Subimos o «boulevard» Saint-Michel, amortiçado nas sombras. infantaria da marinha, por piquetes, espingarda ao ombro, batia o bairro.

— Para que é isto?

— Para fuzilar Paris, se chegar noticia dum no Sédan.

(Do meu Diario da Guerra.)

Uma página de tragédia

As última

Artur Portela

10 horas da noite

Tenho a memoria mutilada! Foi ha vinte e quatro horas, de noite... Tenho fumado, fumado muito, fumado sempre. Eu sofro. Nunca esta palavra *so...frer* teve tanto sofrimento. Tenho uma ulcera no cerebro, em sangue, vermelha, ardente, como se o bisturí andasse a retalhar, a golpear, como se golpeiam os cancros tumidos de pús. Ha vinte e quatro horas que cometi o crime! Que matei! que a matei!

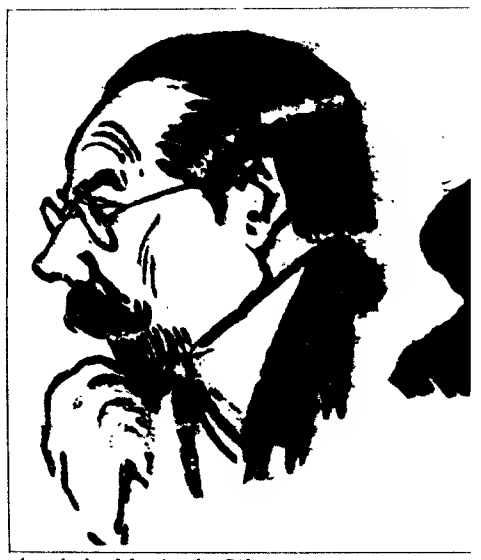
O sangue rompeu-me as veias, saltou-me ao cerebro como uma onda. Sinto as meninges tamborilarem; a lingua farpada de febre não escorrega no palatino, sêca e ardente como um calhau do inferno! Eu matei, meu Deus! Escondo as mãos para as não vêr, elas acusam-mé, distendem-se; aranhas disformes e repelentes, ascorosas e tragicas, que guardam a mascara dela.

Estou neste quarto ha doze horas, fechado; é de noite, a ultima noite dum condenado á morte, porque eu quero morrer.... Vim cheio de sangue, empastado de terra, cortado de lagrimas, hediondo e lugubre, como um palhaço sem côr com a tinta do estrangulamento nas mãos, sangue e mais sangue, o dela. Encharquei-me de agua, mas o sangue ficou, como se fosse uma ferida. Tenho crôstas nos dedos, pustulas; e nas narinas, um aroma acre e fumegante, como o têm os açougues das grandes matanças. Eu matei! É isto — matei.

Estou no meu quarto! As obliquas do tempo revoluteiam no relogio. Na estrada, aos solavancos, palpitando o leito da terra e acordando tumores longinquos, passam as carroças, os carreteiros. Se não fossem estes minutos em que o silencio se estilhaça, eu já teria morrido. É que a minha cabeça estoira. Tudo arde em mim! Porque matei?

11 horas

Pergunto ainda, perguntarei sempre: porque matei? Porque aquilo não acordou em mim de repente. Eu pensei, eu olhei o crime antes de o cometer. Tive-o nos meus olhos e não o repeli. E depois — matei. Matei-a! A ela! Meu Deus! Ah! Tenho a vida suspensa, á espera de que? E a minha pobre cabeça cheia de guizos do inferno, loucuras de tragico carnaval, gritos e luzes, choques de espadas, ainda na morte, a matar, a ver a scena...



António Maria da Silva e António Maia

édia

nas vinte e quatro horas de um criminoso

Tudo em sangue! Como devem sofrer os loucos e gritar escarlate! É uma posta de sangue, o meu cerebro, como uma perna esfacelada, prensada, esmigalhada por um carril brutal! Eu estou ainda lá a matar, a estrangulá-la, a ver correr aquele vomito de sangue, aquela cabeça louca de cabelos, incendiada, sinistra, Yokonan no inferno.

5 minutos depois

Eu amava-a. Amava-a como as crianças amam as bonecas, as mulheres, as virgens, as virgens e o ceu. A sua cabeça fresca dormiu no meu coração. De tanto se apertarem, nossas mãos sabiam falar. Mordia-a, como se morde um fruto bravio. A sua boca era uma luminosa flor, fecunda como um fruto, acre, como um bago temporão.

Amava-a! Vi-a crescer, só para mim, como cresce uma flôr que nós todos os dias vamos vêr, espreitar as pétalas. Cresceu a amar-me, apenas para o meu amor! Odiei Deus, nesses instantes. E matei-a! Tenho o cerebro cansado como a lama duma estrada. Ha quarenta e oito horas, naquela casa, de noite...

Sem hora

Para que dizer a hora, se a hora é sempre a mesma? Se o tempo não conta para os desgraçados? Se o minuto que passa é o mesmo, é o anterior, e o tempo está suspenso na minha cabeça, como uma eternidade de sofrimento...

Ele, morava numa casa distante da cidade. A três leguas, pelo menos. Havia um muro, selvagem e rustico, onde os martirios ofereciam os seus labios assassinos nos dedos tremulos das hastes. Havia luar, ha quarenta e oito horas... Ha lá coisa mais triste que o luar num velho muro! É uma dôr que se espalha, é uma expressão de velha mumia na pedra gasta. Como o luar sofre, melancolia dum Deus errante, captiveiro de virgem, um rastro, uma poalha, um cadaver de mulher aberto em pús... Queimavam-se as flores, eram os dedos das dôres que nos trespassavam á espada, que as matavam. Ha assim mil crimes na noite, que eu ignorava.

Seguia na sombra, na sombra do muro. Ia indiferente. Então não mataria. A casinha ficava à esquerda, adivinhava-se a distancia pelo perfume e pela claridade do luar, que era um branco roseiral, ali. Duas janelitas, palpebras fechadas de criança, um ar humano queixoso e triste, como se uma nova angustia fosse nascer. A noite ia ter uma mascara, ia ser modelada. Novos gritos! O branco do luar era já uma irritação, queimava-me os olhos como a geada, picotava-os, mordia-os. Entrei a chorar. Agora sim... O crime! Chamei-a baixinho: Maria!... Maria! Se ela acordasse? Ela estava salva! Eu estava salvo! Debaixo das sombras azuladas das arvores, havia goivos. E o seu aroma acre como o da pimenta, endoidecia-me, crispava-me.

Mais tarde

Dentro daquela casa duas mulheres dormiam. A que eu amava, e a que odiava! Para ter uma, tinha que a outra desaparecer. Fechava-se num egoismo, odiava-me por saber que ela, a que eu amava, e era sua filha, me amava. Esperei na noite... A três leguas da cidad e, ao pé dum muro facil de saltar, sem um grito, apenas com uma crispação igual à que tem um passarito ao morrer, seria tão facil matar! Matar para ser feliz! Um crime é apenas um espasmo de violencia!

E se me prendessem? Oh! Que tolice. O meu crime já estava preparado no cerebro, detalhe a detalhe, minucia a minucia. Vi-a estrangulada, morta. Via-me na sombra daquela casa, rastejando devagarinho, seguindo baixinho pelo corredor, e...

E... ao fundo, no quarto distante, matá-la, te-la debaixo do meu joelho, sem um grito, um soluço, um arranco, uma lagrima em segredo.

De repente, o meu cerebro parou, emudeceu. Fui o outro do instante anterior, pensado; não do instante de então, actual, veridico, cruel. Apalpei as minhas mãos como se apalpasse as dum estranho. Senti-as rugosas, metalicas, prontas. E é possível não vêr? É! Eu andava sem vêr, mecanicamente, distanciado de mim mesmo, outro e não eu.

No jardim, uma flor queixou-se, desprendendo-se lenta da haste para a terra. Silencio sagrado na paisagem toda. Divinização do luar. Queimaduras de branco na terra infinita, dormindo de olhos fitos no ceu. Em penumbras as ramagens das arvores distendiam-se e crucitavam como azas crispadas e monstruosas de famintos abutres...

11 horas e meia

Não quero escrever isto. É a minha confissão. Quem me acusa, sou eu. Eu quero viver e hei-de viver. Agora, não. Estremeço de horror. Sei que me espreitam... É noite, e a noite sabe tudo. A treva não esconde, aclara; revela as sombras como os acidos numa camara escura.

.....

Subi a escada, devagarinho. A que eu ia matar, dormia ao pé da porta, logo á entrada, dois passos. Eu sabia tudo. Devagarinho, a subir... Uma grande sombra cresceu para mim. Os meus cabelos, estacados; a minha boca rolou um *o*, formidavel de angustia, todo eu ia gritar. Recuei.. Não era uma sombra, era o pavor que me toldava os olhos. Sabem o que é viver só do coração? Senti-lo trepidar? Palpitar? Gritar? Denunciar?

Lá em cima, o corredor, fazia um angulo recto. Ao fundo ela dormia, a que eu amava, aquela por quem eu ia matar. A outra, estava ali. A porta do seu quarto fazia uma exclamação de sombra, na sombra. Havia três janelas largas e simples no corredor. O luar traçava-se no chão, entrava muito de manso, era um cadaver. O coração desceu de ritmo. Via-se. Clareava. Assim, sim. Não pensava ainda, era o outro, o outro que tinha preparado o crime, no frio desolamento do seu quarto, com a riqueza ardente do futuro, só, só com ela.

Avancei! De novo o meu coração bateu. Bateu mais, bateu mais que os meus passos, ouvia-se pela casa fora, como um velho relogio... Apalpei as mãos, eram os instrumentos do crime... Empurrei a porta do quarto... Um siflo de respiração vinha do fundo.

Branquejavam roupas... Todo o resto eram sombras liquefeitas, de que eu tinha a impressão que me enegreciam e sujavam o corpo como carvão. Dois passos mais... e o meu coração recusou a vida. Estava agora suspenso por um unico sentido — o sentido anterior de matar. De vagar, esperei! Mais um passo. O siflo da respiração, cresceu, fino e tremulo... Ia matar, estendi as mãos, e elas não *a* encontraram. De longe, era mais facil. Eu não a via... Não, não posso, não posso matar! Mas porque tinha vindo até ali, até áquele quarto, até áquele leito? Para matar! Então que matasse. Era a minha cobardia que falava, com medo de morrer! Palpava o horror! E o horror, acreditem, é mais forte que a morte. Quando se mata, é o horror do que está por detraz, do que se sente mexer e viver nas nossas costas, que nos impele, que nos atira ao crime.

Então sim; os meus dedos tomaram-lhe o pescoço, a pele gelatinosa fugiu-me, e, eu, para acabar depressa, rapido, atei com o ferro dos meus dedos aqueles musculos laços, senti a

respiração fugir-lhe, como foge um fio de agua. A mulher estrebuchou, revolveu-se, não vi, mas senti os seus olhos que gritavam, que despedaçavam as sombras á procura, de quem? Todo o corpo dela vibrou, açoitada pelo instinto da vida; percorreu-a e transfigurou-a como um espectro escorrido, de sombra mais funda, na sombra. Escabujou, — e as minhas mãos impiedosas como tentaculos — quebrou em dois o corpo, — e os meus dedos ardentes mergulharam na carne — o corpo como um frangalho, como uma labareda, esfarrapava-se; debatia-se; palpitava...

Um ultimo arranco. A rala da agonia esfacelou-lhe a gorja. A toda a altura, venceu a dôr, avultou, ia-me esmigalhar, já de pé, e eu de pé também...

Com o ultimo instante de vida, a cabeça rolou-me entre os dedos, bateu na parede, um instante depois teve um ruido seco, e tocou... em quê? A luz electrica jorrou formidavel, clara, *écrain* pavoroso ante o meu crime. A cabeça batera no comutador... Oh! meu Deus! Agonia pavorosa, estridente, lubrica de loucura, num cerebro de um condenado, esvrumante, colerica, com a boca cheia de arrepios e de insultos; mais sangue, mais nervos, doido, doido eu!...

Aquele corpo, não era o dela; era o meu, era o de Maria! Os seus olhos viram-me! Viram-me, eu sei! Com que pavor me fitaram! Um vomito de sangue, torceu-a, quebrou-a, retezou-a toda... E aquele sangue ardente jorrava, jorrava infinitamente, salpicava-me os cabelos, incendiava-os, e mil labaredas, flamejaram naquela cabeça sinistra.

A minha ultima hora

Compreendi tudo, depois. A outra saíra. Ela fôra esperá-la ali, naquele quarto, para a ouvir bater...

Ninguém sabe... Não, a morta sabe-o, e eu sei também, e eu vou matar-me. Mas que pavôr me tolhe? Não é a morte que me assusta. O caso do revólver ali, estilhaça com um clarão a sombra.

Estou aqui pregado nesta cadeira, hirto, sem um movimento, um gesto... porque tenho medo que tudo desabe á minha roda.. Eu sinto o arrepio fino dum halito... Detraz de mim, olhos invisiveis, monstros, larvas, fantasmas, espectros aterrorisam, cavam sombras... E eu não me posso mexer, nem para me matar! Nem para me matar — oiçam! Adivinhar, esperar o fantasma invisivel que está por detraz de mim, e que quer matar, e eu, que quero a morte, fugir dela, porque ela é o pavor, o horror . Uma execução sinistra, na treva. São duas mortes! Mas eu hesito!.. Quero a minha. A bala, o craneo despedaçado. Não me posso mexer, tenho o corpo anquilosado, há três horas; quasi nao respiro. Deixei de fumar...

Percorre-me uma navalha a espinha, os cabelos erguem-se, ha um frio que os toca, a carne palpita a uma mordedura que me percorre... Não olho, não faço um gesto, os musculos tensos, por uma prodigiosa vontade que não é a minha... Uma pequena alteração na posição do meu corpo e tudo estalaria á minha roda... É o nada que me cerca, o nada hiante, com frangalhos de cadaveres... Sinto passos, mais passos; o cerebro rola em sangue, desfeito em sngue, arde-me, queima-me, como metal em fusão.

E não me posso mexer! Nem levantar a mão para o cano da pistola, para a morte... Tenho frio: estilhaços de vidro, no craneo, mais frio, tanto! tanto!...

Não é o crime que me faz morrer. Esse esqueci-o. É o horror desta noite imensa, que anda ha um seculo na minha vida, que não acaba nunca, de que eu não sairei. É o horror! A treva viscosa como um reptil! Os mil passos, os mil gritos que oiço por detraz de mim... Ah! Já sei.. Meio minuto, e o relogio vai dar horas... Só assim... Aproveito o ruido e mato-me... Agora... ....

o Maia

Enquanto a página esperc

O Parlamento visto por um Repóter que só por dever lá comparece

1.. Consigliéri Sá Pereira

São duas da tarde, quando muito duas e meia. Nessa altura já o «reporter» vagabundeia nos Passos Perdidos, ermo de legisladores, entregues à guarda de três contínuos — três veteranos. Cabeças brancas de neve, idades que passam da casa dos setenta. Muitas vezes, a conversa trava-se e é vê-los, então, na sua linguagem cheia de asperezas, primitivamente verdadeira, recordar, criticar. Os políticos antigos... E surge a gente da monarquia. O José Luciano, conselheiro, de certo gordanchudo; o Hintze, bigodinho bem penteado, o «frack» vestido com carinho. A confissão vem, a certa altura, inevitável, espontânea: — sim, naqueles tempos havia mais linha, mais teatro e, consequentemente, mais arte. Agora... nesta altura, o «reporter», maldicente de condição, também critica. No fundo, aguarda que os anos corram envolvendo o scenário de hoje numa penumbra discreta que, esfumando os contornos, lhe dêem uma «patine» de venerabilidade que é respeito, hoje impossível de descortinar...

◆◆◆

E só às três e meia, quando o sr. dr. Domingos Pereira chega, meio sério meio sorridente, meneando com discreção a sua cabeça de Menino Jesus já com direito à reforma, a recear sempre a ausência do sr. Baltazar Teixeira, surge naquilo tudo um ar de graciosidade. Ar esse, que o sr. dr. Vasco Borges, que pouco mais tarde usa comparecer, mais carrega, com as suas vestias

Continua na pag 34

Considerações soliloquiadas enquanto se redige o extracto da sessão

Continuação da pág 13

que, em todas as pregas, revelam uma preocupação de alinho que bem denunciam a actual desproletarização do ministerio do trabalho. Bom rapaz... mesmo para os jornalistas de poucas [illegible]ncias que, no fundo, identi[illegible]ção merecem.

Já es[illegible]. Na extrema direita, enquanto [illegible]casaco, invariavelmente negro do sr. Baltazar sermoneia a lista dos legisladores, com a acquiescencia tacita da sua barbinha mefistofelica, o sr. Carvalho da Silva, sorriso nos labios, pregado com ferro de boa qualidade, cavaqueia — e como ele gosta de conversar... — com gregos e troianos. As vezes, escreve. Quantos recibos de renda de casa terá preenchido, ao ouvir distraidamente o sr. Portugal Durão — lá por dentro pensando num convenientissimo fomento da provincia de Moçambique — com voz lamentosa, repleta de inflexões doloridas, a esbracejar e a agredir, correligionários e deputados discordes, com as cifras do «déficit»?!

◆◆◆

Dezasseis horas. Neste momento, enquanto o sr. Homem Cristo, visinho dos catolicos e, portanto, do rosto genero chapa-fotográfica do sr. Lino Neto, rabisca pressuroso, bigodões prussianos muito juntos ao papel, um artigo para *O de Aveiro*, surge o sr. Cunha Leal. Está muito modificado. A sua passagem pela presidencia do ministerio envelheceu-o proveitosamente o contrario do sr. Carvalho dos Santos, nesse tempo chefe de gabinete. Este, parlamentar de uma juventude já muito relativa e sem grandes possibilidades de grangear uma fama demostenica, sorri sempre. Às vezes, põe-se serio. É quando recorda a *pose* um tanto napoleonica, com que solicitava do velho cabo Almeida do ministerio do Interior: — «Traga-me um copo de agua, sim...»

◆◆◆

Trinta pessoas nas galerias. Poucas mais no hemiciclo. A estatua da Justiça recheiada de gesso, despresivelmente colocada a um canto, olha com tristeza aquilo tudo. Um qualquer ajudante de secretario tartamudeia a acta. Os deputados — deputação de quem? — conversam em grupos. Fuma-se. Os continuos, familiarmente, nas suas fardetas verde-Academia das Sciencias, passarinham de um lado a outro da sala. Isolado, ignorada a sua oração pela presidencia, pelos colegas, pela tribuna da imprensa, um legislador perora. Que diz ele?

Baltazai Teixeira e Sá Pereira

◆◆◆

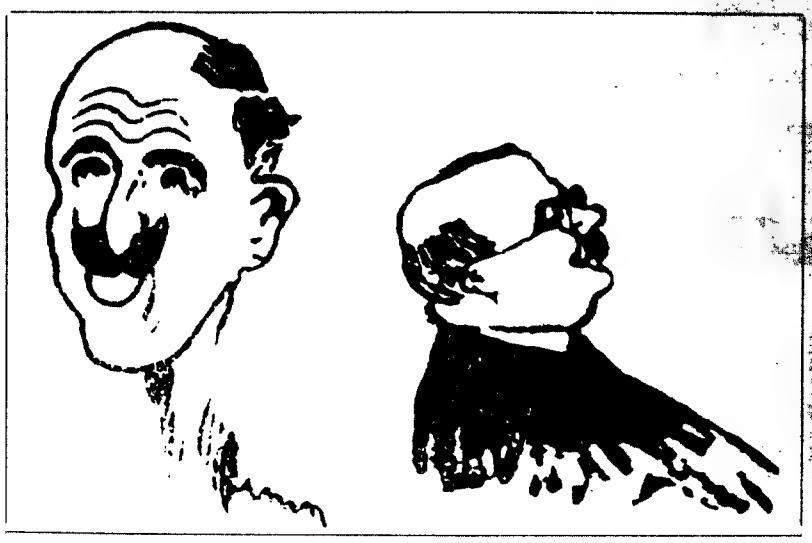
É já tão tarde! Estamos proximos das cinco horas e, enquanto o sr. Alvaro de Castro se dá o prazer pouco duradoiro de cofiar os derradeiros abencerragens da sua outrora fértil cabeleira, o *reporter* — por imposição violenta do seu presado colega N. de A., compelido a redigir estas linhas — acaba por fixar os seus olhinhos de miope na extrema esquerda. Ali, sim! Está tão próxima...

◆◆◆

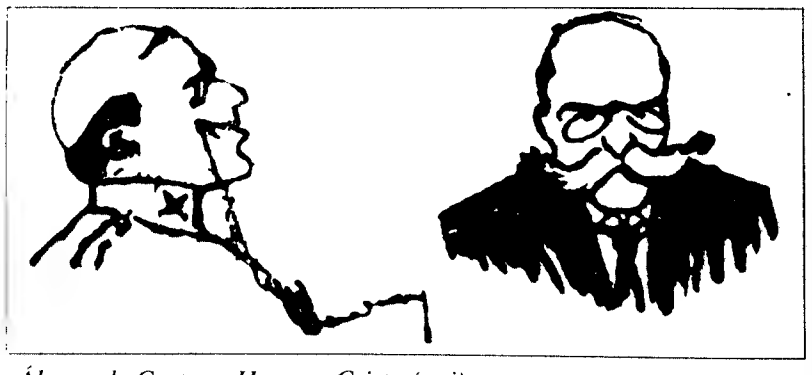
Maioria democratica. Orador de maior vulto — ao *Diario das Sessões*, claro, e pelo espaço que ocupa... — o sr. Almeida Ribeiro. É já velhote, cabisbaixo, sorumbatico. As suas falas lembram uma maquina de moer café — engrenagem inutil, engrenagem parasitaria, uma vez que dela não resulta o precioso líquido. Depois...

◆◆◆

Perdõem, leitores... O amor filial do autor deste desalinhavado escrito, obriga-o a uma referencia especial. Depois... o sr. Sá Pereira. Perfil energico, armado em ponto de interrogação pelo correr dos anos. Uma fisionomia de traços desencontrados, a servir de pretexto a uma pera em tempos mais florescente. Aqui, em S. Bento, o sr. Pedro Januario do Vale Sá Pereira — nome de baptismo — tem o valor de um simbolo. Ele é, dentro deste anfiteatro, um dos raros representantes desses propagandistas da Republica que hoje já nos surgem de cabelos brancos. Os padres, os evangelhos e — suprema razão de irritabilidade! — o sr. Lino Neto... Eis as preocupações do sr. Sá Pereira. Logo, discurso energico, discurso genero *há vinte anos*, transplantado para este ano de 1922 de alfaiates caros e senhorios exigentes, para



Carvalho da Silva e Coronel Freiria



Álvaro de Castro e Homem Cristo (pai)

gaudio do sr. Carvalho da Silva. Finalizando, um elogio que os leitores desculparão ao autor, atendendo á sua especial situação: Quarenta e seis anos de idade, vinte e oito de propaganda republicano-socialista. Resultado: quatro vitens na algibeira, um igual numero de filhos e o sorriso complacente de certos correligionarios que consideram a percentagem aurifera deste tão nacionalissimo filão, muito superior ao das minas de Rand...

◆◆◆

O parlamento visto pelo *reporter!* Mas sai obra desastrada que só a complacencia do meu presado director pode admitir nestas colunas respeitáveis. A acrescentar, o quê?

◆◆◆

Já nos esquecia! E o sr. Antonio Maria da Silva? O esquecimento é, por razões de todos conhecidas, desculpavel. O chefe interino do PRP — o sr. dr. Afonso Costa sempre regressará a Lisboa? — é, logicamente, um presidente de ministerio... imperceptivel. Não só em estatura — e ninguem tem culpa dos erros da Natureza — como em oratoria. Nisso é indisculpavel. Voz de baixissimo registo, ligação defeituosa das orações, um excessivo vigor capilar no rosto de que resulta o defeito grande — debaixo do ponto de vista jornalistico, claro... — de absorver, na consequente e cultissima grenha, noventa e cinco por cento das palavras semiproferidas.

◆◆◆

O governo é o sr. Antonio Maria da Silva. Fora ele, e exceptuando os dois ministros, a que já nos referimos... Mas, perdoar-nos-ha o chefe do governo o que acima fica? Duvidamos. Para mais facil castigo, lembraremos um rasoavel cadastro de *agitados perigoso*, em anos que já lá vão constituido no governo civil.

◆◆◆

Chega a noite. Mal se vê na sala. Emquanto traçavamos estas linhas, proferiram-se suculentos discursos e leram-se documentos em que a gramatica não é de uso obrigatorio. A sessão está no fim. Luzes acesas e o sr. Domingos Pereira, numa solenidade que já é habito velho, a declarar a sessão encerrada. Emfim!

◆◆◆

E como custam agora a subir os trezentos metros da Calçada do Combro, decididamente intrasitaveis desde que os varios poderes que nos governam, de maneira tão imcompleta ha um mez deliberaram resolver a greve da Carris.

L. Consiglieri Sá Pereira
(«Croquis» de Menezes Ferreiras)

COSTA AZUL

PROGRAME AS SUAS FÉRIAS NA:

REGIÃO DE TURISMO DE SETÚBAL

TERRA DE FRUTOS E DE MAR...

INFORMAÇÕES: Rua do Corpo Santo Telef. 24284-29507 Apartado n.º 73 2901 - Setúbal Codex

Em Portugal, segundo Kalidás Barreto

Desemprego cada vez mais longo

Cerca de metade dos trabalhadores que procuravam emprego em 1985 estavam desempregados há mais de um ano — segundo Kalidas Bareto, da Comissão Executiva do Secretariado Nacional da CGTP. De 1984 a 1985, os desempregados há mais de um ano aumentaram 11,1 por cento.

Dados do Instituto Nacional de Estatística e do Instituto do Emprego e Formação Profissional dizem que do total de desempregados que efectuaram diligências para obter emprego em 1985, 203.700 eram desempregados de longa duração. Nesse ano, o total de desempregados atingia 468.400 trabalhadores. Em 1984, o desemprego de longa duração não abrangia mais que 183.400 pessoas.

O ano passado, o desemprego de longa duração representava 48,9 por cento da população desempregada em Portugal. Em 1984, cifrava-se em 45,5 por cento.

O desemprego dos indivíduos com mais de 25 anos ganhou importância nos últimos anos.

O alastramento do desemprego a grupos etários mais elevados e o baixo nível de habilitação e qualificação profissional nos indivíduos que procuram emprego (cerca de um quarto são indiferenciados) tem a ver com a progressiva incidência do desemprego de longa duração.

Kalidas Barreto disse à ANOP que «este novo quadro que se tem vindo a acentuar nos últimos anos coloca problemas específicos ao nível das políticas de formação profissional, até aqui pouco vocacionadas para lhes dar resposta».

O desemprego em Portugal continua a incidir fortemente sobre as categorias de trabalhadores «tradicionalmente» mais vulneráveis no mercado de trabalho.

Desemprego feminino perde importância

De acordo com estatísticas oficiais, de 1983 e 1985, a quota-parte do desemprego feminino no desemprego total tem vindo a perder importância relativa: 67,2 por cento em 1983, 61,8 por cento em 1984 e 60,1 por cento, o ano passado.

Este facto encontra explicação no aumento do desemprego masculino em sectores onde o seu peso é elevado, caso da construção civil e obras públicas, indústrias metalúrgicas e metalomecânicas.

Os índices de emprego para as «actividades não agrícolas» publicados pelos serviços de estatística do Ministério do Trabalho, mostram que nalguns ramos de actividade a quebra do emprego, entre Dezembro de 1983 e Junho de 1985, foi muito acentuada.

Assim, verifica-se um forte decréscimo do emprego (cerca de 20 por cento) na construção civil e obras públicas.

O desemprego aumentou no sector industrial perto de 3 por cento, com variações distintas, segundo os ramos.

As indústrias dependentes do mercado interno, em particular as que produzem meios de produção, como, por exemplo, no sector metalúrgico, registaram aumentos de desemprego. Em contrapartida, as indústrias dirigidas para o mercado externo expandiram os seus níveis de emprego.

Segundo dados do INE e do IEFP, em 1983 encontravam-se desempregadas 318.000 mulheres. Em 1984, este número elevava-se a 295.200 e em 1985 a 281.700.

Quanto aos jovens, entre 1983 e 1985, os dados estatísticos permitem constatar um fenómeno de diminuição do desemprego juvenil no total da população desempregada por grupos etários.

No segundo trimestre de 1983, os indicadores estatísticos fornecidos pelo Instituto de Emprego e Formação Profissional referem que a população desempregada com menos de 25 anos representava 54,6 por cento do total, enquanto no mesmo período de 1985 era de 51,6 por cento.

Comparativamente, a população desempregada com mais de 25 anos passou de 45,4 para 48,4 por cento, respectivamente.

Kalidas Barreto é da opinião que «a perda do peso relativo do desemprego feminino e dos jovens se explica pelo aumento do desemprego masculino», fenómeno, que acrescentou «não deixa de ser interessante constatar».

«O desemprego acentua-se a partir do segundo trimestre de 1983 para cá» — afirmou — «o que traduz uma vaga de despedimentos efectuados a partir deste período.»

«A situação dos trabalhadores por conta de outrem agravou-se consideravelmente» — disse o dirigente da CGTP.

O peso crescente da procura de novos empregos relativamente ao desemprego total e a forte taxa de desemprego dos trabalhadores por conta de outrem são indicadores que atestam para a CGTP a intensificação dos despedimentos.

BANCO ESPIRITO SANTO
E COMERCIAL DE LISBOA

POUPANÇA
HABITAÇÃO

Um novo Serviço do

BANCO ESPIRITO SANTO
E COMERCIAL DE LISBOA

Grandes empresas deixam de ser protagonistas

Relações de força estão a mudar no mundo do trabalho

As relações de força no mundo do trabalho estão a mudar com as alterações estruturais de economia. As mudanças devem-se «ao peso cada vez maior das pequenas e médias empresas e industriais e ao aparecimento de iniciativas locais de investimento», segundo Gary Hansen, especialista em questões laborais da Universidade de Utah, nos Estados Unidos.

Para aquele professor universitário norte-americano, com o surgimento de unidades económicas mais pequenas «está a assistir-se a um novo tipo de economia diferente do que, no passado, foi protagonizado pelas grandes empresas».

Interrogado pela Anop sobre «que conselho daria ao Governo português para melhor aproveitar as vantagens da conjuntura internacional» Gary Hansen admitiu que «uma das possibilidades a que pode recorrer é o investimento em infra-estruturas, que potenciem o aparecimento dessas iniciativas locais de investimento».

A lógica do professor norte-americano é que, no imediato, o investimento em infra-estruturas — obras públicas — levaria à criação de emprego na sua concretização e, posteriormente, possibilitaria o aparecimento de investidores privados, reunidos em cooperativa, ou em grupos autónomos que promoveriam a criação de emprego.

«Nos Estados Unidos, vários trabalhadores lançados no desemprego estão a agrupar-se e a promover o aparecimento de novas iniciativas que, não só lhes resolvem o problema do emprego, como representam já unidades competitivas» — disse.

O caso mais conhecido é o da General Motors que, ao despedir trabalhadores, acordou com os sindicatos o financiamento à criação de novas empresas dos trabalhadores.

Outra iniciativa que surgiu ultimamente nos Estados Unidos é a passagem das empresas que pretendem fazer despedimentos para a responsabilidade dos sindicatos e trabalhadores.

«A princípio, os sindicatos olhavam com alguma desconfiança para este tipo de soluções mas, com o tempo, são eles próprios a angariar fundos para financiar esses investimentos» — disse Gary Hansen.

O professor norte-americano sublinhou nas declarações que prestou à agência portuguesa que, com a crise económica que atingiu as grandes empresas, apareceram novas unidades industriais, normalmente assentes em novas tecnologias, que, no entanto, não estão a absorver, automaticamente, os desempregados das velhas indústrias.

«Há assim como que uma divisão geográfica do emprego e, um dos grandes problemas dos Estados Unidos é não conseguir canalizar directamente os desempregados para as novas empresas até pelas diferenças tecnológicas existentes» — referiu.

Outra das inovações que o investimento apresenta actualmente nos Estados Unidos é o facto de optar pela localização das fábricas fora das antigas zonas industriais.

Fábricas deixam as zonas industriais

Enquanto, durante décadas, a zona industrial dos Estados Unidos se situava nos estados do Norte e em cidades como Chicago ou Detroit, assiste-se hoje a uma insistência dos investidores em zonas, tradicionalmente desindustrializadas e de melhor clima.

São sobretudo pequenas e médias empresas as que estão a aparecer nos Estados Unidos ao ponto de, entre 1969 e 1976, serem empresas com menos de 20 trabalhadores a produzir 66 por cento dos empregos.

Gary Hansen diz que, na sua grande maioria, são empresas muito maleáveis e com grande capacidade de resposta às circunstâncias do mercado embora tenham algumas dificuldades ao nível da gestão.

«A tendência para as pequenas e médias empresas é real, ao ponto de as grandes companhias, cada vez mais, optarem por criar grande número de pequenas empresas satélites, essas sim bem geridas e altamente competitivas», diz Gary Hansen.

Convidado a comentar o facto de a produtividade dos trabalhadores portugueses ser aproximadamente um terço da dos seus parceiros dos países da CEE, o professor norte-americano considerou que isso se deve «a vários factores que vão do tipo de empresas à formação profissional».

«Esse é também um dos grandes problemas dos Estados Unidos» disse sustentando que sem modernização tecnológica das empresas, sem boa preparação da gestão e boa formação profissional dos trabalhadores não há produtividade.

Sobre a legislação laboral portuguesa, Gary Hansen, limitou-se a afirmar que «quanto mais rígidas são as leis de trabalho, mais álibis dão tanto a trabalhadores como a empresários».

«Uma prática de diálogo entre empresários e trabalhadores e o desenvolvimento de um clima de competitividade são os melhores remédios para aumentar a produtividades», afirmou.

Quando você cruza o Atlântico Norte a bordo dos nossos TriStar 500 wide-body, é toda uma tradição portuguesa de bem receber, de hospitalidade e vontade de agradar que o acompanha.

Traçamos um novo mapa dos Estados Unidos com 73 destinos cuidadosamente seleccionados. Ao chegar a Nova York ficam ao seu alcance pequenas cidades e grandes metrópoles, os mais variados itinerários para negócios e turismo — um mundo de alternativas.

Para esta vasta rede de destinos temos as tarifas mais convenientes. Se viajar para Nova York em NAVIGATOR CLASS TOP EXECUTIVE, oferecemos-lhe transporte de helicóptero entre o aeroporto e o centro da cidade, sem aumento de custo.* Do mesmo modo lhe oferecemos a possibilidade de viajar em 1.ª Classe, se continuar para o interior do território Norte Americano.

Todas estas vantagens concretas são uma parte da nossa resposta aos desafios que enfrentamos para ir mais longe, mais alto e melhor. Porque só assim se faz futuro.

Consulte o seu Agente de Viagens.

O seu mapa dos Estados Unidos agora é outro

73 destinos** como mais ninguém lhe oferece

*Em colaboração com NEW YORK AIRWAYS
**Em colaboração com: EASTERN AIRLINES · AMERICAN AIRLINES · PAN AM · NORTHWEST AIRLINES · EMPIRE AIRLINES

INTERMARCO-ESPIRAL

TAP AIR PORTUGAL

fazemos futuro para voar mais alto

Apesar de já serem 145 milhões

Uma parede de silêncio sobre o emprego de crianças

Apesar de haver 145 milhões de crianças trabalhadoras no Terceiro Mundo e países industrializados, a questão continua envolta numa «parede de silêncio», refere um relatório sindical publicado esta semana.

A maior central sindical não comunista do mundo, a Confederação Internacional dos Sindicatos Livres (CISL), afirmou que a prática destrói as crianças e a economia das nações em desenvolvimento, onde prevalece a exploração do trabalho infantil.

De acordo com o relatório, «começando a trabalhar demasiado cedo, as crianças destroem as suas hipóteses de virem a tornar-se trabalhadores enérgicos e saudáveis», além do que «nenhum país em vias de desenvolvimento pode esperar construir uma economia moderna e alcançar o seu nível de crescimento potencial sem uma mão-de-obra enérgica e saudável.

São 15 milhões só na Índia

Só na Índia, mais de 15 milhões dos 230 milhões de crianças existentes trabalham, o que representa 5 por cento da força total de trabalho naquele país.

Em África e no Médio Oriente, segundo as conclusões do estudo publicado pela CISL, o número ascende a 16 milhões e, embora as estatísticas sobre a América Latina não estejam completas, calcula-se que o Brasil encabece a lista com os seus três milhões de crianças exploradas.

Nos países desenvolvidos, a maioria das crianças trabalha no campo. Nos Estados Unidos «cerca de 800 mil menores sobrevivem da colheita de cereais, atravessando o país a ceifar, com a família».

Estes dados, recolhidos numa série de fontes, incluindo as Nações Unidas e diversas organizações laborais, foram posteriormente compiladas em Bruxelas, na sede da CISL.

Mas, como grande parte das crianças trabalha ilegalmente, os números exactos são difíceis de obter. A Organização Internacional do Trabalho das Nações Unidas, citada no relatório, calcula que 50 a 55 milhões de crianças com menos de 15 anos trabalham, embora outras organizações considerem que o número ascende a 145 milhões.

Embora a legislação vigente na maioria dos países proíba o trabalho infantil, o certo é que «os patrões, os pais — e, em certos casos mesmo as crianças — são relutantes em fornecer informação» com medo de ficar no desemprego.

Além disso, em muitos casos as crianças trabalham para ou com a própria família, o que dificulta ainda mais a avaliação estatística do problema.

«As formas viciadas de trabalho e exploração infamtil não são isoladas nem se confinam a algum país ou continente em particular», afirma o relatório, acrescentando que no Terceiro Mundo as crianças trabalham como camponeses, empregados domésticos, caçadores e muitas prostituem-se.

Se ganham dinheiro, são geralmente mal pagas, maltratadas, os empregos são monótonos e os locais de trabalho geralmente não têm o mínimo de condições sanitárias.

Meio milhão no Brasil entre 10 e 15 anos

No Brasil, é frequente as crianças trabalharem 15 horas por dia, e «cerca de meio milhão, entre os 10 e os 15 anos, trabalha mais de 49 horas por semana», acusa o documento da CISL.

As crianças sofrem devido à constante fadiga, ao esforço exagerado, à falta de higiene e aos trabalhos em locais pouco ou nada saudáveis, permanecendo com frequência subalimentadas e sem instrução, pois não têm hipóteses de ir à escola ou, pelo menosç de a frequentar regularmente.

No seu relatório, a CISL, que agrupa 82 milhões de sindicalistas de 99 países, apela aos «governos, organismos internacionais e à opinião pública para assegurar um certo esforço de modo a eliminar o trabalho infantil».

SODIPEL

SODIPEL

O MELHOR FORNECEDOR DE PAPEL DE JORNAL

A NÍVEL NACIONAL

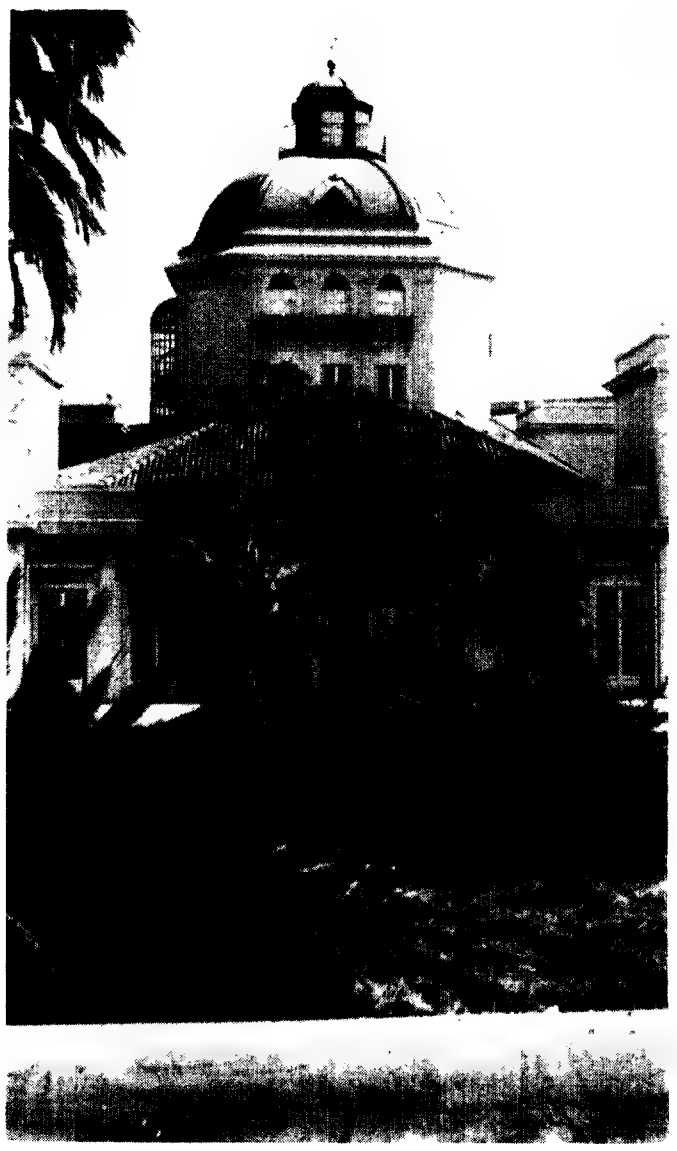
A SODIPEL deseja as maiores felicidades aos que diariamente fazem o «Diário de Lisboa» na passagem do seu 65.º aniversário!

Cabouco

COOP. DE CONSTRUÇÃO CIVIL, C R L

- **OBRAS PÚBLICAS E PARTICULARES**
- **CONSTRUÇÕES CIVIS E INDUSTRIAIS**
- **CONSERVAÇÃO E RESTAURO DE EDIFÍCIOS**

RUA NOVA DA TRINDADE, 1-2 D.to • 1200 LISBOA
TELEF 36 06 10



75 anos do I.S.E.: class passou por lá

Dos doze ministros das Finanças que Portugal conheceu desde 1974, seis licenciaram-se e foram professores no Instituto Superior de Economia (ISE), que comemora em Maio 75 anos de existência.

O primeiro-ministro, **Cavaco Silva,** que exerceu as funções de ministro das Finanças do VI Governo constitucional, foi aluno, assistente e professor do instituto, embora na altura em que este era ainda designado por Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras (ISCEF).

Licenciado por esta instituição e seu assistente foi também o demissionário governador do Banco de Portugal e actual candidato ao cargo de secretário-geral do PS, **Vítor Constâncio,** que exerceu funções de ministro das Finanças do II Governo constitucional.

Silva Lopes, que desempenhou também funções como governador do Banco de Portugal, foi o ministro das Finanças que mais vezes exerceu o cargo: por três vezes, nos II e III Governos provisórios e no III Governo constitucional. Estudou e formou-se no ISE, sendo depois assistente nesta instituição.

Jacinto Nunes foi aluno do instituto e é actualmente professor catedrático no ISE, tendo desempenhado o cargo de ministro das Finanças no IV Governo constitucional, além de ter sido também governador do Banco de Portugal.

Ernâni Lopes, que durante vários anos foi embaixador de Portugal junto da CEE e deixou o cargo para ser ministro das Finanças do IX Governo constitucional, licenciou-se no instituto e foi depois ali assistente.

Finalmente, o actual presidente do Banco de Fomento Nacional, **João Salgueiro,** foi também aluno e assistente daquela instituição, tendo sido ministro das Finanças do VIII Governo constitucional.

Dos restantes ministros das Finanças, Joaquim Fragoso é formado em Engenharia, Salgado Zenha, Medina Carreira, Sousa Franco e Morais Leitão são formados em Direito e o actual ministro das Finanças, Miguel Cadilhe, concluiu o seu curso na Faculdade de Economia do Porto.

O Instituto Superior de Economia, «atravessa actualmente uma fase de

OSCAR
MOBILIÁRIO

ÓSCAR & CA., LDA.

FÁBRICA • BARBELÃES • FRAZÃO

☎ 96 34 90

4590 — PAÇOS DE FERREIRA

O ÓSCAR EM MOBILIÁRIO

feira popular de lisboa

Espaço de Recreio
e Diversão
ao seu dispor

Aberto para almoço

e política

grande renovação e aguarda para breve a publicação do seu novo plano de estudos», segundo António Romão, presidente do Conselho Directivo do ISE.

Também brevemente deverá ser publicada legislação institucionalizando o centro de informática do ISE, que abrange o apoio ao ensino, à investigação e à informatização dos serviços, incluindo biblioteca.

A escola debate-se no entanto com alguns bloqueamentos, nomeadamente a degradação das suas instalações na Rua Buenos Aires que poderá levar inclusive, a não ser encontrada rapidamente uma solução, a que o ano lectivo não se possa iniciar «em plenitude», segundo referiu António Romão.

A falta de pessoal e a rigidez e bloqueamento na admissão de pessoal não docente é outro dos problemas que o ISE enfrenta.

A escola tem entretanto em preparação o programa definitivo das comemorações do seu 75.º aniversário, que inclui, entre outras actividades, a realização de uma conferência sobre «o comportamento dos agentes económicos e a reorientação da política económica em Portugal», organizada pelo Centro de Investigação sobre Economia Portuguesa (CISEP), nos dias 14, 15 e 16 de Maio.

O ISE nasceu em 1911, sob a designação de Instituto Superior de Comércio, sendo integrado em 1930 na Universidade Técnica de Lisboa, com o nome de Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras (ISCEF), adquirindo a sua actual designação em 1972.

Ministros é com o ISE: Cavaco Silva, João Salgueiro, Silva Lopes, Jacinto Nunes, Ernâni Lopes, Vítor Constâncio

COOPERATIVA DE CONSUMO DA VIDIGUEIRA
VILA DE FRADES, ALCARIA DA SERRA, C.R.L.

PRODUÇÃO E COMÉRCIO
DE PRODUTOS ALIMENTÍCIOS

A PRODUÇÃO
APOIADA NA COMERCIALIZAÇÃO

Rua Miguel Bombarda, 28 — 7960 VIDIGUEIRA

EUCACEL
COMPANHIA COMERCIAL DE CELULOSE E PAPEL, S. A. R. L.

Campo Grande, 30, 1.º-B – 1700 LISBOA
Telefones 77 06 01 / 77 72 77
Telex 16349 EUCEL

A declaração de Cocoyoc

Beja Santos

Neste despretensioso apontamento pretende-se reflectir num terrível paradoxo do nosso tempo: nunca se escreveu tanto sobre todas as questões sociais e no entanto é mais palpável do que nunca a insensibilidade com o sofrimento e a injustiça social. Com o mal dos outros podemos bem, não é verdade? Mas recuemos um pouco no tempo, pois há uma história para contar.

Muitos de nós demos pouca atenção às influentes lufadas de pensamento económico e social que preponderaram nos areópagos mais representativos na arena internacional, nos anos de 1974, 75 e 76, sobretudo. Diria, em síntese, que foram os anos áureos da Nova Ordem Económica Internacional, da Carta dos Direitos e Deveres Económicos dos Estados, do diálogo Norte-Sul; dentre a enorme confusão desencadeada nos mecanismos económicos pelo primeiro choque petrolífero, evolava-se a esperança daquele fenómeno de desanuviamento que ficou conhecido por «espírito de Helsínquia». Simplesmente, na política como na comunicação social e em importantes domínios da cultura triunfam o falso, a artimanha, os «stocks» de artifícios, e os media, para subsistir, injectam no mercado simulacros de uma realidade cada vez mais palpável. É essa força avassaladora que põe e repõe ídolos para satisfação de massas sedentas de truques de ilusionismo e de peripécias espectaculares, que fez diminuir a projecção e o debate em torno de problemas intimamente ligados à solidariedade e cooperação internacionais. Com efeito, só esporadicamente se fala no diálogo Sul-Sul (ou seja, entre países do Terceiro Mundo) conquanto a dívida externa e o engrossamento de desigualdades aumentam quase em espiral. Apagam-se os projectores da grande opinião pública mundial atenta ou interessada sobre o diálogo Norte-Sul. Recordo que um eminente especialista, o dr. Mário Ruivo, escrevia no prefácio à tradução portuguesa do Simpósio Internacional de Argel (1975): «O estabelecimento de uma NOEI (Nova Ordem Económica Internacional) pode considerar-se o objectivo principal que vai caracterizar as relações internacionais neste fim de século». Quem, nos bastidores da política, estabelece as prioridades dessas relacções internacionais?

Facto é que a política mundial descobriu outras urgências... Ao desfazer-me de publicações dessa época, não resisti ao fascínio de uma releitura integral ao texto da declaração de Cocoyoc. Nessa povoação mexicana reuniu-se uma conferência internacional de 8 a 12 de Outubro de 1974, e onde participaram nomes sonantes da pesquisa ambiental, da investigação rural, da macroeconomia, do planeamento, a saber: Barbara Ward, Samir Amin, Vladimir Kollontai, Wassily Leontief, Rodolfo Stavenhagen. Mas, perguntar-me-á já agastado o leitor, a que propósito se é importunado por um desses apelos que não entrou na grande história? Responderei simplesmente que esta declaração propicia uma reflexão acerca de uma floresta de enganos para onde dolorosamente somos lançados com esta nova fúria desenvolvimentista para onde arrancámos desde o ano transacto: não falta para aí quem afirme que se vive na onda do relançamento económico mundial?

Verifiquem-se as analogias impressionantes entre a declaração de Cocoyoc e o impasse de um Terceiro Mundo que não tem dinheiro para importar, desenvolver-se, satisfazer uma política de consumos básicos. Que mudou de 1974 para cá, são os apelos não ouvidos dos declarantes de Cocoyoc:

— Julga-se impossível respeitar os «limites interiores» que constituem a satisfação das necessidades fundamentais do homem. Problemas novos vieram ensombrar o futuro internacional: a degradação do ambiente e as pressões crescentes sobre os recursos, fazem questionar se os «limites exteriores» da integridade do planeta não estão também em perigo.

Actualmente, o problema crucial não é o do défice externo, mas das más distribuições económica e social e das novas tiranias da exploração e do abuso: mais ou menos três quartos dos rendimentos, dos investimentos, dos serviços à escala planetária, e quase toda a inevestigação estão nas mãos de um quarto dos habitantes do globo. Por isso se adverte: a solução destes problemas não pode ser abandonada ao automatismo dos mecanismos de mercado. O mercado clássico põe os recursos à disposição mais daqueles que podem facilmente comprar que daqueles que sentem necessidade premente. É um mercado que estimula uma procura artificial e integra o esbanjamento no processo de produção, subutilizando os recursos.

— Os baixos preços das matérias-primas contribuiram para encorajar as nações industrializadas ao uso irresponsável e extravagante das matérias-primas importadas (não esquecer que o preço do petróleo diminuiu sensivelmente entre 1950 a 1970). A compra antecipada pelos ricos, de uma parte desproporcionada dos recursos essenciais, está em conflito directo com os interesses a longo prazo dos pobres.

Nunca foram tão visíveis como hoje os contrastes do consumo: o resultado de relações económicas desiguais manifesta-se nas discrepâncias ultrajantes de consumo entre um africano e um norte-americano, por exemplo.

Num importante artigo escrito para o Correjo da Unesco sobre a juventude africana entre a tradição e o consumismo, o educador senegalês Bubakar Ly põe em destaque, o choque entre o estilo de vida comunitário e patriarcal e o da cidade, que, em síntese, assume as seguintes características. A comunidade e as suas instituições encarregavam-se do jovem. Desde a infância, a família ensinava-o a viver acompanhado de uma vasta ambiência social. A mobilidade social e ocupacional era desconhecida nessa sociedade inquestionável. Longe de ser visto como uma imposição, o serviço comunitário fazia parte da natureza das coisas. Com o advento do colonialismo que atrai a formação de metrópoles polarizadoras do «consumo europeu» assiste-se: a divisão complexa e orgânica do trabalho, expansão demográfica, formação de entidades políticas nacionais. Os clãs e as linhagens ao desaparecer vão cedendo lugar à família ampliada. Em África, os jovens das sociedades modernas não podem ter as mesmas necessidades que seus pais tiveram na mesma idade; eles aspiram a certas formas de consumo que a sociedade actual lhes oferece, ou lhes acena com essa miragem, e experimentam uma situação que seus pais não experimentaram: o tédio. O que os jovens vão procurar na cidade é uma possibilidade de «ser». Daí a formidável decepção do subconsumo, o paraíso publicitário que não chega para todos... Privar as nações dos meios de desenvolvimento é exacerbar directamente os seus problemas demográficos: as relações económicas desiguais fomentam tensões e pressões sobre o ambiente, os camponeses são forçados a cultivar solos marginais com graves riscos de erosão (veja-se o que se está a passar à volta da Cordilheira dos Andes).

— Para que serve então o desenvolvimento? O seu objectivo nodal deveria ser o da satisfação das necessidades fundamentais das camadas mais pobres da sociedade. Na verdade, o primeiro objectivo do crescimento é assegurar a melhoria das condições de vida desses grupos. Um processo de crescimento que não beneficia, a não ser uma minoria rica, avolumando as disparidades entre os países é exploração, não é desenvolvimento.

Não há uma vida unilinear para o desenvolvimento, e não há receitas clássicas para fugir ao imperialismo ou à autarcia. Pode-se discutir se a diminuição de certos consumos não é mesmo um alívio para a situação sanitária, económica e financeira de um país. É-se livre importando bens supérfluos e não dispondo de meios de pagamento para equipamento essenciais?

O Mundo não está confrontado somente com as anomalias do subdesenvolvimento. Há um sobreconsumo que viola os «limites interiores» do homem e os «limites exteriores» da natureza. Tudo somado e conjugado, temos que definir colectivamente os objectivos das novas estratégias de desenvolvimento e dos novos estilos de vida.

As propostas de crescimento autosustentado ganham progressivamente mais interesse. O «self-reliance» não significa autarcia, pelo contrário: implica vantagens mútuas do comércio e da cooperação; significa ter confiança em si, apoiar-se nos seus próprios recursos, humanos e naturais; exclui, como é óbvio, a dependência da influência económica e de poderes externos que possam transformar-se em pressões políticas; exclui ainda, relações comerciais fundadas na exploração. Há, evidentemente, lugar à transferência de tecnologias, mas o acento é posto na adaptação e criação local de tecnologias. Isto significa descentralização da economia mundial e reforço da cooperação internacional tendente ao «self-reliance» colectivo.

É em resumo, um conceito indispensável para uma sociedade mundial com uma ordem económica e social mais justa. O que ora presenciamos é que há um centro que explora uma vasta periferia, isto quando temos necessidade de um mundo harmonizado onde cada parte seja um centro.

— Temos o direito de compreender mais, de reclamar a imaginação no poder. Mas não sejamos incautos: a actual estrutura internacional do poder não se conformará com a expansão da democracia desde a produção ao consumo. Os poderosos, aqueles que querem o mundo dividido em esferas de influência, tentarão perpetuar os factores estruturais de distorção nos mecanismos do mercado internacional, recusarão créditos, farão embargos, estabelecerão sanções económicas, recorrerão à subversão de serviços de informação, usarão operações contra-insurrecionais, activarão a intervenção pura e simples.

Deve-se referir que urge estabelecer um regime dos oceanos sem discriminação de qualquer espécie. Um tal regime desenvolveria progressivamente o tipo de tecnologia que é requerida para a exploração, a valorização, a transformação e a distribuição de recursos dos oceanos em proveito dos mais carenciados.

Um sistema das Nações Unidas regenerado deveria ser utilizado para reforçar a capacidade nacional de investigação e de avaliação das tecnologias dos países em vias de desenvolvimento. A par de tudo isto, novas concepções de estilos de desenvolvimento devem ser introduzidas a nível nacional. Elas exigem uma pesquisa imaginativa, quanto aos diversificados modelos de consumo, as estratégias de utilização do solo, bem assim como sobre o quadro institucional e as exigências requeridas em matéria de educação.

E assim culminava a declaração de Cocoyoc: «Cremos que se podem constituir estilos de vida e sistemas sociais mais justos, menos arrogantes nas suas exigências materiais, mais respeitadores da totalidade do ambiente planetário.» Porque se falhou? Os líderes políticos mais responsáveis não compreenderam a urgência na consecução desta Nova Ordem Económica Internacional? Não, não era isso que estava (e está) em causa. Crescimento e centralismo correm a par; o Hemisfério Norte, a pretexto das taxas de inflação, desemprego e investimento, diz não ter oportunidade de rever drasticamente as funções de ciência, a natureza dos lucros das multinacionais, a desnaturação dos instrumentos e das instituições. As engrenagens da impostura prosseguem, doze anos após a declaração de Cocoyoc. Um dia, abruptamente, partir-se-á um elo insuspeitado da dominação: um México já em falência técnica, uma rebelião irreprimível na Índia, novos assaltos aos supermercados no Brasil. Podemos reconquistar o presente, ainda há tempo. Mas a fé, como a paciência, tem os seus limites.

Este jornal é impresso com
TINTAS
LORILLEUX-LEFRANC

Indústria portuguesa de moldes vai à Feira de Plovdiv (Bulgária)

A presença da indústria de moldes para plástico é a novidade portuguesa na Feira de Primavera de Plovdiv, na Bulgária, que se efectua de 5 a 11 de Maio próximo.

A representação da indústria de moldes será assegurada por uma importante unidade do ramo que já assegurou a montagem de um pavilhão próprio nesta importante feira do Leste europeu. Portugal tem apresentado em Plovdiv especialmente as suas cortiças que dominam, aliás, as nossas exportações para aquele país. A indústria de moldes para plásticos já tem hoje um fluxo exportador regular para alguns países do Comecon, particularmente para a URSS, sendo esta a primeira tentativa de entrada também na Bulgária.

Aspecto exterior da Feira da Primavera de Plovdiv uma das mais importantes do Leste europeu

O comércio português com a Bulgária tem-se afirmado por saldos favoráveis ao nosso país que, além da cortiça e de outros produtos manufacturados, vende serviços de reparação naval à frota pesqueira búlgara do Atlântico. Em contrapartida, Portugal importa tabaco, alguns produtos químicos e maquinaria ligeira com destaque para os empilhadores, aliás, uma das especialidades industriais búlgaras.

O objectivo imediato do comércio bilateral é atingir os 10 milhões de dólares de trocas nos dois sentidos. A participação de firmas portuguesas na exposição da Primavera aponta nessa direcção, pois, segundo expressa declaração do Adido Comercial da Embaixada da Bulgária em Lisboa **«as possibilidades de uma colaboração económica e comercial mutuamente vantajosa entre os dois países estão longe de se esgotarem»**.

Por isso mesmo foi alargado o leque de empresas e sectores convidados para Plovdiv, no mês de Maio. A edição deste ano vai englobar uma exposição internacional de vestuário e calçado, sector a que será também dedicado um seminário sobre novos materiais e tecnologias utilizadas nesta indústria.

Em 1985 participaram na Feira de Plovdiv mais de 3700 firmas de 76 países e fizeram-se transacções comerciais no montante de 4,5 biliões de dólares.

Marco e franco alargam diferença cambial em seis por cento

Os ministros da Economia da Comunidade Económica Europeia chegaram ontem, em Ootmarsum, Holanda, a acordo sobre um realinhamento das paridades das divisas pertencentes ao Sistema Monetario Europeu (SME).

De acordo com esse realinhamento são valorizados o marco alemão e o florim holandês em 3 por cento e os francos belga e luxemburguês e a coroa dinamarquesa em 1 por cento. O franco francês é desvalorizado em 3 por cento e as restantes divisas pertencentes ao SME mantêm a sua cotação actual.

Estes realinhamentos confirmam que o governo francês não conseguiu impor, conforme pretendia, um diferencial entre o marco alemão e o franco francês de 8 por cento. Essa exigência tinha, no sábado, feito fracassar as negociações e a diferença entre as duas moedas acabou por se fixar em seis por cento.

Todos os restantes países membros da Comunidade Económica Europeia se opunham, por razões diversas; a que o diferencial resultante fosse superior ao que ficou acordado.

Segundo o enviado especial da agência NP à reunião, Nuno Jonet, à excepção da delegação francesa, as restantes argumentaram que um diferencial resultante superior a 6 por cento não teria justificação económica podendo unicamente ser defendido por motivos de natureza política interna.

Uma desvalorização implica para os países que a efectuam, um aumento automático da competitividade das suas exportações e uma margem de manobra adicional na fixação dos preços agrícolas comuns em moeda nacional. Os efeitos são precisamente contrários para os países que valorizam.

A libra esterlina, o dracma, o escudo e a peseta, por razões diversas, não participam no SME.

No entanto, designadamente as três últimas divisas, tendo em atenção que os países respectivos têm importantes relações com o franco francês, opuseram-se a uma desvalorização demasiado acentuada da referida moeda.

No caso português, apesar disso, a desvalorização do franco francês é parcialmente compensada pela valorização do marco.

Por outro lado, de acordo com vários observadores, o escudo mantém, ainda, uma certa margem de subavaliação que não o obriga a acompanhar neste momento a desvalorização do franco francês.

1. **COMPUGRAPHIC CORP.**
SISTEMAS DE FOTOCOMPOSIÇÃO

2. **LOGETRONICS AG ZURICH**
MÁQUINAS DE REVELAÇAO AUTOMÁTICA P/FILME E PAPEL

3. **SCITEX EUROPE S.A.**
SISTEMAS AUTOMÁTICOS PARA PRODUÇÃO DA PÁGINA

4. **PARKER GRAPHICS LTD.**
PRENSAS DE TRANSPORTE À CHAPA

5. **SAKURAI MACH. TRADING CO. LTD.**
MÁQUINAS DE IMPRESSAO OFFSET DE FOLHA

6. **HARRIS GRAPHICS CORP.**
ROTATIVAS DE JORNAL E COMERCIAIS
EQUIPAMENTO DE ACABAMENTO (PONTO A ARAME – CAPA MOLE – ALCEADORAS – STACKERS)

7. **CIVIEMME SPA**
STACKERS E PALETIZADORES AUTOMÁTICOS

8. **VITS MACHINENBAU GMBH**
CORTADORES DE FOLHA (SHEETERS)

9. **COLORDRY LTD.**
SISTEMAS DE SECAGEM (IMPRESSÃO E ENVERNIZAMENTO) POR INFRAVERMELHO OU ULTRAVIOLETA

10. **GAMMERLER MASCHINENBAU GMBH**
MÁQUINAS DE PERFURAR, VINCAR, ETC.
CORTE DE CADERNOS EM LINHA

11. **ILLGE IBERICA**
MÁQUINAS DE FECHAR CAIXAS

12. **MORANE PLASTIC CO. LTD.**
MÁQUINAS DE PLASTIFICAR

13. **JAMES BURN INTERNATIONAL**
MÁQUINAS DE METER ANEIS EM METAL OU PLÁSTICO

14. **BUHRS ZAANDAM NV**
MÁQUINAS DE ENDEREÇAR
MÁQUINAS DE DOBRAR E CINTAR (JORNAIS – REVISTAS)
SISTEMAS AUTOMÁTICOS DE PREPARAÇÃO PARA «MAILLING»

15. **PRODUTOS DE CONSUMO**

15 BOAS RAZÕES PARA QUE NOS CONTACTE

SIGLA

SOCIEDADE DE IMPORTAÇÕES GRÁFICAS, LDA.

RUA RUBEN A. LEITÃO, 2-B — 1200 LISBOA — TEL. 37 15 31 / 37 28 85

Os compatriotas consideram-nos por vezes timoratos que fogem das dificuldades. No entanto, os Brancos que abandonam a África do Sul obedecem por vezes a considerações mais estimáveis do que as dos ratos que abandonam o barco.

Os medrosos fazem as malas...

Michel Bole-Richard

Os sul-africanos chamam a isso o «chickenrun», **isto é, a fuga dos cobardes, dos medrosos, dos que abandonam este país de futuro incerto. Mas eles pesaram durante muito tempo os prós e os contras e é muitas vezes com pesar que decidem recomeçar a vida noutro lugar. Uma escolha dolorosa, que explica que John Kennedy, um jornalista do** Star, **tenha voado para um país que ele sabe não ser o paraíso, a Austrália, mas onde poderá viver em paz com a sua consciência. «Infelizmente não tenho o espírito de um cruzado. Só quero viver, e mais ainda, que os meus filhos vivam num ambiente sem o ódio racial que envenena o meu país. Quero libertar-me deste sentimento de culpabilidade que tenho, como sul-africano branco, num Estado que nega a milhões de homens os seus direitos mais elementares».**

Muitos destes emigrantes partem porque se sentem inquietos com o futuro dos filhos. Ou então porque não querem que eles peguem em armas contra outros sul-africanos. Por vezes, muito simplesmente, porque pensam que não há futuro para eles num país que mergulha a pouco e pouco na guerra civil.

Uma fuga de cérebros

A hemorragia começou em 1984 com a promulgação de uma lei que, a partir de 11 de Outubro, obrigava todo e qualquer residente permanente na África do sul, há mais de cinco anos, a tomar a cidadania do país, isto se tivesse entre os quinze e os vinte e cinco anos. Para obrigar os estrangeiros instalados no território a fazer o serviço militar. À volta de 1000 jovens entre 46.000 recusaram tornar-se cidadãos sul-africanos e muitos deles tiveram de partir, assim como as famílias. Este movimento acelerou-se no meio do ano passado, com o aumento da agitação nos «townships», a instauração do estado de emergência e a recessão económica. Não é o êxodo, mas 11.400 pessoas escolheram expatriar-se em 1985, isto é, mais 33% do que no ano precedente. Uma perda que, no entanto, foi largamente compensada com a chegada de emigrantes. O saldo anual continua positivo (5800), mas o afluxo dos recém-chegados diminuiu consideravelmente, menos 40% do que em 1984. E, pela primeira vez, em Dezembro passado, o saldo foi negativo (-273).

Isto, de facto, não seria demasiado grave se não se tratasse de uma fuga de cérebros: engenheiros, médicos, professores, contabilistas, técnicos, que a crise económica e a situação política afastam do país. «Se o fluxo não for invertido a África do Sul será ameaçada por um suicídio socioeconómico», previne John Monbray. O rebanho, que não é fácil reconstituir foge para outras pastagens mais verdes: melhores salários e possibilidade de melhorar a sua sorte.

A África do Sul terá deixado de ser essa terra atraente onde a vida é fácil e as possibilidades de enriquecer prometedoras? Ainda não há muito tempo, em 1982, à volta de 50.000 pessoas emigraram para esse eldorado. Segundo uma sondagem recente, em oito anos a fé no futuro do país desceu, entre os brancos, de 74% para 47%. No entanto, alguns ainda têm fé, como Christopher Turner, sul-africano de origem britânica, que emigrou para Inglaterra em 1978 e voltou a instalar-se na Áfica do Sul em 1985. Ele acusa os que partem de procurar desculpas para o seu egoísmo, e lança um apelo: «A África do Sul precisa de vós.» Porquê? Porque há um desafio a levantar e porque este país continua a ser «um dos melhores do mundo», com «recursos e um potencial que só precisam de ser desenvolvidos». «Fugir dos problemas emigrando só faz com que estes se tornem mais difíceis para os que se preocupam com as pessoas e com o país em que vivem.»

Por outro lado, alguns emigrantes pensam que é sempre possível arranjar aqui uma situação. Como o diz um jovem português, Fernando Martins: «Há mais trabalho do que no meu país e mais possibilidades de uma vida melhor.» O mesmo que pensa um inglês, Pete Norris, que acha que há mais possibilidades na Áfica do Sul do que na Inglaterra, tanto mais que já tem família consigo.

Cento e uma razões para ficar

O magazine «Style» entreteve-se a procurar as cento e uma boas razões que tinha para ficar. Não sem humor, David Barrit nota que na Austrália há «cinquenta mil variedades de moscas», que «o resto do mundo não nos merece», que «Azania é um bonito nome», que «nos outros lugares a água é imbebível» ou enfim que, «com o êxodo dos cérebros, os que restam podem fazer fortuna.»

Ao fim e ao cabo, nota o autor, «se os nacionalistas (o partido no poder) se vão embora, e nos encontramos com Tambo, Buthelezi ou Mandela, deixemo-los passear nas limousines pagas pelo contribuinte. É a vez deles. Se mesmo assim se forem embora, que a última pessoa a deixar East-London não se esqueça de alimentar os delfins.» Para o diabo os profetas da desgraça, os derrotistas, os vencidos sem esperança. Não é só aqui que as pedras são duras.

Para os candidatos à partida, o desemprego e as leis draconianas sobre a emigração são outros tantos obstáculos a ultrapassar. À volta de um milhão e meio de sul-africanos têm ou podem querer obter um passaporte estrangeiro. Para os outros, abandonar o país significa renunciar definitivamente à sua cidadania, depois ultrapassar todos os problemas administrativos, por fim encontrar um país de acolhimento. Actualmente setenta e quatro Estados recusam a entrada no seu território a portadores de um passaporte sul-africano.

Os que beneficiam de dupla nacionalidade têm, sem dúvida, uma enorme vantagem, sobretudo quando podem ser acolhidos por membros da família. Os outros candidatos devem enfrentar as regras do país escolhido. O ano passado, a embaixada dos Estados Unidos recebeu diariamente cinquenta pedidos de informações, mas só foram concedidos setecentos vistos.

Boa sorte Bom vento

Muitos sul-africanos vão primeiro como turistas ao país escolhido, a fim de fazer a prospecção, estudar as possibilidades, sondar o mercado do trabalho. Os países mais procurados são a Grã-Bretanha, a Austrália e os Estados Unidos. Foi publicado na África do Sul um guia, não «para encorajar a emigração mas para informar as pessoas sobre o assunto.» Intitula-se muito simplesmente: Deixar a África do Sul. Um opúsculo que fornece as informações e as moradas úteis na terra de asilo.

O primeiro dos entraves é muitas vezes a impossibilitade de levar mais de 100.000 rands (uma família) ou 50.000 rands (uma pessoa só). A pequenez da soma refreia muitos ardores, sobre tudo desde a queda da moeda local em relação às divisas estrangeiras. Os voluntários do exílio esperam por melhores dias. O que faz dizer a S.D. Allop, um dos que abandonou o barco pensando que ele vai naufragar: «Partam enquanto é tempo.» E acrescenta: «Boa sorte para os razoáveis, equilibrados, inteligentes que decidiram apesar de tudo ficar. Bom vento para a África do Sul, mas tenho as minhas dúvidas.»

GS

TINTAS SCHMIDT

A QUALIDADE ALEMÃ FABRICADA EM PORTUGAL

TINTAS E ADITIVOS PARA:

OFFSET – Folha-a-folha
OFFSET – Bobina c/e sem estufa
TIPOGRAFIA
FOLHA DE FLANDRES
FLEXO E ROTOGRAVURA

A SUA ESPECIALIDADE É IMPRIMIR?
A NOSSA É FABRICAR TINTAS DE IMPRESSÃO
PODEMOS TRABALHAR JUNTOS! CONTACTE:

LINDNER PORTUGUESA, TINTAS SCHMIDT, LDA.

APARTADO 32 – 2806 ALMADA CODEX ☎ 276 54 75

Meryl Streep, Robert Redford, Klaus Maria Brandauer fazem reviver o romance triste de Karen Brixen. Ela escrevia para fugir da prisão da Dinamarca, seu país natal. Amava a África. Tinha uma herdade no Quénia. Nesse tempo os colonos ingleses levavam uma vida alegre. O filme de Sydney Pollack (onze nomeações, sete confirmações) dá-nos vontade de ir fotografar as paiagens.

"OUT OF ÁFRICA"
A boa sociedade do Quénia

Jacques de Barrin

Tanto melhor se o Quénia de ontem faz vender o de hoje. E ainda bem se ao sair das salas obscuras milhares de espectadores desejosos de romance têm vontade de se lançar nas pegadas de Karen Blixen, que no princípio do século veio aqui fazer de Marie-Antoniette.

Não há que nos mostrarmos esquisitos quando resolvermos acolher um milhão de turistas — quatrocentos mil em 1984 — nos próximos anos. Para atingir tal objectivo todos os meios servem. Que importa pois, aos olhos das autoridades quenianas, se as câmeras de Sydney Pollack dão do seu país uma imagem «rétro», que, através dos langores e dos sonhos de uma mulher de letras dinamarquesa, restitui os encantos discretos da época colonial.

Seis milhões de dólares gastos no local, durante as filmagens e, de futuro, muito mais para a promoção turística do país. O produtor americano — Universal Pictures — prometeu, em todo o caso, a si próprio, não repetir a experiência no Quénia, visto as autoridades locais lhe terem tornado a vida impossível «por falta de interesse». Seja como for, defendeu-se bem de ter financiado uma obra cinematográfica sujeita a caução. «Karen Blixen era uma mulher de espírito muito independente e que guardou as suas distâncias perante o sistema colonial», augura ele. «Se tivesse sido de outro modo, não teríamos realizado este filme.»

Não é esta a opinião do romancista Ngugi Wa Thiong'o que censura ao autor de «África Minha» apresntar o seu país como uma vasta terra para sonhos eróticos onde «os amantes blancos surgem como jovens deuses, e os servos negros como bestas de carga». Karen Blixen fugira de uma vida demasiado calma e sem relevo para dar livre curso à sua natureza fantástica e aventurosa, num quadro que se prestava maravilhosamente para isso. Graça muito à moda nos anos 20: «É casada ou mora no Quénia?»

Mais picante foi a história desses aristocratas britânicos desocupados, mas com dinheiro, que desembarcaram no Quénia durante os anos 20, para se divertirem. Altitude, álcool e adultério: estes sibaritas instalaram-se no maciço dos Aberdares, naquilo a que então se chamava — e com razão — «O vale feliz (happy valley).

Josslyn Hay, vigésimo primeiro conde de Erroll estava à frente da festa e fez andar a cabeça à roda a algumas mulheres casadas. No 24 de Janeiro de 1941, foi encontrado ao volante do seu Buick com uma bala na cabeça. Acusado do crime, Sir Jock Broughton, marido da sua última conquista, Diana, hoje lady Delamere —, foi absolvido e tudo ficou por ali. Existe um livro «White Mischief» — que tenta esclarecer este enigma. Os que desejaram fazer dele um filme, renunciaram prudentemente.

Karen Blixen não frequentava este mundo. E também não frequentava o dos verdadeiros pioneiros que tinham chegado ao Quénia dez anos antes dela. Época de carros de bois, depois de caminho de ferro, que viu a primeira vaga de emigrantes, chegada da Grã-Bretanha, mas também do Canadá, da Austrália e da África do Sul, começar aqui uma nova vida a partir de nada, na tenda e nas cabanas.

As coisas já tinham tomado novo aspecto quando a romancista dinamarquesa descobre o Quénia, então sob protectorado britânico. Sinal que não engana: ela chega a Nairobi na semana em que abre o célebre Muthaga Club, grande centro da sociedade branca, a que depressa se chama o «Moulin Rouge da África». Golf, pólo, ténis: as distracções não faltam. O primeiro desafio de cricket realizou-se em 1899; no ano seguinte era criado o East Africa Turf Club...

Conquistado o terreno, os imigrantes instalam-se definitivamente, construindo casas de pedra e cal em estilo, «cottages». A pouco e pouco recriam o seu universo: no chão, os tapetes persas expulsam as peles de zebra, e, nas paredes, os quadros de família substituem as arms de fogo. Em 1911, feitas as contas, os arrendatários quenianos gastaram 23 000 libras em alfaias agrícolas, mais 30 000 libras em diversas bebidas alcoolizadas...

O Quénia ascende, em 1920 ao estatuto de colónia da Coroa e os imigrantes dispõem de um Conselho Legislativo para fazer ouvir as suas vozes. É então que, apesar das reservas expressas em Londres, se esboça nos seus espíritos a ambição de construir, nessas terras altas, «o paraíso do homem branco». Para afastar toda a ideia de mistura, criam mesmo um comité de vigilância.

DROGA

O dia da morfina

Alain Franco

Quatro iniciais colocadas na vidraça de uma grande casa parecida com as outras, à beira de um canal no centro de Amesterdão, assinalam discretamente que se encontra aqui o serviço médico e social para os toxicómanos; de certo modo o sindicato dos «junkers» da cidade.

Aquilo que no meio dos anos 70 não passava de um abrigo para os numerosos drogados do bairro, um local para descansar, beber um café, mas, sobretudo, fugir à rua — e do seu corolário, a Polícia — transformou-se a pouco e pouco graças a um psiquiatra, Léo Riemens, e a um assistente social, August, numa verdadeira organização.

Desde 1980 que o MGHD é subvensionado pela cidade e recebe a bonita soma de 200 000 florins por ano, o que lhe permite editar um periódico e boletins de informação, e empregar um pessoal heterogéneo composto por verdadeiros toxicómanos, antigos «junkies» que desistiram ou simplesmente pessoas desejosas de ajudar quem necessita de ajuda e que muitos consideram pessoas com problemas, tal como, por exemplo, os alcoólicos.

Porque a chave da existência de uma tal organização reside nesta visão das coisas: «Aqui, confia-me o responsável pelos problemas de droga do município, recusamos a política de avestruz: a heroína é um fenómeno social das nossas sociedades. Devemos combatê-lo tanto pela prevenção e a compreensão, como pela repressão.»

Ronald caminha para os trinta anos. Cabelos pretos e compridos, olhos marcados, calças e blusão de jeans completamente «speeded», conta-me o seu trabalho no seio do «club», como ele diz, misturando anedotas sobre a sua vida. Preso à heroína durante longos anos, faz agora parte dos quarenta «toxicómanos com grandes problemas» que beneficiam, no quadro de um programa estrito organizado pelo município, de uma distribuição gratuita de 100mg de morfina por dia, mais duas seringas.

Este programa revolucionário, que existe há dois anos e tem o objectivo de ajudar os que já não podem na verdade libertar-se, foi estudado e realizado depois de consultas entre o MGHD e a cidade, e, está claro, depois de o governo de Haia lhe ter dado luz verde. É ainda demasiado cedo para estudar em profundidade os resultados de uma tal experiência, mas tudo leva a crer que ela prossiga durante um certo tempo porque o objectivo confessado do município não é ajudar esses irrecuperáveis a libertar-se mas antes permitir-lhes **«regular o uso que fazem das drogas duras, a fim de reduzir os riscos e reorganizar a sua própria vida».** Assim, graças a esse maná, Ronald já não toca na heroína, não «deale» e consagra-se totalmente ao seu trabalho para a organização.

Rick tem o ar limpo de quem não toca nas drogas duras. Fala-me de outro programa municipal. Ainda se trata de distribuição gratuita, mas agora de outro produto, a metadrona, que tem a particularidade de satisfazer os efeitos de carência de heroína sem por isso criar «flash» ou sensação de bem-estar. A distribuição é feita por dois carros que atravessam a cidade com um itinerário, horários e passagens certas.

O trabalho de Ronald, de Rick e dos outros membros não se limita à defesa destes dois projectos. A pedido premente da organização, as ambulâncias chamadas para tratar uma overdose, não são obrigadas a comunicar o caso à Polícia. Em caso de problema grave o medo de pôr o dedo na engrenagem Polícia-justiça já não existe, e o número de mortos por overdose baixou consideravelmente, tanto mais que os estojos farmacêuticos contêm agora os medicamentos necessários a um tratamento *in loco*.

No magazine do MGHD encontra-se uma quantidade de artigos que vão da presença de junkies estrangeiros em Amesterdão a conselhos de higiene a fim de evitar as infecções e a propagação das doenças. Porque o MGHD dedica-se muito à

AUTOCOOPE

COOPERATIVA DE TÁXIS DE LISBOA, C.R.L.

150 TÁXIS
ao seu serviço

CENTRAL-RÁDIO
Telefs.: 65 91 51/8

AUTOCOOPE
NA FASE DE RENOVAÇÃO DA SUA FROTA
UM SERVIÇO CADA VEZ MELHOR

TÁXIS:
A QUALQUER HORA!
CHAMADA A CONTAR DA PORTA DO CLIENTE
NA CIDADE, PARA TODO O PAÍS
E ESTRANGEIRO

SEDE:
AVENIDA VISCONDE VALMOR, 3, 2.º-Dto.
1000 LISBOA

COOPERATIVA DE CONSUMO PIEDENSE, CRL

FUNDADA EM 4 DE MARÇO DE 1893

93 ANOS
AO SERVIÇO
DO CONSUMIDOR

Uma cooperativa de consumo
ao serviço da população
do Concelho de Almada

ABERTA AO PÚBLICO EM GERAL

SUPERMERCADOS

EM
COVA DA PIEDADE, FEIJÓ E LARANJEIRO
Com secções de todos os
Produtos Alimentares, Ménage, Pronto-a-Vestir, Produtos de Higiene, Artigos Escolares e Serviços de Cafetaria

FABRICO PRÓPRIO DE PÃO E PASTELARIA
A Cooperativa dispõe ainda de uma Biblioteca, de uma Sala de Convívio com jogos e um Posto Médico e Enfermagem

Rua da Cooperativa Piedense, 94 – Telefs. 276 10 11/2 — 2800 COVA DA PIEDADE

Distribuição gratuita de morfina a certos drogados de Amesterdão... Há dois anos que este programa revolucionário que tenta ajudar os toxicómanos de mais gravidade foi realizado de acordo com o município e o governo de Haia.

luta contra as doenças virais e, no quadro de um programa oficial, a organização está habilitada a fornecer gratuitamente seringas esterilizadas e que se deitam fora depois de usadas.

Eis talvez a razão por que é fraco o número de heroinómanos atacados de hepatite e, sobretudo, porque a Holanda só tem dois toxicómanos com SIDA, isto em quinze mil a vinte mil utentes regulares. Em paralelo com essas publicações periódicas, onde não há nenhum proselitismo em favor das drogas duras, o MGHD edita um guia destinado àqueles que se querem desintoxicar sem integrar um centro especializado: «Eu próprio tentei libertar-me, disse-me Ronald, e fui para o campo onde sabia que não me podia fornecer.» Visivelmente isto não corre sempre bem.

Fala-me por fim de um projecto que fez correr muita tinta em 1984 e que o MGHD não esqueçe. Antes da sua nomeação, o maire de Amesterdão, Ed Van Thijn, procurara estudar um programa de distribuição gratuita... de heroína. Com efeito, esta última, tal como a metadona ou a morfina fazem parte da categoria dos estupefacientes que a lei holandesa sobre os narcóticos autoriza para um uso de objectivo médico. Mas este projecto de distribuição gratuita sob controlo científico sério, encontrou obstáculo em vários partidos políticos, e o Ministério da Saúde acabou por recusar a autorização necessária à realização do programa. No entanto, talvez tenha sido um simples adiamento, porque os responsáveis do município não escondem que o projecto em questão continua a ser discutido.

Existência de um sindicato de toxicómanos, distribuição de morfina e de metadona hoje, de heroína amanhã, talvez. Quer isto dizer que Amesterdão é um porto de abrigo para todos os junkies?

«De modo algum», responde o responsável pelos problemas de droga. «Temos o maior desejo de mudar essa reputação. Tolerância não significa laxismo.»

É bem certo. Nos últimos anos o município fez esforços a fim de aumentar os efectivos da Polícia. Em bairros como o Zeedijk, dantes conhecidos pelas prostitutas e pela droga barata, o número de agentes aumentou consideravelmente e o bairro foi renovado.

A filosofia das autoridades de Amesterdão no que diz respeito a drogas duras está presente nestas frases extraídas do relatório de 1984: «Cada indivíduo é livre de organizar a sua vida como o deseja, sendo responsável pelas suas escolhas. Mas há limites a essa liberdade, precisamente quando implica riscos para o indivíduo em questão e para os outros.»

AGFA

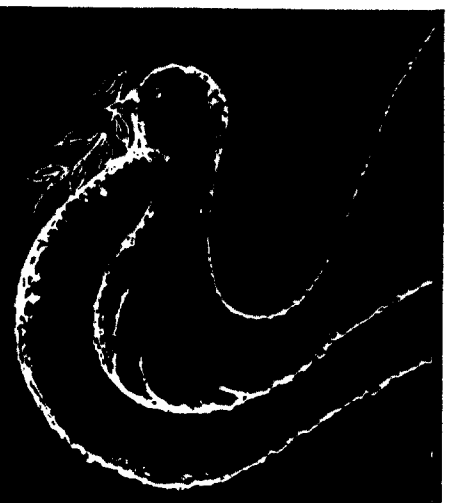
Agfa

PRODUTOS FOTOGRÁFICOS E QUÍMICOS PARA A INDÚSTRIA GRÁFICA E REPROGRÁFICA

DRUPA86
Düsseldorf
2.-15.5.1986
AGFA-GEVAERT 4 e 20 / 4 F 21

AGFA-GEVAERT Agfa

COMEMORAÇÕES DO 25 DE ABRIL



7 ABRIL — DIA MUNDIAL DE SAÚDE

15 h — Visita dos eleitos aos centros de saúde do concelho

21,30 h — Salão Nobre da C.M. debate sobre (os problemas da saúde no concelho de V.Franca)

11 ABRIL — CINEMA PARA A JUVENTUDE

17 h — No Cine-Teatro de Vila Franca «Os Marginais» de Francis Coppola

17 h — No Cine-Teatro de Alverca «Bad Boys»

12 ABRIL — DIA DA JUVENTUDE

16 h
Vídeo convívio musical no Clube Recreativo de Alhandra

21.20
«Sérgio Godinho» no Pavilhão do Sedadeiro em Vila Franca

13 ABRIL
16 h
Grupo Teatro «A Barraca» com a peça «Um Dia na Capital do Império», no Convento de St.º António — Loja Nova Vila Franca

15 ABRIL — CINEMA PARA A JUVENTUDE

17 h — No Cinr-Teatro de Vila Franca «Bad Boys»
17 h
No Cine-Teatro de Alverca, «Os Marginais» de Francis Coppola

18 ABRIL
21,30 h — «Concerto de Jazz» com o Quarteto David Gausdon do Hat Club de Portugal na Sociedade Euterpe Alhandense

19 E 20 ABRIL — 3.ª VOLTA AO CONCELHO DE VILA FRANCA DE XIRA EM BICICLETA

24 ABRIL

21,30 h — Sessão Solene no Salão Nobre da C.M. com a presença de um militar de Abril

25 ABRIL

9.30 h — Atletismo
XI Estafeta da Liberdade — Vialonga-Vila Franca de Xira
com o apoio:
Salão Bar Discoteca «Dó-Ré-Mi»
Marisqueira «União»
Café Concerto e Restaurante-Bar «Maioral»
(Já inscritas 70 equipas)

10 h — Xadrez (Simultânea no Salão Nobre, com a presença de um mestre soviético)
No Largo da Câmara (Iniciação ao Xadrez) com a presença do mestre nacional Luís Santos

10 h — Exposição de Livros Infantis (no Largo da Câmara) organização da Cooperativa Alves Redol

16 h — Concentração no Jardim Municipal, seguido de desfile pelas ruas de Vila Franca até ao Largo da C.M.

26 ABRIL — DIA DAS AUTARQUAS LOCAIS

11 h — Salão Nobre da C.M.
Assinatura dos Protocolos de Descentralização com as Juntas de Freguesia

13 h — Almoço de Confraternização entre todos os eleitos para autarquias do Concelho, desde Abril de 1976

DIAS 23, 24, 28 E 29 ABRIL

Teatro de Marionetas de Lisboa com a peça «O Auto da Barca do Inferno» nas escolas primárias de, Castanheira, Póvoa e Vialonga

Câmara Municipal de Vila Franca de Xira

GESTÃO E COORDENAÇÃO, SARL

- **CONSTRUÇÃO CIVIL**
- **EMPREITEIROS DE OBRAS PÚBLICAS E PARTICULARES**

RUA NOVA DA TRINDADE, 1-2.º Dt.º
TEL. 360618/9 1200 LISBOA

ARMAZÉNS DE MÓVEIS

BEIRA RIO

DE

ANTÓNIO CARLOTO

MÓVEIS EM TODOS OS ESTILOS
PARA VOSSO INTERESSE
CONSULTEM OS NOSSOS PREÇOS

Rua Miguel Bombarda,

VENDAS **n.os 222 e 222-A** **Telef. 207 24 48**
Rua Serpa Pinto, 43 e 45 **BARREIRO**

Desvalorização do franco cria tensões na "coabitação"

O difícil relacionamento entre um governo de coligação de direita e um presidente socialista enfrenta hoje novas tensões depois do governo ter desvalorizado o franco em relação às divisas dos seus parceiros europeus.

A desvalorização, considerada por críticos tanto de dentro como de fora da França como artificialmente engendrada, fez subir a tensão política depois de três semanas de cauteloso compromisso.

O primeiro-ministro gaullista Jacques Chirac enfrenta agora o género de batalha de que gosta quando apresentar na quarta-feira o programa do governo na Assembleia Nacional, dizem analistas políticos.

Só o franco foi desvalorizado na remodelação de domingo do sistema monetário europeu. A sua cotação central baixou 4,8 por cento em relação a outras divisas do SME após duras conversações no fim-de-semana em que a Alemanha Federal resistiu energicamente a pedidos franceses para um ajustamento de oito por cento em relação ao marco.

Enquanto os líderes do RPR de Chirac atribuíam as culpas a cinco anos de desgoverno socialista, os socialistas de Mitterrand acusavam a direita de ter orquestrado uma manobra política a sangue frio.

O sucessor, de Beregovoy, Edouard Balladur, que negociou a desvalorização, disse ser essencial levar a economia francesa para um novo rumo. Com medidas adicionais anunciadas ontem, manteve a promessa de baixar o desemprego, que atinge 2,3 milhões de pessoas.

O presidente socialista François Mitterrand, que deverá discursar amanhã na recém-eleita Assembleia Nacional, não fez comentários à desvalorização, nem às medidas que a acompanharam para atenuar os controlos de capitais e preços fazendo ao mesmo tempo baixar os salários e o défice governamental.

As medidas reduzirão gradualmente as restrições aos investimentos das empresas, aos empréstimos e compras no estrangeiro, e levantarão a maioria dos controlos de preços industriais existentes, já em grande parte retirados pelos socialistas.

Mas ficaram aquém de uma abolição total e imediata dos controlos de preços e de divisas prometidos pela direita antes de ter chegado ao poder.

A poderosa associação dos empregadores franceses, o patronato, tradicionalmente próxima do RPR de Chirac, saudou na generalidade o pacote, afirmando que a desvalorização permitiria à indústria competir em termos iguais com empresas estrangeiras.

O Partido Comunista Francês, ainda sob o efeito das eleições do mês passado em que obteve menos de 10 por cento dos votos, culpou tanto os socialistas como a direita pelo papel do franco como a moeda doente da Europa.

Mas enquanto os partidos se preparam para um intenso debate na Assembleia Nacional esta semana, não houve comentários imediatos da parte do antigo presidente Valery Giscard D'Estaing ou do seu partido UDF, de centro-direita, principal aliado de Chirac na coligação governamental.

Uma minoria de deputados da UDF, liderada pelo antigo primeiro-ministro Raymond Barre, opôs-se abertamente à desvalorização antes do fim-de-semana, e as tensões entre os dois partidos tornaram-se patentes quando Giscard foi marginalizado numa partilha de postos governamentais e parlamentares dominada pelo RPR.

Fontes parlamentares disseram esperar que a frágil maioria da direita se mantenha unida no voto de confiança desta semana à política do governo.

Mas o futuro político de Chirac pode depender de provas de que pode cumprir as promessas feitas neste fim-de-semana, acrescentaram.

24 HORAS

Líbios expulsos

Entretanto, dois membros da Embaixada líbia em Paris abandonaram a França, depois de terem sido declarados «persona non grata» pelo governo do primeiro-ministro Jacques Chirac, anunciaram as autoridades francesas. Segundo as fontes, os dois diplomatas, cujas identidades não foram reveladas, foram expulsos juntamente com mais quatro árabes em resultado de provas recolhidas pela contra-espionagem francesa (DST) de que estariam implicados em planos para ataques terroristas contra instalações norte-americanas na Europa.

Mísseis para a UNITA

Os guerrilheiros da UNITA, que lutam contra o governo angolano, receberam dos Estados Unidos «um grande número» de mísseis terra-ar «Stinger», noticia o «Observer» de Londres. O jornal cita relatos da África do Sul dizendo «estarem demasiado atrasados» os membros do Congresso dos Estados Unidos que tentam evitar o envio dos mísseis para os rebeldes de Jonas Savimbi.

As forças governamentais angolanas, equipadas com tanques e aviões soviéticos, «estão a preparar uma importante ofensiva para o fim da estação das chuvas», diz o jornal.

URSS e a Interpol

A União Soviética deve aderir em breve à Interpol para combater o crescente tráfico de drogas no bloco de Leste, anunciou a Polícia Internacional. O secretário-geral da Interpol, Raymond Kendall, disse em Glasgow numa conferência de cientistas forenses acreditar que os soviéticos ingressem no organismo multinacional já em 1987.

Caminhos de Ferro Portugueses

Informação

CONCURSO PÚBLICO PARA A VENDA DE ÁRVORES NO TROÇO DA LINHA DO SUL, PINHAL NOVO-POCEIRÃO ENTRE OS KMS 16 E 26

Encontra-se aberto concurso para a venda de árvores existentes nos taludes dos lados direito e esquerdo da plataforma da via do troço referido em epígrafe.
As propostas dos concorrentes deverão ser apresentadas em carta lacrada e dar entrada na Secretaria da Direcção de Planeamento e Desenvolvimento, Avenida da República, 66, 7.º — 1000 LISBOA, até ás 12 h e 30 m do próximo dia 9 de Abril, procedendo-se à respectiva abertura no mesmo dia e local pelas 15 h.
As propostas deverão ter em atenção o seguinte:

Deverão ser totalmente libertas de todas as árvores e arbustos duas faixas com a largura mínima de 5 metros, contados a partir de cada carril para o exterior;

Serão por conta do adjudicatário todas as despesas com o abate, corte e remoção dos troncos, e restantes produtos do abate, incluindo ramos;

O abate deverá ser feito com os cuidados necessários para que nenhum tronco ou pernada caia sobre a via, sendo da responsabilidade do adjudicatário todos os prejuízos que daí advenham se tal vier a acontecer;

O pagamento das árvores deverá ser feito na Tesouraria da CP, Calçada do Duque, 20 — 1200 LISBOA, no prazo de dez dias contados a partir da data de comunicaçao da adjudicação e os trabalhos deverão ficar concluídos no prazo de 1 mês, contado a partir da data do pagamento.

Lisboa, 24 de março de 1986.

EPAL
Empresa Publica das Aguas Livres

COMUNICADO

LIGAÇÃO DE ÁGUA AO BAIRRO DAS CALVANAS

Comunica-se que entre as **22 horas do dia 86-04-07** e as **22 horas do dia 86-04-08**, será afectado o abastecimento de água aos andares mais elevados dos edifícios da Quinta do Lambert e zonas N1 e N2 de Chelas, por nesse período se proceder à ligação de água ao Bairro das Calvanas.

Pela impossibilidade destes trabalhos se efectuarem fora do período indicado e pelo caráter inadiável da sua realização, a EPAL, apresenta as suas desculpas pelos incómodos causados.

Lisboa, 3 de Abril de 1986

O CONSELHO DE GERÊNCIA

TEM PROBLEMAS COM A BEBIDA?

Precisa de ajuda? Venha falar connosco.
Venha a uma reunião dos

ALCOÓLICOS ANÓNIMOS

2.ºs 4.ºs 6.ºs às 19 horas
Trav. do Corpo Santo, 32

Imagraf

produtos para
fotocomposição
difusão-transfert
offset
microfilme
fotografia
radiografia

AO DIÁRIO DE LISBOA, NESTA DATA,
AS NOSSAS SAUDAÇÕES AMIGAS.

Imagraf
Av. Miguel Bombarda, 91-1.º
1000 Lisboa — Tel. 54 95 71/56 04 03
Laboratórios em Venda Nova
2700 Amadora Portugal

HURRAH, AMÉRICA!...

Patrick Roegiers

«As pessoas tornaram-se aqui aquilo que pretendem ser», constata, não sem amargura, Sam Shepard, numa das novelas de **Motel Chronicles.** Durante um ano, ao volante do seu velho camping-car, que entregou a alma 200 quilómetros antes do fim do périplo, François le Diascorn, de trinta e oito anos, nascido em La Flèche (Sarthe), antigo agente da agência Viva, presentemente na Rapho, foi ao encontro delas.

Livre de movimentos, oscilando entre o passeio e o folk-song, é como um solitário viajante de estrada, como se diz de um rocker, que ele faz a sua aventura quotidiana, atravessando, como se fosse um ecrã, essa América profunda onde viveu entre 1972 e 1973 e de que dá uma visão sentimental e colorida, falsamente crítica.

Ele mesmo confessa: **Na América, podemos andar de carro durante horas e dias e é sempre a mesma estrada direita, as mesmas paisagens, pessoas parecidas, avenidas intermináveis com os seus parkings, os seus centros comerciais, por toda a parte o arco doirado dos Mac Donalds. Não gosto de fotografar betão».**

Tão bem cantada por Robert Frank ou Jack Kerovac, a estrada é, no entanto, o lugar comum onde se conportam mais facilmente as ideias falsas. Encruzilhada dos contrastes e de todas as tensões é nela que se descobre a relação entre os seres ou a sua solidão, à imagem da sua encantada de se ver crescida no espelho da objectiva (Natal, New-Jersey).

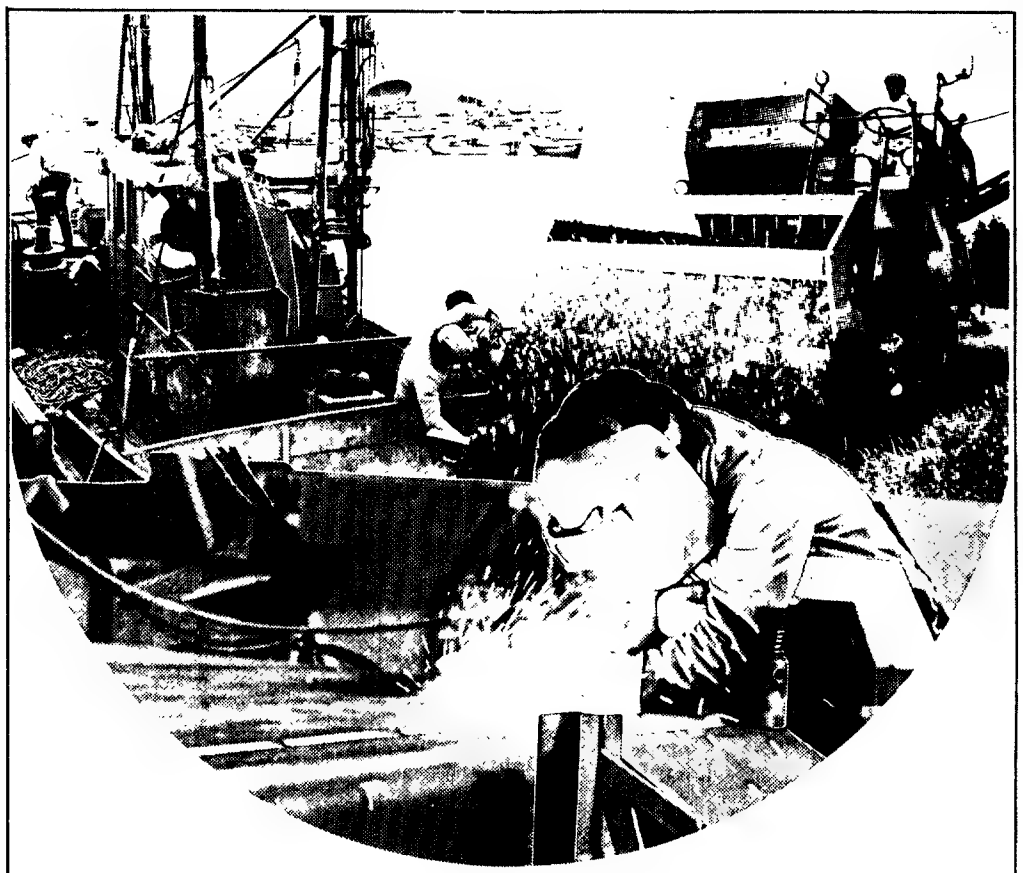
Cândida, febril ou patética, é raro que no cinema, na literatura ou na pintura a América proponha de si própria uma imagem que seja mais bela do que a realidade. Contraditória e dissonante, a América escapa incessantemente à sua imagem e, não dando importância aos olhos de ódio ou de veludo que nela poisam, declara-se inalienável.

Encontrando ao acaso um ríctus, um ventre, uma expressão, da Pensilvânia (Filadélfia) ao Illinois (Chicago), François Le Diascorn, penetra no coração de vários microcosmos. Pátria de seitas, de clãs, de comunidades e de tribos de outra idade, que se trate das mulheres amishes, dos «marines» ou dos nudistas, a América dos cem rostos ergue as suas barreiras para aquele que a atravessa e simplesmente passa.

Imprevisível e sempre diferente ela gosta de exibir a sua loucura. Uma coisa é certa: os americanos não têm medo da imagem que dão de si próprios, e isto é tão verdadeiro para um ferreiro, uma rainha de beleza da terceira idade ou um deputado de camisa aos quadrados que se toma por Reagan. Sob a forma de um geyser jorrando de um jardim da Florida, de uma povoação chamada Silver-Dollar, de índios celebrando a dança das borboletas (Novo México), um impensável surge a cada canto.

A América de François Le Diascorn representa tudo isto. Inexplorável, irracional e austera, ela reivindica os seus o que lhe pertence, como os sheriffs, e não receia trair o seu mito através de clichés. Todos recordamos a imagem de Tintin deixando a América e murmurando, antes de embarcar para a Europa: **«É pena... Começava a habituar-me...»**

● François Le Diascorn, «**Travelling américain**» FNAC.



Cadillac Ranch (Texas), o símbolo do desperdício numa sociedade de superconsumo

AO ENCONTRO DO FUTURO

Na vida económica portuguesa, sempre presente
a Caixa Geral de Depósitos.
Uma instituição com objectivos definidos.
Para desenvolver a indústria, a agricultura,
a pesca, a construção. Caixa Geral de Depósitos.
A certeza de um incentivo eficaz.
O financiamento adequado, para o investimento certo.

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

beam

Desfile dos Soy-scouts em São Luís (Missouri)

Robinson matou Crusoe

Jacques Meunier

O homem moderno avacalhou-se. Algo nele se quebrou: a mola do neolítico. Já não tem o impulso vital e calçou pantufas ao espírito pioneiro. Em nós o selvavem emburguesou-se. A mínima variação do clima e eis-nos naufragados, a mínima fuga de banheira e chamamos logo os bombeiros. Eis o que se ouve um pouco em casa, na rádio, na televisão. Tanto que a ecologia doce dos anos 60 é substituída por outro discurso, o da ecologia dura. A mãe natureza tornou-se uma irmã inimiga. Invade-nos uma dureza reaganiana.

A guerra atómica, a insegurança e o desemprego não são decerto estranhos a esse regresso ideológico da sobrevivência. Mas há algo de mais subtil. A sociedade de hoje, cheia de sondagens e de cálculos de probabilidades, tornou-nos previsíveis. A tal ponto que vivemos actualmente no futuro anterior, e, espectadores impotentes, vemos o sentimento de que a «verdadeira vida» nos escapa. O único remédio será o risco voluntário. A aventura compensatória.

A valorização do risco e da proeza parece uma parada de morte. Para sobreviver à época será preciso entrar no livro dos recordes? Será preciso, como Dieuleveult ou Thierry Sabine, perder a vida para lhe dar um sentido? Será preciso correr atrás da morte violenta para escapar à morte lenta dos hábitos?

Questões obsessivas e bizarras. A ideia da guerra fria contaminou a nossa relação com a natureza. A relação dos homens entre si também mudou. Tudo se passa como devêssemos estar constantemente em guarda. Um segundo de desatenção e pronto, já não há homem nem civilização. O espírito neolítico deu lugar ao espírito comando. Os jogos electrónicos celebram o triunfo do reflexo sobre a reflexão, a esquiva e o contra-ataque são agora as nossas principais figuras de retórica. Uma certa recusa de pensar marca as três últimas décadas. Em literatura isto traduz-se pela sacudidela, o eclipse, o estilo sujeito — verbo — complemento apresentados como cimos de simplicidade e vigor. A virilidade do advérbio é apreciada. Muitíssimo. Sobretudo quando surge no fim da frase e entre dois pontos.

O estilo telegráfico domina. Mesmo a crítica dá aos seus juízos um ar marcial e militar: «**Recebi o romance de Michel Tournier, cinco em cinco**», confiou-me há dias um amigo, de resto tudo o que há de requintado.

Lutar contra a velocidade prova que se foi ultrapassado? O culto da lentidão mostra a incapacidade de se adaptar à época? Decerto. Mas é preciso dizer que a ideologia da sobrevivência não é a sobrevivência certa, e que os sinais exteriores de saúde não são a saúde.

Nos últimos tempos as lojas exibem muita sobrevivência. Filmes e livros, romances de papéis ou de estratégia, jogos-vídeo, gadgets e publicidades, iniciam-nos ao pesadelo personalizado. Findas as emoções da identificação, o medo retrospectivo pelo herói. Somos nós, em carne e osso, que vamos ser o alvo dos **Aliens** e dos invasores! Tornamo-nos nessa mancha inquieta que enzimas perversos tentam desintegrar. Somos ao mesmo tempo a caça do conde Zaroff ou o protagonista de **Punishment Park.** O herói mortificado da **Ilha de betão**, de Ballard, ou os de **Libertação**, somos ainda nós!

As boas armarias

E não se espantem se no próximo Natal o vosso filho (que, entre parêntesis, cnama à mã Mad Max, o que não é gentil) lhes pediu um colete antibalas.

Todas as boas armarias vendem agora facas de sobrevivência. Este instrumento bárbaro coloca a faca suíça de vinte lâminas na secção dos objectos folclóricos. Ao comprá-la já nos sentimos Davy Crockett. Vejam só. Um apito, uma bússola, uma serra, um saca-rolhas, papel, um lápis, fio, um anzol, sem falar da chave de parafusos, da tesoura, etc., estão-lhe incorporados. Ela é, só por si, uma caixa de ferramentas, com esse instrumento universal, este fantasma mecanizado, não receamos nada. Nem um urso nem o futuro.

Também há as maletas de espião e as bombas lacrimogéneas. Com a sobrevivência, a autodefesa não está longe. Ela participa da mesma ideologia: o homem que defende a sua pele tem o direito de romper com as regras do jogo. Todos os golpes são permitidos.

Os manuais de sobrevivência estão de acordo. O primeiro inimigo, em caso de urgência prática e de situação grave, somos nós. Se não aceitamos, e duvidamos das nossas possibilidades, estamos prontos. Vêm depois os melhores conselhos para dominar o medo. A tática será transformar o pavor que paralisa num pavor que estimula. É preciso canalizar a adrenalina para a tornar no motor da acção. Notem que tudo isto já se encontra em Robinson Crusoé, herói cultural que se esconde para além de toda a mitologia da salvação por si mesmo.

Robinson vestia-se de peles de cabra, e Tarzan andava nu. O herói do novo Apocalipse, visto sob o ângulo do vestuário, adquire uma figura de compromisso: está esfarrapado. O prestigioso náufrago solitário vivia sob o signo da água, o homem-macaco era aéreo e aquático, enquanto Rambo e C.ª se situam resolutamente sob o signo do fogo. Eterna história que volta na filosofia das ciências e do inconsciente e que opõe o nepotismo e o vulcanismo...

O conhecimento do meio também será um capítulo de escolha nestes manuais da solidão que são o **Guia de sobrevivência do exército americano**, o **Guia prático para a expedição e a aventura, Viver e sobreviver na natureza** ou **Viver na floresta.** Eles ensinam-nos como ser um **jungle expert** em dez lições. Previnem-nos contra os cogumelos venenosos, as lianas alucinogéneas e os escorpiões. Dão-nos informações sobre a atitude a tomar com as mulheres indígenas. Baden Powell e Rudyard Kipling passaram por ali. Conquistadores, pioneiros, colonos **raiders, trackens** e náufragos, o mesmo combate.

Apesar do exemplo relativamente recente do avião que se esmagou nos Andes, a questão do canibalismo nunca é abordada de frente. É pena, porque ela está sempre presente na alternativa do homem perante os seus inimigos potenciais: comer ou ser comido, eis a questão. Voltaram os belos dias do **Struggle for life**. Amanhã seremos darwinianos ou já nao

Continua na pag. 50

Cada um por si: o liberalismo selvagem

Continuação da pág. 49

existiremos. Exagero mas não muito.

Liberalismo selvagem

Não é preciso ser antropófago com patente para adivinhar o que está por trás disto tudo. A filosofia de cada um por si está ligada com o liberalismo selvagem. A aventura egoísta do indivíduo solitário desafia a aventura colectiva dos militantes. Leiam de novo o prefácio de Jean-Paul Sartre ao **Portrait d'un aventurier,** de Roger Stéphane, e o belo livro de Jankelevitch, **L'Aventure, l'Ennui et le Sérieux**. As escolas de sobrevivência não são obrigatoriamente escolas de solidariedade.

Mas um último ponto que vai além da luta das classes e do conflito das gerações, transparece na nova mística da aventura, e é justamente o seu carácter iniciático religioso. Robinson recorria constantemente à Bíblia. A história da sobrevivência surge juntamente com a de uma conversão. Os aventureiros modernos voltar-se-iam mais para o Oriente com os desportos de combate e o hedonismo depurado do tao. Eles leram Carlos Castaneda e Hermann Hesse, que mostraram o caminho, de **Siddarta** ao **Lobo das estepes**. Infelizmente a busca espiritual adoça-se e torna-se um produto de supermercado, reduz-se às elucubrações bestificantes de alguns maus praticantes do esoterismo. Fenómeno próprio da transferência das técnicas da atenção. É difícil conciliar o utilitarismo e a abertura de espírito.

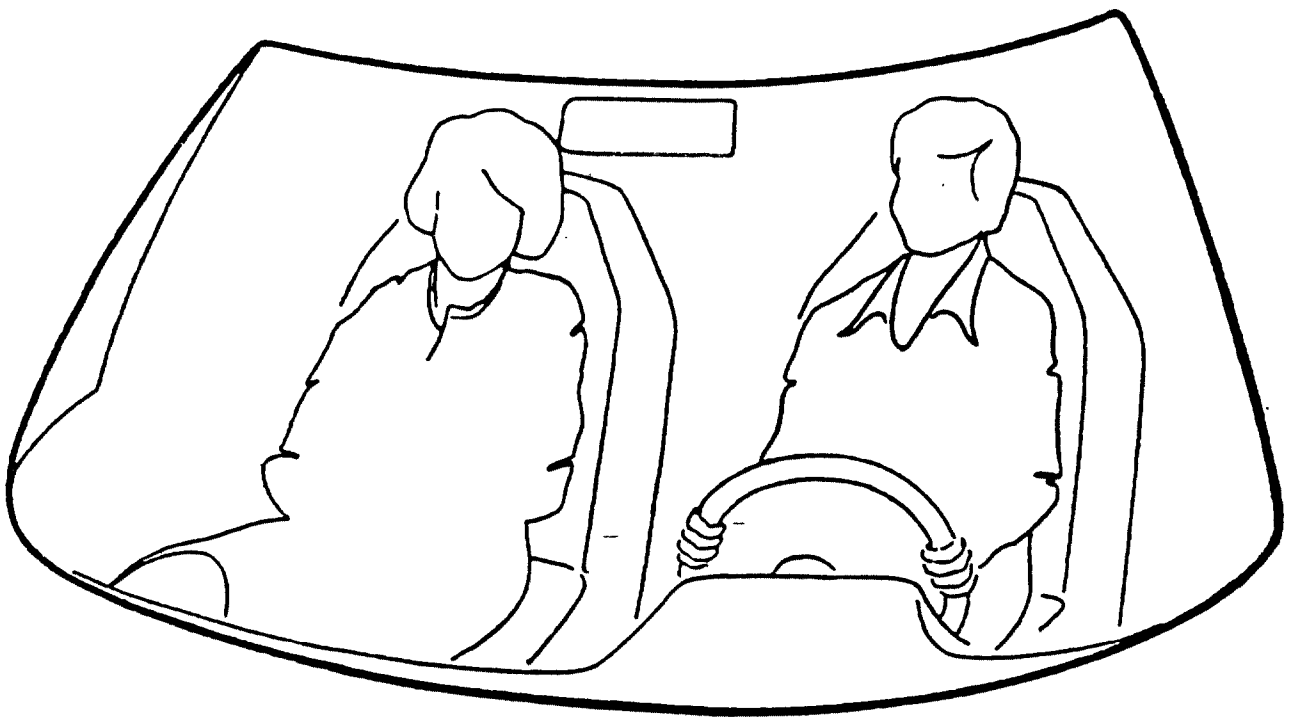
As palavras de ordem «encontrarmo-nos a nós próprios», «realizarmo-nos», «descobrir-mo-nos na aventura» não passam, bem entendido, de enganos. Nunca somos nós que nos descobrimos, mas uma imagem de nós. Imagens de nós que se repetem até ao infinito. Esse efeito de eco soa familiarmente ao ouvido dos que se habituaram a escutá-lo: é um mito. Uma ficção. Uma manha política que só fala de libertação para melhor dominar.

Num livro que passou quase totalmente desapercebido porque a crítica e o público o confundiram com uma narrativa de caça, **Le Pisteur**, Tom Brown conta como, após anos de estudar a decifração das pegadas dos animais, foi confrontado com uma terrível provação: encontrar um homem, débil e fugitivo, numa paisagem de neve. Verifica então que o homem é o animal mais difícil de seguir. As leis do terreno, a lógica da orientação, são modificadas pela geografia mental. Cada indivíduo é um caso. Aquele que procura tem, para mais, o argumento da razão. É uma espécie de gigante imaturo cuja inteligência física não segue as regras da dedução. No entanto, com o correr dos dias, desenha-se um retrato da pureza, surgem esquemas de conduta e o caçador de homens põe a mão sobre o homem-que-foge.

Entre eles há agora uma longa história e mesmo, no olhar do que é apanhado, amizade e reconhecimento. É então que o perseguidor promete a si próprio nunca mais caçar um homem, mesmo que este seja um criminoso, porque viu afastar-se, entre dois polícias, um irmão em esquizofrenia. O seu duplo.

(Le Monde)

O VIDRO é a nossa profissão...
... a nossa maneira de intervir
no desenvolvimento da
INDÚSTRIA AUTOMÓVEL



VIDRO TEMPERADO "ROCHEDO"
VIDRO LAMINADO "LAMISTRATOS"
(PLANO e CURVO)

qualidades homologadas internacionalmente
(EUROPA e E. U. A.)

COVINA — Companhia Vidreira Nacional, SARL
Tel. 2591525 — Telex 12843/15119 COVINA P
Apartado 13 — Santa Iria de Azóia
2685 SACAVÉM

GRANCOOP
CARTAS DE CONDUÇÃO

LIGEIROS, PESADOS E MOTO
AMADOR OU PROFISSIONAL
Preços inferiores aos máximos
(Portaria 762/84)

Consulte-nos:
Trata de toda a documentação referente a automóveis e cartas de condução.

COOPERATIVA DE ENSINO DE CONDUÇÃO AUTOMÓVEL DE LISBOA

Av. João Crisóstomo, 66, 1.º Dto. (a S. Sebastião)

Telefones 53 52 63 – 57 72 09 — 1000 LISBOA

ALIANÇA SEGURADORA

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

Nacional de futebol

Benfica e Porto: até à última pinguinha?

• *Farense de parabéns: outra vez entre os maiores*

Pelo vistos, a luta pelo título do futebol maior, cá por casa, vai durar até ao último risco branco, a menos que surja qualquer surpresa na ronda que terá lugar no próximo domingo e levará o Sporting à Luz, tal como o Porto viajará até Setúbal.

Ontem, Benfica e FC Porto venceram, através de grandes penalidades, os seus encontros: e mantiveram o trono em suspenso.

Com um «penalty» convertido por Manniche (aos 51 minutos) o Benfica venceu (no Restelo) o Belenenses, mantendo os dois pontos de avanço sobre o 2.º classificado, o actual campeão (FC Porto) que, nas Antas, venceu o Vitória de Guimarães, já apurado para a UEFA, também com uma grande penalidade, marcada por André.

Elói: «ceifado» e André vai fazer o resultado

Na 28.ª jornada só ficou decidido que o Sporting da Covilhã, este ano regressado à primeira divisão, volta à 2.ª depois de ter sido goleado em Alvalade (6-1) por um Sporting onde os três golos marcados por Manuel Fernandes lhe podem valer, seguramente, a «bola de prata» da época.

De registar o triunfo da Académica, por 3-0, sobre o Salgueiros, o que valeu à equipa de Coimbra a quase tranquilidade na tabela.

No «campeonato dos últimos» (para além do relegado Covilhã), Penafiel e Desportivo das Aves são candidatos a outro lugares de despromoção, enquanto o Marítimo (Funchal) e o Vitória de Setúbal lutam pela fuga, ao «torneio de competência».

O Penafiel foi o primeiro a marcar em Braga, logo no primeiro minuto, mas acabou derrotado por 2-1, ainda na 1.ª parte. O Vitória de Setúbal também saiu do Bessa derrotado por 2-1 pelo Boavista, depois de ter chegado à igualdade (1-1). O Marítimo falhou uma grande penalidade que lhe permitiria abrir o activo (no Funchal) e sofreu o primeiro golo do Portimonense, para empatar ainda na primeira metade, fixando o resultado final (1-1). O Aves, recém-promovido, está a um passo da descida, depois de ter sido derrotado em Chaves por 2-0.

Covilhã e Penafiel já desceram

O Covilhã, com a derrota em Alvalade, apressou a descida. O Penafiel, ao perder em Braga, também desceu à segunda divisão.

A duas jornadas do termo do campeonato, o Covilhã soma 16 pontos e caso vença as duas partidas que lhe restam somaria 20 pontos, mas está em desvantagem em relação ao Marítimo que totaliza também 20 pontos. O Penafiel está em penúltimo lugar (também com 16 pontos) mas em relação ao Marítimo encontra-se também em situação de desvantagem. Nos encontros entre ambos, o Penafiel venceu em casa o Marítimo (1-0), mas, no Funchal, o Marítimo ganhou (1-0). Em termos de desempate, o Penafiel tem 14 golos marcados e 37 sofridos, enquanto o Marítimo tem mais dez golos marcados (24) e 46 sofridos, vantagem que é de mais favorável ao Marítimo.

Para a história

Eis os desfechos dos oito embates da ronda 28 do nacional maior: Chaves-Aves, 2-0 (2-0 ao intervalo); Braga - Penafiel, 2-1 (2-1); Académica - Salgueiros, 3-0 (3-0); Belenenses -Benfica, 0-1 (0-0); Sporting -Covilhã, 6-1 (4-0); Boavista -Vitória de Setúbal, 2-1 (1-1); Porto - Vitória de Guimarães, 1-0 (1-0) e Marítimo - Portimonense, 1-1 (1-1).

Marcadores

Marcaram-se 22 golos na ronda 28 deste empolgante campeonato de futebol da divisão principal: Manuel Fernandes (três tentos) teve verdadeira **parte de leão** nesta quota de produtividade. O avançado sportinguista viu os seus mais directos perseguidores (Paulimho Cascavel, do V. Guimarães, e Gomes, do FC Porto), que se defrontaram nas Antas, ficarem em «branco». A lista dos melhores marcadores, a duas jornadas do fim do campeonato, é a seguinte: 1. Manuel Fernandes (Sporting), 28 golos: 2. Paulinho Cascavel (V. Guimarães), 22; 3. Gomes (FC Porto), 18; 4. Cadorin (Portimonense) e Manniche (Benfica), 13; 6. Madjer (FC Porto), Fernando Cruz (V. Setúbal) e Armando (Salgueiros), 11; 9. Rui Águas (Benfica) e César (V. Setúbal), 10.

Divisão 2

Corolário magnífico de bela temporada e dos esforços (em uníssono) de uma direcção presidida por Fernando Barata e de um «team» comandado pelo técnico Dinis Vital: o Farense regressou à 1.ª divisão do campeonato nacional de futebol ao derrotar em casa o Lusitano de Évora, por 3-0.

O Farense comemorou com justificada alegria o regresso da sua equipa de futebol à 1.ª divisão com o lançamento de foguetes, exibições de bandas de música, fanfarra e ranchos folclóricos.

Peter, Hernâni e Jorge Andrade marcaram ontem os golos da equipa algarvia, que assim regressa ao escalão máximo após uma época de ausência e a quatro jornadas do final do campeonato nacional. O Farense já militou na 1.ª divisão, de 70/71 a 75/76 e de 83/84 a 84/85, tendo conquistado por duas vezes o título nacional do 2.º escalão em 39/40 e 82/83.

Ficou assim, em termos de números e nomes, a etapa 26 do torneio futebolístico da 2.ª divisão, Zona Norte: Rio Ave -Varzim, 0-0; Espinho - Leixões, 1-1; Moreirense - Paços de Ferreira, 1-2; Famalicão - Amarante, 2-1; Fafe - Gil Vicente, 1-1; Lourosa - Vizela, 2-2; Paredes - Felgueiras, 1-1 e Vianense - Tirsense, 2-2.

Classificação: 1.º, Rio Ave, 41 pontos; 2.º, Vizela e Varzim, 35; 4.º, Felgueiras e Fafe, 31; 6.º, Famalicão, 29; 7.ºs, Tirsense e Gil Vicente, 27; 9.º, Lourosa e Paços de Ferreira, 26; 11.º, Sporting de Espinho, 25; 12.º, Leixões, 24; 13.ºs, Vianense e Paredes, 19; 15.º, Amarante, 14; 16.º, Moreirense, 7.

Zona Centro: Almeirim-Elvas, 0-1; Caldas-Alcobaça, 1-2; Águeda-Académico de Viseu, 3-0; Torreense-União de Coimbra, 2-1; Mangualde-Feirense, 1-1; Viseu e Benfica-Beira-Mar, 3-2; União de Leiria-União de Santarém, 0-0 e Estrela de Portalegre-Peniche, 0-1.

Classificação: 1.º Feirense, Elvas e Águeda, 37 pontos; 4.º Estrela de Portalegre, 30; 5.º Beira-Mar e União de Coimbra, 29; 7.º Torreense, 27; 8.º Mangualde, 26; 9.º Peniche, 24; 10.º Académico de Viseu e União de Leiria, 23; 12.º União de Almeirim e União de Santarém, 21; 14.º Alcobaça, 19; 15.º Viseu e Benfica, 18; 16.º Caldas, 15.

Zona Sul: Farense-Lusitano de Évora, 3-0; Torralta-União da Madeira, 0-1; Silves-Estoril, 2-2; Montijo-Atlético, 2-0; Oriental-Barreirense, 0-2; Estrela da Amadora-Cova da Piedade, 2-1; Juventude de Évora-Sacavense, 1-2 e Nacional-Olhanense, 1-0.

Classificação: 1.º Farense, 42 potos; 2.º União da Madeira e Estrela da Amadora, 33; 4.º Montijo, 32; 5.º Estoril, 31; 6.º Olhanense, 29; 7.º Nacional, 27; 8.º Sacavenense, 26; 9.º Oriental, 25; 10.º Atlético, 23; 11.º Cova da Piedade e Barreirense, 22; 13.º Silves, 21; 14.º Torralta, 18; 15.º Lusitano de Évora e Juventude de Évora, 16.

José Rafael: marcador de serviço

Manuel Fernandes: missão cumprida e mais três golos no bornal

Divisão 3

Resultados dos jogos da 26.ª jornada do campeonato da 3.º Divisão. Série «A»: Mirandela-Limianos, 0-0; S. Martinho-POnte da Barca, 2-1; Santa Maria-Monção, 3-2; Esposende-Bragança, 1-1; Macedo de Cavaleiros-Joane, 5-1; Valenciano-Merelinense, 1-0; Valdevez-Cachão, 4-1 e Trofense-Vieira, 3-1. Guia: Bragança, 38 pontos; 2.º Trofense, 36.

Série «B»: Lixa-Vilanovense, 8-0; União de Lamas-Ermesinde, 0-0; Régua-Valonguense, 1-2; Sanjoanense-Lamego, 2-0; Marco-Cesarense, 3-0; Freamunde-Vila Real, 2-0; Infesta-Lousada, 1-0 e Oliveira do Douro-Ovarense, 0-0. Guia: Freamunde, 40 pontos; 2.º Lixa, 38.

Série «C»: Marialvas-Gouveia, 1-2; Estarreja-Oliveira do Hospital, 6-1; Anadia-Penalva do Castelo, 4-0; Mealhada-Oliveirense, 1-1; Alba-Luso, 2-1; Guarda-Oliveira do Bairro, 6-0; Naval-Santa-comba-dense, 0-0 e Vilanovense-Poiares, 0-2. Guia: Estarreja, 40 pontos; 2.º Oliveirense e Guarda, 35.

Série «D»: Rio Maior-Portalegrense, 0-2; Bombarralense-Marinhense, 0-0; Eléctrico-Guiense, 0-0; Fundão-Alcains, 2-2; Benfica de Castelo Branco-Paroquial de Fátima, 1-0; Alvaiázere-Lousanense, 1-1; Nazarenos-Águias, 2-0 e Mirnense-Usseira, 3-1. Guia: Mirense, 45 pontos; 2.º Marinhense, 40.

Série «E»: Cacém Santa Clara, 1-0; Vialonga-Odivelas, 2-0; Almada-Vilafranquense, 2-2; Lusitânia dos Açores-Lisboa e Olivais, 2-2; Olivais e Moscavide-Praiense, 1-0; Samora-Estremoz, 1-0; Campomaiorense-Sintrense, 0-2 e Elvenses-Fanhões, 0-0.

Guia: Lusitâmia dos Açores, 41 pontos; 2.ºs Samora Correia e Moscavide, 35.

Série «F»: Imortal-Louletano, 2-1; Esperança de Lagos-Amora, 1-1; Quimigal-Santiago de Cacém, 2-2; Comércio e Indústria de Setúbal-Estrela, 0-2; Sesimbra-Aljustrelense, 2-0; Vasco da Gama-Moura, 2-1; Seixal-Quarteirense, 1-0 e Campinense-Montemor, 3-2.

Guia: União de Santiago de Cacém, 41; 2.º Amoora, 38.

Os guias das seis séries pontuaram todos, sendoo o Lusitânia dos Açores (Série E) o que tem maior diferença do segundo classificado (seis pontos do Samora Correia) enquanto na Série D o Mirense tem 45 pontos (cinco de vantagem do Marinhense, seu perseguidor mais próximo) e, na série C, o Estarreja comanda com 40 pontos, também cinco de diferença do Oliveirense e do Guarda.

No fundo da tabela, o único já condenado a cair da 3.ª divisão é o Vilanovense (Série B), enquanto na Série A o Cachão e o Valenciano estão praticamente despromovidos, o mesmo sucedendo ao Vilanovense (Série C), Águias de Alpiarça (D) e Elvenses (E).

Juniores

Desfechos da 3.ª jornada da segunda fase do campeonato nacional de futebol de juniores: Zona Norte: Rio Ave - FC Porto, 0-4; Braga - Académica, 2-0 e varzim - Beira-Mar, 3-2.

Classificaçao: 1. Varzim e FC Porto, 6 pontos; 3. Braga, 4; 4. Rio Ave, 2; 5. Académica e Beira Mar, 0.

Zona Sul: Benfica - Sporting, 1-4; Torralta - União de Leiria, 3-2 e União de Coimbra - Setúbal, 0-1. Classificação: 1. Sporting, 5 pontos, 2. Torralta e Setúbal, 4; 4. Benfica e União de Coimbra, 2; 6. Uniao de Leiria, 1.

Totobola
Jogue connosco

CONCURSO N.º 15/86
13 de Abril de 1986

Benfica-Sporting	**1**
Setúbal-Porto	**X**
Chaves-Portimonense	**1**
Aves-Braga	**X**
Penafiel-Académica	**1**
Salgueiros-Belenenses	**1**
Covilhã-Boavista	**X**
Guimarães-Marítimo	**1**
Tirsense-Rio Ave	**X**
Alcobaça-Águeda	**2**
Sacavenense-Farense	**1**
Estoril-Montijo	**1**
Barreirense-E. Amadora	**X**

Belenenses,0-Benfica,1

Carlos Manuel: estrela de outra galáxia

Neves de Sousa

Para já: resultado perfeitamente de acordo com o somatório de lances para golo favorável ao Benfica e, também correcto e em razão de força, pela presença de Carlos Manuel no prato rubro de uma balança subitamente desequilibrada em cada momento em que o rapagão da Moita, mudando de velocidade, fazendo um raide ou disparando um petardo, colocava em franja a plateia da casa e exuberante pelo espectáculo a magnífica «torcida» da águia, que está firme e crente no sucesso de Bento e seus pares nesta longa e desgastante maratona que ameaça transformar em martíria a maioria das designações arbitrais e em consumidor intensivo de coramina o mais pacato dos cidadãos de Portugal desportivo.

Moldura linda, a do Restelo. Sol a dar brilho mor aquilo que poderia ter sido inesquecível «show». E, mau grado todos os sonhos mais fagueiros, bem se poderá dizer que, tirando dilatada fatia de emoção e curiosas alternantes nas vanguardas, nada mais restará para contar a vindouros que uma deficiente arbitragem presidindo a espectáculo sofrível, onde a nota para o clássico, para relembrar em escolas, fica somente naquele espantoso serpentear de Carlos Manuel que se concluiu com o ribombar do trovão: bola contra a trave, já quando milhares se erguiam para aplaudir **o tento da temporada.**

●

Desculpem se volto atrás. Antes do jogo, no corredor de acesso às cabinas, troquei meia dúzia de palavras com o trio de arbitragem, do estilo **então, todos em forma?**. Miranda Dias e colegas davam a sensação absoluta de calma e segurança, talvez porque até estivessem semicatequisados pela onda que dizia estar o Belenenses a concentrar-se mais na «Taça» em desfavor de um campeonato onde já tinha, definida e firme, uma posição serena. Miranda Dias, porém, acabaria por, após um período inicial de magnífico sentido de julgamento, resvalar pelo sopé da encosta: e autorizar jogo duro em demasia, falhar na marcação de foras-de-jogo, não assinalar uma grande penalidade e, querendo levar a bom cabo uma missão subitamente espinhosa, acabar por ser bombardeado por toda a sorte de objectos que viajou pelo ar desde a bancada mais batida pelo [illegible]. E, às tantas, completamente desorientado, já na dúvida o que fazer: se mostrava o cartão **ictericia** a todo o banco rubro ou despachar Alberto para o banheiro, punir com o rigor máximo aquele instante em que a bola viajou até ao encontro do cotovelo esquerdo do mesmo Alberto ou fazer vista cansada ante o aparatoso salto do nunca assaz decantado Alberto, quando o **negão** se elevou e, de braços ao alto, metade da arquibancada ficou exigindo o penaltizinho: que a nós, diga-se já (e mesmo depois da ilusória imagem-TV, filmada de ângulo que nada adianta nem atrasa) também pareceu merecedor da punição extrema.

Aqui está porque, na linha cimeira desta página não quizemos colocar Alberto entre vários gumes: e preferimos escolher Carlos Manuel como **herói bom**, em lugar de atiçar ânimos contra o coriáceo, generoso, aplicado e vibrante Alberto, que apenas peca porque não sabe dosear a sua força, a sua emotividade, o afã em mostrar rapidamente que continuamos tendo homem rijo e de barba afiada para as maiores empresas.

●

Realmente, Alberto esteve ontem no pico do desafio resteliano. Na primeira parte, quando foi implacável na perseguição a Manniche (nem sempre feita da maneira mais correcta), no cotovelo que foi à bola (ou na bola que foi ao cotovelo), nas mãos que ajudaram (ou não) a desviar a esferinha do último reduto. Alberto (um **paz de alma** fora do ringue da sua luta) que ficou no fio da navalha das hostes da antiga entidade patronal: e que daria origem, perante a pusilanimidade de Miranda Dias, esse receio do juiz em não o enviar mais cedo para repouso dos nervos, a vergonhoso bombardeamento de uma fatia do relvado, culminada com a entrada na liça de um sujeito que (igualmente perante o compadrio tácito de agentes da PSP) ainda sacudiu o conimbricense, como que a procurar chamá-lo para fora da sem razão com que Miranda Dias parecia apontado em irritar o batalhão benfiquista.

Realmente, andamos (neste capítulo de arbitragens) com um azar dos demónios. Oxalá fôsse chuva já caída: que as três horas que faltam para cumprir o fadário do campeonato não tragam à baila mais nomes ou casos que todos desejamos rapidamente sepultar no fundo da memória.

A melhor defesa do campeonato não teve que se preocupar muito com o fraco ataque resteliano: desde que tanto Joel como Djão desperdiçam «chances» de bandeja, disparando à baliza depois de inclinarem o tronco para a retaguarda, adeus minhas encomendas. Verdade que faltou ali um Norton de Matos que, tecnicamente, fica a léguas-luz dos parceiros de profissão que nasceram no Seixal ou em Tete: é de outra apanha, de melhor colheita. Mas um Belenenses tradicional tem de (obrigatoriamente) possuir dianteiros de valor: pelo menos acima do mostrado perante Bento, ainda que se confira nota saliente para aquele periodozinho em que o **professor** da Golegã andou fora de si próprio, à procura do couro ou de algum malmequer mal semeado na relva, andava-se já perto do apito final. Ou, ainda, naquele momento em que Pietra evitou o pior, cortando de cabeça uma carga de brigada ligeira que ia entrar junto ao poste esquerdo.

Quer dizer: quase inacreditavelmente, sem possuir avançada digna da sua história, o Belenenses poderia ter feito um ou dois golos. Mas, se existe um Deus que é justiceiro, nunca poderia significar derrota vermelha, já que desde o perdulário Diamantino como o descalibrado Rui Águas, desde a trave a não contemplar Carlos Manuel como até naquele instante em que José António (no meio de tremenda atrapalhação) atirou de cabeça contra um poste da sua própria baliza, ainda nos tais dois muito duvidosos lances em que Alberto foi figura primordial e não cativa de escapar ao erro, certo e sabido ainda que à custa de uma série de remates que colocaram Jorge Martins quase com passaporte para o México, por tudo isso (repete-se a todos os ventos) só o Benfica poderia vencer a esgrima.

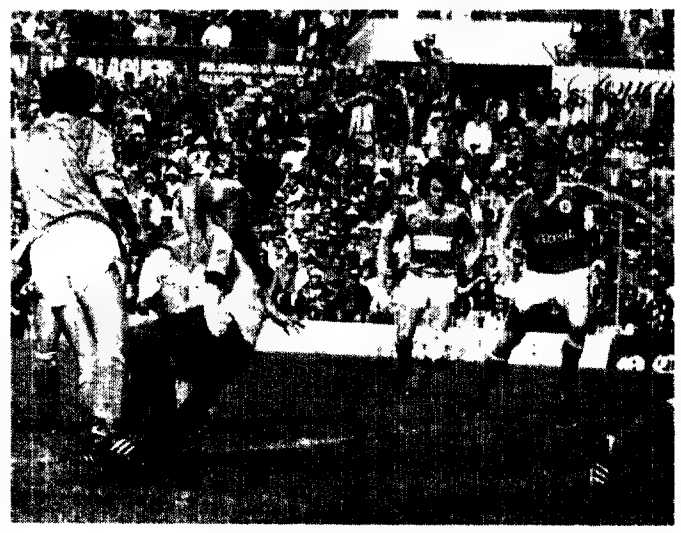
E, no entanto, Carlos Manuel e Diamantino jogaram com coxas elásticas. E a expulsão de Pietra influiu muito mais na quebra de rendimento das «águias» que a saída simultanea de Paulo Monteiro, que complicava tudo o que aparentemente parecia fácil de resolver na sua zona de jurisdição. E, ainda: com a dupla de defesas centrais a não conjugar perfeitamente os movimentos, o Benfica acabaria por recuperar de momentanea intranquilidade, quando **mestre** Sheu e o **senhor** Carlos Manuel se puxavam de brios e davam a volta a qualquer paragem de máquina dos ilustres colegas. Especialmente o antigo pegador da Moita: é nele que embarca para terra mexicana o prolongamento do sonho que rubricou em Estugarda.

●

Muito bem esteve Jorge Martins: já o dissémos. Muito bem Sobrinho segurou Rui Águas (tempo inicial) ou foi marcar Manniche (período complementar) antes que Alberto entornasse o resto do caldo que estava na tijela. Bem, igualmente, se graduaram Murça e Jaime, vamos lá, também Artur. E, sob bandeira do clube de Domingos Claudino e Júlio Borges, é forçoso que (sempre distinguindo Carlos Manuel como produto de um astro diferente) se distinga Manniche, o carregador de pianos que, um dia destes, é capaz de tocar Chopin. E mais não disse o eclipse do Restelo.

Manniche teve um severo polícia (Alberto) e ainda sobrava José António

Diamantino mais rápido do que a bola e o golo não aconteceu


Uma constante do jogo: vigor no ataque (Benfica) e energia na defesa (Belenenses)

Má arbitragem de Miranda Dias (Coimbra) que esteve acompanhado por Oliveira Arcanjo (ataque do Benfica) e Silva Almeida (dianteira do Belenenses).

Belenenses: Jorge Martins; José António, Murça, Sobrinho, Alberto (Canito, 79 minutos) e Artur; Jaime, Paulo Monteiro e Jorge Silva (Kostov, 62); Joel e Djão.

Benfica: Bento; Veloso, Oliveira, Samuel e Pietra; Shéu; Diamantino, Carlos Manuel e Vando (Bastos Lopes, 77); Manniche e Rui Águas.

Golo de grande penalidade convertido por Manniche, aos 71 minutos. Cartão amarelo para Alberto, para o técnico «encarnado» Mortimore e para o dirigente benfiquista Júlio Borges. Cartão vermelho para Pietra e Paulo Monteiro (agressão mútua). As expulsões verificaram-se aos 74 minutos.

F.C.Porto: Pinto da Costa reconduzido como presidente

Jorge Nuno Pinto da Costa foi reconduzido no cargo de presidente do Futebol Clube do Porto após as eleições em que foram ainda eleitos oito vice-presidentes e o conselho superior do clube das Antas. Pinto da Costa foi reconduzido com 1368 votos dos 1377 associados que votaram, tendo actualmente o Futebol Clube do Porto mais de 60 mil sócios.

Dos dirigentes agora eleitos nenhum recebeu o total dos votos expressos, aproximando-se mais o vice-presidente José Aguiar, que recebeu o apoio de 1376 associados (menos um que o total de votantes). A lista única integrava também oito vice-presidentes, que receberam os seguintes votos: Alexandre de Magalhães (1372), António Ribeiro de Magalhães (1371), Armando A. Pimentel (1374), José Saraiva Aguiar (1376), Luís Teles Roxo (1370), Pôncio Monteiro (1372), Rui Baptista (1368) e Walter Morais (1375).

Da lista de 31 elementos foram ainda reconduzidos o presidente da assembleia geral, Sardoeira Pinto (1373 votos), e o presidente do conselho fiscal Manuel Pinto Borges (1371). Os 25 elementos co Conselho Superior do Futebol Clube do Porto (10 efectivos e 15 suplentes) foram também eleitos, tendo votado 1384 associados.

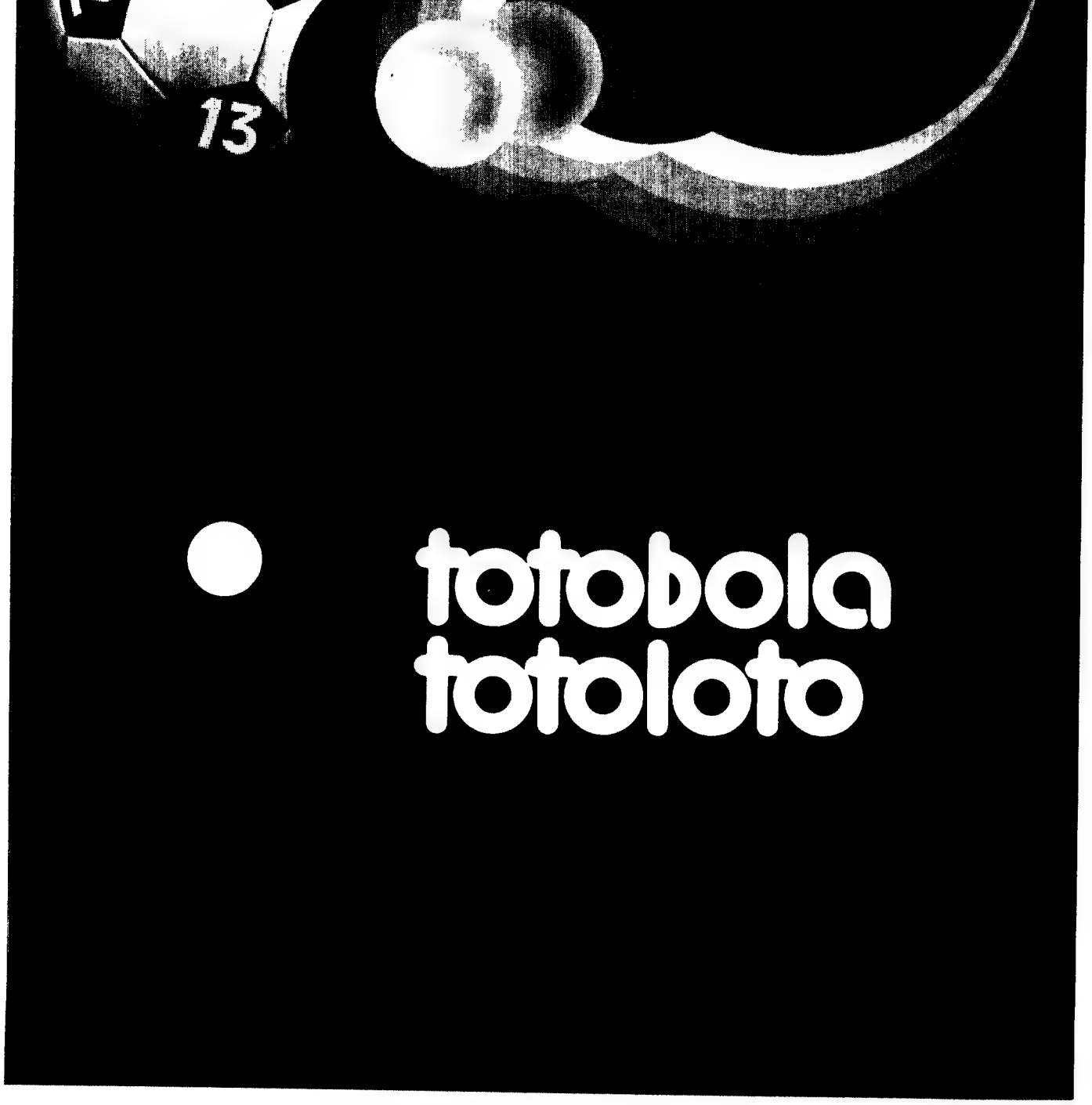
«A afluência ao acto eleitoral não foi a esperada, tendo sido inferior às anteriores eleições para a direcção», afirmou Sardoeira Pinto. «A mesa de voto com maior afluência foi a número um, com os sócios entre o um e o 20 000: e isso demonstra que as pessoas antigas gostam mais do clube, e sentem mais as cores azul e branca», acrescentou o presidente da assembleia geral, após o encerramento das urnas.

INDESTRAL

Indústria de Desperdício e Trapo, Ld.ª
Fábrica — Estrada Nacional, 117
Valejas — Telefone 955558
2795 — Linda-a-Velha

ENFERMAGEM PARTICULAR
CENTRAL DA ESTEFÂNIA
R. DE D. ESTEFÂNIA, 149
TELEFS. 53 20 47 - 52 29 98
LISBOA

- **SERVIÇOS DE ENFERMAGEM E ALUGUER DE MATERIAL**
- **ACORDOS COM OS CTT, ETC.**
- **1/4 SÉCULO AO SERVIÇO DA SAÚDE**
- **ENFERMAGEM PERMANENTE**



Poder Local ao serviço do Desporto

com a População, as Colectividades e as Escolas

um concelho sem idade RUMO AO FUTURO

cms·sc

1836-1986 150º aniversário

Câmara Municipal do SEIXAL

Inglaterra: Everton e Liverpool jogam final da "Taça" em Wembley

Everton e Liverpool vão disputar, pela 1.ª vez na história do futebol inglês, a final da Taça de Inglaterra que se realiza a 10 de Maio, no Estádio de Wembley.

Nas meias-finais, o Everton eliminou (fora) o Sheffield Wednesday (2-1, após prolongamento) enquanto o Liverpool afastou o Southampton, em Londres (por 2-0, também após prolongamento). Ambas as equipas, da cidade de Liverpool, partilham a liderança do campeonato inglês de futebol, perseguidas pelo Manchester United.

No encontro em Londres, registou-se um acidente, com o defesa do Southampton e da selecção inglesa Mark Wright a sair do campo em maca com uma perna partida, depois de um choque com o guarda-redes Peter Shilton e com o avançado Craig Johanson (do Liverpool).

Pela actuação da sua equipa (e pela vitória), o técnico do Liverpool, o famoso Kenny Dalglish, voltou a ser eleito, pela segunda vez em três meses, pelos jornalistas desportivos como «treinador do mês».

Juventus perde

A Juventus perdeu no campo da Fiorentina por 2-0, em jogo do campeonato italiano de futebol, enquanto o Roma, seu mais directo perseguidor, venceu o Sampdoria, por 1-0. Com este desaire, a Juventus manteve os seus 40 pontos, tendo agora apenas um escasso ponto de avanço sobre o Roma, orientado por Eriksson, que renovou as suas esperanças na luta pelo título.

Os outros resultados da ronda foram os seguintes: Atalanta -Avellino, 2-0; Inter - AC Milão, 1-0; Lecce - Pisa, 1-1; Nápoles -Bari, 1-0; Torino - Como, 1-3 e Verona - Udinese, 1-1.

Classificação: 1. Juventus, 40 pontos; 2. Roma, 39; 3. Nápoles, 33; 4. AC Milão, 30; 5. Fiorentina, 29; 6. Inter, 29; 7. Torino, 28; 8. Atalanta, 27; 9. Verona, 26; 10. Sampdoria, 25; 11. Como, 25; 12. Avellino, 23; 13. Pisa, 23; 14. Udinese, 22; 15. Bari, 19; 16. Lecce, 14.

Brasil prepara-se

O Brasil defronta a Finlândia em encontro particular de futebol de preparação para o Mundial-86, a 17 do corrente.

Holanda escolhe Rinus Michels

Rinus Michels (de 58 anos) foi designado técnico da selecção holandesa em substituição de Leo Beenhakker, que na próxima temporada vai dirigir o Real Madrid. Michels, que assinou um contrato para treinar a equipa holandesa até ao final da temporada e nos próximos dois anos, terá como adjunto Dick Advocaat.

O novo seleccionador holandês dirigiu já a equipa no Campeonato do Mundo de 1974 (na Alemanha Federal) tendo treinado posteriormente o Ajax, os Aztecas (de Los Angeles) e Colonia (da Alemanha Federal). Nos últimos meses de 1984 voltou a orientar a selecção holandesa, mas uma crise cardíaca obrigou-o a prolongado descanso, cedendo o lugar a Beenhakker.

Campeonato espanhol

O Real Madrid bateu o recorde de pontuação no campeonato de Espanha de futebol, ao totalizar 54 pontos. Na jornada de ontem (a 32.ª), já com o Real campeão, ficou decidida a despromoção do Hercules, depois do Celta também já ter sido condenado. O Valência ainda mantém esperança de fugir à primeira descida da sua história: essa esperança resultou também da derrota do Cadiz, em San Sebastian.

Resultados da jornada: Celta-Real Madrid, 1-5; Gijon-Valladolid, 3-0; Real Sociedad-Cadiz, 4-0; Bétis-Barcelona, 1-1; Valência-Hercules, 3-1; Espanhol-Sevilha, 4-2; Santander-Atlético de Bilbau, 0-0; Saragoça-Osasuna, 1-1 e Atlético de Madrid-Las Palmas, 1-0.

Classificação: 1.º Real Madrid, 54 pontos; 2.º Barcelona, 43; 3.º Bilbau, 42; 4.º Saragoça, 40; 5.º Atlético de Madrid e Gijon, 39; 7.º Real Sociedad, 37; 8.º Sevilha e Betis, 33; 10.º Valladolid, 29; 11.º Espanhol, 28; 12.º Santander, 27; 13.º Las Palmas, 26; 14.º Cadiz e Osasuna, 25; 16.º Valência, 23; 17.º Hercules, 21; 18.º Celta, 12.

Mourinho e Torralta: caso policial

José Félix Mourinho, treinador do União da Madeira, vai hoje apresentar queixa judicial contra o Grupo Desportivo da Torralta devido à acusação de tentativa de suborno a jogadores do clube algarvio. Mourinho e dirigentes do União da Madeira foram acusados pela direcção do Torralta de tentativa de aliciamento dos jogadores Narciso e Chico Santos com vista ao jogo de ontem entre os dois clubes, a contar para o nacional de futebol da 2.ª Divisão, que terminou com vitória madeirense por 1-0.

Tal como o técnico do União e o clube da Madeira, é provável que também o Governo Regional tome posição sobre a acusação feita pela direcção do Torralta.

O treinador adjunto de Mourinho o, o madeirense Emanuel Freitas, afirma que **existem terceiras pessoas interessadas na desestabilização do União da Madeira».** Emanuel Freitas diz que, em relação ao **eventual envolvimento do Governo Regional da Madeira, «eles têm mais que fazer e mais problemas a resolver do que dar dinheiro aos clubes».** Sobre o treinador Mourinho, acrescentou **ele passou toda a semana na Madeira acompanhado da mulher e só no sábado viajou para o Algarve. É uma calúnia. Mourinho é uma pessoa honesta e anda no futebol pelo futebol.** Emanuel Freitas garante ainda tratar-se de uma **calúnia bastante grave e que o técnico Mourinho vai apresentar queixa judicial.**

A propósito: na equipa do Torralta que ontem alinhou perante o União da Madeira, jogaram Narciso e Chico Santos.

Na terra de Beatriz Costa

António Fernandes triunfa na Charneca do Milharado

O ciclista António Fernandes e a equipa do Sporting foram os vencedores da prova da Associação da Charneca do Milharado (terra natal da artista Beatriz Costa), em que estiveram presentes 42 profissionais, em representação de seis clubes. A corrida constou de 12 voltas de um percurso prefazendo uma distância total de 99 quilómetros.

A classificação final foi a seguinte: 1.º António Fernandes (Sporting), duas horas 45 minutos e quatro segundos (média de 35,985 km/h); 2.º Paulo Ferreira (Sporting); 3.º Carlos Marta (Sangalhos); 4.º Manuel Cunha (Lousa); 5.º Carlos Santos (Lousa); 6.º Américo Silva (Lousa); 7.º José Poeira (Lousa); 8.º Alexandre Ruas (Sporting); 9.º Fernando Carvalho (Lousa); 10.º Venceslau Fernandes (Ajacto), todos com o mesmo tempo.

Por equipas: 1.º Sporting; 2.º Lousa.

Acácio Silva: distinção

Acácio da Silva figura no 10.º lugar da revista francesa «Velo», especializada em ciclismo. Acácio da Silva, que enverga a camisola da Malvor e que participou em várias provas internacionais, situa-se logo atrás do francês Claude Criquelion e do italiano Francesco Moser. A classificação dos cinco primeiros é a seguinte: 1.º Sean Kelly (Irlanda), 1254,25 pontos; 2.º Bernard Hinault (França); 762,50; 3.º Phil Andersen (Austrália), 749,25;

Somos homens de força

A halterofilia portuguesa conseguiu o seu maior feito de sempre, na 1.ª participação nos campeonatos da modalidade da Comunidade Económica Europeia (CEE), que se disputaram durante o fim-de-semana em Miltonkeynes, (Grã-Bretanha). Os quatro atletas portugueses participantes conseguiram duas medalhas de ouro e duas de prata, além de um recorde destes campeonatos, que celebraram a 14.ª edição.

Raul Dinis (na categoria de 52 quilos), conquistou a medalha de ouro, com 82,5 quilos no arranco e 115,5 no arremesso, com um total de 197,5 kg: o levantamento de 115,5 passa a ser recorde dos campeonatos da CEE. Na categoria de 100 quilos, Francisco Coelho ganhou a 2.ª medalha de ouro portuguesa, com levantamentos de 155 kg no arranco e 200 no arremesso, o que totalizou 355 kg. As medalhas de prata foram obtidas por Paulo Duarte, em 75 quilos, com 125 e 150 (total 275 kg) e por Jorge Soares, na categoria de 82,5 kg, com levantamentos de 140 e 182,5 (total 322,5 kg). Participaram nestes campeonatos atletas de dez dos 12 países da CEE (faltaram os franceses e os italianos).

MODALIDADES

Hóquei: «Nacional»

Prosseguiu o Campeonato Nacional da 1.ª Divisão de Hóquei em Patins. A jornada teve os seguintes desfechos: Belenenses - Sanjoanense, 4-6; Paço de Arcos - Famalicense, 7-2; Sporting de Tomar - Ferpinta, 3-3; Cascais - Oliveirense, 7-8; Benfica - Académico da Amadora, 15-3; Sesimbra - Futebol Clube do Porto, 3-3; e Juventude de Viana - Sporting, 1-4. Classificação: 1.º, Futebol Clube do Porto, 54 pontos; 2.º, Sanjoanense, 49; 3.ºs, Sporting e Benfica, 45; 5.ºs, Juventude de Viana e Sporting de Tomar, 44; 7.º, Paço de Arcos, 41; 8.ºs, Ferpinta e Oliveirense, 37; 10.º, Famalicense, 33; 11.º, Sesimbra, 31; 12.º, Belenenses, 30; 13.º, Cascais, 23; e 14.º, Académico da Amadora, 19.

Andebol: Campeonato

O Belenenses venceu o Benfica (23-22) no Restelo, em jogo da 4.ª jornada, primeira da segunda volta, da fase final do Campeonato Nacional de Andebol. Por seu lado, o Sporting venceu em Braga (22-18) o Académico local. Com esta derrota, a equipa bracarense deixou de ter hipóteses de chegar ao título.

Microscópio

Marvilabril-86

Organizado pela Junta de Freguesia de Marvila, realiza-se no próximo dia 20 do corrente o III «GP» de atletismo «Marvilabril-86» destinado a atletas de todos os escalões etários e que vem no seguimento do cumprimento do plano de actividades do pelouro de desporto da JF de Marvila.

ADÃO móveis e electrodomésticos

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	G	P
1.Benfica	28	21	5	2	53-10	47
2.F.C.Porto	28	20	5	3	59-18	45
3.Sporting	28	18	6	4	60-18	42
4.Guimarães	28	15	7	6	44-27	37
5.Boavista	28	13	7	8	42-29	33
6.Portimonense	28	11	5	12	29-30	27
7.Chaves	28	10	6	12	26-37	26
8.Belenenses	28	6	13	9	26-29	25
9.Salgueiros	28	9	7	12	20-34	25
10.Braga	28	9	7	12	32-44	25
11.Academica	28	9	6	13	27-36	24
12.Setúbal	28	7	8	13	32-40	22
13.Marítimo	28	7	6	15	24-46	20
14.Aves	28	5	8	15	22-41	18
15.Penafiel	º 8	4	8	16	14-37	16
16.Covilhã	28	5	6	17	20-56	16

Próxima jornada, penúltima: Chaves - Portimonense, Aves -Braga, Penafiel — Académica, Salgueiros - Belenenses, Benfica - Sporting, Covilhã - Boavista, Vitória de Setúbal -Futebol Clube do Porto e Vitória de Guimarães - Marítimo.

TOTOBOLA

Belenenses-Benfica	2
Porto-Guimarães	1
Chaves-Aves	1
Braga-Penafiel	1
Académica-Salgueiros	1
Boavista-V. Setúbal	1
Marítimo-Portimonense	X
Rio Ave-Varzim	X
Lourosa-Vizela	X
Almeirim-Elvas	2
Mangualde-Feirense	X
Torralta-U. Madeira	2
Silves-Estoril	X

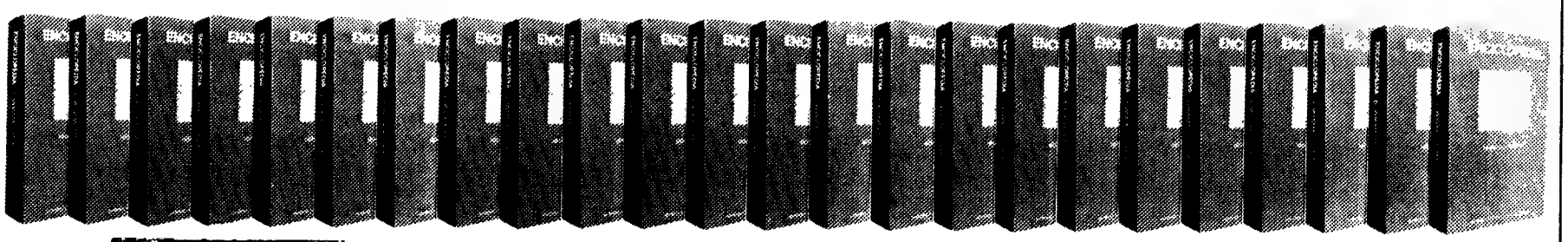
TOTO LOTO

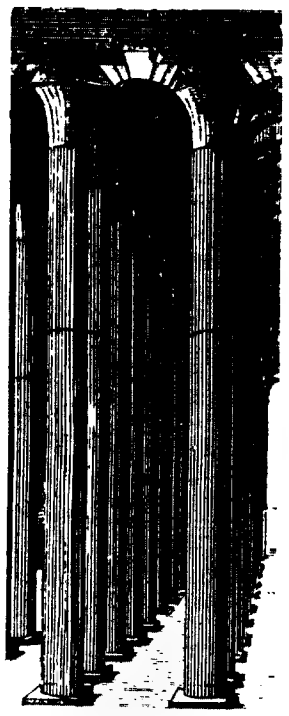
12, 18, 21, 26, 34 e 42 + 31

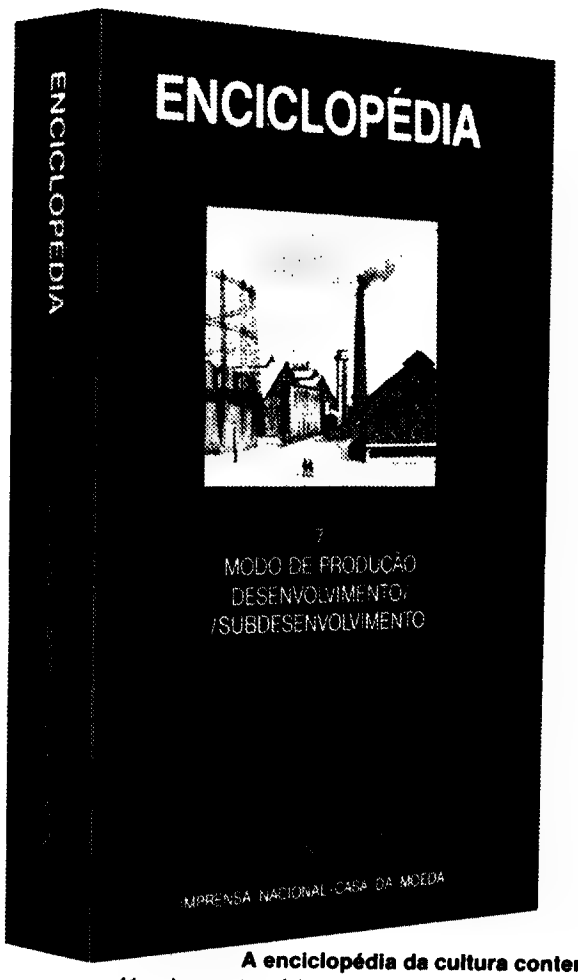
EXPOSIÇÃO DE MÓVEIS: (aberto até as 21 horas)
Estrada da Falagueira • AMADORA
FACILIDADES DE PAGAMENTO
FILIAL RUA GIL VICENTE (PERTO DA ESTACAO DA CP) AMADORA

ENCICLOPÉDIA EINAUDI

GRAFIDEC

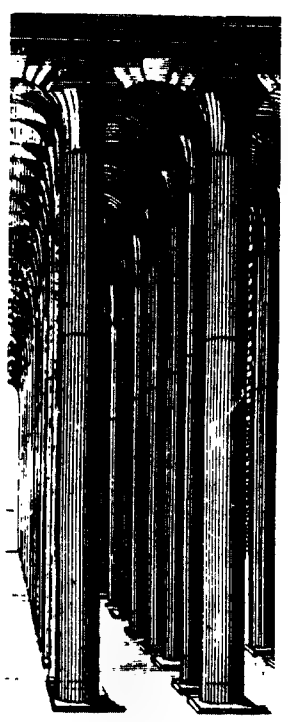






43 VOLUMES

EDIÇÃO PORTUGUESA



Plano da obra:

1. Memória - História
2. Linguagem - Enunciação
3. Artes - Tonal/atonal
4. Local/global
5. Anthropos - Homem
6. Orgânico/inorgânico - - Evolução
7. Modo de produção - - Desenvolvimento/ /subdesenvolvimento
8. Região
9. Matéria - Universo
10. Dialéctica
11. Oral/escrito - - Argumentação
12. Mythos/logos - Sagrado/ /profano
13. Lógica - Combinatória
14. Estado - Guerra
15. Cálculo - Probabilidade
16. Homo - Domesticação - - Cultura material
17. Literatura - Texto
18. Natureza - Esotérico/ /exotérico
19. Organismo - - Hereditariedade
20. Parentesco
21. Método - Teoria/ modelo
22. Política - Tolerância/intolerância
23. Inconsciente - Normal/anormal
24. Física
25. Criatividade - Visão
26. Sistema
27. Cérebro - Máquina
28. Produção/distribuição/ - Excedente
29. Tempo/temporalidade
30. Religião - Rito
31. Signo
32. Soma/psiche - Corpo
33. Explicação
34. Comunicação - Cognição
35. Estruturas matemáticas - Geometria e topologia
36. Vida/morte - Tradições - - Gerações
37. Conceito - Filosofia/filosofias
38. Capital
39. Sociedade - Civilização
40. Direito - Classes
41. Conhecimento

42.43 Sistemática

A enciclopédia da cultura contemporânea
41 volumes temáticos com 600 conceitos-chave interdisciplinares,
que constituem uma rede de referências, relações e conexões
e introduzem o leitor no conhecimento activo
das ideias, dos conceitos e dos problemas de hoje.

A enciclopédia de orientação
que ajuda a ler e a perceber, sem impor respostas definitivas;
que ensina a organizar o nosso saber fragmentado e disperso;
que se dirige a todos quantos se interessam
pelos factos profundos da cultura e suas transformações.

A enciclopédia do saber de hoje
elaborada com a colaboração de reputados especialistas italianos, franceses,
ingleses, soviéticos, americanos, polacos, portugueses.

"Uma imensa revolução no mundo cultural de língua portuguesa"
Eduardo Prado Coelho

"Ao mundo fechado e totalizante das enciclopédias modernas,
a Einaudi contrapõe um universo que se pretende tão livre e aberto
quanto o desejo e a imaginação do leitor"
António Mega Ferreira

"Um dos grandes acontecimentos culturais deste ano (e dos próximos)
entre nós. Uma enciclopédia para ler e não apenas para consultar"
Francisco Belard

7° VOLUME
À VENDA NAS LIVRARIAS

inm IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

MUNICÍPIO DE LISBOA

EDITAL N.º 19/86

Classificaçãõo como imóvel de interesse público do conjunto conhecido por Palácio Palha, Van-Zeller ou Pancas, constituído pelo corpo nascente (Rua de St.ª Apolónia, n.os 12/18 tornejando para a Rua do Recolhimento de Lázaro Leitão) corpo poente (Rua de St.ª Apolónia tornejando para a Calçada dos Bardadinhos) e respectivos jardins.

Faz-se saber que, nos termos e para os efeitos constantes do Decreto-Lei n.º 181/70 de 28 de Abril, por despacho de Sua Excelência o Ministro da Cultura, foi determinado que a classificação como imóvel de interesse público do Palácio das Pancas ou Palácio Palha, situado na Rua de St.ª Apolónia, n.os 12/18, em Lisboa, fosse alargada também ao corpo poente e aos jardins que os ligam, passando a designação dessa classificação a «Conjunto conhecido por Palácio Palha, Van-Zeller ou Pancas, constituído pelo corpo nascente (Rua de St.ª Apolónia, 12/18, tornejando para a Rua do Recolhimento de Lázaro Leitão) corpo poente (Rua de St.ª Apolónia tornejando para a Calçada dos Barbadinhos) e respectivos jardins», do que resulta a constituição da zona de protecção, conforme consta da planta topográfica que junto se afixa.

A zona abrangida por esta classificação fica sujeita às disposições legais em vigor, designadamente os art.os 25.º a 48. do Decreto n.º 20 985, de 7 de Março de 1932, do Decreto n.º 38 888, de 29 de Agosto de 952, do Decreto-Lei n.º 28 468, de 15 de Fevereiro de 1938, do Decreto-Lei n.º 39 600, de 3 de Abril de 1954, do n.º 2 do §1.º do Art.º 19.º do Decreto n.º 46 349, de 22 de Maio de 1965, do Decreto-Lei n.º 1/78 de 7 de Janeiro, do Decreto-Lei n.º 59/80, de 3 de Abril e Decreto-Regulamentar n.º 34/80 de 2 de Agosto.

Os interessados podem, dentro do prazo de 30 dias, contados da data da afixação deste edital, apresentar quaisquer reclamações tendo por objectivo a ilegalidae ou inutilidade da constituição da servidão resultante do estabelecimento da referida zona de protecção ou a sua excessiva amplitude ou onerosidade.

Essas reclamações devem ser formuladas por escrito e entregues na 2.ª Secção – Expediente e Contabilidade da 1.ª Repartição da Direcção dos Serviços Centrais e Culturais desta Câmara Municipal, no prazo referido.

Paços do Concelho de Lisboa, em 1 de Abril de 1986

O Presidente da Câmara Municipal
Nuno Krus Abecasis

VESTUÁRIO EM CABEDAL
E ANTÍLOPE
CONFECCIONAMOS POR MEDIDA
PINTAMOS E ARRANJAMOS
CASACOS DE CABEDAL
CONFECÇÕES STAHL, LDA.
AV. MARQUÊS DE TOMAR, 68-1. ESQ.
☎ 771158 — 1000 LISBOA

COOPAR - Coop. Agríc. do Concelho de Arraiolos
(Ex-Grémio da Lavoura)
DE
ARRAIOLOS

- ADUBOS
- RAÇÕES
- PESTICIDAS
- SEMENTES
- ALUGUER DE MÁQ. AGRÍCOLAS
- DIVERSOS

TELEFONES
☎ 42115 - Escritório e Vendas
☎ 42240 - Armazém
☎ 46119 - Casa Lavoura/Vimieiro

R. Cunha Rivara, 7 a 7-C **7040 ARRAIOLOS**

Rosa Mota é recordista mundial dos 16 quilómetros

Rosa Mota estabeleceu ontem nova melhor marca mundial das 10 milhas (16 quilómetros), com 53 minutos, 09 segundos, ao vencer a 14.ª edição da clássica «Cherry Blossom», em Washington (EUA).

A 2.ª classificada foi a neozelandesa Lorraine Moller (com 53.48) e a 3.ª a norte-americana Joan Nesbit (54.41). Rosa Mota melhorou em nove segundos a marca conseguida em 1982 pela norte-americana Joan Benoit.

Apesar de lesionada no tendão de Aquiles, Rosa Mota (medalha olímpica de bronze em Los Angeles, na Maratona) dominou toda a prova, a partir da segunda milha, terminando destacada na meta.

Na prova masculina venceu o norte-americano Tom Hunt, que com 46.15 ficou a dois segundos da melhor marca mundial, na posse do seu compatriota Greg Meyer. O 2.º foi o inglês Roger Hackney (46.41) e o 3.º o norte-americano Jim Cooper (47.00).

Meia-maratona vitória portuguesa

David Tavares venceu a meia-maratona internacional de Den Haag (Holanda), com o tempo de uma hora, 02 minutos, 50 segundos. Na prova feminina, Conceição Ferreira foi 3.ª com o tempo de 1.12,21. A vitória coube à holandesa Carla Beurskens (1.09,28), seguida da finlandesa Sinikka Keskitalo, (1.11,45). Na competição masculina os portugueses Delfim Moreira e Óscar Santos foram, respectivamente, 10.º e 13.º, com 1.04,15 e 1.04,21. O segundo e terceiro classificados (atrás de David Tavares) foram respectivamente, o inglês Ken Stuart (1.02,55) e o holandês Marti Ten Kate (1.02,57). Por equipas, Portugal foi 2.º classificado, atrás da Holanda e à frente da Finlândia.

Luís Cunha iguala recorde nacional

Luís Cunha (Benfica) igualou o recorde nacional absoluto da prova dos 300 metros, ao percorrer a distância em 33,5 segundos, no Estádio do Jamor. Luís Cunha igualou a marca conseguida em 1972 por Fernando Silva (também do Benfica).

Minimaratona

Joaquim Pereira («O Elvas») foi o vencedor da minimaratona de Sobral de Monte Agraço. Nos restantes lugares de honra ficaram António Santos (Desportivo de Loures) e Aires Pratas (Cooperativa «Os Bancários»). Na classificação feminina venceu Fátima Carvalho (Juventude de Castanheira), ficando a seguir Albertina Silva (Alhões) e Anabela Silva (Sporting de Alhandra). A prova, de 10 000 metros, contou com a presença de cerca de 180 atletas e integrou-se nas comemorações do 8.º centenário da vila do Sobral.

Outro máximo

Maria João Lopes (Benfica) estabeleceu recorde nacional da prova dos 500 metros ao correr a distância em 1.13,3 minutos, no Estádio Nacional. O anterior máximo pertencia a Marta Moreira (Futebol Clube do Porto) com 1.15,4 minutos, marca alcançada já este ano.

A júnior La Sallete Mineiro (Benfica) bateu o recorde nacional de juniores com 1.17,5 minutos na mesma prova. Por seu lado, José Durão (Benfica) estabeleceu movo máximo nacional para o hexatlo, com 3598 pontos.

Itália: Canário em 3.º

Ezequiel Canário, o melhor português no «Mundial» de Crosse, classificou-se em 3.º lugar numa prova de corta-mato em Itália, ficando António Leitão na 8.ª posição.

Estafeta para Pontevel

As equipas do Vidais (em masculinos) e da Casa do Povo de Alcanena, (em femininos), venceram a estafeta Santarém-Pontevel. A prova, organizada pelo Inatel e pela Casa do Povo de Pontevel, teve a participação de 144 atletas, divididos em 27 equipas masculinas e nove femininas. Classificação em homens (18,7 quilómetros, em 4 percursos): 1. CPT Vidais (Lisboa), 58.18 minutos; 2. GD Galamares, 58.52; 3. CP Alcanena, 59.40; 4. Ateneu Cartaxense, 1.00,42 horas. senhoras (14 km, 3 percursos): 1. Casa do Povo de Alcanena, 37.55 minutos; 2. Marmeleira, 38.42; 3. Galamares, 39.06.

'Meeting' nas Açoteias

Pedro Curvelo ganhou os 100 e 200 metros da 5.ª edição do 'meeting' internacional da Aldeia das Açoteias. O velocista do Benfica ganhou os 100 metros em 10,5 segundos e venceu os 200 metros em 21,4 segundos. Nas duas provas bateu o seu irmão gémeo Paulo que fez 10,6 e 21,8 segundos, respectivamente.

Luís Horta (Benfica) foi 2.º nos 800 metros com 1.56,5 minutos, atrás de Carlos Filipe (Louletano) com 1.56,4 e nos 1500 metros perdeu com o britânico Ken Bakler, por cinco décimos de segundo (3.51,8 contra 3.52,3 minutos).

A olímpica inglesa Veronique Marot ganhou os 10 000 metros em 33.39 minutos, batendo a alemã-federal Vera Michaelik, com 34.08 minutos. No salto em altura, o inglês Costeol ganhou com 2,05 metros e Vítor Mendes (Benfica) foi 2.º, com a mesma marca. No pentatlo masculino, Tom Leeson fez a segunda marca inglesa de sempre, com 3681 pontos.

Rosa Mota recebeu três mil dólares (cerca de 450 contos) pelo seu triunfo

Basquetebol, remo e voleibol: perdendo, lá vamos aprendendo

Infelizmente, em diversas disciplinas desportivas, quer os confrontos se efectuem no nosso país ou decorram fora de fronteiras, não conseguimos êxitos que contribuam para o salto qualitativo que se deseja. Neste fim-de-semana, basquetebol, remo e voleibol deram o tom de mediocridade às actuações portuguesas.

Falemos de basquetebol feminino: em Olhão, o «cinco» de Portugal averbou a 3.ª derrota nos três jogos do torneio de qualificação para o campeonato europeu (categoria de juniores) ao perder frente à Espanha, por 75-54. A França, ao derrotar a Inglaterra (110-54) ganhou o torneio.

Sob arbitragem do inglês Cleaton e do francês, Auberre, alinharam e marcaram:

PORTUGAL: Maria João Costa, Sofia Tomás, Sofia Leitão (6), Carla Esteves (20), Cláudia (6), Cristina (5), Madalena (6), Isabel (9), Paula Almeida e Paula Pereira (2).

ESPANHA: Castro (6), Patrícia (4), Nives (8), Paloma (4), Mercedes (12), Miriam (12), Vilar (18), Rosa (2), Yolanda (7) e Almodeno (2).

Classificação final: 1.º, França, 6 pontos; 2.º, Espanha, 5; 3.º, Inglaterra, 4 e 4.º, Portugal, 3.

●

Outro desaire aconteceu em Viana de Castelo e diz respeito a remo: o Clube de Remo do Miño (da Espanha) venceu o 6.º Troféu Minho Internacional, em «shell» de 8, que decorreu na parte portuguesa do rio Minho. O troféu, disputado alternadamente em Portugal e em Espanha, é organizado pelo Sporting Clube Caminhense e pelo Clube de Remo do Miño, e os portugueses nunca conseguiram uma vitória.

A prova iniciou-se em Vila Nova da Cerveira e terminou em Seixas (na distância de 15 quilómetros)

Classificação: 1.º, Clube de Remo do Miño (Espanha), 47.47.91 minutos; 2.º, Arco, de Viana do Castelo (Portugal), 49.48.12; 3.º, Clube Náutico de Viana (Portugal) 51.55.07; 4.º, Sporting Clube Caminhense (Portugal) 1.03.06 horas. O Clube Fluvial Portuense foi desclassificado por ter saído das bóias da pista. O barco do principal favorito à vitória (o Real Clube Náutico de Vigo) afundou-se, em parte devido ao vento forte.

O Clube de Remo do Miño obteve a 2.ª vitória, enquanto o Náutico de Vigo, se tivesse ganho ontem, tomaria posse definitiva do troféu, atribuído a quem vencer cinco vezes alternadas ou três consecutivas.

●

E chegamos ao voleibol: A selecção portuguesa perdeu (1-3) com a da Áustria, em jogo para o Torneio das Quatro Nações, que teve lugar na Suíça. A equipa portuguesa foi derrotada com os parciais 2-15, 16-14, 6-15, 3-15.

Foi o último jogo da selecção portuguesa neste torneio, de preparação para a Taça Primavera (na Áustria) entre 13 e 20 do corrente. Nos outros dois jogos realizados na Suíça, o «seis» de Portugal venceu a selecção helvética por 3-0 (15-8, 15-6, 15-10) e perdeu com a israelita (9-15, 8-15, 8-15).

Ilusões da cultura

Ernesto Sampaio

É conhecida a frase de Ponge: «Tenho a impressão de que todos os meus textos são escritos no dia a seguir à revolução». Podia ser subscrita por muitos artistas que conseguem escrever, pintar, como se **tivessem derrubado as paredes do cárcere capitalista-burguês,** como se **tivessem realizado pessoalmente a revolução e não enfrentassem agora outros entraves senão a resistência do seu pensamento, dos seus meios de expressão,** como se **tivessem conseguido desembaraçar-se da prisão «social», reservando-se tão-só as inevitáveis prisões «morais».**

Os **como se** são a almofada onde descansa a cabeça dos místicos da revolução e dos místicos da inteligência. Com isto não pretendemos significar, por vias oblíquas, que Rimbaud, por exemplo, devia fomentar a revolução ou versificar o marxismo, nem sugerir que «mudar a vida» deve colocar-se ao serviço de «transformar o mundo». Pretendemos unicamente repetir que estas duas palavras de ordem constituem apenas uma e que, na perspectiva materialista, «transformar o mundo» deve prevalecer na acção, sem esquecer que «mudar a vida» é o fim visado com «transformar o mundo», nem que, no pensamento, «transformar o mundo» começa por «mudar a vida».

No plano da poesia, voltemos a Rimbaud para dizer que o mais claro da sua «revolução interior», que ele levou até ao insustentável (não até ao famoso «projecto de constituição comunista», mas até ao silêncio), não será nunca sistematizado no sentido da história, sendo no entanto objectivamente revolucionário. A esta luz, é defensável a opinião segundo a qual as obras resultantes do sobressalto de cólera de um homem perante a exígua ração de realidade que a manigância social burguesa lhe serve são as únicas a preservar ainda o essencial.

Verbo e Espírito

A função do poeta é revelar a unidade do mundo. Fá-lo através de imagens, revelando analogicamente as correspondências estreitas que existem entre realidades aparentemente distintas. Quanto mais afastadas estiverem essas realidades, tanto mais reveladoras da unidade universal serão as imagens do poeta.

Ainda Rimbaud: «A Poesia deixará de marcar o compasso da acção; irá à frente». Como as palavras são ideias, Rimbaud esperava da combinação intuitiva dos ritmos uma revelação da qual se sentia momentaneamente privado pelo fenómeno da consciência. E como não existe distinção real entre o Verbo e o Espírito, e a revelação do primeiro deve ir de par com a emancipação do segundo, Rimbaud empenhou-se em destruir metodicamente as limitações impostas às potências do Ego por aquilo a que se chama consciência.

Neste sentido, a vontade de uma expressão absoluta teria como contrapartida necessária um conhecimento absoluto, cuja obtenção não podia deixar de revelar de um golpe a falência da arte. Na verdade, exprimir o absoluto seria pronunciar de maneira eficaz a Palavra de onde o universo nasceu, o que, como revelação, não pode deixar de asseverar-se bastante ilusório, para não dizer inútil. As faculdades inatas de Rimbaud e as práticas que as fortificaram transformaram-no num vidente. E que viu ele? O nada definitivo.

Anjo caído, abandonado de todas as ilusões, ainda teve tempo de entrever, entre as supremas recusas da sua alma violenta, uma alternativa possível: «O trabalho humano! Eis a explosão que ilumina o meu abismo de tempos a tempos».

Os poetas **vivem** ao mesmo tempo e no mesmo movimento em que **pensam.** Não se preocupam com descrever a «realidade», nem em alinhavar palavras vãs sobre aquilo que **deveria ser,** tara moderna de quase todas as filosofias e similares.

Recuperações

É verdade que os filhos tiram sempre proveito do que seus pais condenaram. Também é certo que poetas, artistas e filósofos são filhos de si próprios. Perfazimento: o **R** (de **recuperado**) com que as vanguardas se cobrem de opróbrio umas às outras e à mercadoria ideolíogica circulante é ele próprio um sinal da ideologia mercantilista, uma ilusão da cultura. Desta, há provas objectivas da sua duplicidade congénita, pelo menos no contexto classista que transforma quase sempre os mestres em polícias, as ideias num comércio e os intelectuais em burgueses. Os opressores têm deveras aliados naturais onde menos se espera: naqueles, por exemplo, que sob baterias de binóculos de teatro «cantam», «dançam», «representam», «pintam», «escrevem» a Revolta, extraíndo dela gritos expressivos e bem modulados, premiados em concursos especiais de artes e letras.

Tenho para mim que tanto a política como poesia são muito mais importantes do que habitualmente se julga, e que convergem na mesma encruzilhada exigente e imperecível onde aflui tudo o que não desmerece da fidelidade à mais alta exigência do coração e do espírito humanos: a vontade, de libertar a vida.

Mas isso é uma coisa. E outra coisa bem distinta é degradar a arte e a revolução, falsificar uma e outra, uma pela outra, escapando aos imperativos específicos de ambas.

Os Bárbaros

«Odeio o reino dos burgueses. O reino dos chuis e dos padres. Mas ainda odeio mais o homem que não os odeia, como eu, com todas as suas forças» (Eluard, **Critique de la poésie,** 1931). Amen.

De facto, as aparências iludem: há ainda bárbaros a quem a civilização enoja. Oh, não se trata de possessos do espírito mórbido da negação, mas de gente a quem só a poesia salva do desespero total.

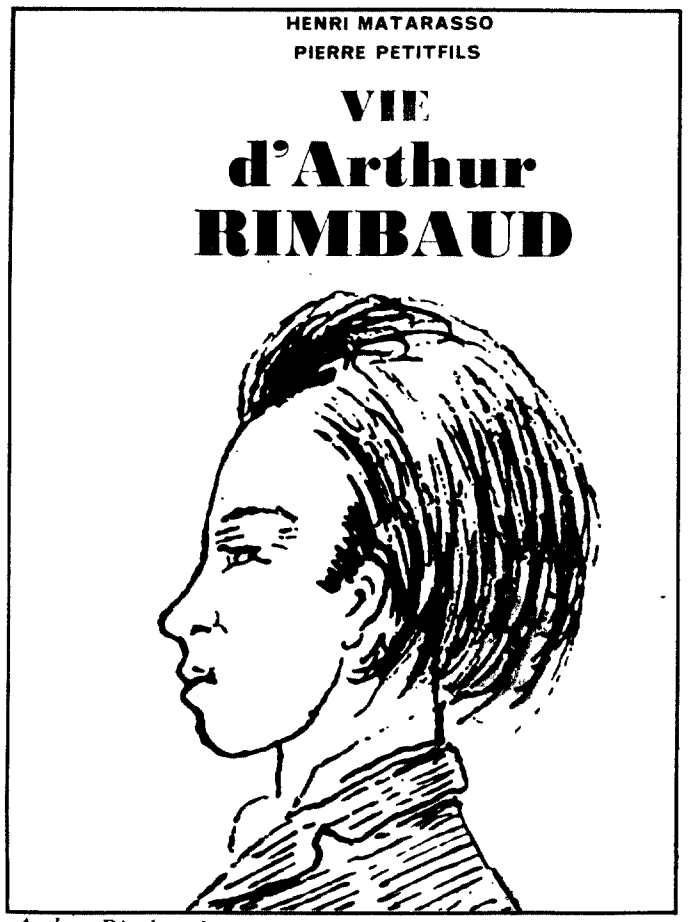
Uma obra de arte nunca é completamente desesperada. O seu autor, em todo o caso, achou que valia mais fazê-la do que não a fazer. No entendimento do artista, pelo menos, essa actividade não é inteiramente absurda. Aliás, não faz falta a arte para nos apercebermos de que a vida pode muito bem ser absurda e possuir ao mesmo tempo um lado maravilhoso. Não há incompatibilidade nisso e existe mesmo quem pense que as duas coisas são uma só.

Vejam Tchekov: é tão pessimista quanto um homem pode ser, e contudo diz constantemente que haverá talvez, no futuro, pessoas mais felizes do que nós, capazes de chegar onde não chegamos. No desespero completo, deixa sempre filtrar-se uma espécie de esperança. Vejam o final de **As três Irmãs:** é uma arte realista, mas com uma abertura permanente sobre a poesia.

Se hoje a degradação, a falsificação e a esclerose corrompem a vida, isso não prova a inviabilidade da ideia do homem. Por outro lado, o pensamento e a poesia não precisam de ser claros para existir e exercer a sua acção. Só interrogando a sua própria noite, cada um de nós tem uma oportunidade de ver tudo.

Quanto ao da cultura, podemos estar momentaneamente tramados, mas quanto ao da liberdade, se ela é antes de mais nada desejo, perpétuo desejo, constante renovação do projecto humano, **ainda** restam algumas hipoteses ao homem de não ser apenas mais uma espécie, maior do que os caranguejos e mais pequena do que os cavalos.

Pois sim. E o grande furúnculo em forma de cruz que nos nasceu no pescoço? É preciso extirpá-lo. Se não, nada feito. Cruzes, crescentes, candelabros de sete braços são o inimigo mais poderoso, profundo e durável, cancros que destroem o homem por dentro, uma loucura furiosa que atiça a humanidade contra a sua própria liberdade.



Arthur Rimbaud, aos 15 anos

«O Padre Eterno tenta em vão separar a luz das trevas» (Max Ernst, **La Femme 100 têtes***)*

CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE ALVITO

A Câmara Municipal de Alvito, em reunião ordinária de 2-4-86, deliberou enviar uma SAUDAÇÃO ao «DIÁRIO DE LISBOA» pela passagem do seu 65.° Aniversário que ocorre hoje, fazendo votos para que continue a defender com isenção os interesses regionais.

Paços do Concelho de Alvito, 4 de Abril de 1986

O Presidente da Câmara
Francisco Manuel Godinho Trindade

(Esta saudação foi aprovada por unanimidade)

Depois de **«África minha»** *voltaremos a ver Meryl Streep em* **«Plenty»** *de Fred Schepisi.*

Os filmes que vamos ver

Com a atribuição dos óscares costumam estrear as últimas «locomotivas» e este ano não vai fugir à regra. Daqui até ao Verão poucos serão os títulos em que os distribuidores esperam centenas de milhares de espectadores, o que não quer di-

Continuam a chegar filmes de Fassbinder: **«Bolwieser»** *é um dos que está na calha.*

1986/1989

Mandato novo • Vida nova

A experiência ao serviço da população.

AMADORA

Um Município novo, em evolução e progresso

Com a participação de todos os sectores e camadas sociais, em diálogo permanente

VAMOS CONTINUAR A CONSTRUIR UM MUNICÍPIO MELHOR

CÂMARA MUNICIPAL DA AMADORA

«Um adeus português»: *depois de um périplo premiado de Festivais aguarda-se a sua estreia em Lisboa, ainda este mês.*

Um dos mais polémicos filmes da temporada vai ser, por certo, **«O ano do dragão»** *de Cimino.*

zer, evidentemente, que não haja filmes «fortes» nos próximos meses. Pelo menos «**Ran**» de Kurosawa e «**O ano do dragão**» de Cimino são fitas que só por miopia não farão correr muita tinta, espectadores e dinheiro. Merryl Streep voltará com «**Plenty**» e o seu nome também é valor seguro. Nunca se sabe se «**3 homens e um berço**» conseguirá um impulso de êxito grande (em França foi o campeão de 1985, batendo seríssimos concorrentes...). E é bem possível que «**Amor e sangue**», em registo «fantástico», possa colher os favores do grande público.

Mas os próximos meses devem ser, sobretudo, oportunidade para ver coisas menos bombásticas mas, às vezes, tão ou mais interessantes que os títulos esmagadodores.

Oportunidade, por exemplo, para o cinema português que, ainda em Abril, vai ter duas fitas estreadas em Lisboa: «**O Barão de Altamira**» de Artur Semedo e «**Um adeus português**» de João Botelho, premiado em Berlim e no Rio de Janeiro e que muitos asseguram ir ser um acontecimento. Para já o acontecimento será, à partida, ver um filme português no cartaz do Tivoli (além do Quarteto e do Estúdio 444), sabido que a sala da Avenida da Liberdade há muitos anos que não estreia uma produção lusa...

Jennifer Jason Leigh, protagonista de **«Amor e sangue»** *de Verhoeven*

Oportunidade haverá, provavelmente, para cinematografias — outras que não as que falam inglês: da Alemanha estão na calha dois Fassbinder (**«Bolwieser»** e **«O medo come as almas»**), **«O diário de Edith»** de Hans Geissendorfer, **«Coração puro»** de Robert van Ackeren, **«Um tiro na cabeça»** de Reinhard Hauff; de França (para além de **«3 homens e um berço»**) esperam-se **«Tango, o exílio de Gardel»** de Fernando Solanas (argentino radicado em Paris), **«Amor à primeira vista»** de Diane Kurys e **«A noite usa ligas»** de Virginie Thévenet; de Espanha, um país pouco presente, cinematograficamente, em Portugal, três títulos se aguardam: **«Operação Ogro»** de Gillo Pontecorvo (sobre o atentado que vitimou Carrero Blanco), **«As bicicletas são para o Verão»** e o enorme sucesso de 1985 no país visinho que foi **«La vaquilla»**, uma comédia de Berlanga tendo por palco... a Guerra Civil; do Brasil virá **«As noites do sertão»** de Carlos Alberto Prates Correia.

Isto, evidentemente, não fará anular-se a dominante anglo-saxónica (com predominância americana) que costuma verificar-se. Daí virão, claro, muitos filmes: **«Blood simple»** de Joel Coen, **«O alvo»** de Arthur Penn, **«Into the night»** de John Landis, **«A última reportagem»** de Philip Borsos, **«American dreamer»** de Rick Rosenthal, **«Enemy mine»** de Wolfgang Petersen, **«Choose me»** de Alan Rudolph, por certo, em breve estarão nas salas lisboetas.

Lá mais para o Verão — e já no domínio das reposições — teremos dois acontecimentos: um será a apresentação sequencial dos três filmes da saga **«Star Wars»**, o outro a organização de um núcleo de fitas de Hitchcock (**«Frenzy»**, **«Intriga internacional»**, **«Ladrão de casaca»**, **«Cortina rasgada»**, **«Intriga em família»**, **«Difamação»**, **«Acasa encantada»**, entre outras) que, apesar de disponíveis no mercado português, poderão, organizadamente, ser vistas ou revistas em boas cópias e durante um período dilatado.

O mais aguardado filme do ano — «**The colour purple**» de Spielberg — só lá para Setembro... .

Revista à portuguesa de visita ao Canadá

Encontra-se há dias no Canadá uma caravana artística, para ali apresentar um novo espectáculo destinado aos núcleos de emigrantes portugueses radicados naquele país da América do Norte. Trata-se de uma revista, com o título «Elas Vêm Quentes!...» A demonstrar a importância que a Televisão tem na aproximação dos portugueses espalhados pelos cinco continentes com a terra-mãe, está a exigência destes em verem actuar, ao vivo, alguns dos intérpretes das telenovelas «Vila Faia» e «Origens» que, transmitidas pelos canais de televisão locais, alcançaram grandes êxitos justificando, quase sempre, as suas repetições.

Francisco Nicholson: actor e co-autor (com Gonçalves Preto) do texto de «Elas Vêm Quentes!...»

Deste modo, o empresário Amadeu Vaz, grande impulsionador da ida dos nossos artistas até aos principais centros de emigração, tudo fez para que nesta caravana artística seguissem, além de Maria Tavares, Luís Aleluia, Gina Espadinha e Carlos Alberto, três artistas intervenientes nas duas referidas novelas televisivas: Francisco Nicholson («Inspector Serôdio» e «Xavier»), Magda Cardoso («Anabela» e «Marta») e Mafalda Drummond («Rita» e «Rosário»). Segundo o produtor-delegado, Carlos Alberto Brito, há alguns anos a colaborar com Amadeu Vaz na realização deste género de espectáculos, «este será o melhor de todos os que foram apresentados nos últimos anos quer na forma quer no conteúdo.»

A digressão demorará cerca de cinco semanas estando previsto o regresso a Portugal para o próximo dia 5 de Maio.

Além dos elementos referidos, colaboraram na realização deste espectáculo: Fernando Ribeiro (Direcção Musical), Fernando Lima (Coreografia), Hernâni e Rui Martins (Cenografia), Carlos Ivo (Adereços de Guarda Roupa), Avelino Rodrigues (Adereços de Cena e Contra-Regra), Carlos Fernandes e Moreira de Carvalho (Montagem e Registo de Som), Fernando Santos (Responsável pela gravação nos Estúdios Musicorde). Textos originais de Francisco Nicholson e Gonçalves Preto. Música original de Braga Santos. Responsável Técnico: Carlos Alberto Brito. Direcção de Francisco Nicholson. Ilusão e Magia: Zurk e Professor Lapin.

Decisão do IPC provoca demissões na Federação de Cinema e Audiovisuais

Os elementos que integravam a direcção da Federação Portuguesa de Cinema e Audiovisuais demitiram-se dos cargos em que tinham sido empossados aos 2 de Março do ano passado.

Tal decisão resultou do facto dessa direcção ter visto claramente inviabilizado, **mais uma vez,** todo o projecto de revitalização da acção cultural que a Federação representa e coordena, e que muito tem contribuído — e pode continuar a contribuir — para o desenvolvimento, enriquecimento e preservação duma cultura cinematográfica nacional.

Já em 1985 a direcção agora demissionária tinha visto inviabilizado todo o seu plano de trabalho para esse ano, quando o IPC — invocando drásticas reduções nas suas receitas provocadas pela redução do «adicional» (que acabou por não se concretizar) — atribuiu à FPCA um subsídio de 1700 contos, indeferindo assim os 6500 solicitados pela Federação para apoio a toda a sua actividade.

Este ano o Instituto Português de Cinema voltou a indeferir o pedido de subsídio apresentado pela direcção da FPCA para desenvolvimento da actividade das dezenas de clubes de Cinema nela filiados, nomeadamente para apoio à realização de cursos de iniciação ao cinema e ao vídeo, apoio à produção de filmes em super 8 e 16 milímetros, videogramas e diaporamas, e apoio à divulgação desses trabalhos nos circuitos que lhe são tradicionais, e cujo plano global orçava em cerca de 8 mil contos.

O IPC não considerou a verba solicitada, informando a direcção da Federação que o subsídio que tinha decidido fixar não poderia ser superior a 3500 contos.

Já penalizada em 1985 com resultados claramente negativos de um exercício condicionado por um subsídio que considerou ridículo, e impedida agora de desenvolver, em 1986, um trabalho minimamente eficaz e consequente, a direcção da Federação Portuguesa de Cinema e Audiovisuais efectivou, por isso, a sua demissão durante a Assembleia Geral realizada em Lisboa no início de Março, afirmando peremptoriamente ser inaceitável a fixação, por parte do IPC, de um tal valor.

Assim, após ter conseguido resistir à extinção que a ameaçou em 1985 (e que resultara exclusivamente da decisão do IPC em lhe atribuir um subsídio de 1700 contos), a Federação Portuguesa do Cinema e Audiovisuais vê-se de novo, e mais uma vez por resultado de uma decisão do IPC, posta perante uma perspectiva de extinção que, a efectivar-se, trará inequívocos prejuízos para a já referida preservação, enriquecimento e desenvolvimento da Cultura Cinematográfica Nacional.

Cinemateca homenageia Louise Brooks

A actriz Louise Brooks, um dos mitos mais fortes numa das carreiras mais curtas do cinema, é homenageada pela Cinemateca Portuguesa com um pequeno ciclo dos seus filmes, que decorre em Lisboa.

«A Girl In Every Port», um filme realizado em 1928 por Howard Hawks nos Estados Unidos, abriu quinta-feira o pequeno ciclo. O filme teve um enorme sucesso em França, o que fez com que o jovem Hawks fosse mais rapidamente conhecido neste país do que nos EUA.

O sucesso trouxe Louise Brooks à Europa, onde fez o mais famoso dos seus filmes, «Die Buchse Der Pandora», realizado por G.W. Pabst em 1929 na Alemanha.

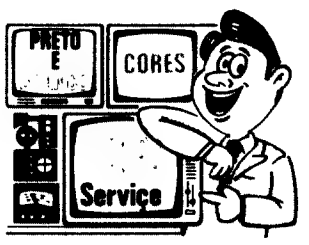
O filme, em que a actriz faz o papel de Lulu, é um «hino à fascinante beleza de Louise Brooks», segundo o crítico G. Sadoul.

Este filme foi exibido na Cinemateca na sexta-feira à tarde, seguindo-se à noite, um segundo filme de Pabst, realizado no mesmo ano, e ainda inédito comercialmente em Portugal: «Das Tagebuch Einer Verlorenem» (Diário de uma Mulher Perdida).

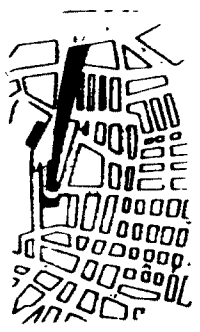
Segundo o crítico Lotte Eisner, estes dois filmes de Pabst são «o milagre de Louise Brooks, que soube estimular ao máximo um realizador desigual. A notável evolução de Pabst reduzir-se-á de encontro a uma actriz a que bastava ele deixar mexer-se na tela sem que fosse necessário dirigi-la, bastando a sua presença para realizar a essência da obra de arte».

O ciclo da Cinemateca inclui também «Prix de Beauté», realizado em Paris pelo italiano Augusto Genina (1930) e com argumento de René Clair, o único que este realizador escreveu sem ter assinado também a direcção.

MATINGRAFE
Rua Eng Nobre Guedes 19-r c-D - LISBOA
☎ •70 04 96•70 80 50•70 09 44•70 36 24
Telex 42883 MATRAN P
Horsell Graphic Industries
Chapas pre-sensibilizadas e anodizadas, positivas **Ultrapose, Capricorn** e **Taurus** Negativas **Aquarius**
Peliculas para Montagem, mascara: desenho e milimetricas
KIMOTO
Outros produtos para Artes Graficas, tais como cauchus, mangas, sedas serigráficas, das mais acreditadas marcas

Reparações
Somos técnicos especializados não corra riscos em TV, videos, rádios e Hi-Fi
PHILIPS - RADIOLA e outras marcas nos concelhos de Almada, Sesimbra e Seixal


Concessionário service
RAFAEL NEVES
Assistência domiciliária
Venda de componentes
R. Dr. Emidio Guilherme Garcia Mendes, 31-Lj.
☎ 221 0467 - AMORA

BADUCA
O RESTAURANTE QUE FALTAVA EM LISBOA
COZINHA BRASILEIRA PORTUGUESA E OUTRAS

EXCELENTE LOCAL PARA COMEMORAÇÕES FESTAS SOCIAIS E FAMILIARES, ENCONTROS, ETC.
RUA JOÃO PEREIRA DA ROSA, 7
Tel: 32 85 42

UNIÃO SAMORENSE
Cooperativa de Consumidores da Freguesia de **Samora Correia** CRL
Rua do Movimento das Forças Armadas Samora Correia
Tel. 93511
FUNDADA EM 1976
• SOMOS UMA COOPERATIVA COM 1105 COOPERANTES AO SERVIÇO DO POVO DENTRO DO ESPÍRITO DE ABRIL

Uma cena do novo filme de ERIC ROHMER, «NOITES DE LUA CHEIA».
Com PASCAL OGIER e VIRGINIE THEVENET.
Em exibição no Estádio 444 e Quarteto.

Alfas Triplex
— T. 806496

Alfa 1
ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
15.15, 18.15, 21.15 e 00.15 h

Alfa 2
O ENIGMA DA PIRÂMIDE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 3
AS MINAS DE SALOMÃO
(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Alfa Club
T. 763319
COTTON CLUB
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

Amoreiras 1
ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
15.15, 18.15, 21.15 e 00.15 h

Amoreiras 2
TARAN E O CALDEIRÃO MÁGICO
(maiores 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 23.45 h

Amoreiras 3
O ENIGMA DA PIRÂMIDE
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.45 e 24 h

Apolo 70
JUVENTUDE INQUIETA
(maiores 16 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Ávila
— T. 539930
ESPIÕES COMO NÓS
(comédia)
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis
— T. 547163
LOUCURAS AMERICANAS
(maiores 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna
— T. 776098
ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
(maiores 16 anos)
15.00 e 21.00 h

Capitólio
— T. 372358
TARADAS DO SEXO
(int. men. 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil
T. 530194
ESPIÕES COMO NÓS
(comédia)
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebloco
— T. 556824
ROCKY IV
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
PINK FLOYD THE WALL
(não acons. men. 18 anos)
24.00 h

Cine Camões
T. 324194
O MIÚDO DA BICA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222
— T. 579460
D.A.R.L.Y
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
AUTO STOP ALUCINANTE
(não acons. men. 18 anos)
24.00 h

Cinemateca
A GIRL IN EVERY PORT/ 1934
18.30 h
LOS SANTOS INOCENTES/1984
21.30 h
de Mário Camus
PRIX DE BEANTE
18.30 h

Cine Portela
— T. 2524761

Estúdio Anusha
TRINITÁ COWBOY INSOLENTE
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00 e 21.45 h

Estúdio Shezu
COMANDO
(maiores 12 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine
— T. 549999
O SOL DA MEIA-NOITE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
O PROFISSIONAL
(maiores 13 anos)
23.45

Condes
— T. 322523
A JÓIA DO NILO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden
— T. 320768
AS MINAS DE SALOMÃO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio
— T. 555134
O SOL AOS QUADRADINHOS
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio ACS
— T. 887255
HERÓIS E AMANTES
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444
— T. 768078
NOITES DE LUA CHEIA
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Fonte Nova
— T. 7145109

Sala 1
TARAN E O CALDEIRÃO MÁGICO
(maiores 6 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 2
A HONRA DOS PADRINHOS
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Sala 3
FLORESTA ESMERALDA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45 h

Forum Picoas
— T. 541037
O ÚLTIMO GUERREIRO DO ESPAÇO
(maiores 6 anos)
19.00 e 21.30 h

Gemini
— T. 734009
AS MINAS DE SALOMÃO
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Hollywood
— T. 802859

Sala 1
A JÓIA DO NILO
(maiores 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 23.45h

Sala 2
A HONRA DOS PADRINHOS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Império
— T. 555134
ESPIÕES COMO NÓS
(maiores 12 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Las Vegas
— T. 631162

Sala 1
A JÓIA DO NILO
(maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Sala 2
ENCONTRO
(maiores 16 anos)
15.30, 18.45 e 21.45 h

Londres
— T. 801313
A JÓIA DO NILO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743
ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
(maiores 16 anos)
15.00 e 21.00 h

Nimas
— T. 574362
AGNES DE DEUS
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon
— T. 326283
COMANDO EM FÚRIA
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e e 21.30 h

Olímpia
T. 325309
A CASTA MATULONA
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
Filme pornográfico

Pathé
— 821933
GENTE GIRA
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30 e 21.30 h

Politeama
T. 326305
DESTACADAMENTE EM MISSÃO ESPECIAL
(não acons. men. 13 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto
T. 771378

Sala 1
NOITES DE LUA CHEIA
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30 h
MASH
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 2
O ENCONTRO
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.30 e 23.30 h
DO FUNDO DO CORAÇÃO
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 3
HISTÓRIA DE PIERA
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30 h
AOS NOSSOS AMORES
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 4
RUMBLE FISH — JUVENTUDE INQUIETA
(maiores 16 anos)
14.00, 16.00, 18.00, 19.45, 21.30 e 23.30 h

N'Gola
— T. 573407
PEDRO, O GRANDE
II Parte — OS FEITOS GLORIOSOS
(maiores 12 anos)
14.30, 18.30 e 21.30 h

Restelo
T. 610375
ROCKY IV
(maiores 12 anos)
15.30 e 21.30 h

Cinema Rex
— T. 864756
A TESTEMUNHA
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Roma
T. 889192
ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
(maiores 16 anos)
15.00 e 21.00 h

Roxy
T. 548560
JOÃO BRONCAS E A LICEAL
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge
T. 579144

Sala 1
ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Sala 2
REGRESSO AO FUTURO
(maiores 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Sala 3
O ENIGMA DA PIRÂMIDE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

7.ª Arte
— T. 730715
D.A.R.L.Y.
(maiores 6 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star
— T. 804210
UMA NOITE INESQUECÍVEL
(maiores 12 anos)
15, 18.15 e 21.30 h

Terminal
— T. 371573
ESPIÃO COMO NÓS
(maiores 6 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Tivoli
— T. 570595
TARAN E O CALDEIRÃO MÁGICO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim
T. 706666
MAD MAX – ALÉM DA CÚPULA DO TROVÃO
(maiores 6 anos)
15.00, 17.30 e 21.45 h

Xenon
T. 368480
O BEIJO DA MULHER ARANHA
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodíaco
— T. 570151
SOFRIMENTO DE AMOR
(n/acons. 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cinestúdio — «A mascara», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
AMADORA — Cineteatro Lido — «O beijo da mulher aranha», às 15.30 e 21.15 h (maiores 16 anos)
AMADORA — Babilónia — «O Sol aos quadradinhos», às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h (maiores 12 anos)
CACÉM — Cinestúdio Flores — «As noites de China Blue», às 15.00 e 21.30 h (maiores 16 anos)
CINETEATRO CHABY — MEM MARTINS — Descanso.
ESTÚDIO DOIS EME — «Taran e o caldeirão mágico», às 21.30 h (para todos)

Linha de Cascais

CASINO ESTORIL — «Os especialistas», às 18.15 e 21.15 h (maiores 12 anos)
ALGÉS — CINEMA 2000 — «Rocky IV», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
OEIRAS — ALTO DA BARRA — SALA 1 — «Os gansos selvagens contra-atacam», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)
SALA 2 — «A paixão de Swann», às 15.30 e 21.45 h (maiores 16 anos)
CASCAIS – MIRAMAR/ SALA 1 — «A jóia do Nilo», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)
SALA 2 — «Divórcio em Hollywwod», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
CARCAVELOS – ATLÂNTIDA CINE — «Regresso ao futuro», às 15.30 e 21.30 h (maiores 6 anos)
OXFORD — «Vingança jurada», às 16.00 e 21.30 h (maiores 12 anos)
MIRAMAR — Sala 1 — «A Jóia do Nilo», às 15.15 e 21.30 (m. 12 anos)
SALA 2 — «O Beijo da Mulher Aranha», às 15.30 e 21.45 (m. 16 anos)

Arredores

ALMADA — Academia — «Juventude violenta», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos)
ALMADA — Incrível — «Capricórnio Um», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
CINE ESTÚDIO ALMADA — «Máscara», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)
CAPARICA — OCEANO – Sala 1 – «Cotton Club», às 15.45 e 21.30 h (maiores 16 anos). **Sala 2 –** «O Espião do Sapato Vermelho», às 16.15 e 21.45 h (maiores 12 anos)
CRUZ DE PAU – LORD – «Código do silêncio», às 16.00 e 21.45 h (maiores 12 anos)
BARREIRO – CINE-ESTÚDIO BARREIRENSE – Descanso.
FORTE DA CASA – FOCA CINE – «Os gladiadores do Texas», às 15.30 e 21.30 h (maiores 18 anos)
LINDA-A-VELHA – CINE-TROPICAL «A testemunha», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
MOSCAVIDE – STOP – «O Vingador Atira à Esquerda», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
ODIVELAS – CINE-ODIVEL — «Laranja Mecânica», às 15.30 e 21.30 h (int. maiores 18 anos)

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — ALTO DE SANTO AMARO: Teles, R. João de Barros, 2, Frente (T. 638176); **ALVALADE: Zil**, Av. da Igreja, 9-D (T. 891780); **BAIRRO MONTE PEDRAL: Zema**, R. General Justiniano Padrel, 21-A (L. 832580); **BAIXA: Azevedo Filhos**, Rossio, 31 (T. 327478); **BENFICA -Cemiterio: Simões**, C. do Tojal, 102-A (T. 749649); **CAMPO DE OURIQUE -PRAZERES: Ourique**, R. Freitas Gazul, 32-B (T. 671667); **CHELAS - COLÉGIO VALSSASSINA: Santos Silva**, zona n.º 2, Chelas, bloco III, lote 226, loja 22 (T. 851265); **ESTEFÂNIA: Estefânia**, R. Pascoal de Melo, 90 (T. 544438); **LUMIAR: Central do Lumiar**, Al. das Linhas de Torres, 254-B (T. 758063); **OLIVAIS SUL: Marta**, R. Cidade de Nampula, Edifício Paris, lote 534 (T. 333696); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **PARQUE EDUARDO VII: Latina**, Av. António Augusto de Aguiar, 17-A (T. 542312); **BRANDOA -AMADORA: Brito**, R. do Colégio, lote 32-B (T. 993351); **ODIVELAS: Central de Odivelas**, Al. Infante D. Henrique, 1 (T. 9811203); **PONTINHA: Leitão Ribeiro**, R. A do Falcão, 3-A (T. 993912).

REFORÇO — AJUDA: Mendes Gomes, C. da Ajuda, 222 (T. 638256); **ALMIRANTE GAGO COUTINHO: Estados Unidos**, Av. dos Estados Unidos da América, 16-B (T. 885859); **AVENIDAS NOVAS: Figueiras**, Av. Marquês de Tomar, 20-22 (T. 544945); **CAMÕES - SANTA CATARINA: Combro**, C. do Combro, 82 (T. 326059); **CAMPOLIDE: Central de Campolide**, R. General Taborda, 17 (T. 680304); **ENCARNAÇÃO: Zira**, P. das Casas Novas, lote 66 (T. 311216); **PENHA DE FRANÇA: Kimar**, R. Con de de Monsarraz, 17-B (T. 842533); **RATO: Manuel Vicente Jesus**, L. do Rato, 3-C-D (T 681947); **ROCHA: Pinheiro**, R. Presidente Arriaga, 16 (T. 603054); **SÃO DOMINGOS DE BENFICA: Vitex**, E. de Benfica, 373-B (T. 780548); **BURACA -AMADORA: Vaz Martinsç** R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 8840305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Castro Rodrigues, R. Capitão Leitão 21-A (T. 2750076). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Avelar da Silva**, R. Dr. Alberto Araújo, 19-A (T. 2750337). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Nova**, R. dos Trabalhadores Rurais, 82 (T. 2954436). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Carlos**, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060). Até às 19 horas; **FEIJÓ: Feijó**, R. Borges Rego, 7 (T. 2290911). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO: J. Consolado**, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO: Ferreira & Pilar**, Av. da República, 1 (T. 20730236). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Cardoso**, Av. da Liberdade, 59 (T. 2041044). Até às 19 horas; **CORROIOS: Universo**, E. Nacional, 10 (T.2290084). Até às 19 horas; **CRUZ DE PAU: Durate Ramos**, R. de Bafatá, 11, loja 30, Centro Comercial Belsul (T. 2243143). Até às 22 horas; **ALDEIA DE PAIO PIRES: Central**, E. Nacional 9-A (T. 2210365). Até às 22 horas; **MONTIJO: São Pedro**, Av. de Camões, 16 (T. 2311133). Até às 22 horas; **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 239029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 2040250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 234100). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Brasil**, P. do Brasil, 15 (T. 24788). Permanente; **Costa**, R. da Misericórdia, 48 (T. 22760). Permanente; **Moreira Martins**, P. Olga Sarmento, 14 (T. 26051). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Branco, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 29 (T. 2104953). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Pinto**, R. Antero de Quental, 9 (T. 2190610). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **NOVA OEIRAS: Leal**, Quinta da Palmeira, lote 24 (T. 2478737). Permanente; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Grincho**, Av. da República, 87-A (T. 2471204). Permanente; **MURTAL: Primavera**, R. das Parreiras, 2 (T. 2472278). Até às 22 horas; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Ostende**, R. de Espinho, 1 (T. 260391). Até às 22 horas; **CASCAIS: A. Costa**, R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: São Jorge, R. Pedro del Negro, 5, Reboleira (T. 4938703). Permanente; **Romeiro**, Urbanização Casal de São Brás, lote 116 (T. 2949050). Até às 22 horas; **DAMAIA: Confiança**, R. Bartolomeu Dias, lote D (T. 971023). Até às 22 horas; **QUELUZ: Serra & Pinto**, Av. D. António C. Sá, 50-GE (T. 4377619). Até às 22 horas; **CAMARATE: Flores**, Av. dsa Forças Armadas, Vivenda Mor, Satujal (T. 2510850). Até às 19 horas; **CACÉM: Araújo e Sá**, E. de Paço de Arcos, lote 1 (T. 9240781). Permanente; **ALGUEIRÃO: Rodrigues Rato**, R. dos Morés, 1 (T. 9212038). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Araújo**, C. da Rinchoa, 2 (T. 9260404). Até às 22 horas; **SINTRA: Teresa Garcia**, L. D. Afonso de Albuquerque, 3-A (T. 9232747). Permanente; **COLARES: ABREJA** (T. 9290088).

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Pedro Gomes, B. 25 de Abril, lote 13 (T. 2519670). Até às 22 horas; **SACAVÉM: Maria**, R. Salvador Allende, lote 2 (T. 2514369). Permanente; **LOURES: Saraiva**, Av. da República, 86 (T. 9830027). Permanente.

TEATROS

Casa da Comédia

R. Francisco de Borja, 24 — Tel. 60 72 99

Da 3.ª a sábado, às 21.45; aos domingos, às 16.00

«QUASE POR ACASO UMA MULHER», de Dario Fo. Encenação de Castro Guedes. Interpretado por António Cruz, Elisa de Guisett, Fernanda Alves, Júlia Correia, Juvenal Garcês e Rogério de Sousa.

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 37 22 46

De 3.ª a sábado, às 21.45; sábado e domingo, às 16.30.

«E o GODOT SEMPRE CHEGOU», de Alexander Pastor. Encenação de Armando Cortez. Intérpretes: Hermínia Tojal, Álvaro Faria, Carlos Martins, Andrade e Silva e Carla Cristina.

Setúbal — Teatro de Bolso

Rua Dr. Aníbal Álvares da Silva, 9 — Tel. 26078

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.30

«JOGO DE LOUCOS», de Michel Viala. Encenação: Domingos Semedo. **TAS**.

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 37 22 46
Sala Garrett

De terça a sábado, às 21.30; sábados, às 16.00

«D. JOÃO», de Molière. Encenação de Jean-Marie Villégier. Interpretado por António Rama, Barroso Lopes, Carlos Daniel, Carlos Pimenta, Henriqueta Maya, Ignor Sampaio, Lúcia Maria, Mário Pereira, Ruy de Carvalho, São José Lapa, António Banha, etc.

Teatro da Graça

T. de São Vicente, 11 — Tel. 87 56 26
De 3.ª a sábado, às 21.00; domingos só às 16.00

«BEM-VINDO SR. SLOANE», de Joe Orton. Encenação de Carlos Fernando. Cenografia de Dalton Salen Asseff. Intérpretes: António Montez, Carlos Fernando, Filipe Domingues e Maria José.

Teatro do Bairro Alto

R. Tenente Raul Cascais, 1-A — Tel. 66 15 15

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00

«PAI», de Augusto Strindberg. Encenação de Anne Consiguy e Luís Miguel Cintra. Interpretado por Luís Miguel Cintra, Manuela de Freitas, Sandra Paula, Ruy Furtado, Luís Lima Barreto, Glicínia Quartin, Francisco Costa e Gilberto Gonçalves.

Teatro Villaret

Av. Fontes P. de Melo — Tel. 53 85 86

De terça a domingo, às 21.30; domingos, às 16.00

«POUCO BARULHO», de Michael Frayn. Encenação e direcção de Varela Silva. Com Nicolau Breyner, Manuela Maria, Morais e Castro, Guida Maria, Victor de Sousa, Rosa do Canto, Isabel Maria, Jorge Nery e Henrique Santos.

Teatro Ibérico

R. de Xabregas, 54 — Tel. 382531

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00

«BODAS DE SANGUE», de Lorca. Encenação de Blanco Gil.

Instituto Franco-português

Av. Luís Bivar, 91 — Tel. 54 43 89

Todas as noites, às 21.30

«UNE PUCELLE POR UN GORILLE», de Fernando Arrabal, pelos alunos do Liceu Francês.

Grupo de Teatro Maizum

R. Poiais de S. Bento, 75
(Casa dos Tabuenses) Tel. 60 18 66

De 4.ª-feira a sábado, às 21.45

TUTANKAMON E A SUA RAINHA, de Adolfo Gutkin. Encenação de Adolfo Gutkin e cenografia de Ana Vieira. Intérpretes: Silvina Pereira e Carlos Paula Vasconcelos.

Teatro da Trindade

R. da Trindade — Tel. 32 32 00
De quarta a sábado, às 21.30

«UM HOMEM É UM HOMEM — DAMIÃO DE GÓIS». Texto e encenação: Hélder Costa. Interpretação: João Maria Pinto, Jorge Sequerra, José Gomes, Maria do Céu Guerra, Maria João, etc.

Teatro Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 06 37

De terça a domingo às 21.45; domingos, também às 16.00.

«O CORONEL EM DOIS ACTOS». Adaptação de F. Nicholson. Encenação de Varela Silva. Interpretação: Alina Vaz, António Feio, Camilo de Oliveira, Dulce Guimarães, F. Nicholson e P. Marcelo.

A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 63 00
Sábados e domingos às 16.00

«AS VIAGENS DO FERRO-VELHO», de Álvaro Faria. Grupo Pequeno Teatro.

Teatro Vasco Santana

Entrecampos — Feira Popular
— Tel. 76 86 90
Teatro Estúdio de Lisboa
De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00

«CESÁRIO QUÊ?». Texto e encenação de Luzia Maria Martins. Cenografia de Fernando Filipe. Intérpretes: Fernanda Montemor, Cerlos Santos, Clara Joana, Helena Félix, Luísa Ortigoso, Fernanda Coimbra, José Brás, Vítor Hugo, Manuel Mendonça e Pedro Paiva.

Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

Sala 2

6.ªs, às 21.30; sábados, às 15.00 e 21.30; domingos, às 15.00

«NÓS DE UM SEGREDO», de João Brites, pelo Grupo «O Bando». Encenação de João Brites.

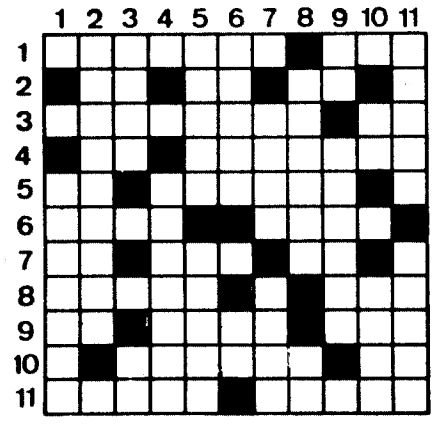
Sala Nova

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo às 17.00

«CALÍGULA», de Albert Camus. Encenação de João Mota. Intpérpretes: Almeno Gonçalves, Abel Neves, António Melo, Alfredo Brissos, Carlos Paulo, Cecília de Sousa, Isabel Medina e João Mota, entre outros.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 16 698



HORIZONTAIS:

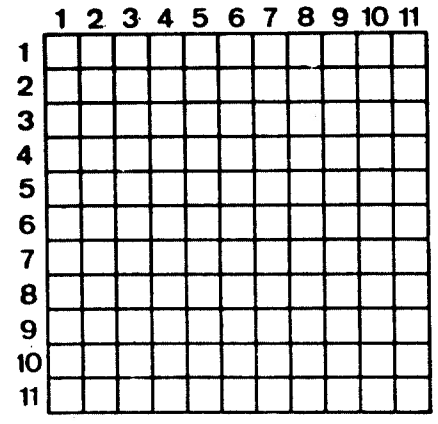
1 Separar. Prefixo que designa ar.
2 Isto é (abrev. e inv). Distar. Nesse lugar.
3 Aguçadas. Milímetro.
4 Ósmio (s.q). Picaria com o bico.
5 Frâncio (s.q). Guardara segredo.
6 Rancor. Remedeia.
7 Zomba. Iniciais de República Democrática Alemã. Sentidas condolências.
8 Taberna. Ferro temperado.
9 Artigo indefinido. Organização do Tratado do Atlântico Norte (sigla). Rente.
10 Adianta. Gálio (s.q).
11 Cidade de França. Tostam.

VERTICAIS:

1 Artigo definido. Riqueza.
2 Censuravam.
3 Cursos de água naturais e abundantes. Clima.
4 Corcunda.
5 Deusa da caça. Pões a data em.
6 Astúcia. Prefixo de privação.
7 Bolsa (inv). Quadril.
8 Guarneceras de asas. Arsénio (s.q).
9 Nesse lugar. Ganhar ranço.
10 Tempo do verbo ser. Nota musical. Invisual.
11 Moves os remos. Costurem.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 537



HORIZONTAIS:

1 Acrobacia aérea que consiste em fazer o avião movimentos circulares em um plano vertical. Mil e duzentos em romano.
2 Freguesia do concelho de Alenquer. Engenho de tirar água (pl).
3 Furiosos. Sua majestade.
4 Enguia. Abreviatura de Santíssimo. Nesse lugar.
5 Nota musical. Lugar onde habitualmente se passeia. (pl).
6 Abaixem. Solitário.
7 Viração.
8 Versejarem.
9 Tabeliões. Césio (s.q).
10 Tempo do verbo ir. Irmão do pai.
11 Narraram.

VERTICAIS:

1 Mamífero primata da Índia, de hábitos nocturnos. A água (fig).
2 Mamífero pinípede do Hemisfério Sul. Alternativa.
3 Rio dos Estados Unidos da América. Pessoa que sofre muito.
4 Hilota.
5 Inventai. Abreviatura da palavra inglesa mister (senhor).
6 Pronome pessoal. Serviço Nacional. Encoleriza.
7 Ordinário.
8 Tostem. Pronome demonstrativo.
9 Manuscrito. Artigo indefinido. Caminhar.
10 Sadios. Filtra.
11 Peça de vestuário interior, de tecido de malha (pl).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **16 697**

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 ANTES. TARDE.	1 Abrigada. DO.
2 Bela. Queens.	2 Nésperas. Ou.
3 Rs. Surra.	3 Tl. Orários.
4 Ipoh. Eme. Cá.	4 Ea. Amar.
5 Ger. Ao. Ar.	5 Iro.
6 Arar. Air.	6 QUE. NUNCA.
7 Adar. Sulcara.	7 Turma. Ler.
8 Ásia. Nei. Ar.	8 Aéreo. Ciosa.
9 Omicron.	9 Rea. Aa. Nas.
10 Dosara. Sãs.	10 Dn. Caira. Só.
11 Ou. Ro. Rasos.	11 Esbarrara.

PROVÉRBIO: Antes tarde que nunca.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **14 536**

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Necrópsia,	1 Necrofobia.
2 Eça. Atina.	2 Ecos. Pé. V.º
3 Cós. Dá. Sem.	3 Cãs. Criados.
4 Rs. Pesca. Cá.	4 Paravas.
5 Canais. Rs.	5 Ordenados.
6 Ferrara. BO.	6 Ásaro. Co.
7 Opiados. Afã.	7 Sa. Ciassem.
8 Avô. Selim.	8 It. Ás. Em.
9 Dás. Emala.	9 Ais. Balada.
10 Avós. Cm. DII.	10 Necrofilia.
11 Os. Fo. Caas.	11 Camas. Amais.

Radio

Antena Um

16.00: A gaita dos sete foles; **17.15**: Musicomania; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Música portuguesa; **20.15**: No estúdio e no estádio; **20.30**: Música portuguesa; **21.00**: Movimento; **21.30**: Imaginário; **23.30**: Último jornal. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

16.00: Música do século XX; **16.30**: Trechos de óperas; **17.00**: Integrais; **17.25**: O violinista Henryk Szeryng; **18.00**: Concerto, em sol maior, para piano e orquestra, de Ravel; **18.40**: Música de câmara; **19.30**: Terra viva, planeta azul; **20.00**: Solos de cravo, de Bach; **20.40**: Música orquestral; **21.00**: Música portuguesa; **21.30**: Os anos 80; **22.30**: O canto e os seus intérpretes; **23.30**: Música sacra; **00.35**: Solos instrumentais; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

15.00: Dora a hora; **17.00**: A feira mágica; **19.15**: Cabo da Boa Esperança; **20.00**: Conte corrente; **21.00**: Discos pedidos; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo de desporto; **23.00**: Vigésima quarta hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: A casa da música; **16.00**: O som da frente; **17.00**: Rock em stock; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Nova geração; **21.00**: Jazz; **22.00**: As mil e uma noites. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Onda Média

15.00: Ré maior; **18.00**: Quiosque; **18.30**: Transmissão do terço; **19.30**: Quando o telefone toca; **20.00**: Conversa de amigos; **21.00**: Encontro; **22.00**: Clube dos coleccionadores; **22.30**: Diário do desporto; **23.00**: Uma casa portuguesa; **23.55**: Meditando.

Onda Média Regional-Voz do Minho, Voz do Porto e Voz do Alentejo

15.00: As boas tardes da Renascença; **18.00**: Noticiário regional; **18.30**: Ligação à rede nacional.

Voz de Lisboa

15.00: As boas tardes da Renascença; **18.00**: Jornal da região de Lisboa; **18.30**: Transmissão do terço; **19.30**: Sete colinas; **20.00**: Ligação à rede nacional.

FM-Estéreo

13.00: Cem mais; **19.30**: Transmissão do terço; **20.00**: Serra de estrelas; **22.00**: Oceano Pacífico; **23.55**: Boa noite. Noticiários a todas as horas.

TELEVISÃO

RTP/1

11.02 — Portugal Romano
1.º Programa — História I

11.30 — Espaço 11/13

12.15 — Vereda Tropical (Telenovela)

«Vereda Tropical» é o título da nova telenovela brasileira que a RTP/1 estreará no próximo dia 7 de Abril na sua programação da hora do almoço. Os seus autores são Sílvio de Abreu e Carlos Lombardi já conhecidos do público português através da telenovela «Guerra dos Sexos». A novela agora apresentada tem 164 episódios e do seu elenco fazem parte algumas caras conhecidas: Maria Zilda, Lucelia Santos, Lauro Corona. A realização esteve a cargo de Jorge Fernando e Guel Arraes.

1.º episódio (resumo). Quando (Lucelia Santos) regressa a casa acompanhada pela avó, Vítor (Lauro Corona) prepara a mala para partir. Após fazer um enorme esforço para seguir o companheiro, Silvana dá à luz uma criança, em plena via, auxiliada pelos transeuntes. Catarina (Marieta Severo) sente-se muito humilhada quando Oliva (Walmor Chagas) lhe diz que não quer que os seus negócios sejam geridos por uma mulher nem tão pouco por Teo (Marcos Frota). Jonas (Luís Carlos Arutim) perde o equilíbrio quando espreita, furtivamente, Angelina (Angelina Muniz) e fica de cabeça para baixo pendurado pela camisa. Verónica (Maria Zilda) «flirta» com um homem, num casino de Caribe, enquanto conversa com outro. Jonas mostra a Bina (Georgia Gomide) uma revista onde está publicada uma reportagem sobre futebol contendo referências a Luca (Mário Gomes). Oliva engana Maria da Paz (Norma Geraldo) e rapta Zeca, Levando-o para S. Paulo. Silvana interrompe a festa de Oliva, exigindo, aos gritos, o regresso do filho.

13.15 — Jornal da Tarde
13.35 — Ciclo Preparatório TV
18.02 — Sumário
18.07 — Tempo dos mais novos
«O maestro e a companhia» (3.º episódio) e o «Urso Teddy»

18.45 — País, País
19.15 — Romanceiro
3.º programa: O texto e argumento são do dr. Pedro Ferré. Neste episódio assiste-se à forma de preparar os trabalhos de campo e a escolha das áreas de pesquisa onde vão formar-se certas relíquias tradicionais. Feito o manual de recolha, pequeno caderno que ajudará a interrogar a tradição. Munidos de mapas e outros elementos, o grupo parte para Trás-os-Montes.

19.55 — O Livro Grande de Petete
20.00 — Telejornal
20.30 — Boletim Meteorológico
20.35 — Corpo a Corpo
20.º episódio (resumo). Sónia pede desculpas a Ivan e os dois reconciliam-se. Lúcia resolve forçar um encontro entre ela e William Maciel. Bia aceita ser entrevistada por Zeca. Rogério diz a Eloá que conversou com Olga e quer que os dois vão a casa dela. Eloá diz que vai, mas quer que Osmar vá também. Olga chama Sónia para a conversa. Amauri pede para falar com o chefe dele, na fábrica onde trabalha e diz que tem uma coisa muito importante para lhe mostrar. Olga diz a Rogério, Osmar, Eloá e Sónia que a morte de Alceu não foi planeada. E diz-lhes que vai contar tudo o que sabe sobre o acidente.

21.15 — Concurso «Um, Dois, Três»
O tema é «África»

23.15 — 24 Horas
23.40 — Remate

Desenhos animados para os mais novos «de todas as idades»

«Vereda Tropical», a nova telenovela brasileira da hora de almoço

RTP 2

19.32 — Notícias
19.37 — Desenhos animados
«Godzilla»

20.00 — RTP/Açores
«Açores na Música e na Saudade»: actuação do grupo de cantares da Casa dos Açores do Norte, na cidade do Porto, constituído por estudantes universitários açorianos que frequentam universidades na capital do Norte.

20.30 — 2.ª Volta
21.00 — Zoom
21.30 — Notícias
21.35 — Espaço Jazz
22.35 — Últimas Notícias

AMANHÃ

RTP 1

11.02 — Conheça melhor
11.20 — Espaço 11/13
12.30 — Vereda Tropical
13.15 — Jornal da Tarde
13.35 — Ciclo Preparatório TV
18.02 — Sumário
18.07 — Tempo dos mais novos
18.45 — País, País
19.15 — Jazz para todos
19.55 — O Livro Grande de Petete
20.00 — Telejornal
20.30 — Boletim Meteorológico

20.35 — Corpo a Corpo
21.15 — Programa da Direcção de Informação
22.15 — Estranhos poderes por Arthur C. Clark
23.15 — 24 Horas
23.35 — Remate

RTP 2

19.30 — Abertura e notícias
19.37 — Desenhos animados
«Waldo Kitty»
20.00 — Videopólis
20.30 — Falar de Macau
21.00 — Sessão das Nove
«As Grades do Inferno»
23.00 — Últimas notícias

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES SOS
A MELHOR ASSISTÊNCIA AO SEU TELEVISOR E VÍDEO
GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE
T. 88 27 86 - 89 98 26
Av. S. João de Deus, 13 B • R. de Macau, 8-1.º LISBOA

EMELO INFORMÁTICA
MICROCOMPUTADORES
CAMPANHA DA PÁSCOA
ÚLTIMA OPORTUNIDADE
ATÉ 6 MENSALIDADES
S/ ENCARGOS
JOSÉ DE MELO & SILVA, LDA.
Escritório: R. Bernardim Ribeiro, 15 – cave/dt.º
Loja Zodíaco: R. Conde Redondo, 5 Loja C
Loja Melo: R. Gonçalves Crespo, 18-C (Clube Vídeo)
Tel. Zodíaco: 54 99 04 – Tel. Melo: 52 56 69 – 1100 LISBOA
Demonstrações 3.as e 5.as das 18 às 20 horas

GRUNDIG a segurança de um grande nome
seleccionou para si...
RTP/1 Concurso «Um, Dois, Três»
RTP 2 21.00 – Zoom
Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 – Cruz Quebrada – Telef. 4197570

DL

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
01.56 **4,00 m**	07.51 **1,00 m**
14.19 **3,90 m**	19.59 **1,00 m**
Dia 8	
02.34 **4,10 m**	08.21 **1,00 m**
14.54 **3,90 m**	20.30 **0,90 m**

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:

BRAGANÇA	-1°
VIANA DO CASTELO	4°
VILA REAL	0°
PORTO	3°
COIMBRA	3°
CABO CARVOEIRO	9°
CASTELO BRANCO	2°
PORTALEGRE	1°
LISBOA	7°
ÉVORA	3°
BEJA	2°
FARO	7°
SAGRES	11°
PONTA DELGADA	14°
FUNCHAL	15°

Às cinco da manhã

Ameaça de bomba na Linha de Sintra

Uma ameaça de bomba motivou hoje a supressão de oito comboios na linha de Sintra, que já tinha o seu movimento afectado pela greve de trabalhadores da CP.

A ameaça foi feita por telefone para a estação de Sintra, cerca das cinco horas da manhã, o que motivou uma busca na via por funcionários da empresa. O caso levou à supressão de cinco combóios no sentido Sintra-Lisboa.

A greve dos trabalhadores da CP entrou hoje no seu vigésimo dia, continuando a circulação do material a degradar-se e as suspensões de carreiras a aumentar de frequência.

Segundo informação da própria empresa esta manhã o número de composições em circulação na linha de Sintra tinha sido reduzido a dois terços e também na linha da Azambuja havia atrasos e supressão de comboios. A linha de Cascais ainda não acusou perturbações por faltas de material circulante.

Quanto aos barcos de e para o Barreiro, igualmente da responsabilidade da CP, no período de greve das cinco às sete da manhã só não se realizaram duas das 15 carreiras previstas.

Greve dos TIR alastrou às fronteiras do Caia e de Vilar Formoso

A greve dos Transportes Internacionais Rodoviários (TIR) alastrou às fronteiras do Caia e de Vilar Formoso, agravando assim o fornecimento de mercadorias e matérias-primas importadas, já altamente complicada com a imobilização no terminal de Alverca de mais de 300 camiões.

Na fronteira de Vilar Formoso encontram-se mais de 200 TIR imobilizados em bicha com os seus motoristas em greve. No Caia havia esta manhã 16 camiões parados, como consequência directa da adesão de motoristas estrangeiros à greve dos seus colegas portugueses.

A greve dos TIR, que estava prevista para se concluir a 1 de Abril, foi posteriormente prolongada por tempo indefinido até à celebração do contrato colectivo para o sector. O diferendo entre as duas partes, FESTRU representando os sindicatos dos rodoviários e ANTRAM, representando o patronato dos Transportes Internacionais Rodoviários encontra-se já em sede de conciliação no Ministério do Trabalho.

"O Dia": "últimas esperanças"

O matutino «O Dia» saiu hoje com um aspecto gráfico diferente e novas secções numa «nova etapa» que traz consigo «as últimas esperanças de um grupo de profissionais», segundo uma nota publicada na primeira página.

A nota editorial define a nova etapa como «decisiva» e refere que os seus profissionais, «idealistas até às mais difíceis virtudes monásticas (...) se recusaram desde o princípio a amesendar-se em torno do orçamento.»

Comissão do sistema educativo terminou primeira reunião

A Comissão de Reforma do Sistema Educativo terminou a sua primeira reunião de trabalho, durante a qual aprovou o orçamento interno e iniciou o debate do plano global de actividades, que prevê concluir até 18 de Maio.

Em nota emitida, a comissão informa que «foi unanimemente sublinhado o propósito e o significado de concluir o debate do plano global de actividades».

/D/E/C/A/R/A/S/

Este grande mercado que Lisboa ainda é

Por Agosto de 1925, e numa iniciativa do «Diário de Lisboa», os alfacinhas viveram a «Primeira Festa dos Mercados». O acontecimento, em nota editorial do «DL», mereceu, numa primeira mão de escrita escorreita, as seguintes palavras: «Lisboa foi sempre um grande mercado. Tempos houve, quando a nossa grandeza era efectiva e não apenas legendária, que Lisboa era mesmo o mercado de Lisboa...» Desfolhando as edições desse longíquo mês de Agosto, verificamos que a «Festa» compreendeu concursos de beleza, exposições e costumes de todo o País. Fado também. Fado, por exemplo, com esta quadra: «Rapazes e raparigas / não se ponham a chorar: / quando os mercados se casam / ninguém fica por casar». Quer isto dizer que nessa grande «Festa» se harmonizaram os mais diversos mercados. Quinze ao todo. Outros tempos: actualmente elegem-se «misses», então elegeu-se uma rainha dos mercados. Que foi recebida e coroada na Câmara Municipal, E uma lápide ainda hoje (ver gravura) lembra o acontecimento que foi a «Primeira Festa dos Mercados». Será ainda hoje possível «casarem-se» os mercados de Lisboa?...

Totoloto: 58 468 contos para seis

José da Maia Martinho, de Guimarães, Francisco Almeida, de Lourosa, e quatro anónimos (de Lisboa, Porto, Felgueiras e Setúbal) eram, até à hora do fecho do nosso jornal, os seis apostadores que tinham acertado na «chave» (12, 18, 21, 26, 34, 42+31) do Totoloto do último sábado, indo receber cada um deles 8352 mil escudos. Os resultados apontam, por outro lado, para 22 a 24 com o 2.° prémio, 764 e 806, com o 3.°, 29 400 a 41 580 com o 4.° e 692 853 e 731 350 com o 5.°. Entretanto, os resultados definitivos do Totobola apuraram 1076 concorrentes com treze resultados certos (prémio de 15 269 escudos), 18 199 com doze (prémio de 920 escudos) e 127 773 com onze (prémio de 128 escudos).

Tripulante de navio dinamarquês desaparece ao largo do Funchal

Um tripulante de um navio cimenteiro caiu esta madrugada ao mar não tendo ainda sido encontrado. O desastre teve lugar quando, durante a madrugada de ontem, se procedia à troca de tripulações do navio cimenteiro Sindia, ancorado ao largo do porto do Funchal.

O desaparecido, de nacionalidade dinamarquesa, tem 26 anos, e chama-se Jan Erik Hoj Jenfen. O navio Sindia, também de nacionalidade dinamarquesa, encontra-se ao serviço da empresa Trans-Insular, transportando cimento para a ilha da Madeira.

Nas buscas, até agora infrutíferas, participaram um navio da Armada portuguesa, a lancha de pilotos do Funchal e dois botes salva-vidas. A operação, desencadeada a partir da 1 hora da madrugada de ontem, foi dirigida pelo comandante do porto do Funchal.